



**Memória e Promoção Cultural Madeirense
na Obra do Visconde do Porto da Cruz**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Sílvia Gilberta Gomes

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

Setembro | 2013

Ma
&
Mem

T/M UNA
351.85

GOM Mem
Ex.2

Memória e Promoção Cultural Madeirense na Obra do Visconde do Porto da Cruz

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Sílvia Gilberta Gomes
MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL

UNIVERSIDADE DA MADEIRA
SECTOR DE DOCUMENTAÇÃO
E ARQUIVO

ORIENTAÇÃO
Paulo Miguel Fagundes de Freitas Rodrigues



Mestrado em Gestão Cultural

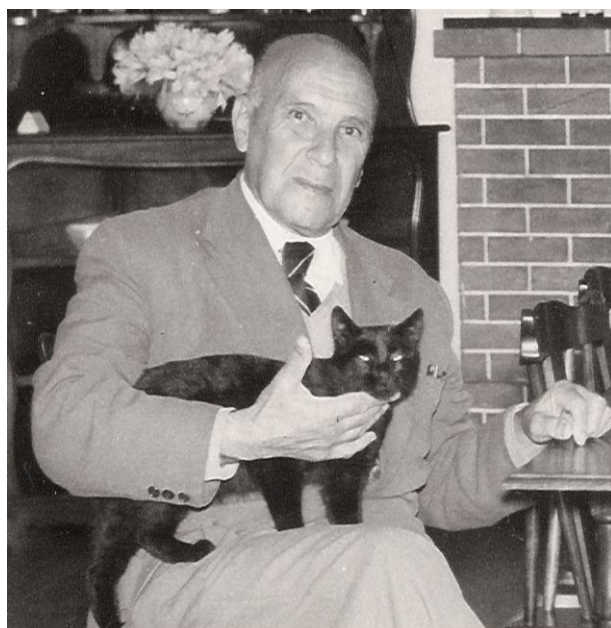
Memória e promoção cultural madeirense na obra do Visconde do Porto da Cruz

Sílvia Gilberta Gomes

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Gestão Cultural

Orientador: Professor Doutor Paulo Miguel Fagundes de Freitas Rodrigues

Funchal, 2013



ALFREDO DE FREITAS BRANCO
VISCONDE DO PORTO DA CRUZ
Colecção da Família
- 1950 -

AGRADECIMENTOS

O estudo a que nos propusemos realizar, apesar de individual, envolveu a colaboração de outras pessoas, a quem não podemos deixar de agradecer, em especial:

Ao nosso orientador Professor Doutor Paulo Miguel Fagundes de Freitas Rodrigues, por ter acedido orientar este trabalho, pela confiança em nós depositada, pela disponibilidade, paciência e sugestões críticas;

À Directora do Mestrado que sempre se mostrou disponível, assim como aos Professores da Universidade da Madeira, que contribuíram na nossa formação académica;

À Viscondessa Rose do Porto da Cruz pela amabilidade e simpatia e ao seu filho Rodrigo de Freitas Branco, pelo interesse demonstrado no nosso trabalho;

Às colegas e amigas, em especial à Graça, pela motivação e sábios conselhos; à Lúcia e à Tânia que nos acompanharam nesta jornada e à Catarina D. pelo apoio;

À minha família pela compreensão, carinho e incentivo;

À Mara e ao Martim por tudo o que são, e ao Hélder pelo apoio incondicional, amor e compreensão;

O nosso sincero agradecimento a todos aqueles que de certa forma contribuíram para a concretização deste trabalho.

RESUMO

A obra de Alfredo de Freitas Branco (Visconde do Porto da Cruz) cruza diferentes fases da sua vida, reflectindo, por isso, vários aspectos relacionados com as suas vivências. Sendo autor de uma vasta obra, fazem parte da sua bibliografia textos de diferentes temáticas e de estilos literários diversos, entre os quais, romances, novelas, contos, teatro, biografias, memórias, política, etnografia e estudos da natureza.

Neste estudo, procuramos em linhas gerais, apresentar o seu percurso político e ideológico, no qual se inclui o Integralismo Lusitano, de modo a compreendermos o seu pensamento e compromisso com a sociedade do seu tempo.

Fazemos uma breve abordagem à sua criação literária, marcada pela conjuntura histórica da época e destacamos a sua intensa actividade, como jornalista, fundador de revistas e de jornais, conferencista e membro de várias Associações culturais.

Analisamos o seu percurso de vida, verificando que sempre se mostrou empenhado em dar a conhecer as suas raízes culturais e interessado em tudo o que representava o progresso do arquipélago, quer propondo ideias inovadoras, quer promovendo a Madeira, no território continental e no estrangeiro.

O cerne deste trabalho foi investigar a sua obra, numa vertente cultural, observando o importante contributo no estudo, promoção e preservação da nossa memória cultural de madeirenses, através das recolhas que fez sobre múltiplos aspectos da cultura popular do meio insular, das diversas manifestações culturais do povo, nos seus usos e costumes, das danças, às músicas, ao traje, à alimentação, à medicina popular, às suas crenças e superstições. Observámos ainda os seus estudos do nosso património material, nos seus diversos monumentos; das artes visuais e da promoção dos artistas e intelectuais madeirenses que se evidenciaram na época.

Este estudo propõe, também, algumas estratégias para dar a conhecer à comunidade uma parte da obra do Visconde do Porto da Cruz e despertar o interesse no estudo da mesma, a qual permanece ainda na penumbra.

Palavras-Chave: Visconde do Porto da Cruz; Madeira; memória cultural.

ABSTRACT

The works of Alfredo de Freitas Branco (Visconde do Porto da Cruz) cross all the different stages in his life, it reflects several aspects of his day to day life. Being the author of a vast body of work, his bibliography includes texts with various themes and literary styles, among them romance, novels, short tales, theater, biographies, memoirs, politics, ethnography and nature studies.

This study will provide knowledge about his political and ideological paths, which includes “Integralismo Lusitano”. This way we will try to understand his thoughts and commitments towards the community of his time.

After a brief approach to his literary creation marked by the historical conjecture of that era, we will depict his intense activities as a journalist, magazine and paper founder, lecturer and member of several cultural Associations.

Analyzing his life, we can attest that he always showed himself committed in propagating his cultural roots. He was always interested in anything that had to do with the archipelago, whether it was proposing innovative ideas, whether it was promoting Madeira abroad or in the mainland.

The main objective of this study was to investigate his body of work, through a cultural view point, observing its important contribute to the study, promotion and preservation of our cultural memory. This was done through numerous information gatherings that he undertook about multiple aspects of the insular popular culture and the different cultural manifestations of the madeiran people: their habits, dances, music clothing, food, popular medicine, beliefs and superstitions. We will observe his studies on our physical heritage, its various monuments; on our visual arts and promotion of madeiran artists and intellectuals of that epoch.

This study also proposes some strategies to enlighten the community about some of the Viscount’s body of work and to kick start the interest in its study which remains semi-darkness.

Key-words: Visconde do Porto da Cruz; Madeira; cultural memory.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	4
ABSTRACT	5
ÍNDICE	6
LISTA DE ABREVIATURAS	8
INTRODUÇÃO	9
Capítulo I – Visconde do Porto da Cruz: perspectivas sobre o autor e o seu tempo ..	12
1.1 Um breve esboço biográfico e político	12
1.1.1 O Integralismo Lusitano como ponto de partida	17
1.1.2 Evolução para outras ideologias.....	24
1.1.3 Um inconformista.....	29
1.2 Observações e imagens do Visconde do Porto da Cruz pelos seus coevos	33
1.3 Perspectivas sobre a obra de Alfredo de Freitas Branco.....	37
Capítulo II – As tradições e o folclore madeirenses	48
2.1 Breve perspectiva sobre a influência do estudo da tradição na obra do Visconde do Porto da Cruz	48
2.2 Relevância das recolhas etnográficas.....	51
2.2.1 Lendas, superstições e credices	53
2.2.2 Danças, tradições musicais e traje	65
2.2.3 Medicina popular e Gastronomia	73
Capítulo III – Memórias literárias e outras artes	81
3.1 Literatura e autores madeirenses	81
3.2 Monumentos e artes visuais	94
Capítulo IV – Promoção e Divulgação da cultura madeirense	101
4.1 Dos costumes culturais do meio rural à vida cosmopolita da cidade.....	101
4.2 Propostas e projectos de teor cultural	106
4.3 Envolvimento e participação do autor em diversas iniciativas	111
4.3.1 Conferências, congressos e palestras radiofónicas.....	112
Conferências e congressos	112
Palestras radiofónicas	121
4.3.2 Exposições.....	125

4.3.3 Jornalismo	127
4.4 Contributos para a divulgação da obra do Visconde do Porto da Cruz.	138
4.4.1 Roteiro cultural: património material do Funchal	138
4.4.2 Mostra de tradições madeirenses.....	140
4.4.3 Divulgação na Internet	141
4.4.4 Mostra documental	142
4.4.5 (Re) Edição da obra.....	144
CONCLUSÃO.....	145
FONTES E BIBLIOGRAFIA	151
ANEXOS	165
ANEXO I – Notas biográficas.....	165
ANEXO II – Quadros.....	172
ANEXO III - Ilustrações	188

LISTA DE ABREVIATURAS

AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses

AF – *Action Française*

AFB – Alfredo de Freitas Branco

ARM – Arquivo Regional da Madeira

ARP – Acção Realista Portuguesa

ATP – Acção Tradicionalista Portuguesa

cap. – Capilha

cat. - Catálogo

CEHA – Centro de Estudos de História do Atlântico

CN – Cabral do Nascimento

Coord. - Coordenação

Dir. – Direcção

IL – Integralismo Lusitano

pseud. - Pseudónimo

SPN – Secretariado da Propaganda Nacional

V.P.C. – Visconde do Porto da Cruz

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos cresceu o interesse pelos estudos da história contemporânea da Madeira, especialmente a partir da segunda metade do século XX, com o aumento do número de obras dedicadas à história local e regional, publicações periódicas e trabalhos académicos. Contudo, existem ainda lacunas na historiografia insular referente aos séculos XIX e XX, em particular, no que diz respeito ao estudo de autores madeirenses, que aqui nos interessa especialmente. É o caso de Alfredo de Freitas Branco, ou Visconde do Porto da Cruz, título que lhe foi atribuído, em 1921, e pelo qual viria a ser conhecido.

Este trabalho resulta, sobretudo, do primeiro contacto com a obra do autor madeirense, num trabalho realizado para a disciplina de “Sociedade e Cultura Madeirenses”, pertencente à parte curricular do Mestrado em *Gestão Cultural*. Dado não existir um estudo aprofundado sobre a vida e a obra do Visconde do Porto da Cruz, desde logo nos despertou um interesse em investigar a sua obra, numa vertente cultural, embora o seu perfil político e ideológico permitisse outras abordagens.

O Visconde do Porto da Cruz dedicou grande parte da sua vida ao estudo da cultura popular madeirense, nos seus múltiplos aspectos, observando e registando diversas manifestações culturais do povo, nos seus usos e costumes (danças, músicas, traje, alimentação, medicina popular, crenças e superstições).

Desta base surgiu desde logo um conjunto de questões, no sentido de se perceber que interesse tinha por temáticas de cultura popular, quais as suas motivações para estudar estes assuntos, se era um interesse exclusivo do Visconde, ou estaria a seguir alguma moda, resultando assim em fundamentais objectivos da nossa dissertação.

O Visconde foi além das recolhas, textos e conferências sobre a cultura popular da Madeira, estudando o património cultural material ilhéu, nos monumentos que inventariou, mas também demonstrou interesse em promover artistas e intelectuais que se evidenciaram no arquipélago. Ainda assim, salientamos o seu empenho em tudo o que representava o progresso da Madeira, quer promovendo eventos culturais, quer propondo ideias inovadoras para o desenvolvimento da ilha, revelando tenacidade para vencer obstáculos, num meio onde as mentalidades eram ainda muito conservadoras.

Daí que outro objectivo deste trabalho foi tentar compreender o seu pensamento, através das doutrinas ideológicas que seguiu e dos sucessivos credos políticos que abraçou,

nas lutas em que se envolveu, inserido numa conjuntura histórica de alterações profundas na sociedade, especialmente para os monárquicos, com a mudança para o regime político republicano. A partir destas premissas procuramos seguir o seu percurso de vida, para percebermos as suas movimentações, no seu tempo e espaço, e reconhecer a sua importância, especialmente no empenho em promover as suas raízes culturais, preservando assim, a nossa memória cultural de madeirenses.

Face aos objectivos propostos, a investigação teve como suporte o *corpus* da produção bibliográfica de Alfredo de Freitas Branco (Visconde do Porto da Cruz), colaborações suas em periódicos e conferências publicadas. Para a concretização do nosso propósito foi ainda de grande importância a pesquisa no fundo do espólio do autor, à guarda do Arquivo Regional da Madeira, as consultas a periódicos da época, além de várias outras consultas realizadas nas Bibliotecas Municipal do Funchal, Pública Regional da Madeira e Universidade da Madeira, nas quais se destaca o acervo bibliográfico sobre a temática estudada. De realçar as pesquisas efetuadas na Internet, nomeadamente na Base de Dados de História das Ilhas Atlânticas e na Hemeroteca Municipal de Lisboa.

Contudo, a nossa condição de insularidade condicionou o nosso trabalho, mormente no acesso a fontes que se encontram no território continental, que teriam acrescentado valor aos nossos intentos.

O nosso estudo compreende uma baliza cronológica que recolhe marcas do nacionalismo de finais do século XIX (desenvolvido nas primeiras décadas do seguinte, por diversos grupos, dos quais se destacam os integralistas lusitanos), até ao século XX, aos primeiros anos da década de 1960, data do final da vida de Alfredo de Freitas Branco.

A estrutura da dissertação foi organizada em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, contextualizamos o autor na sua época. Esboçamos um breve percurso biográfico, político e ideológico de Alfredo de Freitas Branco, relevando as suas vivências culturais. Tomando como ponto de partida o Integralismo Lusitano, após um conciso enquadramento histórico, seu desenvolvimento doutrinário e político, focamos essencialmente a ligação de Freitas Branco ao movimento. Procuramos ainda, em linhas gerais, apresentar outros credos e ideologias seguidas por si, nomeadamente, o regionalismo, o nacional-sindicalismo, o sidonismo, o fascismo, o hitlerismo, sublinhando o seu germanofilismo e anti-semitismo. Lugar ainda para uma visão global pelo seu feitio inconformista, que o levou a denunciar e a debater problemas que afligiam os madeirenses,

gerando diferentes imagens nos seus coevos. Termina este capítulo com uma análise breve à vasta obra do autor, fortemente marcada pelas suas vivências, num período de grandes transformações sociais, de viragem política e de confrontos significativos entre monárquicos e republicanos.

O segundo capítulo, dedicado às tradições e ao folclore madeirenses, procura apurar os alicerces que sustentaram o interesse do Visconde do Porto da Cruz pelo estudo dos costumes populares do arquipélago da Madeira. As lendas, as superstições, as crendices, as danças, tradições musicais, traje, medicina popular e culinária madeirense, constituem as recolhas dos elementos da cultura popular madeirense, promovidos através de conferências, textos publicados em jornais e revistas e edições do próprio autor, que procuramos explorar e conhecer. Esta vertente da sua obra abre caminho para analisarmos em que medida teria sido influenciado por outros ou teria ele próprio instigado os seus coevos nestas recolhas, qual a importância destes estudos para a promoção da cultura madeirense, bem como as dificuldades com que se deparou, para conseguir realizar o seu trabalho nesta área.

O terceiro capítulo evidencia os seus estudos do nosso património material, nos seus diversos monumentos; das artes visuais e da promoção dos artistas e intelectuais madeirenses que se notabilizaram na época, destacando a sua obra sobre a história literária madeirense. Estes estudos possibilitam aferir a contribuição do Visconde para o conhecimento destes aspectos da cultura e sociedade madeirenses.

O quarto, e último capítulo, reservado para verificar a atitude do Visconde do Porto da Cruz, enquanto observador atento da sociedade do seu tempo, inserido num meio urbano cosmopolita, cujas vivências culturais contrastavam com as tradições do meio rural, deixando assim pistas para o estudo da sociedade madeirense da primeira metade do século XX. Espaço ainda para comprovar a disponibilidade e empenho de Porto da Cruz, para defender os interesses da Madeira e propor iniciativas para o progresso da ilha, mas também evidenciar a sua intensa participação na vida pública, como escritor, jornalista, conferencista e membro de Associações culturais.

Por fim, por ser um dos nossos objectivos principais, contribuir para o reconhecimento do legado do Visconde do Porto da Cruz aos seus conterrâneos, neste trabalho apresentamos algumas estratégias, que visam dar a conhecer à comunidade, uma importante figura da cultura contemporânea madeirense.

Capítulo I – Visconde do Porto da Cruz: perspectivas sobre o autor e o seu tempo

1.1 Um breve esboço biográfico e político

[...] A vida de um homem célebre além de servir de estímulo e de exemplo, auxilia, quem lê, a estudar-se e compreender-se. [...] Ver o desenrolar da vida de outrem é como que examinar um vasto território que esta fixou num mapa que apresenta as minúcias e particularidades do meio, sobressaindo o que tem verdadeira importância.

O olhar circular lançado sobre uma vida permite distinguir claramente o que é importante do que terá pouco interesse, observando o que merece ser analisado e seguido ou o que não valerá a pena estudar. [...] Diz o rifão popular português que «ninguém é profeta na sua terra». Realmente os homens ilustres, aqueles que se empenharam, por qualquer meio ao seu alcance, em se sacrificarem dando o máximo das suas actividades e do seu valor para o engrandecimento e o serviço da colectividade, rarissimamente foram compreendidos e apreciados enquanto viveram¹.

Nestas palavras, Alfredo de Freitas Branco (AFB) expressou a sua opinião, sobre a elaboração de uma biografia, nomeadamente, ser criterioso face ao percurso de vida a analisar, mas também mostrou o seu desencanto pelas comunidades não reconhecerem aqueles que colocam a sua vida ao serviço do bem comum.

Muitas e variadas são as informações que temos sobre AFB, que nos permitem traçar a sua biografia sem grandes lacunas e perceber até o fundo de verdade implícito no texto supracitado.

Alfredo António de Castro Teles de Meneses de Vasconcelos de Bettencourt de Freitas Branco nasceu no Funchal, a 1 de Janeiro de 1890. Casou com Beatriz Manuela Tavares de Almeida Carvalho de quem teve cinco filhos². Descendente de ilustres famílias madeirenses, era filho de Luís Vicente de Freitas Branco e de D. Ana Augusta de Castro Leal Freitas Branco. O título de Visconde do Porto da Cruz³, que passou a usar e pelo qual viria a ser conhecido pertencia ao seu bisavô materno.

¹ ARM – Espólio do V.P.C., cat. 67, cx. 7/cap.13 – “Biografias” – palestra proferida ao microfone da *Emissora de Berlim*, na rubrica «Pontos nos ii», durante a Segunda Guerra Mundial (entre 1940 e 1945).

² Dos seus cinco filhos, três foram raparigas e dois rapazes: Ana Rita; Maria Manuela; Maria Francisca; Silvano José (2º Visconde do Porto da Cruz) e Luís Filipe.

³ O título de 1º. Visconde do Porto da Cruz foi atribuído a Alfredo de Freitas Branco, autorizado em Abril de 1921, por D. Manuel II, no exílio, e reconhecido pelo Conselho da Nobreza em 1950.

No 2º Vol. do livro *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira* (1950), Freitas Branco refere que foi dado a Valentim de Freitas Leal Moniz Teles de Meneses e de Vasconcelos, o título de 1º Visconde do Porto da Cruz. Também no 3º Vol. da referida obra, refere novamente o título oferecido a Valentim de Freitas Leal e afirma que usava o título do seu bisavô materno. Cf. V.P.C. (1950b, p.22 e 1953b, p. 24 e p. [331]).

Jornalista e homem de letras, publicista, como então era usual dizer-se, teve uma vida repleta de actividade, da política à literatura⁴. A sua aproximação às Letras veio desde logo pela via familiar. A mãe, D. Ana Augusta chegou a colaborar na imprensa católica, com o pseudónimo XYZ⁵. Foi, no entanto, o seu tio paterno, o músico e escritor, João de Freitas Branco, quem impulsionou a sua vocação literária⁶, assim como, o Conde de Almada⁷, outro tio (e padrinho), quem conseguiu que publicasse o seu primeiro texto literário, em 1908, no jornal *A Nação*, de Lisboa⁸.

Nas suas páginas autobiográficas, Alfredo de Freitas Branco revela múltiplas memórias da sua vida. Passou a infância na Madeira, período recordado em várias das suas obras. Recebeu instrução naqueles que eram considerados, na época, os melhores colégios. No Funchal, frequentou a Escola do Hospício e o colégio de D. Laura Estela. Em 1901, partiu para Lisboa, para estudar no Colégio de Campolide, dirigido por Jesuítas. Contudo, por motivo de doença, regressou à Madeira, onde terminou o Curso do Liceu. Mais tarde, frequentou o Curso de Direito, na Universidade de Lisboa, mas sem o concluir. Concorreu à Escola de Guerra e mais tarde fez o Curso Superior das Alfândegas, posteriormente designado Curso de Ciências Económicas e Financeiras.

Monárquico “por convicção e estudo”⁹ envolveu-se nas conspirações monárquicas, chefiadas por Paiva Couceiro¹⁰, participando nas incursões de 1911-1912.

Em finais de 1910, o ambiente político em Portugal, com a Implantação da República, não era seguro para os monárquicos. Ainda assim, alguns deles iniciaram a publicação do *Correio da Manhã*, logo em Outubro de 1910 e começaram a planear um

⁴ O V.P.C. desde jovem se envolveu na política, tomou parte em diversos conflitos, contra os republicanos, na luta pela restauração da Monarquia, participou em conferências e é autor de uma vasta bibliografia (analisada com mais pormenor nos próximos capítulos desta dissertação).

⁵ V.P.C. (1953b), p.55.

⁶ A este propósito, atente-se ao texto do V.P.C., dedicado ao seu tio, publicado na revista *Das Artes e da História da Madeira*: “Foi ainda ele [João de Freitas Branco] o grande orientador e impulsionador dos sobrinhos [...]. Pelo meu lado o pouco que eu possa valer em matéria de literatura e de arte devo-o também a este grande Mestre, tão culto e tão inteligente, que se isolava de todos mas que era inigualável”. Cf. V.P.C. (1950) “Dr. João de Freitas Branco”, *Das Artes e da História da Madeira*, Vol. I, Nº 4, p. 40. Veja-se ainda nota biográfica no anexo I.

⁷ D. Miguel Vaz de Almada (1858-1916), 15.º representante do título de conde de Avranches de França. Em Portugal, nunca chegou a oficializar o título de 4º Conde de Almada, devido às suas divergências com o regime liberal. Casou com Leocádia Silvana de Sant’Ana e Vasconcelos, pertencente a uma ilustre família madeirense.

⁸ V.P.C. (1953b), p. [331].

⁹ Afirmção do próprio Freitas Branco, numa entrevista ao *Diário Nacional*, transcrita pelo *Diário da Madeira*. [não assinado], “Entrevista de Arte – O que nos diz um escriptor monarchico – Sobre o integralismo em Portugal”, *Diário da Madeira*, Nº 1753, 07-01-1917, p.1.

¹⁰ Veja-se nota biográfica no anexo I.

golpe restauracionista. Em Janeiro de 1911, o *Correio da Manhã* e outros jornais foram destruídos. O clima de insegurança levou muitos deles à emigração¹¹. Foi também este o caminho seguido por Alfredo de Freitas Branco, primeiro para Espanha, na condição de exilado, como o próprio recordou: “Como o tempo corre! Já lá vão mais de quatro anos depois que, numa tarde fria de Janeiro, deixando a espaçosa e linda enseada onde o Tejo vem banhar Lisboa, abordei o cais de Vigo, caminho do exílio!...”¹².

No país vizinho, já se encontravam outros camaradas seus na mesma condição, muitos a conspirar contra a República, com Paiva Couceiro a chefiar o grupo e Jorge Camacho¹³ a organizar os exilados. De Espanha passou para a Bélgica e a Holanda, e após o Combate de Chaves, a 8 de Julho de 1912, partiu para França, acabando por se fixar em Paris, onde viveu exilado durante três anos.

Esta estadia em Paris foi propícia a novas experiências e ao contacto com um mundo cultural efervescente, levando-o a teatros, concertos e a outras manifestações culturais e artísticas. Um cosmopolitismo, vivido em França, que ele próprio revelou em *No Exílio – scenas da vida dos conspiradores monarchicos* (1917):

Nessa época íamos quase todas as noites ao concerto Manoureux, outras ao Colone, outras ao Rouge. [...] À noite íamos visitar algum exilado amigo com quem jantávamos e à hora habitual entrávamos no concerto. [...] Era uma vida boémia! [...]

Quando estávamos em épocas de «vacas gordas» desforrávamo-nos dos tempos de «vacas magras» e íamos a bons restaurantes e á noite deleitávamos o espírito no Teatro da Porte Saint Martin, no Odéon, na Comedie e até na Opera. Só em último caso [...] é que recorriamos ao cinema¹⁴.

Como é possível depreender, na vida de exilado, nem sempre fácil, havia também espaço para o lazer.

De regresso a Portugal, após a amnistia para todos os presos políticos, aderiu ao núcleo Integralista, colaborando n’ *A Monarquia*, órgão do Integralismo Lusitano. Em Janeiro de 1917, juntamente com outros camaradas, organizou no Funchal, o núcleo do Integralismo Lusitano madeirense estando entre os fundadores d’ *O Realista*, o qual viria, mais tarde, a dirigir e que seria o órgão do Integralismo Lusitano na Madeira.

Em Janeiro de 1918, partiu para Lisboa e ficou fascinado pela figura de Sidónio Pais. Tornou-se um dos seus maiores apoiantes, tendo sido um dos homens a prender o assassino

¹¹ A este propósito, veja-se José Mattoso (1994a), pp. 457-458.

¹² V.P.C. (1917b), p. [7].

¹³ Veja-se nota biográfica no anexo I.

¹⁴ V.P.C. (1917b), p. 30.

do “Presidente-Rei” (como lhe chamou Fernando Pessoa). Anos mais tarde escreverá *Paixão e morte de Sidónio* (1928) e após a morte deste, sendo um dos responsáveis pela formação das Juntas Militares, que visavam a defesa do regime sidonista, acabou por ser demitido do Exército¹⁵.

Integralista convicto cooperou ainda em várias conspirações monárquicas¹⁶, mas devido ao fracasso destas, acabou por regressar à Madeira. Voltou a Lisboa em 1921 e, em 1922, depois do Pacto de Paris¹⁷, aderiu ao movimento da Acção Realista Portuguesa (ARP), colaborando na revista *Acção Realista*, o órgão do grupo.

Participou activamente no movimento militar de 28 de Maio de 1926 e no ano seguinte regressou à terra natal. Publicou, no Funchal, o semanário *Independência*, de forte espírito regionalista e defensor acérrimo dos interesses da Madeira.

Em 1933 abraçou o movimento Nacional-Sindicalista, de Rolão Preto¹⁸ e mais tarde passou mesmo a ser “um entusiasta do pensamento do Nacional-Socialismo”¹⁹, por considerar que os seus ideais “apresentavam todas as condições para estabelecer o equilíbrio social e económico que devia assegurar um futuro melhor, com justiça e bem-estar para todos”. Afirmou-se um grande admirador da Alemanha, chegando mesmo a admitir: “as minhas simpatias, de longa data, foram sempre pela Alemanha e por esse Povo incomparável”. Foi a partir da Alemanha que, durante a Segunda Guerra Mundial, proferiu várias palestras, intituladas “Pontos nos ii”, aos microfones da *Reichsrundfunk*, os serviços de rádio para as emissões em português e outras línguas latinas, situados em *Bad Mergentheim*, no *Wurtemberg*²⁰. Além destas palestras chegou a realizar outros trabalhos,

¹⁵ Foi demitido do Exército, a 29 de Maio de 1919, “por ser um dos responsáveis pela formação das Juntas Militares e por ter incorrido no crime previsto na “alínea b) do n.º 4 do art.º 2.º do D.º n.º 5368 de 8 de Abril, nos termos do D.º de 17 de Maio”. Cf. V.P.C. (1928a), p. 74.

¹⁶ Na obra *Paixão e morte de Sidónio* (1928), o V.P.C. relata diversas conspirações monárquicas, nas quais participou, após as derrotas de Monsanto e do Norte, mas que acabaram por fracassar, por quebra de sigilo, denúncias e intrigas. Estas teriam sido organizadas por “sidonistas da velha guarda” (pp. 74-83).

¹⁷ Realizado entre as duas facções dinásticas (D. Manuel II e D. Miguel II), o Pacto de Paris, assinado a 17 de Abril de 1922, pelos representantes de D. Manuel II e da Infanta D. Aldegundes de Bragança (tutora de D. Duarte Nuno), estabelecia o reconhecimento, por parte de D. Miguel II, do direito ao trono de D. Manuel II, que passaria a pertencer a D. Duarte Nuno, se D. Manuel II não tivesse descendência. Cf. Manuel Braga da Cruz (1982), pp. 137-182.

¹⁸ Veja-se nota biográfica no anexo I.

¹⁹ V.P.C. (1954f), p. 6-7. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

²⁰ V.P.C. (1954f), p. 55.

temas diários de carácter político, comentários a livros e traduções para português de textos em diversas línguas estrangeiras, chegando a trabalhar doze horas diárias²¹.

Na Alemanha participou em diversos eventos culturais e sociais. Em Junho de 1944, a convite do governo alemão, deslocou-se a Praga, com outros jornalistas estrangeiros, para a inauguração de uma exposição de desenho, pinturas e esculturas. Aproveitou a oportunidade para visitar monumentos e visitar a cidade. Recebeu ainda um convite para ir a *Bayreuth*, onde visitou a Ópera e assistiu a uma representação de *Wagner*, por artistas alemães. Na visita a *Salsburg*, assistiu às Festas Populares, após receber um convite oficial. Embora o intuito destas jornadas fosse “poder ver, inspecionar e descrever com pormenor e absoluto conhecimento as realizações Nacionais-Socialistas nos seus diversos aspectos”²², o certo é que com isso o Visconde contactou com a realidade cultural daqueles países, mesmo em tempo de guerra.

Mais tarde, já em Portugal, após o segundo conflito mundial, continuou a ter uma participação activa na sociedade, numa perspectiva sociocultural, em diferentes áreas, das Letras às conferências e às palestras radiofónicas, analisadas mais adiante.

Em suma, verificámos que ao longo da sua vida, o Visconde do Porto da Cruz teve uma intensa actividade em revistas e jornais, que fundou ou nos quais publicou múltiplos artigos como colaborador ou redactor principal. Destacamos também, a sua participação como orador, em conferências, abrangendo campos muito diversificados, como a literatura, a política, a história, a cultura, a etnografia, que abordaremos, com outro pormenor, noutra parte deste trabalho.

A tudo isto deve ainda juntar-se a sua participação em várias Associações culturais. De acordo com Luís Marino – pseudónimo de Luís Gomes da Silva (1959), pertenceu, entre outras, à Associação dos Arqueólogos Portugueses, Sociedade de História, Arqueologia e Etnografia, Sociedade de Intelectualismo Espanhol, Associação dos Escritores e Homens de Letras do Porto, Academia Brasileira de Ciências Sociais e Políticas, Academia Francesa de l’Ordre de Bevain, Socièté Humanística de Paris e à Sociedade Portuguesa de Escritores²³.

²¹ Segundo o V.P.C., o livro *A Aliança Inglesa*, de João V. Claro, sobre o qual tinha sido incumbido de realizar comentários, era um estudo histórico pouco conhecido dos portugueses, visto a maior parte deste trabalho ter sido destruído por agentes ao serviço dos britânicos. Quanto às traduções, afirmou que ficou “dispensado das traduções e apenas limitado ao que se estabelecera”. *Ibidem*, pp. 66-67.

²² *Ibidem*, p. 107.

²³ Luís Marino (1959), pp.385-386.

Alfredo de Freitas Branco, Visconde do Porto da Cruz, faleceu no Funchal, a 28 de Fevereiro de 1962. Tinha 72 anos.

1.1.1 O Integralismo Lusitano como ponto de partida

Escrever sobre Alfredo de Freitas Branco implica, obrigatoriamente, uma abordagem ao Integralismo Lusitano (IL), sobre o qual já existe uma vasta bibliografia, no que diz respeito à realidade continental²⁴. Neste sentido, procuramos apresentar um breve enquadramento histórico, e alguns aspectos essenciais quer do seu desenvolvimento doutrinário e político, em Portugal, especialmente no primeiro quartel do século XX, o seu período de maior influência, quer das ligações de AFB ao movimento.

O IL começou a surgir em torno de actividades culturais e doutrinárias. Os seus mentores estudaram na Universidade de Coimbra entre 1907 e 1911, sendo então conhecidos como o grupo dos Esotéricos. O grupo reunia-se e desenvolvia iniciativas culturais, constituídas em tertúlias de debate e leitura. Publicaram diversas obras literárias, de ficção, poesia e crítica de teatro²⁵.

Como se sabe, o contacto com o movimento da *Action Française* (AF) e com o pensamento de Charles Maurras, intelectual do nacionalismo francês, que punha em causa a revolução de 1789, viria a ter uma influência fundamental na constituição do movimento português²⁶. Os teóricos do movimento francês, através de estudos etnológicos, da “psicologia colectiva” e da história, tentaram demonstrar que os costumes e as leis eram inerentes à vida em comunidade. Nisto se inspiraram os (futuros) integralistas portugueses, defendendo uma monarquia integral (contra a constitucional), o catolicismo e a divisão da sociedade em ordens. António Sardinha foi um dos seus principais inspiradores, um republicano, que em 1912/13 abandonou os seus ideais políticos para se afirmar como monárquico, depois de contactar com a AF e considerar o princípio monárquico superior, naquilo que considerou ter sido uma evolução do seu espírito²⁷.

²⁴ Para a síntese apresentada, foram fundamentais os contributos de António Costa Pinto (1982), Emanuel Janes (1997b), João Carlos Firmino Andrade de Carvalho (2009), José Mattoso (1994a) e Manuel Braga da Cruz (1982), cujos trabalhos consultados indicamos na Bibliografia.

²⁵ Cf. António Costa Pinto (1982), pp. 1411-1412.

²⁶ Cf. Manuel Braga da Cruz (1982), p. 138.

²⁷ Cf. José Mattoso (1994a), p. 541-542. Veja-se ainda nota biográfica no anexo I.

Também em 1913, em Paris, o Padre Amadeu de Vasconcelos, com o pseudónimo de Mariotte, publicava *Os Meus Cadernos*, textos que reflectem a doutrina da AF²⁸. Tudo indica, portanto, que, Alfredo de Freitas Branco, exilado em Paris, contactou com as novas ideias, emergentes nos círculos conservadores e radicais franceses.

Em Portugal, no início de 1914, começou a estruturar-se o projecto integralista. João do Amaral, antigo republicano, edita os folhetos *Aqui d'El-Rei*, onde explicita o que se devia entender por monarquia orgânica, antiparlamentar, descentralizada e tradicionalista, caminhando assim para a sistematização da doutrina do Integralismo²⁹.

Estavam lançadas as bases para a preparação de uma corrente de ideias, um *caminho a seguir*. António Sardinha, Alberto Monsaraz e Hipólito Raposo, tomam a dianteira, publicando uma revista, com o intuito de divulgar as ideias da *Action Française*, mas o aparecimento do movimento propriamente dito só se deu com a publicação, em 1914, da revista *Nação Portuguesa*, o seu primeiro grande órgão teórico³⁰.

Chamaram ao movimento «Integralismo Lusitano», ideia tirada de uma revista literária, *Alma Portuguesa*, publicada em Gand, na Bélgica, em 1913. A expressão «integralismo lusitano» surgiu, pela primeira vez, em subtítulo nesta revista, criada por exilados que haviam cooperado nas incursões de Paiva Couceiro, entre eles Luís de Almeida Braga e Rolão Preto³¹.

Assim, a partir de 1914, os integralistas, organizados em movimento, iniciaram a campanha ideológica, evocando o passado histórico nacional, nos seus momentos mais expressivos³².

O movimento expandiu-se e, em 1915, o grupo realizou uma série de conferências na Liga Naval, sobre a «Questão Ibérica», a pretexto da ameaça espanhola. Estas conferências foram interrompidas em Maio daquele ano, na sequência do movimento que derrubou a ditadura de Pimenta de Castro. Com as Conferências na Liga Naval, o movimento, que era doutrinário e literário, tornou-se político³³.

²⁸ *Ibidem*, p. 541 e Manuel Braga da Cruz (1982), p. 139. Veja-se ainda nota biográfica no anexo I.

²⁹ O primeiro número da revista panfletária, publicada em Lisboa, em Fevereiro de 1914, sistematizava a ideologia integralista lusitana. Cf. António Costa Pinto (1982), p. 1415 e Manuel Braga da Cruz (1982), p. 139. Veja-se ainda nota biográfica no anexo I.

³⁰ *Ibidem*. Veja-se ainda notas biográficas no anexo I.

³¹ Cf. António Costa Pinto (1982), p. 1414; Manuel Braga da Cruz (1982), p. 138 e José Mattoso (1994a), p. 541. Veja-se ainda notas biográficas no anexo I.

³² Cf. António Costa Pinto (1982), p. 1416.

³³ A 7 de Abril de 1915, nas conferências da Liga Naval Portuguesa, em Lisboa, sobre a Questão Ibérica, trataram temas diversos da vida nacional: “O território e a Raça” (António Sardinha), “A Língua e a

É em 1915 que Alfredo de Freitas Branco, no Funchal, colabora no recém-formado semanário monárquico, *O Realista*³⁴. No artigo “Pela Monarquia”, mostrava como então sentia, com o governo de Pimenta de Castro, o renascer da esperança, de voltar ao regime monárquico, manifestando o seu desejo restauracionista.

Sim, porque só o exército nos pode arrancar da beira do abismo, só com o seu apoio pode voltar a ser o velho Portugal de Afonso Henriques, esse Portugal que sob o governo *dos seus Reis* se tornou conhecido e respeitado no mundo! E eu no recato do meu lar, do meu viver, após tantos anos de ausência, passadas tantas inclemências, tantas horas amarguradas, eu também sinto erguer-se no meu peito um entusiasmo, uma esperança vendo como que n’um despertar, um ressurgimento da liberdade e do sentir da alma lusitana, surgir por cada canto deste nosso abençoado torrão, uma manifestação, um jornal, um centro, em pró ideia monárquica... [...] ³⁵

Assim, renascida a esperança, declarava a sua intenção, após um período afastado das lutas partidárias, de “combater declaradamente (*sic*), enquanto durar a república, só pela restauração da Monarquia, como único regime que pode salvar esta querida Pátria”³⁶.

Em 1916, os integralistas, continuaram a organização do movimento político, fundando, em Abril, um organismo da Causa Monárquica, que defendiam, a Junta Central do Integralismo Lusitano³⁷.

O Integralismo Lusitano procurou ainda constituir juntas provinciais, municipais e escolares, núcleos, conselhos técnicos e sindicatos profissionais. Na Madeira, a 20 de Janeiro de 1917, foi constituído um núcleo integralista, do qual, Alfredo de Freitas Branco, fez parte da comissão instaladora³⁸.

Como já referimos, os integralistas passaram a ter, em Lisboa, a partir de 1917, o diário *A Monarquia*, no qual também colaborou Alfredo de Freitas Branco, e tentaram orientar e apoiar jornais de outros locais do país³⁹. Foi neste contexto, que reapareceu na Madeira, o semanário *O Realista*, após ter sido suspenso durante algum tempo. A segunda

Arte” (Hipólito Raposo), “Música e instrumentos” (Luís de Freitas Branco), “Aspectos económicos” (José Pequito Rebelo), “Colonizações ibéricas” (Rui Enes Ulrich). “Direito e instituições” (Xavier Cordeiro), “Aspectos políticos-militares” (Vasco de Carvalho) e “Lição dos factos” (Luís de Almeida Braga). Cf. António Costa Pinto (1982), p. 1416; José Mattoso (1994a), p. 541 e Manuel Braga da Cruz (1982), pp. 139-140.

³⁴ Veja-se no capítulo IV (4.3.3) deste trabalho informação mais detalhada sobre este periódico.

³⁵ Alfredo de Freitas Branco, “Pela Monarquia”, *O Realista*, nº 1, 02-05-1915, pp. 3-4 (itálico do autor).

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ A composição inicial da Junta Central do Integralismo Lusitano era formada por Adriano Xavier Cordeiro, António Sardinha, Hipólito Raposo, João do Amaral, José Pequito Rebelo, Alberto Monsaraz, Luís de Almeida Braga e Rui Enes Ulrich. Cf. António Costa Pinto (1982), p. 1416; Manuel Braga da Cruz (1982), p. 140 e José Mattoso (1994a), p. 541.

³⁸ A respeito da fundação do núcleo integralista, veja-se Emanuel Janes (1997b), p.149.

³⁹ Cf. José Mattoso (1994a), p. 541.

série do semanário passou a ostentar a imagem do pelicano real e a sigla integralista, *pola ley e pola grey*, no canto superior esquerdo. Pertencendo à Junta Regional Integralista da Madeira, nele surge, Alfredo de Freitas Branco, como novo director, para além de redactor principal e editor. *O Realista* passou a ser assim o órgão dos Integralistas na Madeira. Embora admitindo as dificuldades, o novo director declarava:

[...] chamados pela Junta Regional Integralista da Ilha da Madeira para a direção do nosso semanário, não nos restava mais que um caminho – *aceitar*, se bem que contrariados, tão honroso quanto difícil encargo, porque o primeiro dever do Integralista é a *obediência absoluta*⁴⁰.

Obediente à ideologia integralista, Freitas Branco continuou a combater a República e a defender as ideias monárquicas, tendo o semanário como recurso: “Desce hoje, de novo, *O Realista*, à arena de combate. Anima-o o sonho ardente dum Portugal melhor, fortalece-o a esperança segura da realização do seu ideal”⁴¹. Para tal manifestava a vontade de “unir todos os monárquicos, todos os bons patriotas, todos os homens de boa vontade e sã consciência, em volta do Ideal do Rei e da Pátria”, ao que se propunha fazer todos os possíveis para “estabelecer a verdadeira doutrina e criar um *monarquismo raciocinado* que se transforme numa *vontade nacional*”.

Uma afirmação política que passava pelo combate, não só ao regime republicano, mas também ao constitucionalismo e à democracia liberal:

Pugnamos pela monarquia que faça renascer para o País os seus institutos históricos: que, com a autonomia e a mais ampla descentralização administrativa, desfaça o despotismo do individualismo democrático, reunindo no Terreiro do Paço todos os serviços públicos da nação; que substitua o parlamento, tal como o conhe[ce]mos pela representação profissional das classes; que confira á religião católica todas as regalias a que tem jus como a maior força no seio da sociedad[e]; que dê ao Rei toda a independência e as verdadeiras atribuições soberanas.

Aqui estão implícitas as ideias principais do projecto político integralista, ou seja, a restauração da Monarquia tradicionalista e anti-parlamentar, centrada na figura do monarca, bem como a defesa dos privilégios da religião católica. O Integralismo defendia a nação organizada, hierarquizada e seleccionada; uma Assembleia Nacional em substituição

⁴⁰ Alfredo de Freitas Branco, “Definindo Atitudes”, *O Realista*, nº 4, 27-12-1917, p. 1 (itálico do autor).

⁴¹ *Idem*, “No Nosso Posto”, *Ibidem* (itálico do autor). Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

do Parlamento; uma sociedade assente na família e nas profissões, estruturada por grupos e não por indivíduos, unificados superiormente pela figura do rei⁴².

Neste quadro, Alfredo de Freitas Branco, afirmava defender: “Portugal, [o qual] restaurando a sua monarquia nestas bases, ter[ia] de novo encontrado o elo perdido da sua tradição”⁴³. N’ *O Realista* alertava “para que não tenhamos depois uma nova república, é indispensável que façamos por restaurar uma monarquia nos moldes tradicionais”, de forma a torná-la forte e “inabalável a todos os ataques do liberalismo”. Esta advertência vinha confirmar a base da ideologia política integralista, que residia num nacionalismo tradicional, contra a concepção liberal do Estado. Os integralistas criticavam o capitalismo liberal e a destruição das bases económicas e sociais do antigo regime, provocada por tal liberalismo. Defendiam a agricultura e insurgiam-se contra a desarticulação das velhas profissões artesanais, provocada pela industrialização. Para eles, a industrialização era a base da acumulação capitalista e era vista como destruidora dos valores da tradição e das estruturas da antiga ordem social⁴⁴.

É neste sentido que se devem entender as intervenções de Alfredo de Freitas Branco, quando, por exemplo, como presidente da Secção Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano, proferiu uma conferência no Circulo Católico, a 22 de Abril de 1917, sob o tema “A acção do Estado”⁴⁵.

A partir de finais de 1917, com a vitória de Sidónio Pais, a actuação política organizada do integralismo lusitano ganhou maior relevância, e depois, ao longo de 1918, sob a presidência de Sidónio, os integralistas viram nele a sua oportunidade para ocupar alguns lugares no Poder. No fundo viram na ditadura sidonista uma oportunidade para concretizarem uma das suas aspirações: integrar na sociedade uma nova nobreza, onde fosse valorizado o prestígio e as capacidades intelectuais, depois de em 1918, terem aderido ao movimento muitos nomes ligados ao jornalismo, à literatura, a profissões liberais e ao exército⁴⁶.

Uma vez mais Alfredo de Freitas Branco vai estar no centro dos acontecimentos, pois, desde o início de 1918 que se encontrava a residir em Lisboa e a colaborar

⁴² Cf. Manuel Braga da Cruz (1982), pp. 151-170.

⁴³ Alfredo de Freitas Branco, “No Nosso Posto”, *O Realista*, nº 4, 27-12-1917, p.1. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

⁴⁴ Cf. Manuel Braga da Cruz (1982), p. 151-170.

⁴⁵ A propósito das suas intervenções em conferências, veja-se o capítulo IV (4.3.1) do presente trabalho.

⁴⁶ Cf. José Mattoso (1994a), pp. 544-545.

assiduamente n' *A Monarquia*, algo que, aliás, será destacado pela própria redacção do periódico integralista, ao referir, a propósito da sua chegada ao Continente, que AFB “deixa[va] na Madeira uma bela obra e v[inha] agora continuar ao nosso lado a sua cruzada persistente e entusiástica”⁴⁷.

Em 1919, na sequência da morte de Sidónio e das divergências no seio dos monárquicos, os integralistas reforçaram a colisão com D. Manuel procurando sustentar-se em D. Miguel. Em 1920, a Junta Central do Integralismo Lusitano reconheceu e declarou herdeiro do trono de Portugal o príncipe D. Duarte Nuno de Bragança. Mas mesmo entre o próprio movimento integralista havia divergências que os levaram, no extremo, a romper, com os dois principais herdeiros⁴⁸.

Na verdade, nem todos os integralistas aderiram às decisões da Junta Central. Alguns continuaram apoiantes de D. Manuel, formando, em 1921, a Acção Tradicionalista Portuguesa (ATP). Alfredo de Freitas Branco aderiu a esta nova organização, liderada por Alfredo Pimenta e Caetano Beirão. A organização passaria a conhecer-se, a partir de 1923, como Acção Realista Portuguesa, tendo iniciado a publicação de uma revista mensal, a *Acção Realista*, um semanário *A Voz Nacional* e, em 1926 publicava um quotidiano intitulado *Acção Realista*⁴⁹.

Durante estes anos, já Visconde, Freitas Branco colabora na revista mensal *Acção Realista*⁵⁰, então dirigida pelo madeirense Ernesto Gonçalves⁵¹. Nela, o Visconde escreveu alguns artigos em defesa da Causa Monárquica “nesta hora de abrir fogo contra o *inimigo de dentro*”⁵² e saudando “os sindicatos monárquicos e quantos caminham confiantes na vitória da Monarquia Nova, *pola Lei e pola Grey*”⁵³.

Na realidade, a primeira grande divisão do movimento, assim como os desentendimentos que imperavam no campo monárquico, levaram ao declínio político do integralismo. De facto, desde 1922, após o Pacto de Paris, os integralistas foram,

⁴⁷ Uma notícia no n.º 8 d' *O Realista*, a 24 de Janeiro de 1918, intitulada “Alfredo de Freitas Branco” dava conta da partida para Lisboa do seu director, embora continuasse a dirigir o jornal. Cf. [não assinado] “Alfredo de Freitas Branco” *O Realista*, nº 11, 14-02-1918, p. 1.

⁴⁸ Cf. Manuel Braga da Cruz (1982), p. 143.

⁴⁹ Cf. Manuel Braga da Cruz (1982), pp. 143-144. A propósito da Acção Realista Portuguesa, veja-se ainda Emanuel Janes (1997b), pp. 38-50. Veja-se ainda notas biográficas no anexo I.

⁵⁰ Veja-se no capítulo IV (4.3.3) deste trabalho informação mais detalhada sobre este periódico.

⁵¹ Veja-se os trabalhos de Nelson Veríssimo (1991) e Emanuel Janes (1996 e 1997b). Veja-se ainda nota biográfica no anexo I.

⁵² V.P.C., “Aos Combatentes da Monarquia Nova”, *Acção Realista*, nº 2, 10-06-1924, p. 30 (itálico do autor).

⁵³ *Ibidem*.

gradualmente, suspendendo a sua actividade política. O integralismo abandonou, assim, a actividade política e reassumiu a sua actividade doutrinária, na defesa do seu projecto de monarquia nacional, orgânica e tradicionalista, com o reaparecimento d' *A Nação Portuguesa*, em 1922, dirigida por António Sardinha⁵⁴.

Nesta nova fase doutrinária, os integralistas reforçaram a sua acção ideológica nas facções conservadoras, actuando em dois grandes focos: sindicalista e nacionalista “organizando militantemente contra os partidos, a plutocracia, as sociedades secretas, o bolchevismo e a intervenção estrangeira”⁵⁵.

Enquanto movimento intelectual e político, o IL manteve-se em actividade entre 1914 e 1922⁵⁶. No entanto, a sua influência foi além deste período cronológico, ultrapassando, inclusive, o golpe militar de 28 de Maio de 1926, no qual também participaram integralistas. À semelhança do que sucedera com Sidónio, em 1917, a insurreição militar tornou a conjuntura favorável à concretização dos ideais políticos integralistas, que procuraram reafirmar o seu projecto teórico e, conseqüentemente, a restauração monárquica. Sendo um dos principais movimentos doutrinários em Portugal no primeiro quartel do século XX, o integralismo esteve nas origens do Estado Novo, influenciando o salazarismo⁵⁷.

Inicialmente, os integralistas apoiaram o governo da Ditadura, por ter sido essa também a vontade de D. Manuel, no exílio, e por acreditarem que à restauração autoritária se seguiria a restauração real. Acabaram porém, por se desiludir, vendo debeladas as suas esperanças de voltar ao regime monárquico⁵⁸.

Em 1932 Salazar convidou os monárquicos a colaborar com a União Nacional, comunicando-lhes a improbabilidade de restabelecer a Monarquia a curto prazo. Perante a impossibilidade de uma restauração monárquica corporativista e antiparlamentar, alguns integralistas mobilizam-se, fundando o movimento nacional-sindicalista. O nacional-sindicalismo reuniu antigos integralistas e antigos membros da ARP. O grupo, também conhecido pelos “Camisas Azuis”, era liderado por Rolão Preto e pretendia aproximar o movimento aos modelos fascistas europeus, nomeadamente o fascismo italiano⁵⁹. O

⁵⁴ Cf. Manuel Braga da Cruz (1982), p 146.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 147.

⁵⁶ Cf. António Costa Pinto (1982), p. 1409.

⁵⁷ Cf. Manuel Braga da Cruz (1982), pp. 171-182.

⁵⁸ *Ibidem*, pp. 172-173.

⁵⁹ *Ibidem*, pp. 174-176.

Visconde, fascinado pelo Fascismo, aderiu ao movimento em 1933, antes de enveredar por outras ideologias, até, por fim, desencantar-se da política, como abordaremos no ponto seguinte deste trabalho.

1.1.2 Evolução para outras ideologias

No presente ponto, pretendemos apresentar o percurso político e ideológico de Alfredo de Freitas Branco, de uma forma muito breve, visto a extensão do nosso trabalho e a nossa pretensão para uma representatividade mais direcionada para o campo cultural, nos privar de uma visão mais pormenorizada. Desta forma, referimos apenas alguns aspectos considerados fundamentais, procurando acompanhar as movimentações do autor, no tempo e no espaço, inserido na conjuntura histórica da época e marcado por dominantes ideológicas significativas, entre as quais o Integralismo Lusitano, abordado no ponto anterior.

Em vários textos do autor, especialmente nas suas páginas de memórias, é possível desvendar um pouco mais da sua vida e as motivações para as escolhas que fez. Freitas Branco era ainda jovem quando se envolveu na política, após o regicídio de D. Carlos I e do príncipe herdeiro, no dia 1 de Fevereiro de 1908. Foi a partir de então que, indignado com o trágico acontecimento, como o próprio admitiu, se viu envolvido nos idealismos que, na época, dominavam a vida pública nacional⁶⁰.

Como se sabe, AFB viveu numa época conturbada da nossa História, marcada por grandes transformações, a todos os níveis. Assistiu a duas grandes guerras mundiais, em diferentes períodos da sua existência e também esteve presente em conflitos passados em Portugal, que viriam a alterar o rumo do país. Muitas das suas escolhas, resultantes daquilo que considerava ser para o bem da Pátria, viriam a ter repercussões no seu futuro. Podemos referir, como exemplo, a desistência da universidade, pelas posições políticas de apoio à Monarquia.

A Revolução de 1910 significou, para muitos portugueses, o abandono das tradições, da origem da nacionalidade lusitana, pelo que se foram organizando, no sentido de restaurar a Monarquia, que entendiam ser o melhor regime para o país. Neste sentido, o

⁶⁰ ARM – Espólio do V.P.C., cat. 67, cx. 7/cap.14 – Apontamentos, da autoria do V.P.C. («Dezasseis anos de luctas (1910-1926) - Memórias Políticas»).

futuro Visconde tomou o rumo dos caminhos revolucionários, tendo sofrido as consequências motivadas pelas suas convicções e idealismos, como o exílio e, mais tarde, noutra ocasião, a demissão do exército, como já referimos.

A figura de Alfredo de Freitas Branco é frequentemente associada a de um homem ligado a vários credos e ideologias políticas que abraçou ao longo da sua vida, como levam a crer, textos publicados na imprensa da época e outros do próprio autor. Algumas decisões adoptadas fizeram com que se sentisse incompreendido, segundo as suas próprias afirmações. Contudo, justificava a sua conduta e o caminho que decidiu trilhar em prol dos interesses da vida colectiva do seu país⁶¹.

Como monárquico, entendia que o rei era a figura que significava a estabilidade e a disciplina e que só através do rei seria possível “conservar o Supremo Magistrado da Nação fora e acima de todas as paixões e de todas as contendas partidárias”⁶².

Após a experiência do exílio, a adesão ao Integralismo Lusitano, proporcionou-lhe uma intensa actividade interventiva na sociedade, em defesa do ideário integralista, como as conferências proferidas e a colaboração na imprensa. Esta faceta do autor será objecto de uma análise mais desenvolvida neste trabalho, visto a sua acção participativa na comunidade ter contribuído para promover a Madeira, estando de acordo com os objectivos da nossa dissertação.

O Visconde também revelou um carácter anti-semita, manifestado em textos publicados no seu período de intensa actividade integralista. Este era, aliás, um pensamento que ocupava um lugar no espírito dos principais mentores do IL, tendo estes, inclusivamente, publicado obras onde revelavam o seu ódio aos judeus⁶³. Assim como, Freitas Branco escreve, na revista *Acção Realista*, dois artigos onde se insurge contra os judeus. Nesses textos, sob o título de “O Perigo Judeu I” e “O Perigo Judeu II”, o Visconde confessa toda a sua aversão ao judeu e aponta alguns nomes de judeus, considerando-os traidores, imorais, que inspiraram a lei do divórcio, e afirmando que “a *infiltração*

⁶¹ Veja-se, por exemplo, os seus livros de temática política, onde refere as suas ideologias: *Paixão e morte de Sidónio* (1928); *Como vi o fim da guerra na Alemanha* (1946); *Olhando o passado... considerando o futuro* (1949); *A política social na lição de história* (1953) e *Memórias da Guerra na Alemanha* (1954), obras, nas quais, é possível analisar o pensamento político e ideológico do V.P.C. Não podemos nos esquecer, também, dos vários textos que publicou na imprensa da época, como *O Realista*, *Independência*, *Diário de Notícias*, entre outros, referidos ao longo deste trabalho.

⁶² ARM – Espólio do V.P.C., cat. 67, cx. 7/cap.14 – Apontamentos, da autoria do V.P.C. («Dezasseis anos de luctas (1910-1926) - Memórias Políticas»).

⁶³ Obras como *O Valor da Raça* (1915), de António Sardinha ou *Aula Régia* (1936), de Hipólito Raposo são exemplos onde é possível observar o anti-semitismo destes integralistas.

hebraica não fica por aqui, entre nós. Vemo-la no sangue deste povo católico, vamos descobri-la nas nossas associações de beneficência e até nas nossas *organizações monárquicas*”⁶⁴.

Outro aspecto relevante na vida do autor foi o seu fascínio pela figura de Sidónio Pais. Este marcou fortemente o jovem monárquico, que era na altura cadete da Escola de Guerra. Em vários textos e mesmo em discursos mencionava Sidónio Pais, que considerava o maior português daquele século e o precursor de Mussolini⁶⁵. Sidónio Pais era germanófilo, tal como Alfredo de Freitas Branco, daí este ponto de convergência com o “Presidente-Rei”, ter também facilitado a sua adesão ao sidonismo. Após a morte de Sidónio, depois de se ter envolvido em lutas pela defesa do regime, edificado pelo malgrado presidente, e na formação das Juntas Militares, AFB vai ainda participar em conspirações monárquicas, mas devido a intrigas acabaram por fracassar⁶⁶.

Mais tarde, em 1928, já Visconde, o seu espírito regionalista levou-o a se envolver em combates no *Independência*⁶⁷, semanário que fundou no Funchal. Nos diversos textos publicados naquele periódico, são evidentes as suas ideias, visando a defesa dos interesses da Madeira e dos madeirenses. Esta faceta regionalista foi vincada desde o primeiro número do semanário, onde afirmou os seus propósitos:

É preciso *fazer justiça* sem reservas, enaltecendo quem o merece e reprimindo quem exorbite.

Proceder de outra forma não é correcto.

Para fazer justiça e para trabalhar no engrandecimento do *nosso Torrão* é que viémos e, sem olhar ao que possa contrariar quem quer que seja, sempre que se alevante o *interesse de todos*, aqui estaremos firmes com a nossa *Independência*⁶⁸.

O Visconde julgava que tinha colocado o interesse da colectividade acima de qualquer simpatia pessoal. O mais importante, o que mais valorizava, segundo declarava, eram as iniciativas que pudessem contribuir para “beneficiar, engrandecer e independentisar (*sic*) quanto possível o nosso Arquipélago”⁶⁹. Para isso procurava manter firme a sua luta, sem se deixar abater pelas críticas dos adversários, reiterando, no

⁶⁴ V.P.C., “O Perigo Judeu I”, *Acção realista*, nº 3, 01-07-1924, pp. 53-55 (itálico do autor). Veja-se também as suas considerações sobre os judeus no texto “O Perigo Judeu II”, *Acção realista*, nº 5, 01-08-1924, pp. 96-98 e o trabalho de Emanuel Janes (1997b), pp. 162-167.

⁶⁵ Cf. V.P.C. (1928a), p.18 e veja-se também o seu discurso pronunciado na noite de 11 de Maio de 1936, na festa dos Estudantes Nacionalistas da Universidade de Lisboa comemorando a vitória romana.

⁶⁶ O Visconde refere as conspirações intentadas por si e pelos seus amigos, após as derrotas monárquicas de Monsanto e do Norte. A este propósito veja-se V.P.C. (1928a), pp.74-83.

⁶⁷ Veja-se no capítulo IV (4.3.3) deste trabalho informação mais detalhada sobre este periódico.

⁶⁸ V.P.C., “O nome de *Independência*”, *Independência*, nº 1, 10-06-1928, p. 1 (itálico do autor).

⁶⁹ *Idem*, “O nosso presado colega local «Diário da Madeira»” *Independência*, nº 21, 17-11-1928.

semanário, a sua determinação em defender os interesses do povo madeirense e (re) assumindo a sua posição regionalista⁷⁰.

Neste sentido, procurou demonstrar aos seus colegas e conterrâneos jornalistas, a necessidade de se unirem para aquilo que considerava ser o bem da região⁷¹. No início de 1929, escreveu um texto, onde fazia um balanço do ano anterior, e nele constatava ter realizado diversas campanhas, no *Independência*, em virtude da causa regionalista⁷². Em 1930 continuou a sua luta n' *O Jornal* em defesa deste ideal⁷³, visto o *Independência* ter interrompido a sua publicação. Na verdade, Porto da Cruz foi um acérrimo defensor do regionalismo, como confirmam os vários textos publicados na imprensa (especialmente no *Independência*), os quais vêm comprovar o seu empenho nesta luta, a sua faceta regionalista, bem como as polémicas protagonizadas por si, em defesa de um ideal, que era a independência da sua terra.

Anos mais tarde, em 1933, o Visconde, que entretanto tinha ficado seduzido pela ideologia fascista italiana, liderada por Benito Mussolini, aderiu ao movimento do Nacional-Sindicalismo dirigido por Rolão Preto, outro integralista⁷⁴. Também n' *O Jornal* colaborou com os seus textos sobre a ideologia fascista, tal era o interesse que esta lhe despertava. Assim, em 1928, fez uma análise à política italiana, mencionando que “no período que decorre entre 1919 e 1921 a crise inteira desenvolveu-se de forma a causar sérias apreensões”⁷⁵ e referindo a crise que o país passava, “a perseguição, as acusações e maledicência dos avanços contra todos quantos tinham lutado na grande guerra [...], incitando o Povo a excessos, sem que o Governo reagisse [...]”, concluía que só podiam levar a “que diante de todos estes factos a Itália começava a sentir que só um Ditador a salvaria do cataclismo”⁷⁶. Noutro texto, enaltecia a política fascista italiana, nestes termos: “a força que o Fascismo criou e desenvolveu, a sua tática, o seu acerto triunfaram por fim e hoje a política de Mussolini é o molde por onde se regulam e orientam as nações que reagem, que se empenham pelo seu ressurgimento”⁷⁷. E assim referia a Ditadura Nacional que tentava seguir o exemplo de Itália e de Espanha, procurando adaptar o Fascismo em

⁷⁰ *Idem*, “[Defesa do Regionalismo]”, *Independência*, nº 19, 03-11-1928.

⁷¹ *Idem*, “O nosso colega «A Voz da República»”, *Independência*, nº 34, 02-03-1929.

⁷² *Idem*, “Ano novo”, *Independência*, nº 26, 05-01-1929.

⁷³ Veja-se, por exemplo: V.P.C., “A Defesa da Madeira”, *O Jornal*, nº1131, 23-11-1930.

⁷⁴ A propósito do movimento nacional-sindicalista veja-se Manuel Braga da Cruz (1982), pp.175-176 e Emanuel Janes (1997b), pp.51-62.

⁷⁵ V.P.C., “Antecedentes do fascismo”, *O Jornal*, nº 565, 07-12-1928.

⁷⁶ *Ibidem*.

⁷⁷ V.P.C., “A divisão naval italiana”, *O Jornal*, nº 477, 23-08-1928.

Portugal. Manifestava, portanto, o seu contentamento por ver chegar ao porto do Funchal, as forças da Divisão Naval Italiana, considerando como um bom sinal.

Ainda em relação a esta ideologia, em 1936, o Visconde pronunciou um discurso, na noite de 11 de Maio, na festa dos Estudantes Nacionalistas da Universidade de Lisboa, comemorando a vitória do fascismo, que publicou em folheto, com o título de *A vitória latina*. Nesta comunicação enalteceu Mussolini, como o “exemplo magnífico”, em que a Itália “lutando contra todos os obstáculos [...] levou finalmente a nossa civilização latina ao coração dos bárbaros”⁷⁸.

O Visconde era nacionalista e afirmava que sempre tinha dado o seu melhor contributo para o bem do país. Participou activamente no movimento revolucionário de 28 de Maio de 1926, que pôs fim aos dezasseis anos da Primeira República portuguesa, como o próprio autor afirmou: “Quando chegou, em 28 de Maio de 1926, a hora da Revolução Nacional eu estava no meu posto, pronto para a luta contra a política individualista e sectária dos «partidos políticos» que dividiam e ameaçavam a vida da Nação”⁷⁹. No entanto, acabou por se afastar da política devido ao seu desencanto pelo rumo seguido pelo Estado Novo, particularmente por aqueles a quem apelidou como os “82 de Maio”, que teriam, na sua opinião atraído as intenções da Revolução e aproveitado para “se servirem bem” em vez de “bem servir”. Ele julgava que tinha dado tudo para o triunfo do Nacionalismo português, mas não tinha sido reconhecido. Estas foram as principais razões da sua desilusão com a política do país. No entanto, este seu desencanto nada tem a ver com a figura de Salazar, que ele admirava, considerando-o um “Grande Nacionalista” e chegando até, a dedicar-lhe uma obra⁸⁰.

Neste nosso percurso pelo perfil ideológico do Visconde do Porto da Cruz é incontornável relembrar a sua admiração pelo povo alemão, simpatia que, aliás, assume em vários textos. Não se cansou de elogiar os alemães, assumindo publicamente a sua posição, mesmo em plena II Guerra Mundial, quando decidiu colaborar na Emissora de Berlim.

⁷⁸ V.P.C. (1936), *A vitória latina*, [não paginado] – Discurso.

⁷⁹ *Idem* (1949b), p. 3-30 – Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

⁸⁰ Na obra *Olhando o passado... considerando o futuro* (1949), o V.P.C., faz a seguinte dedicatória a Salazar: “A Sua Excelencia o Senhor Doutor António Oliveira Salazar, Homenagem respeitosa”.

Uma decisão que quase lhe custou a vida, pelos bombardeamentos em Berlim, em vésperas do seu regresso a Portugal⁸¹.

1.1.3 Um inconformista

Alfredo de Freitas Branco foi uma figura da nossa cultura contemporânea, que esteve sempre atento às realidades nacional e internacional e às vicissitudes do seu meio, disposto a denunciar os problemas surgidos na Madeira e que prejudicavam o povo madeirense. Mesmo que as suas denúncias ou críticas lhe trouxessem dissabores, sempre se revelou um fervoroso activista, quando se tratava de debater as dificuldades que afligiam os seus conterrâneos. Apresentou projectos, propôs alternativas e soluções e deu voz aos seus ideais regionalistas. Não hesitou em reprovar certas atitudes dos madeirenses, especialmente por não valorizarem o seu povo, preferindo os continentais. Atente-se ao seu comentário perante o comportamento dos madeirenses, face ao êxito dos seus conterrâneos:

Sempre que um madeirense, por qualquer forma, se notabiliza – e a Madeira tem dado ao País elementos preciosos de altíssimo valor – logo os seus conterrâneos procuram amesquinhá-lo, prejudicando-o seja como for, de o desacreditar, numa ânsia de destruir todos os seus méritos e os benefícios que deles possam advir!⁸²

Para ele, esta era uma forma de pensar típica do madeirense, que os distinguia dos continentais e dos açorianos, pois como salientava,

Uma boa iniciativa, um alvitre feliz nos Açores tem o apoio geral e o êxito assegurado.

Na Madeira surgem imediatamente as invejas, os ciúmes, as vaidades e os interesses conjugando-se para impossibilitar o seguimento, para uma feliz conclusão, mesmo que redunde num prejuízo para o agregado!⁸³

Observações e críticas como estas e outras, visando atingir aqueles que ele entendia prejudicarem os interesses da Madeira, enchem as páginas do semanário *Independência*. Neste periódico foram muitas as críticas dirigidas aos seus adversários e foram também muitos aqueles que procurou combater, usando-o como “arma de arremesso”. Logo no

⁸¹ A este propósito, veja-se, por exemplo, os seus livros: *Como vi o fim da guerra na Alemanha* (1946) e *Memórias da Guerra na Alemanha* (1954).

⁸² V.P.C. (1941) “O Funchal moderno”, *Revista Portuguesa*, N.º 32, 2.ª Série. N.º 15, pp. 3-13.

⁸³ *Ibidem*.

número inaugural, num artigo intitulado “Os Ídolos de Pés de Barro”, o Visconde acusa todos os indivíduos que, não sendo madeirenses, triunfavam na Madeira, em todas as áreas, desde o Comércio e Indústria, às Ciências, às Letras, às Artes e ao Desporto. Mais: acusa aqueles que haviam favorecido a ascensão desses indivíduos, os quais na sua opinião, só conseguiam se evidenciar, pela circunstância do madeirense, sendo humilde, lhes atribuía demasiada importância. Estas críticas aos “Ídolos de Pés de Barro” vão continuar em outros textos do *Independência*, ao ponto de asseverar que tais “elementos exóticos”⁸⁴, com a sua interferência estranha, prejudicavam os interesses e o progresso dos madeirenses.

No *Independência* nada está livre de crítica. Desde o atraso nas entregas das encomendas do serviço postal, à indefinição para a mudança de instalações do Liceu, aos problemas sacarino e cerealífero, ao serviço de telefones, aos jornalistas que colaboravam em periódicos nacionais e que publicavam artigos criticando os madeirenses e até certos projectos, como a intenção de construir uma fábrica de conservas de peixe no Gorgulho. Estes são apenas alguns exemplos, entre os muitos contra os quais se insurgiu, visando o bem comum e a melhoria das condições de vida dos habitantes da ilha. Na verdade, da sua frontalidade na defesa dos interesses da Madeira, ou outros, resultaram cartas anónimas, com ameaças para o intimidar. As ameaças recebidas, verdadeiras ou fictícias, eram denunciadas, no seu jornal, e numa primeira página, em destaque, avisava:

As cartas anónimas com ameaças, motivadas pela orientação seguida na «Independência» na defesa dos sagrados interesses da Madeira, em nada alteram a nossa diretriz. Limitamo-nos apenas a torná-las conhecidas das Autoridades para o que der e vier...⁸⁵

E, assim, disposto a correr todos os riscos inerentes à sua atitude interventiva, limitava-se a denunciar as sucessivas cartas que iam chegando à redacção: “Continuam a chegar-nos «normalmente» cartas anónimas com ameaças pela nossa atitude de defesa dos interesses da nossa Terra. Cá estamos e seguiremos pelo mesmo caminho [...]”⁸⁶.

Determinado, não se deixava vencer, nem mesmo quando as ameaças elevavam de intensidade, fazendo crer que corria perigo de vida:

⁸⁴ V.P.C., “Os Ídolos de Pés de Barro”, *Independência*, nº 3, 24-06-1928, p. 2.

⁸⁵ Texto em destaque no *Independência*, nº 5, 08-07-1928, p. 1.

⁸⁶ *Idem*, “Continuam a chegar-nos”, *Independência*, nº 14, 29-09-1928, p.1.

Connosco está a opinião Publica e no momento próprio de apareceremos em campo lutando pelos sagrados direitos deste Povo, surgiremos como de costume resolvidos a caminhar até onde for. As ameaças e toda a série de argumentos com que têm procurado fazer-nos calar não surtem efeito. [...]

Entre as cartas anónimas que por diversas vias nos chegam recebemos uma, formada de palavras e letras recortadas dos jornais em que nos ameaçam laconicamente «se continuas nessas Campanhas serás abatido a tiro», cá estamos, no mesmo posto, na mesma ordem de ideias com o mesmo espirito, com o mesmo desprezo pelas ameaças anónimas com que pretendem intimidar-nos como pelos ultrajes com que qualquer escriba miserável pensa atingir de longe, acubutado (*sic*) pelas trevas do incógnito um Povo inteiro. Quem nos diz que não proveem uns e outros do mesmo lado, da mesma origem?⁸⁷

Eventualmente, tudo isto terá contribuído para expor os alertas que garantia ter recebido, de amigos, para a dificuldade de fazer jornalismo na Madeira:

Quando resolvemos publicar um semanário para defender os verdadeiros interesses regionais, pessoa amiga tentou dissuadir-nos alegando especialmente que «na Madeira é impossível fazer jornalismo porque isso implica uma série de dissabores»⁸⁸.

É neste quadro que aponta para as diferenças entre fazer jornalismo no Funchal e em Lisboa. Em Lisboa, “as questões de «princípios» que se debatiam eram tomadas devidamente, corretamente, sem que isso representasse quebra de dignidade, corte de relações ou atitudes insultuosas”; no Funchal,

Não é, na verdade, possível defender ou atacar princípios, pontos de vista ou orientações, encarando as questões bem dalto (*sic*), com lealdade, com nobreza. Surgem logo os mil ressentimentos, os espíritos abespinhados «personalizando» trazendo para um individualismo impossível todo o que tem um caracter geral.

Desolado com o comportamento dos adversários, que respondiam com “as arremetidas traiçoeiras, as ameaças, as imprescindíveis cartas anónimas e até as «esperas»”, a que se juntavam a “difamação, calúnias, insinuações, mexericos, e até do lavar horrível da «roupa suja»”, acaba por dar razão à tal pessoa amiga (que não identifica) que o havia prevenido para a dificuldade em levar adiante os seus projectos de jornalismo e regionalismo na Madeira.

A verdade é que apesar de todas estas contrariedades, de todos os desentendimentos e dissabores, o Visconde do Porto da Cruz lutou sempre pelas causas que o moviam. Esta atitude foi evidente, em vários textos publicados no *Independência* afirmando, com

⁸⁷ *Idem*, “O último número”, *Independência*, nº 15, 06-10-1928, p.3.

⁸⁸ *Idem*, “[Quando resolvemos publicar]”, *Independência*, nº 20, 10-11-1928, p.1 – Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

frequência, que nada o iria deter na sua luta a favor dos interesses madeirenses. Por se julgar imparcial, declarou não orientar o seu modo de pensar ou de agir “ao sabor das simpatias ou antipatias pessoais”, considerando antes que atendiam exclusivamente “ao interesse colectivo, ao Regionalismo, ao pensamento e às iniciativas que tendam a um fim de beneficiar, engrandecer e independentizar (*sic*) quanto possível o nosso Arquipélago”⁸⁹.

No balanço feito ao ano de 1928 (no primeiro número saído no ano novo), apesar de todas as dificuldades sentidas ao longo dos meses anteriores, na luta pelos interesses regionais, concluía:

Parece-nos que em favor da nossa Terra alguma cousa de positivo e de benéfico se procurou fazer. Este *balanço* di-lo bem eloquentemente. É o nosso dever, por vezes difícil e ingrato que nos acarreta sempre dissabores e ódios dos que só veem o interesse do Povo, o bem da Pátria através das suas conveniências⁹⁰.

Noutra ocasião, mostrou indignação perante a inércia das “entidades competentes” por não tirarem proveito das oportunidades para promover a Madeira e os produtos locais. A sua revolta tornou-se evidente em vários artigos sobre as exposições internacionais a realizar em Sevilha e Barcelona:

Por toda a parte sempre que se oferece uma oportunidade para progredir, para beneficiar é aproveitada, acarinhada e procuram tirar o maior partido, as máximas vantagens para o agregado. Entre nós dá-se exactamente o contrário. [...] Uma série de circunstâncias, mais ou menos originadas no desgraçado espirito «Empata» de um grupo que tão indevida e nefastamente se tem imiscuído na vida madeirense, arrastaram o nosso Comercio e a nossa Industria para a situação verdadeiramente grave em que se encontram⁹¹.

Elogiou os açorianos, por terem vincado um espírito regionalista, e por participarem nos eventos internacionais para mostrar os seus produtos. Inconformado, apelou a todos à participação nas referidas Exposições de Sevilha e de Barcelona:

Aos Fotógrafos (*sic*), profissionais e amadores, cumpre também um posto de honra porque com os seus trabalhos podem e devem fazer uma elucidativa e benéfica propaganda da Madeira⁹².

O que considerava ser a letargia dos seus conterrâneos fez com que advogasse a necessidade “de criar um *núcleo regional* para defender os interesses da Madeira”⁹³.

⁸⁹ *Idem*, “O nosso presado colega local «Diário da Madeira»”, *Independência*, nº 21, 17-11-1928, p. 1.

⁹⁰ *Idem*, “Ano novo”, *Independência*, nº 26, 05-01-1929, pp.1-2 (itálico do autor).

⁹¹ *Idem*, “Julgamos”, *Independência*, nº 27, 12-01-1929, p.2.

⁹² *Idem*, “Não nos podemos conformar”, *Independência*, nº 27, 12-01-1929, p.3.

Anos mais tarde, as palestras proferidas na rádio, ao serviço da Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial, vão constituir um veículo para tecer várias considerações pessoais, sobre a guerra, a Alemanha e os países envolvidos no conflito bélico. As suas palestras evidenciam um tom moralista e uma atitude interventiva, pois, partindo de reflexões gerais sobre a humanidade, o indivíduo e outros temas genéricos, transpõe essas ideias para a realidade belicista.

Com o carácter único que o distinguia dos demais, explicava a sua motivação em querer diferenciar-se dos restantes conferencistas, “que só cuidavam de formular insultos e calúnias sem apresentarem doutrinas nem argumentos irrefutáveis”⁹⁴. O Visconde confessou ainda pretender que as suas palestras radiofónicas tivessem “um nível intelectual e cultural mais elevado”. Daí o interesse que acreditava que as suas intervenções despertavam nos governantes alemães, pelas temáticas sociais desenvolvidas.

Provavelmente motivado pelas fortes convicções e pela forma como tentava impor as suas ideias, Alfredo de Freitas Branco foi ganhando inimigos sem, no entanto, desistir de divulgar os seus ideais, por vezes radicais, e em deixar para a posteridade uma vasta obra, de temática muito diversificada, na qual é possível encontrar propostas culturais para o desenvolvimento da Madeira.

Aqui está o cerne do nosso trabalho: as propostas de promoção cultural e defesa da Madeira muitas vezes resultantes do seu feitio inconformista, perante aquilo que considerava a inércia de entidades com responsabilidade social, obrigadas a mais para o engrandecimento do arquipélago.

1.2 Observações e imagens do Visconde do Porto da Cruz pelos seus coevos

Como observado no ponto anterior, o feitio combativo do Visconde do Porto da Cruz, para defender os seus ideais, não agradou a todos os seus contemporâneos, não conseguindo reunir o consenso e chegando mesmo a ser confrontado pelos seus adversários. No entanto, tinha apoiantes e amigos que o elogiavam, como provam textos da época que o referiram como um importante jornalista, publicista, autor de obras literárias e

⁹³ *Idem*, “O tempo”, *Independência*, N° 28, 22-01-1929, p.1 (itálico do autor).

⁹⁴ ARM – Espólio do V.P.C. cat. 67, cx. 6/cap.1 – Apontamentos relativos às palestras “Pontos nos ii” proferidas na *Emissora de Berlim* – Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

estudos de temáticas diversas. Algumas personalidades da época, especialmente os jornalistas, expressaram as suas opiniões sobre a obra do Visconde, como procuramos demonstrar no presente ponto desta dissertação.

Assinalemos, na sua carreira de jornalista, a direcção do semanário *Independência*, que mereceu críticas favoráveis e elogios de jornais da concorrência: o *Diário de Notícias*, o *Diário da Madeira*, *O Jornal*, e o *Correio da Madeira* endereçaram, nas suas páginas, palavras de felicitações pelo surgimento do novo jornal⁹⁵. Nestas notícias, os jornais informaram o carácter regionalista do *Independência*, que pretendia abordar diversos assuntos, mas sempre em defesa dos interesses da Madeira. Contudo, outro periódico, *O Eco*, avisava que iria discordar do *Independência* sempre que achasse necessário. Posição que não foi, aliás, compreendida pelo director do *Independência*, pois afirmava ter por orientação a defesa dos interesses da Madeira e que esta deveria ser a posição de todos. Mais tarde, *O Eco* iria felicitar a atitude regionalista do *Independência* por este defender os interesses da Madeira⁹⁶. O sentimento regionalista, segundo o Visconde, era partilhado pela população madeirense, por ter acolhido bem o surgimento do *Independência* e se mostrar solidária na luta pelos interesses da ilha⁹⁷.

Em 1928, a imprensa da época anunciou o surgimento da *Ilustração Madeirense* uma nova publicação, sob a direcção do Visconde do Porto da Cruz⁹⁸. Tratava-se de uma revista ilustrada, dedicada ao turismo, que incidia em temas sobre o comércio e a indústria madeirense, com o objectivo de divulgar a Madeira. Era escrita em três línguas, Português, Inglês e Francês. A imprensa era unânime quanto ao interesse da revista para a Madeira, como uma forma de propaganda e um meio para atrair turistas à ilha. Devido essencialmente a esta vertente de promoção da Madeira no exterior, e também por ser editada em três idiomas, a iniciativa do Visconde do Porto da Cruz mereceu grandes elogios dos seus colegas jornalistas, anunciando a nova publicação, nomeadamente no *Diário de Notícias* e n' *O Jornal*⁹⁹.

⁹⁵ A este propósito veja-se as notícias publicadas no *Independência* n° 2 (17-06-1928), p. 2 e n° 3 (24-06-1928), p. 2.

⁹⁶ V.P.C., [elogios ao *Independência*], *Independência*, n° 13, 27-09-1928.

⁹⁷ *Idem*, “O último número”, *Independência*, n° 15, 06-10-1928, p.3.

⁹⁸ Veja-se no capítulo IV (4.3.3) deste trabalho informação mais detalhada sobre este periódico.

⁹⁹ A este propósito, veja-se, por exemplo, os seguintes artigos jornalísticos: [não assinado], “Ilustração Madeirense”, *Diário de Notícias*, N° 16627, 01-01-1930, p. 1 e *Idem*, “Ilustração Madeirense”, *O Jornal*, N° 870, 01-01-1930.

Estas iniciativas vêm comprovar a perseverança do Visconde em dar a conhecer a Madeira no exterior e a sua contribuição para o desenvolvimento do turismo da ilha. O Visconde foi, aliás, um homem interessado pelos assuntos relacionados com o turismo na Madeira, como levam a crer, notícias publicadas na imprensa da época, bem como textos e conferências do próprio, que abordamos com outro pormenor, mais adiante. O *Diário da Madeira*, por exemplo, em 1930, referiu uma entrevista de Porto da Cruz ao *Diário de Notícias* de Lisboa, onde debatia o turismo na Madeira e a necessidade de desenvolver uma política bem orientada para promover a ilha, o que vem provar o seu envolvimento na área¹⁰⁰.

Também a sua actividade como orador, em diversas conferências, foi objecto de comentários dos seus coevos, que se referiam às suas intervenções, nos periódicos, comentado e elogiando as suas palestras, como era habitual na época. Há ainda a destacar a crítica literária às suas obras e/ou estudos, onde podemos observar algumas opiniões dos seus coevos¹⁰¹.

A título ilustrativo, atente-se às palavras publicadas n' *O Povo* a propósito de uma recente obra do Visconde:

É este um dos publicistas madeirenses que mais trabalha e produz. Poder-se-há discordar da sua forma de trabalhar no campo político, o que para o caso pouco importa. Mas sob o aspecto de propaganda regional, o sr. Visconde do Porto da Cruz bate-se nas linhas da vanguarda¹⁰².

Estas palavras traduzem o reconhecimento público dos seus coevos, sobre o trabalho desenvolvido pelo Visconde, para a promoção da ilha, mesmo que não partilhassem dos mesmos ideais políticos. Podemos ainda destacar outras opiniões, por exemplo, o reconhecimento pelo seu carinho à ilha, como escrevia *A Nação*, ao afirmar que o autor de *O destino* (1915) manifestava “sentimentos verdadeiramente patrióticos, declarados logo na estima que consagra à sua terra natal, essa encantadora Ilha da Madeira, a pérola do

¹⁰⁰ *Idem*, “Serviço Telegráfico do Diário da Madeira”, *Diário da Madeira*, Nº 5589, 01-04-1930, p.2.

¹⁰¹ A este propósito veja-se no seu espólio, à guarda do ARM, os recortes de jornais que reuniu e nos quais é possível encontrar críticas aos seus trabalhos, por exemplo, em periódicos madeirenses (*Diário de Notícias, Trabalho e União, Diário da Madeira, O Progresso, O Imparcial*) e em periódicos do Continente (*A Ordem, Gazeta de Coimbra, A Nação, Pátria Nova, Notícias de Évora, A Monarquia, Progresso da Feira, Diário Nacional, e Republica*). Cf. ARM – Espólio do Visconde do Porto da Cruz, cat. 67, cx. 4. (“Críticas aos Trabalhos de Alfredo de Freitas Branco (Visconde de Porto da Cruz)”).

¹⁰² *Ibidem* (recorte de *O Povo*: [não assinado], “«Fauna Marítima da Madeira» Por Visconde do Porto da Cruz”, *O Povo*, Nº 988, 10-4-1935).

oceano, a que dedica palavras de carinho”¹⁰³, ou ainda, *A Época*, em 1924, comentando *Algumas lendas e alguns monumentos do arquipélago da Madeira*: “O autor deste opusculo, socio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses é um espirito culto e amante das coisas da sua terra, cujas belezas e história o enlevam”¹⁰⁴. Outros, porém, destacavam o seu feito firme e a convicção nos seus ideais:

[...] o autor, que é um académico distinto e um nome muito conhecido na nossa Imprensa Católica, onde muitas vezes há feito vibrar em cintilações de prosa o ardor da sua mocidade, a energia das suas convicções politicas e a integridade firme das suas crenças que são da tradição gloriosa da sua família – uma das mais ilustres de Portugal [...]”¹⁰⁵

Alguns dos seus trabalhos indiciavam que não seriam do agrado de todos os leitores, como se percebe, pela crítica literária. Em 1917, *A Nação*, por exemplo, expressava: “É possível que, com o seu novo trabalho, o autor de «O Destino» consiga granjear algumas irritações...dos que não compreendem ou não podem compreender o exotismo da Arte...”¹⁰⁶ e também, mais tarde, o *Diário de Notícias* comentava a sua recente obra, *Paixão e morte de Sidónio* (1928): “É um livro, porém, que nem a todos agradará. E sabem porquê? Porque o Autor *deita abaixo, para a direita e para a esquerda*”¹⁰⁷.

É certo que as opções políticas e ideológicas de AFB valeram-lhe, frequentemente, apreciações negativas dos seus coevos, principalmente daqueles que combatia na praça pública, quer através dos seus textos jornalísticos, quer através das suas intervenções públicas, mas que não nos interessa desenvolver neste trabalho, pois o nosso objectivo é sublinhar o seu contributo para o fomento da cultura madeirense¹⁰⁸.

Terminamos esta nossa breve incursão pelas opiniões dos seus coevos, como um texto publicado no *Correio da Manhã*, em 1924, reproduzido pelo *Diário de Notícias*, sintetizando o carácter laborioso do Visconde:

¹⁰³ *Ibidem* (recorte de *A Nação*: [não assinado], “Publicações – *O Destino, Romance histórico*” por Alfredo de Freitas Branco”, *A Nação*, 20-10-1915).

¹⁰⁴ *Ibidem* (recorte de *A Época*: [não assinado], “*Algumas lendas e alguns monumentos do Arquipélago da Madeira*, pelo Visconde do Porto da Cruz”, *A Época*, 24-12-1924).

¹⁰⁵ *Ibidem*, (recorte de *A Ordem*: E.A., “*O Destino*”, *A Ordem*, 29-2-1916).

¹⁰⁶ *Ibidem*, (recorte de *A Nação*: [não assinado], “Publicações – *Ana Clara* por Alfredo de Freitas Branco”, *A Nação*, 20-1-1917).

¹⁰⁷ [não assinado], “Vida Literária – *Paixão e morte de Sidónio*”, *Diário de Notícias*, nº 16162, 24-5-1928, p. 1 (itálico no original).

¹⁰⁸ A respeito das apreciações negativas às opções políticas do Visconde, veja-se Emanuel Janes (1997b), pp. 158-159.

É muito interessante a individualidade do seu autor, ao mesmo tempo apaixonado pela política e pelas letras jornalísticas de combate e sereno cultor de lendas, proferindo conferências de ciência social e escrevendo prosa de elevada poesia como o «Auto da Primavera», soldado com batismo de fogo e criador de pombos afamados no colombofilismo lisboeta, homem de sociedade e rude trabalhador... É bem um português na multiplicidade de seus aspectos contraditórios. É a nossa raça condensada num indivíduo¹⁰⁹.

1.3 Perspectivas sobre a obra de Alfredo de Freitas Branco

Embora o objectivo central deste trabalho seja a análise da promoção e da preservação da memória cultural madeirense, na obra do Visconde do Porto da Cruz, consideramos fundamental percorrer alguns aspectos da obra do autor, pelas articulações que se podem estabelecer entre a sua escrita e o seu pensamento sobre os problemas que afectavam a sociedade da época.

Para a realização das breves considerações aqui apresentadas, foi de grande utilidade a leitura de uma parte significativa das obras do autor e artigos de periódicos da época, nos quais podemos observar a receptividade dos livros do escritor madeirense, no seu tempo. Estas leituras foram fundamentais, visto a inexistência de bibliografia crítica sobre a obra do Visconde do Porto da Cruz, não nos permitir realizar um estudo mais desenvolvido, no que concerne às suas criações literárias.

A obra de Alfredo de Freitas Branco cruza diferentes fases da sua vida, reflectindo, por isso, aspectos que se prendem com as suas vivências. Sendo autor de uma vasta obra, fazem parte da sua bibliografia textos de diferentes temáticas e de estilos literários diversos, entre os quais, romances, novelas, contos, teatro, biografias, memórias, política, etnografia e estudos da natureza.

Nos seus romances era frequente narrar factos históricos, muitas vezes ligados a acontecimentos vividos por si. É o caso do seu livro de estreia, *O destino: romance histórico* (1915). O livro contém rigorosa informação histórica e foi classificado pelo próprio autor como romance histórico. É um livro pouco volumoso, com apenas sessenta e três páginas, como aliás, era a tendência da época. Era um tempo em que surgiam muitas publicações, escrevia-se e publicava-se muito, graças ao desenvolvimento da imprensa,

¹⁰⁹ [não assinado], “Lendas e Monumentos da Madeira”, *Diário de Notícias*, nº 15177, 21-12-1924.

mas não havia livros de grande volume¹¹⁰. Alfredo de Freitas Branco dedicou o livro à memória do seu tio, João de Freitas Branco, por quem tinha grande estima, como revela em vários textos¹¹¹. Este e outro livro, surgido dois anos depois, *No exílio: scenas da vida dos conspiradores monarchicos* (1917), são obras que revelam um autor fortemente marcado pelos últimos acontecimentos políticos, nomeadamente o seu envolvimento na luta pela Causa Monárquica, resultando assim, numa escrita fortemente biográfica.

As consequências das transformações políticas no país, especialmente a viragem para o regime republicano, bem como a participação activa nos combates pela Monarquia, inspiram as primeiras obras literárias de Freitas Branco, marcadas pela sua ideologia integralista.

É nesta conjuntura que vem a público, em 1915, o seu primeiro livro. Neste livro inaugural da carreira do escritor, são narrados alguns episódios das incursões e uma parte da vida dos conspiradores monárquicos na Galiza, por onde andou o próprio autor. A acção é curta e conta a história de um conspirador, fiel aos seus ideais tradicionalistas. Rodrigo de Sequeira, o protagonista, casa por conveniência e tem um filho. A esposa adoece e vai procurar a cura no clima da ilha da Madeira. Rodrigo parte para a Galiza e encontra-se nas hostes de Paiva Couceiro. Toma parte nas incursões monárquicas e, após o combate de Chaves, é levado preso para Cuenca, de onde pouco depois segue para França, onde reencontra a sua esposa. Mais tarde trai a esposa e acaba por se separar. Um dia o filho vem visita-lo e, ao brincar com um revólver, mata o pai. Este final trágico foi a forma que o autor escolheu, para demonstrar as consequências de levar uma vida desregrada, fora das tradições familiares, imprimindo uma vertente moral ao seu romance. No outro livro, *No exílio* (1917), Freitas Branco recorda parte da sua vida passada no exílio, em Espanha, onde foi montada uma conspiração monárquica, na qual participou, junto com outros camaradas, e ainda narra alguns episódios da sua vida de exilado em França.

Os novos costumes introduzidos na sociedade, com o triunfo da revolução liberal e com a implementação do regime republicano, também inspiraram o autor a escrever os seus primeiros romances. Em *Anna Clara* (1916) e *Charcos* (1917), Freitas Branco elegeu para protagonista uma personagem feminina para compor o seu universo ficcional. A mulher afastada dos deveres domésticos, desprezando as crenças e as tradições, absorvida

¹¹⁰ A este propósito, veja-se José Mattoso (1994a), pp. 536-539.

¹¹¹ A este propósito, veja-se, por exemplo, V.P.C. (1950) “Dr. João de Freitas Branco”, *Das Artes e da História da Madeira*, Vol. I, Nº 4, Funchal, p. 40.

na luxúria e na devassidão, que se deixa arrastar por uma vida de vícios e de excessos. Através da protagonista, o autor faz uma auscultação à sociedade da época, tendo um propósito moral e procurando a identidade da alma portuguesa que se teria perdido com o liberalismo. O escritor pretendia por a nu os vícios da sociedade do seu tempo e mostrar que existia outra alternativa aos novos costumes liberais. Procurava a pura e tradicional alma portuguesa, capaz de dar sentido à consciência nacional, o que era justamente a orientação do tradicionalismo defendido pelos integralistas.

A protagonista de *Anna Clara* (1916), alienada dos valores morais, dos sentimentos da família e da tradição, que se deixou arrastar por todos os excessos mundanos, cumpre o fim que lhe destinou o autor, ou seja, de realçar as doutrinas do Integralismo Lusitano. A obra, com trinta e uma páginas, tinha ainda um propósito moral, ao procurar mostrar a importância da família, da indissolubilidade conjugal, tentando combater o adultério.

Em *Charcos* (1917), a mesma crítica à mulher liberal, mas acrescentando um elemento político ao romance, narrando a Revolução de 14 de Maio (de 1915). O autor encarnou em Maria Clara, a protagonista, as mulheres portuguesas conspurcadas de influências nefastas, que iam buscar ao romantismo de além-fronteiras, nomeadamente de França, país onde esteve exilado. Ao matar a protagonista, no final, o jovem integralista pretendia mostrar as consequências das revoluções na Nação portuguesa, procurando demonstrar que as revoluções traziam desorganização e desgraça ao país.

A sociedade retratada nestes romances teria sido, segundo o autor, responsável pela revolução de 5 de Outubro e pela consequente queda da Monarquia. Ao trazer a público estes trabalhos, AFB pretendia provocar uma reacção contra o que considerava ser a decadência em que a raça portuguesa se afundava. E esta reacção, o autor conseguiu, pelo menos na imprensa da época, que dedicou ao jovem escritor madeirense, diversos textos de crítica literária, nos vários periódicos então existentes¹¹².

Os primeiros anos como escritor revelam o jovem Freitas Branco, como um observador atento da sociedade e crítico quanto aos novos costumes. Freitas Branco julgava que a sociedade tinha sido corrompida pela revolução liberal, ideias aliás,

¹¹² Dos periódicos que noticiaram e criticaram as primeiras obras de AFB destacamos: *A Monarquia; A Nação; A Ordem; A Tradição; Almansor; Diário da Madeira; Diário de Notícias; Diário Nacional; Gazeta de Coimbra; Imparcial; Notícias de Évora; O Paiz; O Povo; O Progresso; O Dia; Pátria Nova; Progresso da Feira; Republica; Ridículos; Trabalho e União; Universo e Vanguarda*. Cf. ARM – Espólio do Visconde do Porto da Cruz, cat. 67, ex. 4. (“Críticas aos Trabalhos de Alfredo de Freitas Branco (Visconde de Porto da Cruz)”).

defendidas pelo IL. Este pensamento serviu para o autor tornar esta temática como sustentáculo da sua obra, na sua primeira fase de afirmação, como homem de Letras. As suas convicções levaram o jovem escritor a se envolver na vida social e a alertar para as mudanças que estavam a acontecer no seu mundo e combater aquelas que vinham embater com as suas próprias crenças.

O tempo passado em França teria influenciado o pensamento de AFB, como se percebe, nos seus primeiros textos. Em Paris, assistiu a peças de teatro, e como admirador da nova corrente moralizadora francesa, ficou encantado com a peça *Le Tribun*¹¹³, de Paul Bourget, que atacava o socialismo e as suas doutrinas. Assim, o autor também se aventurou no universo do género dramático apresentando, em 1919, *Madrinha de guerra: comédia em um acto* e a peça de teatro *Auto da Primavera* (reeditado em 1950)¹¹⁴. Esta última contou com a colaboração do primo, Luís de Freitas Branco¹¹⁵, que compôs as músicas, e foi inspirada no conto *O Inverno durava há muito*, da autoria da sua tia Raquel Jardim de Castro, 2ª. Condensa de Nova Goa¹¹⁶. Em 1922 publicou *A canção de Solveig: peça em 3 actos*, onde debatia um problema de ordem moral, condenando a lei do divórcio e dando à tradição religiosa o triunfo sobre as paixões. Com esta última peça fechava o ciclo de publicações neste estilo literário¹¹⁷.

Após a abordagem feita aos livros publicados neste período, podemos afirmar que estas obras revelam a ânsia do autor em protestar contra as ideias liberais predominantes na sociedade portuguesa do primeiro quartel do século XX. Estas obras têm em comum uma vertente moral, uma vontade de afirmar a importância das tradições, da família e da religião, defendidas pelos ideais do IL. Os livros desta fase da sua vida espelham as suas

¹¹³ A peça *Le Tribun* esteve em cena em 1911, no teatro parisiense de Vaudeville, ano do exílio de Alfredo de Freitas Branco, por terras francesas. Freitas Branco referiu a sua admiração por esta peça e ainda por *La Crise*, de Paul Bourget e André Beaunier, que assistiu no teatro Porte Saint Martin (em cena em 1912). Cf. [não assinado], “Entrevista de Arte – O que nos diz um escriptor monarchico – Sobre o integralismo em Portugal”, *Diário da Madeira*, Nº 1753, 07-01-1917, p.1.

¹¹⁴ A primeira edição teve apenas 200 exemplares, numerados e autografados pelo autor. O livro foi editado pela segunda vez, segundo o V.P.C., devido ao pedido de alguns amigos seus. V.P.C. (1950a), p. [4].

¹¹⁵ A este propósito, atente-se ao comentário do V.P.C.: “O Professor Luís de Freitas Branco viveu, com seus Pais e seus irmãos, muitos anos no Funchal e aí escreveu uma série de contos [...] e fez valiosos estudos e composições musicais. Em 1935 escreveu e orquestrou as músicas populares do Arquipélago da Madeira [...]. Entre os Compositores modernos conquistou uma grande notabilidade e figura na colectânea onde um editor belga reuniu os principais compositores de músicas para Órgão”. Cf. V.P.C. (1953b), p. [258]. Veja-se ainda nota biográfica no anexo I.

¹¹⁶ V.P.C. (1950a), p. [3].

¹¹⁷ Podemos encontrar no seu espólio, manuscritos de peças de teatro, não editadas, cuja autoria é atribuída ao V.P.C.: (1919), *A Confidência*, Cat. 67, Cx.8 e (s.d.), *Quinta da Camélia*, Cat. 67, Cx.8.

ideologias políticas e traduzem as influências do pensamento de Charles Maurras, em voga na França.

Mais tarde, o seu olhar atento à sociedade levou o autor a escrever *Esboços* (1926), um livro de contos, que é também um importante instrumento que permite analisar certos costumes da sociedade da época, desde as modas, às infidelidades conjugais e outros comportamentos, segundo a óptica do autor. Ao longo dos dezassete contos, o Visconde apresenta alguns tipos sociais, como os soldados que voltavam da guerra, muitos inválidos, heróis nacionais que ficavam esquecidos, na miséria, após terem combatido pela sua pátria, no conto “Os Mutilados”, ou ainda, analisa a forma como as mulheres se vestiam, conforme a sua profissão, em “O físico da profissão nas Mulheres”. A este respeito é de salientar a opinião da crítica literária, que considerou uma obra moderna, no qual, o seu autor soube “com fina ironia, vergastar aqueles que, por qualquer eventualidade ele acha[va] que mereciam sentir as pontas do látego da crítica”¹¹⁸.

Depois de um silêncio de dois anos, o Visconde retratou, no seu novo livro, *Um escândalo "elegante": novela satírica* (1928), a elite de Lisboa. Na capital encontrou, uma vez mais, as figuras excêntricas da sua novela, expondo o ridículo e a moral de uma classe social que estava a ascender – os novos-ricos.

Em finais do século XIX e inícios do século XX estava muito em voga a publicação de folhetins¹¹⁹ nos periódicos, pelo que, o Visconde do Porto da Cruz também se lança nessa experiência. No *Independência*, publicou, em 1928, dois folhetins: *Manhã de Primavera – Comédia em 1 acto* e *O Ciclone – Romance Regional*. Estes foram, no entanto, de enredo muito curto, pois ambos saíram em apenas quatro números daquele periódico¹²⁰.

Em 1934, o autor fez sair *A viagem aventureosa de Suvenine Boliface a Zelztrufs*, uma obra humorística, revelando caricaturas de uma realidade do país e levando o leitor a

¹¹⁸ Cf. ARM – Espólio do Visconde do Porto da Cruz, cat. 67, cx. 4. (recorte de *A Guerra*: [não assinado], “Crítica Literária”, *A Guerra*, [nº omissos], 1927).

¹¹⁹ Era muito comum, na época, os periódicos terem uma rubrica, normalmente publicada diariamente no espaço inferior das páginas de jornais, conhecida como “folhetim”. O termo “folhetim” designava um artigo, crítica literária, crónica ou um romance, publicado diariamente no espaço inferior das páginas de jornais. Este espaço era preenchido principalmente por longos romances publicados como séries, apesar de por vezes surgirem artigos humorísticos, científicos, poesia, culinária. Autores consagrados como Alexandre Herculano e Almeida Garrett publicaram obras narrativas em folhetim, mas foi Camilo Castelo Branco, o autor que mais publicou romances neste formato.

¹²⁰ O folhetim *Manhã de Primavera – Comédia em 1 acto*, foi publicado no *Independência*, do nº 1 (10-06-1928) até ao nº 4 (01-07-1928); *O Ciclone – Romance Regional*, desde o nº 5 (08-07-1928) ao nº 8 (04-08-1928).

meditar sobre as futilidades e as ilusões da vida moderna da época. Podemos acrescentar que sobressai na obra a análise dos costumes e situações da vida do povo de “Zelstrufs” e de “Trampislandia”, um continente e uma ilha, pertencentes a um planeta imaginário. O Visconde descreve a vida desse continente, a sua moral, as intrigas, os amores e as festas, as modas, a política, o jornalismo e a arte. Num simbolismo irónico, refere a vida de um dos domínios adjacentes de “Zelstrufs”, uma ilha com grandes montanhas e muito verde, a “Trampislandia”, numa pequena viagem feita por “Suvenine Boliface”, o protagonista do romance. A ilha, cuja capital, “Xatóburgo”, situada numa baía, é habitada por um povo semelhante ao de “Zelstrufs”. Irritado por fim, com a vida medíocre daquele planeta, “Suvenine Boliface” volta ao Planeta Terra. Deste modo, procurou satirizar e ridicularizar a sociedade, de forma divertida. Em paratexto, pode ler-se a máxima latina *Ridendo castigat mores* (rindo castigam-se os costumes), celebrizada pelo dramaturgo francês Jean-Baptiste Poquelin (Molière), para criticar os costumes da sociedade a que pertencia.

No ano seguinte, recorrendo de novo ao humor, o Visconde apresentou *Os primos Teixeira: fantasia humorística* (1935), seguindo a mesma linha de orientação, no seu habitual estilo perspicaz e crítico. Em 1943 publicou *O romance de Ana Clara* e na década de 50 publicou ainda três romances: *O mistério de João Cristóvão: romance* (1950); *Fantoches* (1951), onde criticou os políticos (com uma 2ª edição em 1952) e *A revolta: romance* (1954). Ainda na década de 50, destacamos *No mundo dos bichos* (1951), um livro de contos, no qual se descreve como os animais são capazes de demonstrar carinho e podem servir de exemplo para algumas pessoas. É também um livro que revela exemplos morais dados pelos animais. O livro foi estruturado em duas partes: na primeira parte são narrados episódios passados na Ilha da Madeira, sendo provável que tivessem sido presenciados pelo Visconde, mostrando como é possível o convívio salutar entre os homens e os animais de qualquer espécie e até, como os animais podem servir de referência pela sua solidariedade, amizade, amor, inteligência ou generosidade; na segunda parte do livro, os episódios narrados são vividos fora da Ilha, por onde o autor andou, em diversas fases da sua vida, desde a revolução de 1910 aos tempos vividos na Alemanha, durante a II Guerra Mundial. A propósito deste livro, atente-se às palavras de Aguiar (1952), que o recomendou como leitura para as escolas, no intuito de contribuir para a formação da personalidade das crianças:

[...] Repasto salutar e rico, este livro recomenda-se pelos altos exemplos morais de que é lição e texto. A sua leitura e meditação escolar em muito viria contribuir para uma mais sólida formação do carácter e uma mais segura construção humanado sentimentalismo nos futuros homens de amanhã¹²¹.

Alfredo de Freitas Branco passou grande parte da sua vida em Lisboa, tomou parte activa na vida social da capital e observou de perto o modo de viver da comunidade local. Estas vivências contribuíram para criar personagens para os seus romances, inspiradas em pessoas das suas relações, ou de situações que presenciou. Denota-se por isso, uma visão perspicaz da sociedade, sendo esta sociedade retratada, nos seus livros, de forma crítica. Utiliza uma linguagem simples, mas são evidentes as suas crenças políticas, sociais e morais.

Além das obras literárias que escreveu, há ainda a destacar os seus estudos etnográficos, políticos, sobre a natureza, economia e turismo, relacionados com o arquipélago da Madeira. Quanto aos seus estudos etnográficos, uma temática deveras cara ao Visconde, será abordada com mais detalhe no próximo capítulo, pois este é o ponto central do nosso trabalho. Por ora, apenas indicamos que a maior parte destes estudos veio a público nos anos 50, do século passado. Importa ainda salientar que, estes volumes, com um número de páginas reduzido (entre as 15 e as 38), não deixam por isso de mostrar as tradições populares e o modo de viver do povo ilhéu. A excepção é para o livro *Folclore madeirense* (1955), com 290 páginas. No entanto, é de realçar que se trata de um volume onde se reúne um conjunto de textos sobre as tradições madeirenses, já anteriormente publicados, em periódicos e opúsculos. O livro foi, assim, dividido em 14 capítulos: I - Lendas; II - Crendices e superstições, III - Trovas e Cantigas; IV- Danças e Músicas; V - O Trajo; VI - Culinária e Doçarias; VII - A Medicina Popular e a Flora; VIII - A Fauna Terrestre; IX - A Fauna Marítima; X - Colombo no Arquipélago da Madeira; XI - A Imperatriz e a princesa Imperial do Brasil na Madeira; XII - O Arquipélago da Madeira no Testamento do Infante; XIII - Indústrias Regionais; XIX - Monumentos.

Em 1958, o autor traz a público a comunicação *Teria sido S. Martinho de Dume o patrono dos templos de S. Martinho do Funchal*, feita no âmbito das comemorações do XIV Centenário da Chegada de S. Martinho de Dume à Península Ibérica, e na qual refere os primeiros povoadores da Madeira, como sendo de origem minhota, e que teriam trazido os costumes da sua terra, entre eles a veneração pelos Santos, com destaque para S.

¹²¹ Cf. Fernando de Aguiar (1952), p. 59.

Martinho de Dume. Menciona ainda uma lenda relacionada com São Martinho de Dume, seguindo uma breve história sobre a construção da primeira Capela de São Martinho na Ilha da Madeira.

Contudo, não podemos deixar de referir outros livros, abordando os assuntos de carácter político e de memórias, entre os quais destacamos a obra *Paixão e morte de Sidónio* (1928), onde se recorda a figura de Sidónio Pais, desde o momento da sua morte até ao advento da Ditadura militar, com o golpe de 28 de Maio de 1926. Neste livro, o Visconde descreve os acontecimentos políticos, decorridos num agitado período da vida política portuguesa, presenciados por si. Na altura do assassinato de Sidónio Pais, Alfredo de Freitas Branco era um jovem aluno da Escola de Guerra portuguesa. Ele e outros cadetes tornaram-se grandes amigos e homens de confiança do “Presidente-Rei”, por quem nutriam uma enorme admiração. Por sentir uma grande afeição pela figura de Sidónio Pais escreveu um livro em sua honra, como já referimos. As tentativas revolucionárias dos partidos políticos, as intrigas e a política interna e internacional do Presidente, o crime do Rossio, os assassinos, a indignação popular, as juntas militares, a “Monarquia do Norte”, o 18 de Abril e o 28 de Maio, são alguns dos temas expostos no livro. É um livro que consideramos de valor para a nossa História política, por conter subsídios sobre acontecimentos ocorridos num período conturbado da História portuguesa e que podem ser explorados por investigadores interessados.

Anos mais tarde, do seu contacto directo com os acontecimentos da II Guerra Mundial, ao serviço da Alemanha, resulta três livros de memórias políticas: *Como vi o fim da guerra na Alemanha* (1946); *Memórias da guerra na Alemanha* (1954) e *Contos vividos na guerra* (1954). Embora os dois primeiros, sejam narrativas de factos ocorridos, durante o tempo que o Visconde viveu na Alemanha, em período de guerra, o último apresenta uma visão romântica, de alguns episódios, eventualmente vividos ou presenciados por si, naquele conturbado período, narrados ao longo dos quinze contos que compõem o livro. O Visconde chegou a admitir que devia uma explicação “clara e precisa, a todos aqueles que nestes últimos anos de guerra tiveram a paciência de ler os [seus] artigos ou de ouvir as [suas] «palestras»” durante o período em que esteve na Alemanha (de Maio de 1944 a Julho de 1945)¹²².

¹²² V.P.C. (1946a), p.7

Continuando a linha de orientação pelos seus estudos de teor político e de memórias, há ainda a ter em conta os livros *Olhando o passado... considerando o futuro* (1949) e *A política social na lição de história* (1953), nos quais o autor vinca a importância do passado histórico da Nação portuguesa. Neste sentido, apresenta uma relação de acontecimentos passados em Portugal, desde a Revolução de 1910, especificamente “para aqueles que se esqueceram e para os que desconhecem o que foi a vida dos portugueses na Republica-velha”¹²³: alterações da ordem pública; tumultos; escândalos; assassinatos políticos; agressões políticas; violências; assaltos (a jornais, centro católico, teatro, igrejas, casas particulares); mudanças de governo; greves gerais e parciais; assaltos de carácter económico e violências contra operários, afirmando ainda que “este era o clima em que se viveu durante 16 anos de Republica democrática”¹²⁴.

Outros assuntos também do interesse de Porto da Cruz foram os relacionados com a Natureza, a agricultura, a indústria e o turismo madeirenses. Neste grupo salientamos a publicação do seu estudo sobre *A fauna terrestre do arquipélago da Madeira* (1937), uma separata da *Revista Brotéria*, na qual, em 21 páginas, apresenta a fauna que se encontra habitualmente na Madeira, acreditando que muitas espécies deveriam ter desaparecido, quando os descobridores atearam fogo à ilha. Neste sentido, refere as aves e os mamíferos, mencionando os exemplares que se encontravam no Museu Regional. Inclui ainda um catálogo referente às aves que habitualmente se encontram na Madeira e que formam a fauna ornitológica da Madeira.

Realçamos ainda *Fauna marítima, Madeira* (1934)¹²⁵, um opúsculo onde o autor descreve várias espécies de peixes dos mares da Madeira e dá a conhecer alguns instrumentos usados pelos pescadores¹²⁶. No livro são descritas várias espécies de peixes, crustáceos, moluscos, invertebrados e um mamífero. Segundo a crítica da época, “É um livro-catalogo que interessa a quem visitar o Museu Regional, pois que os números que acompanham a descrição de cada peixe, condizem com os colocados no calço em que assentam os exemplares expostos no mesmo Museu”¹²⁷. Tanto a fauna terrestre como a fauna marítima despertou-lhe o interesse, pelo que foi gradualmente recolhendo elementos,

¹²³ *Idem* (1949b), p.12

¹²⁴ *Ibidem*, p.28

¹²⁵ O livro teve uma 2ª edição em 1940, sob o título, *A fauna marítima da Madeira*.

¹²⁶ Refira-se, por exemplo, a título ilustrativo: “AGULHEIRA – É o *engenho* para pescar certos peixes da profundidade média” (itálico do autor). V.P.C. (1934), p. 4.

¹²⁷ ARM – Espólio do Visconde do Porto da Cruz, cat. 67, Cx. 4. (“Críticas aos Trabalhos de Alfredo de Freitas Branco (Visconde de Porto da Cruz)”).

directamente das suas observações e com o convívio com os pescadores, com quem admitiu ter aprendido muito. Também destacou as análises feitas por si, aos estudos existentes e às informações que lhe transmitiram alguns estudiosos, como Adolfo de Noronha, Alberto Artur Sarmiento e o Padre Alphonse Luisier. Destacamos ainda o desabafo do Visconde, que dedicou muitos anos ao estudo sobre a vida dos animais do arquipélago e afirmando que, um dia surgiria um trabalho mais completo, sem estas dificuldades que ele teve de superar¹²⁸.

De destacar ainda o seu estudo literário à obra do escritor norueguês Henrique Ibsen, em *A revolução literária de Ibsen* (1937), na qual o Visconde apresenta uma biografia de Ibsen e dá a conhecer aspectos da sua obra, que vai desde a poesia às numerosas peças de teatro, fazendo também uma pequena análise a várias peças de teatro do dramaturgo norueguês¹²⁹.

Nesta nossa abordagem ligeira à vasta obra do autor, não podemos deixar de fazer referência à grandiosa obra de *Notas & comentários para a história literária da Madeira*, um estudo que o Visconde realizou, de biografias de escritores, jornalistas e músicos madeirenses, incluindo a sua autobiografia, reunidas em três volumes, cada um correspondendo a um período, que vai desde 1420 até 1952. Sendo que: o 1º vol. - 1º Período: 1420-1820 foi publicado em 1949; o 2º vol. - 2º Período: 1820-1910, em 1950 e o 3º vol. - 3º Período: 1910-1952, em 1953. Estes constituem valiosos documentos de consulta, para o conhecimento de madeirenses que marcaram, de alguma forma, o meio intelectual madeirense. Pela importância que estes volumes representam para a cultura madeirense, bem como pelo contributo para o estudo da sua história literária, estes serão abordados numa perspectiva mais ampla e análise mais profunda, noutra parte desta dissertação, pois aqui reside outro aspecto fundamental do nosso trabalho.

O percurso aqui seguido consistiu em apresentar um traçado breve da criação literária de Alfredo de Freitas Branco integrado na sua época, de envolvimento em ideologias políticas e revolucionárias que marcaram a escrita do autor. Porém, à parte as suas ideologias e as polémicas por si encetadas, não podemos deixar de louvar o seu considerável contributo para o engrandecimento da produção literária e para a cultura madeirense. Destacamos ainda o esforço financeiro do autor, pois o custo da edição de

¹²⁸ V.P.C. (1940), p. 1. Veja-se ainda notas biográficas no anexo I.

¹²⁹ A este respeito, podemos referir, por exemplo, a sua análise à peça de estreia de Ibsen, *Catilina* (1950) até a peça *Quando nós, os Mortos, despertarmos* (1899).

muitas das suas obras foram pagas pelo próprio, não tendo recebido qualquer apoio de outras entidades para financiar os seus estudos e trabalhos literários, e que referimos também, mais adiante¹³⁰.

¹³⁰ A este propósito atente-se, por exemplo, ao comentário do autor: “O esforço despendido, no respeitante à fauna marítima, especialmente, foi incalculável, pois a falta de subsídios para um estudo desta natureza prejudica-o enormemente”. V.P.C. (1934b), p. 4.

Capítulo II – As tradições e o folclore madeirenses

2.1 Breve perspectiva sobre a influência do estudo da tradição na obra do Visconde do Porto da Cruz

Tudo indica que o interesse de Alfredo de Freitas Branco pela investigação etnográfica se destacou a partir de 1920, como o próprio certifica:

Desde 1920 que me dedico ao Folclore do Arquipélago da Madeira, tendo apresentado alguns estudos na Associação dos Arqueólogos Portugueses e em várias conferências, em Lisboa e no Funchal. A «Revista Arqueologia e História» publicou parte desses trabalhos e a «Brotéria» honrou-me também apresentando estudos meus¹³¹.

Na opinião do autor, os seus estudos tiveram alguma projecção no território nacional, mas o mesmo não terá acontecido na Madeira, visto ter afirmado que encontrou dificuldades, das quais se lamentou. Neste sentido, o Visconde deu a entender que ele próprio foi, no meio madeirense, um pioneiro nestas investigações, pois garantiu que surgiram outros trabalhos de teor etnográfico, após as suas publicações. Chegou mesmo a acusar esses autores de plágio, por não citarem a fonte onde haviam bebido para realizar os seus estudos¹³².

De acordo com BRANCO (1989), o despertar do interesse por esta temática, seria idêntico na Madeira e no Continente:

O interesse pelas recolhas de tradição oral, a compilação de materiais para o estudo sistematizado da sabedoria popular, no fundo a investigação folclorista, teve um despertar no Arquipélago Madeirense que coincide historicamente com um processo análogo verificado à escala nacional¹³³.

Em Portugal, no final do século XIX, o patriotismo assentava numa cultura das tradições, dos costumes do país e nas obras de arte ditas tipicamente portuguesas. O séc. XIX caracteriza-se mesmo pelo interesse pelas recolhas sobre as manifestações culturais do povo português. Teófilo Braga¹³⁴ foi, entre outros, um dos que se revelou mais interessado nesta matéria, tendo iniciado, em 1867, os estudos sobre os usos e costumes do

¹³¹ ARM – Espólio do V.P.C., cat. 67, cx. 6/cap.21 (sublinhado no original).

¹³² *Ibidem*.

¹³³ Jorge Freitas Branco (1989), p. 270.

¹³⁴ Veja-se nota biográfica no anexo I.

povo português. A tradição, aquilo que definia e unia a nação, dotando-a de características únicas, no fundo, da sua cultura, entusiasmou verdadeiramente Teófilo. As suas pesquisas incidiam nas manifestações das vivências do povo, crenças, superstições, festas religiosas, jogos infantis, adivinhas, danças, músicas, canções e lendas históricas. Foi Teófilo Braga quem incentivou Álvaro Rodrigues de Azevedo a compilar as tradições populares madeirenses, publicando o *Romanceiro do Arquipélago da Madeira*, em 1880, que impulsionou as pesquisas etnográficas da Madeira¹³⁵. Outros trabalhos viriam a ter algum reflexo na etnografia madeirense, como os de José Leite de Vasconcelos, sobretudo através da *Revista Lusitana*, da qual era director¹³⁶. O próprio Visconde do Porto da Cruz reconheceu a importância de Leite de Vasconcelos nestes estudos, ao se referir a este autor, como um dos “Mestres autorizados”¹³⁷.

É ainda de salientar a opinião do Visconde sobre quem teria sido o pioneiro nas investigações etnográficas madeirenses. Segundo ele, João Nunes, conhecido por “Diabinho”, fora o precursor do folclore do Arquipélago, pelos trabalhos desenvolvidos sobre a música e os instrumentos regionais. O Visconde, que tomou conhecimento dos trabalhos de João Nunes através do filho do artista, referiu que tais estudos são datados de 1872. Os estudos de João Nunes, sobre música tradicional madeirense de viola e de rajão, levaram o Visconde a concluir “que foi ele o precursor, o que primeiro estudou e publicou a música regional do Arquipélago da Madeira”¹³⁸.

No princípio do século XX, com o desenvolvimento dos movimentos nacionalistas, que se destacam pela defesa do património cultural, ganham relevância os integralistas, onde estava inserido, como já referimos, o Visconde. As tradições suscitaram o interesse de vários grupos (políticos, companhias comerciais e estratos sociais que estavam a ascender socialmente, como médicos, advogados e comerciantes), que procuravam um conjunto de referências, no passado do povo português, que os identificasse como povo, valorizando as suas raízes culturais e desenvolvendo desta forma, a ideia de cultura na época. Esta demanda não era inédita em Portugal, era também o que estava a se passar na Europa e que os intelectuais portugueses procuravam implementar no país. As tradições

¹³⁵ Cf. Jorge Freitas Branco (1989), p. 270-271.

¹³⁶ A este propósito, veja-se Jorge Freitas Branco (1989), p. 272 e José Mattoso (1994a), pp.580-581. Veja-se ainda notas biográficas no anexo I.

¹³⁷ V.P.C. (1958a), p. 9.

¹³⁸ *Idem* (1942), “João Nunes (Diabinho), O precursor do «folclore» madeirense”, *Revista Portuguesa*, N.º 23, p. [18].

passaram, assim, a ser encaradas como uma moda e até nas construções do país se procurava um estilo nacional, com azulejos e outros motivos tradicionais¹³⁹.

Foi, portanto, neste ambiente de exaltação nacional, e também motivado pela ideologia integralista, que no Visconde do Porto da Cruz despertou o interesse pelas tradições populares, levando-o a iniciar a investigação do folclore do Arquipélago da Madeira.

Numa época em que se procurava afirmar a nacionalidade lusitana pelos usos e costumes do povo, o autor, a par do que se estava a fazer a nível nacional, contribui para mostrar o Portugal das regiões, promovendo as tradições populares da sua terra. Outros autores madeirenses se destacaram neste movimento, como foram os casos do Padre Fernando Augusto da Silva, que teve no *Elucidário Madeirense* (1921) a sua grande obra, e Alberto Artur Sarmiento, este numa componente mais histórica¹⁴⁰. Este último e também o folclorista Antonino Pestana foram, aliás, referidos pelo Visconde, por considerar que tinham prestado uma valiosa colaboração nas suas próprias investigações, ao fornecerem dados importantes sobre as tradições populares¹⁴¹.

Segundo BRANCO (1989), os assuntos de âmbito folclórico tiveram mais expressão na Madeira a partir de 1930. Entre os autores que mais se evidenciaram nesta área, com trabalhos publicados, estão Carlos Maria dos Santos, o Padre Manuel Juvenal Pita Ferreira, Alberto Artur Sarmiento e o Visconde do Porto da Cruz¹⁴².

A este respeito, veja-se o que disse o próprio Visconde, numa conferência realizada em 1936, na Casa de Entre-Douro e Minho, sob o título *A Madeira nos Luzíadas*, ao afirmar, quer a sua hesitação em aceitar o convite, quer a circunstância de se considerar “um modesto folclorista (*sic*)”¹⁴³. Nesta intervenção, procurou analisar Camões numa perspectiva etnográfica, apresentando a forma como aquele descreveu “os costumes, as regiões e o pitoresco das narrativas”. Na sua opinião, esta era uma possibilidade nova do estudo da obra do poeta, o “Camões folclorista”, como o designou.

¹³⁹ Cf. José Mattoso (1994a), pp. 565-581.

¹⁴⁰ Cf. Jorge Freitas Branco (1989), p. 271-272.

¹⁴¹ V.P.C. (1942), “João Nunes (Diabinho), O precursor do «folclore» madeirense”, *Revista Portuguesa*, N.º 23, p. [17]. Veja-se ainda notas biográficas no anexo I.

¹⁴² Cf. Jorge Freitas Branco (1989), p. 272. Veja-se ainda notas biográficas no anexo I.

¹⁴³ ARM – Espólio do V.P.C., cat. 67, Cx. 6/cap.15 – Apontamentos da Conferência proferida pelo V.P.C., no dia de Camões, na Casa de Entre-Douro e Minho, sob o título *A Madeira nos Luzíadas*. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

Saliente-se que grande parte da actividade cultural do Visconde insere-se num período da História de Portugal, na vigência do Estado Novo, destacando-se o surgimento, em 1933, do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), um organismo ao serviço do Governo, dirigido por António Ferro¹⁴⁴. O SPN, cujo foco principal era o de procurar a “identidade nacional”¹⁴⁵, tinha como missão despertar no espírito dos portugueses o interesse para os assuntos relacionados com a cultura popular, pelo que se procurava representar uma faceta “de um país rural”.

Para o desenvolvimento do projecto do SPN, múltiplas actividades culturais foram envolvidas, por uma vasta equipa de intelectuais e artistas, em áreas como “a imprensa, a literatura, a arte, o cinema, o teatro e a radiodifusão”. Saliente-se que o regime político incitava os artistas a adoptar um estilo clássico, procurando sempre revelar os “traços mais singulares e «pitorescos» da «raça lusitana»”. Neste sentido, a acção do SPN, que também ficou conhecida pela «Política do Espírito», estimulou a criação de prémios, patrocinou exposições nos domínios das artes plásticas, promoveu a participação em grandes eventos internacionais e nacionais, como por exemplo, na Exposição internacional de Paris (1937) ou a Exposição Histórica do Mundo português (1940)¹⁴⁶.

É portanto, neste quadro, que pressupomos o interesse do Visconde do Porto da Cruz, pelos temas de carácter etnográfico e folclórico, fazendo recolhas que ajudou a promover e a preservar, numa época em que o país estava a dar uma maior atenção à cultura popular e às tradições portuguesas.

2.2 Relevância das recolhas etnográficas

O interesse do Visconde do Porto da Cruz pela vida popular madeirense foi manifestado em vários textos, que o levaram mesmo a considerar o seu folclore interessante e original, revelador de aspectos da vida popular¹⁴⁷.

Nas suas recolhas etnográficas, o Visconde procurou representar quadros da vida de muitos anónimos madeirenses, especialmente do meio rural, também conhecidos por

¹⁴⁴ Veja-se nota biográfica no anexo I.

¹⁴⁵ Cf. Fernando Rosas (1996b), p.894-895. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 895.

¹⁴⁷ A este propósito veja-se, por exemplo, V.P.C. (1954c), p.27.

“vilões”¹⁴⁸. É também de relevar na sua obra, o aspecto linguístico, nomeadamente os falares característicos da população, que tentou reproduzir, na forma como eram pronunciados, para recriar as vivências particulares às situações descritas. A este respeito, atente-se às palavras de SANTOS (2008): “Na verdade, os autores da Ilha, que enveredaram pela representação da vida insular, foram sensíveis à plasticidade da expressão oral popular”¹⁴⁹, o que realça a sensibilidade que o Visconde demonstrou ter, na observação dos pormenores da vida do povo, incluindo a sua oralidade. Como exemplo desta particularidade da sua obra, ilustramos com uma trova popular: “O Xaramba foi ai lãpas/ A milher ois carangueijos/ Ei filhas ficaram im casa /Dando abraços e beijos // O Xarambinha pequeno /Rubua ei botas ao pai / P’ra ir a Sam Gonçalo/ Ver na festa que lá vai”¹⁵⁰.

Neste nosso percurso pela faceta etnográfica do Visconde do Porto da Cruz, destacamos as palavras de AGUIAR (1952), que se referia ao autor madeirense nestes termos:

Ao Senhor Visconde do Porto da Cruz muito deve a cultura portuguesa contemporânea, particularmente a nossa cultura popular vista e proficientemente analisada através dos seus magníficos e valiosos ensaios etnográficos e de investigação da alma das nossas gentes, nos monumentos, nas lendas, nas suas superstições e crenças, na lei dos seus costumes, usos e devoções¹⁵¹.

Contudo, a recolha dos elementos etnográficos não terá sido uma tarefa fácil para o Visconde, pois o próprio confessou ter encontrado dificuldades, especialmente junto do povo, nomeadamente a desconfiança dos populares, quando tentava tirar notas das manifestações culturais que presenciava. Os camponeses madeirenses evitavam falar sobre as suas tradições, sentindo por isso, “dificuldades incalculáveis para esclarecer dúvidas ou para obter elementos para o estudo e investigação dos velhos usos e costumes”¹⁵². O Visconde afirmou que até chegou a pensar desistir e julgava que Eduardo Antonino

¹⁴⁸ O V.P.C., nos seus textos de teor etnográfico madeirense, refere frequentemente os “vil(h)ões”, que eram os populares que habitavam no meio rural. Cf., por exemplo, V.P.C. (1954g), p.5

¹⁴⁹ Cf. Thierry Santos (2008), p.136.

¹⁵⁰ V.P.C. (1954d), p.13. A este respeito consulte-se os textos sobre as credices, danças, músicas e trovas madeirenses, por serem os textos onde se encontram mais exemplos ilustrativos dos falares característicos da ilha, que o Visconde tentou reproduzir. Cf. V.P.C. (1954c, 1954d, 1954g e 1955a).

¹⁵¹ Fernando de Aguiar (1952), p. 57.

¹⁵² V.P.C. (1954g), p.5. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

Pestana, Alberto Artur Sarmiento, Padre Eduardo Pereira¹⁵³ e Adolfo de Noronha se tinham deparado com as mesmas dificuldades, ao desenvolver os seus “trabalhos notáveis sobre o Arquipélago”.

Na opinião de Porto da Cruz, foram vários os elementos que fundaram o folclore madeirense, como refere nos seus textos sobre a cultura insular, tomando como ponto de partida os povoadores que chegaram ao arquipélago, nos séculos XV e XVI, de diferentes nacionalidades e origens, que teriam influenciando a cultura local com as ideias e costumes dos seus países. Refere ainda que, mais tarde, chegaram à ilha, mouros, castelhanos e outros colonos que formaram uma conjugação de elementos na variedade do folclore do arquipélago. No entanto, apesar de todas estas influências, o Visconde afirmou que foi sempre o carácter português a dominar os estrangeiros, o que predominou na matriz cultural madeirense¹⁵⁴.

Estas reflexões servem de ponto de partida para a escrita de vários textos, de teor etnográfico e folclórico, a partir das recolhas que fez no arquipélago da Madeira. Além dos textos, o Visconde participou em conferências, nas quais deu a conhecer a cultura popular da sua terra. Assim, neste capítulo, abordamos com mais detalhe, esta faceta do Visconde, apresentando, de forma breve, o conteúdo da obra do autor, nesta vertente da cultura popular.

2.2.1 Lendas, superstições e crendices

As lendas madeirenses, narrativas da tradição oral, foram sendo transmitidas por gerações consecutivas, constituindo, a par das superstições e das crendices, uma parte do património cultural imaterial madeirense.

Nos dicionários, os vocábulos “superstição” e “crendice” apontam para sentimentos baseados no temor e na ignorância, preconceitos e crenças populares sem fundamento e absurdas. Embora sem assentarem numa lógica devidamente fundamentada, as crenças e as superstições, segundo o Visconde, eram aceites pela maioria da população madeirense como verdades absolutas. O povo confiava nessas crenças e superstições, que passavam de

¹⁵³ Veja-se nota biográfica no anexo I.

¹⁵⁴ A este respeito veja-se os textos onde o Visconde refere as influências no folclore madeirense: V.P.C. (1924, 1954c, 1954e 1955^a e 1955b).

geração em geração e, à época do Visconde do Porto da Cruz, marcavam o quotidiano insular, especialmente no meio rural, embora, de uma forma geral, acabassem por abranger toda a sociedade. A este propósito, atente-se à reflexão do Visconde:

[...] as Crendices ou as Superstições têm sempre um lugar preponderante, tornando-se curioso notar que, saindo do meio essencialmente popular dos campos e das oficinas, vão invadir, embora disfarçadamente, as diversas esferas sociais, dominando, com tirania, até, mesmo aqueles que de alto as encaram com um sorriso¹⁵⁵.

Na verdade, foi junto do povo que o Visconde procurou estudar estas manifestações culturais, compilando dados, resultado tanto das suas recolhas, como das informações recebidas de amigos seus¹⁵⁶. O seu trabalho foi escrito e publicado, pelo que é de valorizar o empenho que teve, em perpetuar registos que nos conduzem a uma identidade colectiva insular. Conferências, textos publicados em jornais e revistas e edições do próprio autor, constituíram a forma de revelar, estudar e promover crenças, superstições e lendas, radicadas nos costumes populares e na vida de muitos anónimos madeirenses¹⁵⁷.

Tudo indica que a oportunidade para promover a cultura popular madeirense terá surgido em 1924, numa conferência realizada na Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP), no dia 10 de Julho. A comunicação foi depois publicada sob o título *Algumas lendas e alguns monumentos do Archipelago da Madeira* (1924) e também no Volume III da Revista *Arqueologia e História*. Como já referimos, o interesse do Visconde do Porto da Cruz pelos assuntos de teor etnográfico do arquipélago da Madeira, despertou na década de 20, pelo que, tudo indica que esta sua intervenção, promovida pela AAP, foi a sua estreia como promotor desta vertente etnográfica madeirense¹⁵⁸.

O seu interesse pelo assunto manteve-se durante os anos seguintes, como o demonstram os textos que publicou em várias revistas. Assim, publicou uma série de

¹⁵⁵ Cf. V.P.C. (1954c), p. 5.

¹⁵⁶ Como já referimos, no presente capítulo (2.1), o Visconde indicou Alberto Artur Sarmiento e Antonino Pestana, como os amigos que lhe passaram informações importantes, sobre este aspecto do folclore madeirense. Cf. V.P.C. (1942), “João Nunes (Diabinho), O precursor do «folclore» madeirense”, *Revista Portuguesa*, N.º 23, p. [17].

¹⁵⁷ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadros 1e 2.

¹⁵⁸ Na *Revista Portuguesa*, de Setembro de 1942, o Visconde refere algumas conferências proferidas entre 1923 e 1936, no âmbito do folclore madeirense. Segundo o autor, em 1923, recebeu um convite de um amigo, Luiz Xavier da Costa, para participar numa conferência, sobre o folclore madeirense, na Associação dos Arqueólogos Portugueses, e decidiu apresentar as “Lendas do Arquipélago da Madeira”, um trabalho posteriormente publicado na revista *Arqueologia e História*. Cf. V.P.C., “João Nunes (Diabinho), O precursor do «folclore» madeirense”, *Revista Portuguesa*, N.º 23, pp. [17-19].

lendas madeirenses, em 1929, na revista *Ilustração Madeirense*¹⁵⁹; entre Março e Maio de 1939, na *Revista Portuguesa*¹⁶⁰ e entre Outubro de 1948 e Abril de 1949, na revista *Das Artes e da História da Madeira*, que era publicada como suplemento semanal de *O Jornal*¹⁶¹.

Finalmente, em 1954, foi editado pelo próprio autor, o opúsculo *Lendas do Arquipélago da Madeira*, onde reúne uma série de estudos sobre o tema que havia “trabalhosamente buscado e colegido”¹⁶². Este texto integrou ainda o primeiro capítulo do livro *Folclore Madeirense* (1955). As lendas, uma parte relevante da memória colectiva madeirense, ficaram assim registadas, como o próprio autor desejava, para se poderem preservar e “para lhes dar vida para seguirem caminho até às gerações vindouras”. Este estudo constitui, assim, um importante legado do autor, para que esta vertente da cultura madeirense permaneça na nossa memória cultural colectiva.

A este respeito, julgámos fundamental percorrer alguns aspectos de tais narrativas, de forma a conhecermos o trabalho desenvolvido pelo autor. Num estilo peculiar, Alfredo de Freitas Branco, garantiu ter registado as lendas de acordo com aquilo que ouviu directamente da boca do povo, intercalando-as com comentários, descrições das belezas naturais da ilha e, ao seu estilo habitual, denunciando e criticando as situações de desleixo das entidades responsáveis, quando considerava estar em causa a preservação de um património que por cuja defesa ele tanto pugnava.

As narrativas compiladas incluem lendas de temática diversificada. Das dezassete lendas incluídas no nomeado opúsculo, encontram-se narrativas relacionadas com religião, história, lendas etiológicas e lendas de entidades míticas¹⁶³.

Sem dificuldade se percebe que o povo madeirense, religioso, incluía no seu reportório algumas lendas religiosas. De uma forma geral, estas narrativas cristãs estão relacionadas com a interferência de Nossa Senhora, de Cristo e de Santos na vida terrena. Neste sentido, referem-se como divindades o Senhor dos Milagres, a Virgem das Mercês, o Frei Pedro da Guarda, São Francisco e Nossa Senhora do Monte. Vejam-se as explicações que o povo procurava no divino para justificar a construção de templos religiosos. A este

¹⁵⁹ Consulte-se este texto no anexo II – quadro 15.

¹⁶⁰ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 21.

¹⁶¹ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 19.

¹⁶² V.P.C. (1954e), p. 8. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

¹⁶³ A propósito da classificação das lendas, veja-se Fernanda Frazão (s.d.), pp. 12-13.

respeito, o autor narra as lendas da Capela das Almas, do Convento das Mercês, de Nossa Senhora do Monte e do Senhor dos Milagres. Apresenta ainda outras lendas religiosas, relacionadas com a crença em Santos e em milagres: as lendas do Santo Servo e do Cristo do Convento de São Francisco.

Em relação à construção da Capela das Almas, afirma que, segundo a crença do popular, esta teria sido incitada por dois amigos. Assim, explica que a referida capela tivera origem num jogo de azar, no qual um destes homens perdera todos os seus bens em favor do outro. Por esta razão teria planeado assassinar o amigo. Este porém, estaria protegido pelas Almas que o acompanhavam, que teriam levado o outro a arrepender-se. Confessado o seu propósito, “logo ali combinaram construir na anfitriuosidade (*sic*) do rochedo basáltico a Capelinha das Almas, que ainda subsiste, inalterável no ângulo da Travessa das Capuchinhas”¹⁶⁴.

Na “Lenda do Convento das Mercês”, o Visconde do Porto da Cruz, relembra, com saudades, a sua própria infância, quando visitava o Convento e as Freiras. Anos mais tarde, no seu regresso à terra, após uma ausência da ilha, fica impressionado por já não encontrar o Convento, que foi destruído após a proclamação da República. Também este Convento estaria ligado a uma lenda popular, relacionada com a sua construção, pois havia a crença nas aparições da Virgem das Mercês a uma rica fidalga, para realizar a obra, dificultada devido à oposição de algumas figuras importantes da ilha, nomeadamente o Vigário Geral e o Governador do Bispado, acabando ambos por ser superados e o Convento edificado.

Outra lenda de carácter religioso, a lenda de Nossa Senhora do Monte, era, na opinião do autor, “a mais interessante”. Está relacionada com a construção da ermida da Senhora da Encarnação, hoje Igreja do Monte, e com as aparições da Virgem a uma menina, no Terreiro da Luta. Esta lenda é ilustrada com uma fotografia do Altar da Igreja do Monte, a antiga ermida, que fora ampliada, onde ainda hoje repousam os restos mortais do Imperador Carlos de Áustria, que faleceu no Monte em 1922.

Associada à construção da Capela dos Milagres, em Machico, a lenda do Senhor dos Milagres, aponta para a construção da Capela em honra de Machim e Ana d’Arfet, mas os factos históricos, segundo o autor, indicam que a sua construção se realizou por ali ter sido o primeiro local onde se celebrou uma missa pelo “Descobrimento da ilha”. Faz-se também referência ao aluvião de 1803, que destruiu a Capela, fazendo com que a imagem do Cristo

¹⁶⁴ V.P.C. (1954e). Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

Crucificado, que se encontrava na Capela, fosse arrastado para o mar, onde mais tarde foi encontrado incólume, por uma embarcação norte-americana, que o entregou na Sé. O autor lembra que o povo “atribuiu a um milagre o facto de ter sido encontrad[o] em alto mar, absolutamente intact[o]”, o Cristo Crucificado.

Noutras lendas, relacionadas com Santos, podem encontrar-se a lenda do Santo Servo, que tem como protagonista o Frei Pedro da Guarda, do Convento de S. Bernardino, em Câmara de Lobos e a quem foi atribuído a fama de realizar milagres, e a lenda do Cristo do Convento de S. Francisco, relacionada com uma imagem de Cristo Crucificado da qual se terá despregado o braço da cruz, no decorrer de uma missa, em 1481. O Convento de S. Francisco, fundado em 1473, foi demolido em 1865, naquele que o autor apelida de “detestável século destruidor”. A este propósito lembramos a lei de 1834 que valeu ao então ministro Joaquim António de Aguiar, o apelido de “Mata Frades” e que consistia na extinção das Ordens Religiosas, destacando-se como medidas, as apropriações pelo Estado dos seus bens e de outras instituições eclesiásticas, como mosteiros, conventos, igrejas, hospícios, colégios, e que se tornaram Bens Nacionais. O Visconde também se refere a este aspecto, quando narra a lenda do Convento das Mercês, nestes termos:

Quando, em 1910, foi proclamada a República, expulsas as Ordens Religiosas e confiscados os seus bens, o espírito demolidor, que vinha já do século passado, arrasou o Convento, demoliu a Torre esbelta e donairoza, derribou os muros da cêrca e transformou em rua o cemitério das Freiras.

Também certas personalidades da História povoaram o imaginário colectivo e originaram lendas de cunho madeirense. É o caso das duas lendas apresentadas sobre o Rei D. Sebastião: a lenda da Espada de D. Sebastião e a lenda de Arguim. Na lenda da Espada de D. Sebastião, o autor conta a fantasia popular, relacionada com a Penha d’ Águia e ilustra com uma fotografia deste local, ao fundo, e em primeiro plano, quatro mulheres bordadeiras, vestidas com o traje regional. Na outra lenda relacionada com D. Sebastião, associa-o à lenda de Argúim, na qual, se afirma dormir o Rei numa ilha envolta em brumas, de nome Argúim, avistada a partir do Porto Santo. Segundo o Visconde, o patriotismo dos portugueses, o espírito de independência e o desejo de liberdade de Portugal, eram a razão principal para surgirem estas lendas no regresso do rei.

No Porto Santo, o povo narrava a lenda de Colombo, acreditando que a sombra de Cristóvão Colombo aparecia no areal daquela ilha em noites de lua cheia. A este respeito,

destaque-se o facto de o Visconde ter aproveitado para criticar os governantes pelo desinteresse em preservar as casas onde se acreditava ter vivido Colombo (na Madeira e no Porto Santo), acusando-os de destruição do seu património. Segundo o autor, a memória de Colombo só fora preservada graças à lenda, transmitida pelo povo, ao longo de gerações. Na obra *Danças & Músicas do Arquipélago da Madeira* (1954), também se faz referência a esta lenda, a propósito das danças típicas do Porto Santo¹⁶⁵. Acrescente-se que a lenda tinha sido já publicada, em 1934, pela *Revista de Arqueologia*, da qual se tirou uma separata em 1936, no âmbito de um estudo também do Visconde, sobre a permanência de Colombo na Madeira¹⁶⁶.

Neste conjunto de lengalengas madeirenses, o Visconde narra lendas que evocam entidades míticas, do maravilhoso popular, como o Diabo, fantasmas ou bruxas. A lenda do Cavalum refere-se ao já mencionado aparecimento da imagem de Cristo Crucificado após o aluvião de 1803, que nesta perspectiva teria ocorrido durante um combate entre Deus e o demónio, o “Cavalum”, segundo a fantasia popular¹⁶⁷. Há ainda o caso de um velho e secular cedro que suscitou o receio do povo, crente em feiticeiras e no diabo, dando assim origem à fantasiosa lenda do Cedro do Diabo; no Porto da Cruz, o povo contava a lenda da Furna do Negro, relacionada com um negro, que se acreditava ter sido engolido por um monstro, ao tentar descobrir a causa do mar entrar numa rocha.

Ainda de carácter maravilhoso popular, o autor narra a lenda do Bicho Cidrão, a propósito de um pastor que perdeu o seu cão, morto ao cair num abismo entre o Pico Cidrão e o Pico Ruivo, resultando daí a fantasia popular que acreditava existir um espírito mau nesse sítio. Ao narrar esta lenda, o autor descreve a beleza do Pico Ruivo e da paisagem circundante, bem como a possibilidade de se avistar as outras ilhas que compõem o arquipélago da Madeira. Esta é também uma oportunidade para o Visconde promover o arquipélago, ao descrever as suas belezas naturais da terra que ele tanto admirava, como se pode constatar pelas suas palavras: “Montes formidáveis, de estranha beleza, quase inacessíveis, cercam o Pico Ruivo [...]. Para o norte o Pico Canário e o Pico do Jorge [...] oferecem o deslumbramento de uma paisagem imprevista”.

¹⁶⁵ V.P.C. (1954d), p. 18.

¹⁶⁶ *Idem* (1936b), p.1. Note-se que o Visconde dedicou este texto “a Mr. Harry Hinton, grande amigo dos Portugueses e artista entusiasta dos assuntos madeirenses, que adquiriu e conserva na Madeira a janela de Colombo”.

¹⁶⁷ *Idem* (1954e). Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

Outra lenda sobre espíritos, produto da fantasia popular é a lenda das Almas do Lombo dos Leaes, a história de um Morgado do Solar do Lombo dos Leaes, sepultado longe dos familiares, assegurando-se que o som produzido pelas aves nocturnas era alma do Fidalgo que ficara isolado dos outros.

Por fim, as lendas etiológicas, ou seja, aquelas que tentam explicar um nome, uma forma ou um fenómeno físico. Neste tipo de lendas podem incluir-se a lenda de Machim, que procurava a explicação para o nome de Machico. A este respeito se regista a tradição oral, dos dois amantes Robert Machim e Ana d'Arfet, e também se procura contestar, apresentando argumentos para a desmistificar, com base em documentos antigos, onde se refere o nome “*Monchico*” atribuído à segunda Capitania da Madeira. Neste sentido, o Visconde refere que “D. Francisco Manuel de Mello, na III Epanáphora deu-lhe visos de realidade” e também afirma que Álvaro Rodrigues de Azevedo demonstrou, através de uma crítica a *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso, que se trata apenas de uma lenda. Este assunto foi mais amplamente explorado, em 1949, no primeiro volume das suas *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira* e em 1958 numa separata da *Revista Portuguesa, O Movimento Intelectual do Arquipélago da Madeira, 1.º Período – 1420-1820*, nos quais o Visconde considerou a lenda apenas literatura¹⁶⁸. A este propósito, o Visconde criticou Manuel Juvenal Pita Ferreira, um padre católico que, segundo afirmou, procurou dar credibilidade à lenda de Machim, contrariando investigadores que tinham provas fundamentadas para a contestar. Entre estes investigadores referem-se Brito Rebelo que apresentou um estudo em 1894, no qual mencionava um documento datado de 1379, onde constava o nome de um indivíduo de apelido Machico, o que na sua opinião, provava a tese de que tivesse vindo para a Madeira, na expedição dos Descobrimentos, um indivíduo cujo nome ficou ligado “à localidade que ainda hoje conserva a mesma denominação”¹⁶⁹. Outras provas para refutar a lenda, segundo o Visconde, encontram-se nos textos “The First Discovery of the Island of Madeira” (1615), num estudo de um investigador britânico, Edgard Prestage e nas notas de Rodrigues de Azevedo à obra *As Saudades da Terra* (1873)¹⁷⁰.

¹⁶⁸ Cf. V.P.C. (1949a e 1958b).

¹⁶⁹ Cf. V.P.C. (1949a), p. 29 e *idem* (1958b), p. 11. O Visconde afirma também que este documento encontra-se nesse Arquivo da Torre do Tombo, L.º 2.º de D. Fernando, fls. 42, que ele próprio procurou.

¹⁷⁰ Cf. V.P.C. (1949a e 1958b). O Visconde apresenta ainda argumentos que põem em causa a *Epanáphora* (1660) de Francisco Manuel de Mello e também um texto *Relation Historique*, publicado em 1671, em França, que se pretendia atribuir a autoria a um tripulante da nau portuguesa dos Descobrimentos,

Noutra lenda etiológica, tentando explicar o nome da Ribeira das Cales, o autor narra a lenda com o mesmo nome, sendo frequentes também as suas descrições das belezas naturais da Ilha, referindo o Terreiro da Luta, o Poiso e a Ribeira das Cales. Há ainda a considerar a lenda da Cidade Encantada, sobre uma cidade que se afundara no Atlântico, há séculos, que o autor ouvira em criança, contada por uma criada da família.

Em relação às credences e superstições, o Visconde, também vê nelas uma oportunidade para promover a cultura popular. Entre 07 de Outubro de 1927 e 7 de Setembro de 1928, escreveu no *Diário de Notícias* da Madeira, uma rubrica que se publicava às sextas-feiras, sob o título de “Á sexta-feira...Dia aziago - Credences Madeirenses”¹⁷¹. Nestes textos deu a conhecer algumas crenças e costumes populares, nomeadamente a procura das curandeiras ou “Mulher de Virtudes”¹⁷², para tratar de diversas situações que ocorriam no quotidiano, ou mesmo para curar algum mal-estar ou doença. O povo recorria aos cuidados destas mulheres, e até acreditava que os seus “tratamentos” eram mais eficazes que o dos médicos.

Ainda em 1928, o Visconde publicou três artigos no semanário *Independência*, sob o título “Credences Madeirenses”¹⁷³. O primeiro desta série, dedicado ao “*bucho voltado* ou *bucho encostado*”¹⁷⁴, uma moléstia que afectava especialmente as crianças, era segundo o autor, “um dos grandes *males* que leva[va]m às curandeiras caudais de ouro”. As crianças eram levadas às curandeiras para serem tratadas e explica-se, no texto, o processo de cura utilizado, que consistia em massagens e rezas. No número seguinte, apresentam-se crenças populares e superstições ligadas às flores dos campos da Madeira e a sua relação com os casos relativos ao amor.

As igrejas madeirenses e as credences a elas associadas vêm a público no *Independência*, em Novembro de 1928. Neste artigo, o Visconde compara a simplicidade das igrejas com a alma do povo “que encara a vida serenamente confiando na eternidade”¹⁷⁵, lembrando que os templos religiosos tinham uma grande importância para a

Francisco Alcoforado. Os textos de britânicos são apenas referidos em *O Movimento Intelectual do Arquipélago da Madeira*.

¹⁷¹ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 12.

¹⁷² Veja-se, por exemplo, V.P.C. “Á sexta-feira...Dia aziago - Credences Madeirenses - XXXI”, *Diário de Notícias*, Nº 16142, 27-04-1928, p. 1.

¹⁷³ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 14.

¹⁷⁴ V.P.C., “Credences Madeirenses”, *Independência*, Nº 19, 03-11-1928, p. 2 (itálico no original).

Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

¹⁷⁵ V.P.C., “Credences Madeirenses” *Independência*, Nº 22, 24-11-1928, p. 3. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

população madeirense. As torres das igrejas serviam de referência nas lides quotidianas e de orientação para os pescadores e as capelas, nas montanhas, davam alento ao povo. Por serem importantes para a população, as igrejas, “não podiam deixar de trazer consigo alguma superstição”, pelo que se apresenta algumas crenças do povo, associadas aos templos religiosos da Madeira.

Em Outubro de 1929, *O Jornal* anunciava que o Visconde do Porto da Cruz iria publicar em breve um livro sobre as crendices e as superstições madeirenses e considerava que o livro seria “bastante curioso e sugestivo”¹⁷⁶. Nesse mesmo mês e até o início do ano seguinte, o Visconde publicou n’ *O Jornal* uma série de artigos sob o título “Crendices Madeirenses”¹⁷⁷.

Em Março de 1930, o Visconde proferiu uma conferência, na Associação dos Arqueólogos Portugueses, sob o título de “Crendices e superstições e costumes do Arquipélago da Madeira”, que foi, aliás, comentada pela imprensa da época. A este respeito, pode salientar-se uma notícia publicada no *Diário da Madeira*, desse ano, que enalteceu o estudo rigoroso do autor e afirmou que este revela “muito poder de observação e método, que representa a única obra que temos do Folklore (*sic*) madeirense de real valor”¹⁷⁸. Esta afirmação indicia que o Visconde foi um dos primeiros autores madeirenses a publicar estudos de teor etnográfico sobre a Madeira. Ainda de acordo com o mesmo órgão de comunicação que transcreveu uma parte da notícia publicada n’ *A Voz*, no dia 23 de Março, o Visconde terá entusiasmado o público presente, na referida conferência, com as descrições do típico “vilhão” madeirense, esboçando quadros dos seus costumes e tradições, onde as superstições davam um colorido especial ao seu viver.

Na década de 40, em Dezembro de 1943, a *Revista Portuguesa* iniciou a publicação de uma série de textos sobre o estudo das crenças e superstições do povo madeirense, que o Visconde vinha realizando, tendo continuado a publicação no ano seguinte até o mês de Maio. Em 1949, também a revista *Das Artes e da História da Madeira*, suplemento semanal de *O Jornal*, publicou uma série de textos do Visconde sob o título “Crendices e Superstições madeirenses”¹⁷⁹.

¹⁷⁶ [não assinado], “Jornal das Letras – Novo livro”, *O Jornal*, Nº [814], 22-10-1929, p.1.

¹⁷⁷ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 13.

¹⁷⁸ [não assinado], “Crendices, superstições e costumes do Arquipélago da Madeira”, *Diário da Madeira*, Nº 5585, 27-03-1930, p. 3.

¹⁷⁹ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 19.

O Visconde do Porto da Cruz vai acabar por reunir todos estes artigos e, em 1954, editado pelo próprio, surge o opúsculo *Crendices e Superstições do Arquipélago da Madeira*. No ano seguinte, este texto integra o segundo capítulo do livro *Folclore Madeirense*, uma edição da Câmara Municipal Funchal. Também na revista *Das Artes e da História da Madeira* foi publicado, em 1962, um texto sobre as “Crendices e superstições madeirenses”¹⁸⁰.

Nestes textos, divulgam-se superstições e crendices populares madeirenses, que eram manifestadas de várias maneiras e aplicadas a quase todas as situações do quotidiano. Para atrair a felicidade, resolver males de amor, ciúmes, casamentos e nascimentos, observa-se como as crenças populares eram aplicadas em tais situações. Também é interessante verificar, além de se referir a estas manifestações, também se narram alguns costumes madeirenses, o que faz igualmente destes textos importantes documentos para o estudo da sociedade madeirense do século XX.

Os comentários apresentados fornecem pistas sobre o modo de viver no Arquipélago e das suas singulares mentalidades. Quando se realizava um casamento “os pais da noiva não vest[iam] os seus fatos dos dias solenes”¹⁸¹ por causa do falatório, pois podiam ser julgados de estarem felizes pela saída da filha, da sua casa. O Visconde descreve o percurso dos noivos até à igreja e à saída, depois de casados, onde muitos populares e amigos dos noivos paravam para os felicitar e “lhes atira[r] com *flores* e *trigo*, simbolismo de votos para que tenham *boa sorte*”. As orações e as práticas mágicas, adequadas a ocasiões específicas, segundo o autor, estavam enraizadas nas crenças do povo. Estas eram utilizadas para conseguir um namoro, ter saúde e resolver problemas de ciúmes. A mulher madeirense aparece ciumenta e para conseguir a fidelidade do seu amado, praticava alguns rituais, como o de “raspar num retrato os olhos do marido ou noivo para que este não veja com paixão outras mulheres”. Encontramos também na obra do Visconde do Porto da Cruz, o registo de práticas e devoções populares, então já em desuso. Ele próprio o confirma:

Quando acontece que um *ingénuo* ou *acomodatício* leva à Igreja rapariga que *andasse nas bocas do mundo* não faltam à noite, depois da bôda, «*brincos*», cantigas e

¹⁸⁰ *Idem* (1962) “Crendices e superstições madeirenses”, *Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, Vol. VI, Nº 32, Funchal, pp. 32-34.

¹⁸¹ V.P.C. (1954c). Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido (itálico no original).

«bailos» com acompanhamento de *búzios*, chifres e latas num alarido ensurdecedor. No Funchal e nas vilas este costume caiu no desuso.

Nestes textos, como se verifica, o povo a tudo atribuía um sentido. Vejam-se alguns casos: As flores, por exemplo, podiam ter vários significados, dependendo da espécie ou da cor, como uma rosa amarela, que significava infidelidade, ou uma rosa branca, que significava segredo. As manifestações da natureza eram entendidas como sinais, ou aproveitadas para realizar rituais com fins particulares ou para alcançar um desejo, pelo que, se apresentam algumas crenças, como “ler uma carta amorosa à luz da Lua [para] apressa[r] o casamento”. Os animais podiam anunciar fatalidades: “Se um cavalo treme nervosamente é a prever desgostos e desgraças”; ou sorte: “Sonhar com porcos é dinheiro”. Os dias da semana podiam não ser propícios para realizar determinadas tarefas, pois “cortar as unhas à Terça ou Sexta-feira é dar forças ao Diabo”. Assim se constata que “em matéria de *bruxedos* não têm fim as superstições. A cada facto da vida, a cada gesto anda quase ligada uma superstição”.

É certo que o Visconde se refere à religiosidade que caracteriza o povo madeirense, mas também acrescenta que aquela não o impede de realizar alguns rituais, quer para resolver as aflições que ameaçavam a tranquilidade do seu viver, quer para atrair a felicidade, mesmo quando condenados pela Igreja Católica. A este respeito, nas manifestações populares associadas à religião, realçam-se as festividades de Santo António, São João e São Pedro, que eram esperadas pela população, em especial, pelas raparigas solteiras, que praticavam alguns rituais típicos no intuito de conhecer o nome do futuro marido¹⁸². Outros, na expectativa de saber o que lhes reservava o futuro, praticavam um ritual que consistia em “deitar um ovo fresco num copo com água” e esperar até o dia seguinte para observar os desenhos que se formavam.

O autor destaca também o Natal na Madeira, uma época vivida com muita intensidade pela população, que a designava por a “Festa”. Os preparativos eram tratados com alguma antecedência, desde o início de Dezembro¹⁸³. Também nesta época, existiam

¹⁸² Os rituais para uma moça conhecer o nome do futuro marido consistiam em escrever o nome dos pretendentes em diversos papéis, colocar num copo com água e esperar para ver, no dia seguinte, qual o papel que estava aberto; ou colocar os papéis junto a botões de rosa e ver, no outro dia, qual o que estava mais aberto, era esse que correspondia ao nome do homem com quem se iria casar.

¹⁸³ O V.P.C. refere-se à Virgem Padroeira, ou seja, o dia da Imaculada Conceição, Padroeira de Portugal, que se comemora a 8 de Dezembro: “Na roda do ano a Festa marca como o principal ponto de referência na vida popular do Arquipélago. Mal repicam os sinos a lembrar a solenidade do dia da «Verige» Padroeira iniciam-se os primeiros preparativos do Natal” Cf. V.P.C. (1954c), p.24.

diversas superstições madeirenses alusivas à quadra, desde as decorações natalícias, constituídas pelas tradicionais “lapinhas”, à matança do porco. Acreditava-se, por exemplo, que a qualidade do ano agrícola dependeria das “searas das lapinhas [se] nasce[sse]m viçosas [...] [ou] enfêçadas”. Quanto à matança do porco, um momento tradicional, julgava-se que este acto poderia ser alvo de invejas e cobiças e, para o evitar, realizavam-se algumas práticas, com o intuito de afastar tais males.

Em relação ao mau-olhado e à inveja, cumpriam-se vários ritos, de forma a evitar prejuízos, em diversas situações da vida. Estas pequenas cerimónias, realizadas pela população madeirense, eram aplicadas nos nascimentos, nos baptizados e nas doenças¹⁸⁴.

Deste modo, os textos do Visconde do Porto da Cruz, sobre credices e superstições madeirenses permitem-nos observar como algumas crenças condicionavam a vida das pessoas, que por vezes adaptavam os seus comportamentos, em função de tais superstições. Isto levou-o a afirmar que “a série de superstições e credices que existem no Arquipélago da Madeira devem fatalmente complicar a vida” dos madeirenses, embora esclarecendo que aquelas “têm apenas o valor da importância que lhes atribuímos”. Este seu pensamento revela que o Visconde reconhecia que o povo atribuía demasiada importância às crenças e superstições, o que acabava por lhes dificultar a vida no quotidiano, pois estas provavelmente não mereciam ter a importância que o povo lhes atribuía, mas também revela a mentalidade da época.

O autor ilustrou o texto *Credices e Superstições do Arquipélago da Madeira* (1954) com fotografias e gravuras da Madeira, retratando costumes do povo. Uma figura com a característica casa do campo, a “«Casa de Palha» ou «Palheiro»”, uma fotografia de um grupo de “«Borracheiros» transportando mosto do lagar aos armazéns”, um grupo de floristas madeirenses, fotografadas com os seus trajes típicos, com cestos de flores à cabeça e ainda outra fotografia do fogo de artifício no âmbito das festividades do final do ano, revelam alguns quadros da vida do arquipélago¹⁸⁵.

Em suma, procurámos demonstrar o contributo do Visconde do Porto da Cruz na recolha de lendas, superstições e crenças populares madeirenses e na promoção das mesmas. Salientamos a importância da sua actividade nesta vertente, pois ao promover as

¹⁸⁴ O V.P.C. apresenta vários exemplos, que podemos ilustrar através do seguinte: “*Depois de batizadas as creanças estão livres de maus olhados*”, circunstância que demonstra bem a simbiose entre o sagrado e o profano.

¹⁸⁵ No livro *Folclore Madeirense* (1955) inclui mais elementos iconográficos, constituídos por fotografias da Ponta de S. Lourenço e da Baía do Funchal [não paginado].

tradições populares contribuiu também para preservar uma parte da identidade cultural madeirense.

2.2.2 Danças, tradições musicais e traje

As danças populares, as tradições musicais e o traje típico, constituem uma componente da obra do Visconde do Porto da Cruz, de importante valor documental, para o conhecimento de um aspecto da cultura madeirense. Deste modo, pretendemos destacar a contribuição do autor, na promoção destas manifestações populares, e a forma como preservou uma parte do nosso património cultural.

À semelhança das lendas, das crendices e das superstições, o Visconde levou as danças populares, as músicas tradicionais e o traje típico madeirense ao conhecimento do público através dos textos editados e das conferências¹⁸⁶ nas quais participou e que foram comentadas na imprensa da época.

Apesar de ter iniciado as suas conferências sobre esta temática nos anos 20, como já referimos, foi na década seguinte que o Visconde desenvolveu uma maior actividade nesta área, ao apresentar o folclore da sua terra. Em 1936, na Casa da Madeira em Lisboa, o Visconde proferiu uma palestra sobre as “Trovas e Músicas” tradicionais madeirenses. As músicas foram interpretadas pelo seu primo, Luís de Freitas Branco, e a conferência, segundo o autor, foi transmitida pela Emissora Nacional, para todo o país, o que revela a projecção dada às músicas tradicionais madeirenses, chegando a um vasto auditório. Ainda nesse ano, sendo convidado para outra conferência (também transmitida pela Emissora Nacional), no Liceu Pedro Nunes, em Lisboa, o Visconde apresentou as “Danças e Músicas” da Madeira e afirmou ter preparado um grupo de alunos para interpretar as danças e as canções típicas do Arquipélago, e que depois participaram no “cortejo folclórico português”, realizado na época, em representação da Madeira¹⁸⁷.

A este respeito salientamos, uma vez mais, a acção do SPN, no âmbito da actividade cultural que vinha desenvolvendo no País, com a promoção de eventos de cariz etnográfico, inspirando os artistas modernos a incluir na sua linguagem artística as palavras

¹⁸⁶ A este respeito, consulte-se os anexos – quadros 3, 4 e 5, que resumem os textos editados e as conferências do V.P.C. sobre esta temática.

¹⁸⁷ Cf. V.P.C., “João Nunes (Diabinho), O precursor do «folclore» madeirense”, *Revista Portuguesa*, N.º 23, pp. [17-18].

“história”, “folclore” e a expressão “arte popular”. Outras áreas, como teatro, rádio, exposições, concursos até ao turismo, também procuravam mostrar os traços mais pitorescos dos portugueses, na busca de um estilo próprio, imposto pelo regime político.

É neste quadro que se insere também uma parte significativa de iniciativas culturais em que se envolveu o Visconde, nomeadamente as conferências em que participou, e nas quais promoveu o folclore madeirense.

Em 1944, o Visconde apresentou uma conferência sobre as “Danças Madeirenses”, na Casa da Madeira, em Lisboa, onde, de acordo com a *Revista Portuguesa*, descreveu alguns costumes do povo madeirense e possibilitou ao público presente, a oportunidade de ouvir as músicas tradicionais, que foram interpretadas ao piano¹⁸⁸.

Em relação aos textos do Visconde sobre este aspecto do folclore madeirense, salientamos que estes foram publicados em vários periódicos da época, que foram depois reunidos e editados em volume, na década de 50, pelo próprio autor.

Como já referimos, o Visconde confessou ter encontrado dificuldades e alguma resistência por parte dos populares em colaborar nas suas recolhas etnográficas, afirmando que “os «vilões», com a preocupação de esconder os seus costumes tradicionais, logo que se apercebiam, nos seus folguedos ou romarias, que [ele] tomava apontamentos, retraíam-se e desconfiados quase se recusavam a repetir uma trova, que [ele] mal fixara”¹⁸⁹.

Nestas obras, podemos afirmar que sobressai a forma como se manifestavam as tradições da sociedade madeirense, do século XX, especialmente da população do meio rural, uma realidade que o Visconde deu a conhecer. Deste modo, observa-se que o povo madeirense gostava de cantar e exteriorizava esse gosto em várias situações do quotidiano: nos seus lares, durante o trabalho no campo, em lazer e especialmente nas festas populares. Quando se faziam acompanhar de instrumentos musicais, estes eram constituídos por uma série de apetrechos tradicionais: “Quando o *brinco* é completo aparecem, além do *machete*, do *rajão* e *viola de arame*, os *braguinhas*, *pandeiros* e *gaita de foles*”¹⁹⁰. As músicas eram frequentemente acompanhadas de danças, pois o povo madeirense demonstrou ter predisposição para tal actividade. Nesta abordagem, descreve-se as danças madeirenses nas festas religiosas numa perspectiva de socialização dos indivíduos. Neste sentido, são

¹⁸⁸ Cf. V.P.C. (1944) “Danças Madeirenses. Conferência do Visconde do Porto da Cruz na Casa da Madeira”, *Revista Portuguesa*, Maio, N.º 44, p. 15.

¹⁸⁹ V.P.C. (1954g), p. 6.

¹⁹⁰ *Idem* (1954d), pp. 10-13 (itálico no original). Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

referidas as principais festas religiosas da Madeira, do Monte, da Ponta Delgada e do “Senhor dos Milagres”, onde se dá a conhecer particularidades das vivências do povo.

Os “romeiros”, como se designava os indivíduos que se dirigiam às festas populares, divertiam-se nos chamados “arraiais”, chegando à festa “bailhando e a cantar”. Pelo caminho, paravam em diversos estabelecimentos comerciais (as chamadas “vendas”), para beber, à ida para o arraial, ou no regresso a casa, juntando-se em grupos e entoando o “«Xaramba», caracteristicamente regional”.

Relativamente às danças populares, foi publicado, em 1931, na revista *Arquivo Histórico da Madeira*, um texto sob o título “Danças Madeirenses”¹⁹¹, e em 1944, na *Revista Portuguesa*, outro texto com o mesmo título¹⁹², nos quais se descrevem as trovas e as danças de várias freguesias da Madeira. Em 1946 foi editado *Danças madeirenses* e na década seguinte *Danças e músicas do arquipélago da Madeira* (1954). Em 1955, o texto “Danças e Músicas” integra o capítulo quarto do livro *Folclore Madeirense*¹⁹³.

Nestes textos sistematizam-se diversos tipos de danças madeirenses e dão-se várias informações curiosas sobre as danças populares do Arquipélago. Apresenta-se, assim, três géneros diferentes de danças: o “*Passo de Romaria*”¹⁹⁴, a “*Ala-moda*” e o “*Bailhinho das Camacheiras*”, seguindo-se uma breve descrição sobre como as executar. Também se descreve a dança típica da ilha do Porto Santo, o “*Baile da meia volta*”, que teve, segundo o autor, profundas influências de antigas danças portuguesas.

Neste estudo, destaca-se a inclusão de partituras musicais: Lenga-lenga; Passo de Romaria; Xaramba; Ala-Moda e Meia-volta. De salientar ainda, os comentários do Visconde, sobre os trajes usados pelos romeiros, pelo desprezo dado aos trajes antigos, os quais, na sua opinião, deveriam ser usados nas danças: “seriam muito mais atraentes se os romeiros dançassem com os seus antigos fatos, tão lindos e originais”. Os elementos iconográficos incluídos ilustram as diferenças entre os trajes tradicionais usados pelos contemporâneos do autor e os dos tempos mais recuados¹⁹⁵.

¹⁹¹ *Idem* (1931), “Danças Madeirenses”, *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. 1, pp. 158-163. Veja-se ainda o anexo II – quadro 16.

¹⁹² *Idem* (1944) “Danças Madeirenses”, *Revista Portuguesa*, Julho/Agosto/Setembro, N.º 46, pp. 26-31. Veja-se ainda o anexo II – quadro 21.

¹⁹³ *Idem* (1955a), pp. [93]-108.

¹⁹⁴ *Idem* (1954d), pp. 8-17 (itálico no original). Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

¹⁹⁵ A este propósito atente-se às gravuras com as legendas “«Vilões» dos tempos idos nas danças regionais” (p. 8) e “«Vilões» de agora” (p. 12) que permitem observar algumas diferenças nos trajes.

Quanto às músicas tradicionais, foi editado, em 1934, *Trovas e cantigas madeirenses*. Em 1949, a revista *Das Artes e da História da Madeira* (suplemento semanal de *O Jornal*) publicou três artigos do Visconde do Porto da Cruz, sob o título “Trovas e Cantigas Madeirenses”¹⁹⁶. Em 1954, numa edição do autor, vem a público *Trovas e cantigas do arquipélago da Madeira*. Também o livro *Folclore Madeirense* (1955), no capítulo terceiro, inclui um texto sobre as “Trovas & Cantigas”¹⁹⁷.

Em *Trovas e cantigas do arquipélago da Madeira* (1954), o Visconde refere as características “trovas” que ainda perduravam na ilha, e a canção “Xaramba”¹⁹⁸ que deu origem, segundo a sua convicção, a inúmeras variações pelas diversas freguesias madeirenses. A este propósito, o autor menciona que o Padre Lowe¹⁹⁹ procurou explicar a origem da designação “Xaramba” nas tradições madeirenses²⁰⁰.

Na opinião de porto da Cruz, os árabes influenciaram as tradições madeirenses, uma influência que se notava na “monotonia das cantigas”²⁰¹. No texto atrás referido, observamos que as canções típicas, que se faziam ouvir pelo Arquipélago, eram entoadas pela população, de qualquer idade, em diversas ocasiões, festivas ou no quotidiano. As cantigas representavam uma forma de expressar sentimentos e também de lazer do povo e eram “em geral, sátiras venenosas, epigramas mordentes ou inspirados protestos de amor”. Também se refere que muitas vezes, os versos não rimavam, não tinham qualquer regra, nem faziam sentido. Alguns versos são, até, incluídos no texto e considerados curiosos e originais. Assim, são apresentados alguns quadros dos característicos “despiques”, uma forma de animação do povo nos arraiais, que consistiam em cantar, desafiando outros a fazer o mesmo, muitas vezes, até, de uma forma provocatória²⁰².

¹⁹⁶ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 19.

¹⁹⁷ V.P.C. (1955a), pp. [65]-91.

¹⁹⁸ *Idem* (1954g), p. 7.

¹⁹⁹ Richard Tomas Lowe (1802-1874) foi escritor, clérigo e um naturalista inglês, que passou grande parte da sua vida na Madeira, e tendo estudado a flora e a fauna do arquipélago madeirense, deixou algumas obras como *A Synopsis of the Fishes of Madeira* (1837), *A manual flora of Madeira and the adjacent Islands of Porto Santo and the Desertas* (1868), entre outros. Consulte-se SILVA (1978b), p. 273.

²⁰⁰ A este respeito atente-se à observação: “O Padre Lowe, no seu estudo sobre «Motivos da Madeira», julga que inicialmente esta «moda» se denominou «Xácarimba», depois «Xácaramba» e por fim «Xaramba», que se modifica em cada Concelho, em cada Freguesia, em cantigas com toadas e simbolismos cheios de originalidade, e que mostram influências das velhas canções medievais: «Chacota» e «Folia». Cf. V.P.C. (1954g), p. 7.

²⁰¹ Cf. V.P.C. (1954g), p. 7-29. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

²⁰² Transcrevemos, por exemplo, um despique entre um “velhote” e uma “rapariga”, durante um arraial: “- O castanheiro dá castanhas / Nogueirinha a sua nóz / Cante agora *Marcanhas* / *Qu’ê* quer’ ouvir na tua voz... / [...] / - Que se fechem *mais engenhos* / P’r’alegria cá da gente / E s’acabem *nei* «novenas» / *Dui*

Também as adivinhas eram, além das canções, uma forma de diversão e de convívio da população do meio rural, que se reunia, aos domingos e dias de folga, em casa de um casal da vizinhança e aí cantavam e contavam adivinhas, sendo também estes quadros retratados no texto. Menciona-se ainda certos afazeres que eram executados acompanhados de canções e instrumentos típicos, como os trabalhos com o linho, a “«esfolha» do milho ou «descasca» do feijão”²⁰³.

No opúsculo *Trovas e cantigas do arquipélago da Madeira* (1954) faz-se ainda referência a uma exibição de danças e canções típicas madeirenses, em 1901, durante a visita à Madeira dos Reis de Portugal, D. Carlos I e D. Amélia, destacando-se os versos que foram dedicados à rainha²⁰⁴. De salientar a inclusão de algumas fotografias que ilustram a visita régia à Madeira²⁰⁵. No seu habitual estilo crítico, o Visconde lembrou que na Madeira havia muito boa música e bons compositores, todavia, estes apenas conquistaram o seu reconhecimento fora da ilha. A este respeito salientamos as suas críticas no jornal *Independência*, como já referimos no capítulo I, sobre os talentos madeirenses que não conseguiam ter o reconhecimento dos seus conterrâneos²⁰⁶. O Visconde confessou não saber escrever música e por isso teve a ajuda do músico “Guilherme Wilbrham, que conhec[ia] profundamente os «motivos» e os instrumentos da verdadeira música regional”²⁰⁷ e do seu primo, Luís de Freitas Branco, que escreveu as músicas. Para realizar o estudo referente às músicas tradicionais madeirenses, o Visconde afirmou ter levado mais de quatro anos e reconheceu que o mesmo ficou incompleto, mas que poderia representar um ponto de partida para futuros trabalhos²⁰⁸.

bêbedos d'aguardente... / [...] / Nossa Senhora da Paz / Fazei-m'as orelhas moucas / P'ra nã atrear injuras / Cum tantas palavras loucas. / [...] / - Olha-m'um vilão mácreado / Cum falta d'educação / Trài no lenço n'agibeira / E s'assoár-se cum a mão!”. *Ibidem*, p. 20 (itálico no original).

²⁰³ *Ibidem*, p. 15.

²⁰⁴ *Ibidem*, p. 29.

²⁰⁵ Inclui quatro fotografias aquando da visita à Madeira do Rei D. Carlos I e da Rainha D. Amélia, em 1901, com as legendas: “S. M. EL-REI D. CARLOS I quando da visita régia à Madeira, em 1901, Fotografia de Vicente G. da Silva – Fotógrafo da Casa Real”; “S. M. A RAINHA D. AMÉLIA, quando da visita régia à Madeira, em 1901, Fotografia de Vicente G. da Silva – Fotógrafo da Casa Real”; “S. S. M. M. El-Rei D. Carlos I e a Rainha D. Amélia atravessando em carro de bois a velha rua da Carreira, no Funchal, em 1901. Fotografia de Vicente G. da Silva – Fotógrafo da Casa Real”; “Os reis de Portugal – D. Carlos I e D. Amélia – a caminho da residência dos Viscondes de Cagongo – quando da visita régia, em 1901. Fotografia de Vicente G. da Silva – Fotógrafo da Casa Real”. *Ibidem*, [não paginado].

²⁰⁶ A este propósito, veja-se por exemplo, os seguintes artigos: V.P.C. “Das Letras, das Sciencias e das Artes”, *Independência*, Nº 8, 04-08-1928, p. 2; *Idem*, Nº 9, 07-09-1928, p. 2; *Idem*, “Letras, Sciencias & Artes”, *Independência*, Nº 12, 22-09-1928, p. 3 e *Idem*, Nº 23, 03-12-1928, p. 3.

²⁰⁷ V.P.C. (1954g), p. 6.

²⁰⁸ *Ibidem*.

Em relação aos textos sobre o traje madeirense, foi publicado, em 1936, na revista *Arquivo Histórico da Madeira*, o texto “Traje popular da Madeira”²⁰⁹; em 1941, na *Revista Portuguesa*, o texto, “O Traje Regional madeirense”²¹⁰ e, em 1955 surge o opúsculo *O Trajo do Arquipélago da Madeira*²¹¹. De salientar o já referido livro *Folclore Madeirense* (1955), que reúne diversos textos de teor etnográfico, incluindo “O Trajo”, no quinto capítulo²¹².

Nos textos editados sobre o traje, faz-se referência à indumentária usada pelos madeirenses desde os tempos da descoberta da Ilha até à época do autor. Segundo o Visconde do Porto da Cruz, o traje típico madeirense resultou de uma “variedade de elementos”²¹³ trazidos por povos de diversas proveniências, que iam chegando à Ilha, desde o povoamento. Estes elementos, junto com os costumes portugueses, originaram na ilha “um «tipo» novo e original, com características próprias”, concluindo assim, que apesar das influências de outras culturas, o povo madeirense manteve o elemento português nas suas tradições culturais, incluindo nos seus trajes.

No opúsculo *O Trajo do Arquipélago da Madeira* (1955), tendo como ponto de partida a Descoberta da Ilha, descrevem-se as antigas roupas “dos «Vilões» da Madeira” ponderando-se possíveis influências dos mouros nos fatos dos homens e nas cores vivas das saias das mulheres por influência das escravas mouras, do norte de África, pertencentes aos ricos proprietários.

Quanto aos trajes dos povoadores, afirma-se que estes eram semelhantes aos usados em Portugal, nas províncias, mas, tendo em conta os aspectos climatéricos da Madeira, diferentes do Alentejo, Algarve, Minho e Trás-os-Montes (de onde se afirma que provinham os povoadores), a indumentária sofreu alterações, adaptando-se ao clima.

Passando ao século XVIII, observam-se as mudanças, para as mulheres, em que o corpete foi substituído “por uma espécie de «blusa» de fazenda clara” e para os homens, a substituição do calção de linho por “calça comprida em fazenda regional – *serguilha*”. De salientar que os fatos, feitos com estes tecidos, representavam “uma importante indústria

²⁰⁹ V.P.C. (1936), “Traje popular da Madeira”, *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. IV, n.º 3, pp. 178-183. Veja-se ainda o anexo II – quadro 16.

²¹⁰ V.P.C. (1941) “O Traje Regional madeirense”, *Revista Portuguesa*, Novembro, Ano VII, N.º 36 – 2.ª Série, N.º 18, pp. 3-7. Veja-se ainda o anexo II – quadro 21.

²¹¹ Na capa o ano da publicação da obra é de 1954.

²¹² V.P.C. (1955a), pp. [109]-120.

²¹³ V.P.C. (1955b), pp.6-14. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

doméstica regional, pois saíam dos teares que havia, em quase todos os lares, nos campos da Ilha da Madeira”.

Aponta-se o final do século XVIII e início do século XIX, para a uniformização dos diferentes tipos de trajes que eram usados na Madeira desde o povoamento. Da investigação feita aos trajes dos camponeses, o Visconde concluiu:

[...] até chegarem aos típicos e tão conhecidos fatos dos «Vilões», primitivamente, em diversas regiões e por diversas épocas, mais ou menos recuadas, tiveram outro estilo de fatos, seguindo quanto possível o uso das regiões de Portugal Continental de onde provinham os Colonos ou Povoadores que vieram fixar-se nessas zonas.

O texto permite conhecer algumas diferenças entre os trajes usados pelos homens e pelas mulheres, do campo e da cidade e ainda entre as Capitânicas de Machico e do Funchal. Na Capitânicas de Machico, as mulheres usavam “saias de cor uniforme com *tons* mais carregados” que mais tarde passaram a ter “riscas verticais em cores vivas”. Menciona-se que as saias com riscas surgiram primeiro no Funchal, antes de serem usadas em Machico, para depois se difundirem por todo o Arquipélago. Entre as diferenças nos trajes dos homens e das mulheres do campo, refere-se, por exemplo, as camisas brancas de linho: “enquanto as mulheres traziam mangas curtas, nos homens desciam até aos pulsos”; os homens abotoavam as camisas junto ao pescoço, “com uma gola, com botões de ouro” e as mulheres “deixavam que se abrisse ligeira e discretamente”.

No meio rural, realça-se que o povo era mais afeito às tradições, ao contrário das zonas urbanas, em que a população mais rica e nobre era mais propensa a aceitar novas indumentárias vindas do exterior. Assim, para trabalhar no campo, as mulheres usavam saias de lã, vermelhas ou amarelas, blusas claras, lenço na cabeça e sem calçado. Nos dias de festa e aos domingos, vestiam saias compridas de lã preta, blusas claras, lenços na cabeça e xailes escuros. Nas vilas ou nos sítios mais próximos da cidade, os lenços e os xailes eram substituídos por “«mantilhas» de renda”. Os homens trabalhavam descalços ou com umas botas e usavam camisas brancas, em linho. Os fatos de “*serguilha*” eram guardados para os dias festivos. Na cabeça, os homens usavam o “barrete de lã com orelhas ou o chapéu preto redondo e com abas largas”.

Na cidade, a vida cosmopolita e movimentada estimulava outro tipo de indumentária, com mais luxo e elegância, graças ao contacto com os visitantes que chegavam à Ilha, de

diversas proveniências²¹⁴. Segundo o Visconde, as influências dos estrangeiros que aportavam no Funchal foram contribuindo para as alterações que se verificavam no vestuário dos madeirenses, que habitavam no meio urbano, na sua época. Neste sentido, menciona ainda as roupas inspiradas nas modas francesas, vindas através das estrangeiras que procuravam a Madeira para férias ou repouso, e que fascinavam as camponesas. Também os emigrantes madeirenses foram influenciando a forma como se vestiam os seus conterrâneos, quando regressavam à terra natal. Deste modo, o Visconde criticou as modas do seu tempo por achar que estavam a estragar os trajes tradicionais. Saliente-se a sua alusão às “estampas, desenhos e pinturas” levados pelos estrangeiros para diversos locais, nos quais se pode observar o traje típico, avisando que estas gravuras poderiam não corresponder ao verdadeiro traje típico, pois afirmou que foram introduzidas, pelos artistas estrangeiros, “variantes e fantasias que não conduzem com a verdade histórica”.

Nestes moldes, podemos interpretar o desencanto do autor, pelo desaparecimento, do típico traje regional, embora felicite a iniciativa, por volta de 1933, de Gastão de Deus Figueira, então Presidente do Município do Funchal, por ter feito aprovar uma norma que obrigava alguns profissionais a usarem trajes típicos, como uniforme de trabalho (entre estes profissionais incluem-se “floristas”, “boieiros”, “candieiros” e “carreiros do Monte”)²¹⁵.

De acordo com BRANCO (1989), era altura de padronizar, de criar uma imagem cultural característica da região, especialmente pelo turismo²¹⁶, daí se depreende o empenho do Município do Funchal em impor o uso do traje tradicional em determinadas profissões.

Os elementos iconográficos incluídos na obra permitem observar alguns costumes típicos madeirenses e também possibilitam uma visualização dos trajes descritos: o traje do “Vilão” típico de todos os cantos da ilha, das «camacheiras», das floristas, dos vendedores de cebolas, dos leiteiros, dos boieiros e dos candieiros (como se designava quem conduzia o carro de bois e o respectivo guia), as vestes usadas nas vindimas, o “barqueiro”, o pescador, a beata e os “homens da rede”²¹⁷.

²¹⁴ A este propósito atente-se ao seu comentário sobre o Funchal: “[era] um centro onde se verifica[va] grande luxo e requintada elegância na indumentária tanto dos homens como das senhoras” (p.15)

²¹⁵ Cf. V.P.C. (1954d, p. 9 e 1955b, p. 14).

²¹⁶ Cf. Jorge Freitas Branco (1989), p. 273

²¹⁷ Cf. V.P.C. (1955b) – A este propósito atente-se às gravuras com as legendas: “Florista Madeirense com o traje regional” [não paginado]; “Mulheres madeirense com o traje regional acompanham grupos de

2.2.3 Medicina popular e Gastronomia

O povo madeirense acreditava no poder curativo das plantas e usava-as para fins terapêuticos, um hábito cultural conhecido por “medicina popular”. Estas práticas populares despertaram o interesse do Visconde do Porto da Cruz, levando-o a recolher elementos sobre as aplicações medicinais com recurso à flora existente no Arquipélago da Madeira.

De acordo com o Visconde, o povo madeirense fabricava uma variedade de remédios caseiros à base de plantas ou usava-as no seu estado natural para minimizar determinadas doenças ou indisposições. A procura de fontes naturais para os diversos tratamentos era empreendida não só pelos camponeses, mas também pelos madeirenses que viviam no meio urbano, como o próprio afirma:

A certeza na eficácia do receituário dos montanhese da Madeira está tão radicada no espírito dos insulanos que mesmo pessoas cultas, que vivem na cidade e têm viajado, preferem muitas vezes recorrer à medicina popular a seguir as prescrições e medicamentos dos clínicos.²¹⁸

Os chamados remédios caseiros, “considerados infalíveis na opinião dos «Vilões» da Madeira”²¹⁹, eram de fácil aplicação, evitavam consultas ao médico e tinham um efeito rápido, segundo a convicção popular. Dos chás às infusões, sumos ou plantas aplicadas na sua forma natural, era na “terra maravilhosa da Madeira que o Povo [ia] buscar todos os elementos preceituados pelo receituário popular, para ter saúde e para assegurar o pão no seu lar”²²⁰. Saliente-se ainda a importância dada às chamadas “mulheres de virtude”²²¹, que eram também consideradas boas massagistas. Segundo o Visconde, todas estas pessoas, sem formação médica, reuniam saberes e práticas tradicionais sobre as doenças, sua cura e prevenção, que iam passando de geração em geração. O Visconde do Porto da Cruz, tendo

excursionistas que visitam a Ilha” (p.6); “O antigo «Leiteiro» no seu traje regional – (Miniatura trabalhada em dente de Cachalote por Manuel de Paiva Cunha” (p.7); “«Boieiros» e «Candeeiros» nos seus trajes típicos, na condução de pipas do maravilhoso Vinho da Madeira, nas «Corças ou «Zorras» puxadas a bois” (p.9); “« Homens da Rêde. Com seus trajes regionais, com a « Rêde ». (Miniatura em marfim trabalho de Manuel de Paiva Cunha)” (p.12).

²¹⁸ V.P.C. (1951), “A flora madeirense na medicina popular”, *Das Artes e da História da Madeira*, Vol. II, Nº 7, p. 29.

²¹⁹ *Idem* (1955a), p.135.

²²⁰ *Idem* (1951), “A flora madeirense na medicina popular”, *Das Artes e da História da Madeira*, Vol. II, Nº 7, p. 29.

²²¹ *Idem* (1955a), p.135.

estudado esta vertente cultural do povo madeirense, participou depois em conferências e publicou vários textos em opúsculos e periódicos da sua época²²².

Em 1935, segundo afirmou o Visconde, graças à sua amizade com Alphonse Luisier publicou as suas recolhas sobre a flora madeirense na medicina popular, na revista *Brotéria*, Série de Ciências Naturais, vol. IV (XXXI) fasc I, II, III e IV²²³. De acordo com Porto da Cruz, a redacção da revista *Brotéria* manifestou o interesse científico do seu trabalho, numa nota que transcreveu:

«Ainda que este trabalho do Sr. Visconde do Porto da Cruz possa talvez parecer mais próprio de uma revista de folclore ou de etnografia, publicamo-lo com gosto na Série de Ciências Naturais da nossa revista, não só porque a aplicação das propriedades das plantas na medicina popular constitui um objecto muito digno de investigação científica, mas também porque, apesar da farmacopeia do Povo carecer frequentemente de base, não deixa contudo de fornecer às vezes preciosos dados que podem ser pontos de tida para ‘um interessante e proveitoso estudo científico’»²²⁴.

Dos textos publicados na *Brotéria* saiu uma separata e, mais tarde, em 1941, publicou o seu trabalho na *Revista Portuguesa*, numa série de artigos, entre Janeiro de 1941 e Junho de 1942²²⁵.

O Visconde apresentou ainda o seu estudo *A Flora Madeirense na medicina popular*, no 1º Congresso de Ciências Agronómicas, realizado em Lisboa, de 24 a 31 de Outubro de 1943²²⁶, “ocupa[ndo]-se dos costumes regionais do Arquipélago da Madeira e particularmente do emprego de plantas na confecção de medicamentos - «os remédios caseiros» - que se transmitem de geração em geração”²²⁷.

Mais tarde, o Visconde vai referir que João de Carvalho de Vasconcelos²²⁸, autor de *Plantas medicinais e aromáticas* (1949) referiu-se às vantagens das plantas, circunstância que, no seu entender dava mais valor ao seu trabalho, e também por considerar que esta

²²² Consulte-se o anexo II – quadro 6 que resume as conferências proferidas e os textos publicados do V.P.C. sobre esta vertente etnográfica madeirense.

²²³ Cf. V.P.C. (1941), “A Flora Madeirense na medicina popular. Remédios Caseiros”, *Revista Portuguesa*, Janeiro/Fevereiro, Ano VII N.º 28 – 2.ª Série. N.º 11, p. 17.

²²⁴ Cf. V.P.C. (1955a), p.136.

²²⁵ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 21.

²²⁶ O Visconde menciona que o Congresso foi realizado em 1944, no entanto, este foi realizado em 1943. Cf. V.P.C. (1955a), p.136.

²²⁷ Cf. Congresso Nacional de Ciências Agrárias (1943), p.178.

²²⁸ João de Carvalho e Vasconcelos (1897-1972) foi um botânico e professor catedrático do Instituto Superior de Agronomia.

obra, apesar de ter sido elaborada por um cientista, tinha “certos pontos de contacto com o [seu] modesto estudo”²²⁹.

Em 1950, vem a público *A flora madeirense na medicina popular e na indústria*, uma separata das Publicações para a Protecção da Natureza. Este texto foi publicado na sequência da participação do Visconde na I Conferência da Liga para a Protecção da Natureza, realizada no Funchal de 10 a 18 Abril 1950. Na sua intervenção, o Visconde do Porto da Cruz apresentou “os tratamentos caseiros entre a população da Madeira”²³⁰ e defendeu a necessária protecção de algumas espécies de plantas da Madeira, referindo a sua importância²³¹, um trabalho que tinha estado a “rever, corrigir e ampliar tudo quanto sobre este tema reunira”²³², de modo a levar à conferência as suas recolhas “para que o trabalho pudesse ter um novo e mais consistente aspecto”.

No ano seguinte (1951), o Visconde assinou três artigos na revista *Das Artes e da História da Madeira*, vol. II e III (números 7, 8 e 9). Este estudo foi ainda publicado na obra *Folclore Madeirense* (1955), capítulo VII, “A Medicina Popular e a Flora”, onde também inclui fotografias de paisagens da Ilha²³³.

Nestes textos, o Visconde apresenta as aplicações das plantas medicinais, para tratamento de situações de mal-estar ou de doença, onde se encontram conselhos e práticas populares, que substituíam os fármacos indicados pelos médicos. Saliente-se que o autor confessou ter sentido dificuldades na identificação das plantas, pois a designação usada na Madeira, não correspondia à designação das mesmas plantas noutros pontos do País e inclui até, um quadro, com o nome como eram vulgarmente conhecidas na Madeira, a sua classificação botânica e respectiva utilidade na medicina popular.

Note-se que, além de conselhos para a cura de determinadas doenças, há ainda indicações práticas para outras situações do quotidiano, com o uso das plantas, como por exemplo, tingir tecidos ou dar cor a determinados alimentos, ou ainda, como afastar as traças da roupa.

²²⁹ V.P.C. (1955a), p.137.

²³⁰ [não assinado], “1ª Conferência de Protecção á Natureza”, *O Jornal*, Nº 5318, 11-04-1950, p.1.

²³¹ *Idem*, “A 1ª Conferência da Liga de Protecção para a Natureza”, *O Jornal*, Nº 5318, 12-04-1950, p.1.

²³² V.P.C. (1955a), p.135-171 (itálico no original). Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

²³³ As fotografias referidas estão identificadas com as seguintes legendas: “Contrafortes do Pico-Ruivo”; “Tabaibeiras – Opuntia-tuna”; “Til gigante na floresta madeirense”; “Montes e vales da serrania madeirense”; “Floresta de Loureiros e Urzes centenárias”; “Vinhático muitas vezes centenário...”; “Caindo da altura dos montes a torrente espumante que segue entre arvoredos e flores refrescando e fertilizando a terra...”; “Barbuzanos – da floresta insulana”; “Montes...que rasgam o branco alvíssimo das nuvens”. [não paginado].

Segundo o Visconde, o povo, mesmo parecendo rude, “distingu[ia] as características e as qualidades de cada planta”. Assim, nestes textos, após a introdução sobre alguns costumes do meio rural, passa-se à descrição dos remédios caseiros usados pelo povo quando adoecia, que acreditava mais no poder curativo das plantas do que nos fármacos indicados pelos médicos. Estes últimos tinham pouco trabalho no meio rural, uma vez que o “Vilão” procurava em primeiro lugar, as “curandeiras”, as “bruxas” ou as “mulheres de virtude”.

Apresenta-se, portanto, um conjunto de remédios populares obtidos na diversidade de plantas encontradas na Madeira, por ordem alfabética, os quais, de acordo com o seu estudo, actuavam eficazmente na cura de certas doenças. As enfermidades nomeadas no seu estudo são acompanhadas por indicações que se acreditava ajudar no processo de cura, como os remédios caseiros, feitos à base de plantas e as massagens. Quanto às plantas, estas são referidas com o nome como eram conhecidas pelos populares seguindo-se o seu nome científico.

Entre os conselhos para curar as várias doenças e outros problemas descritos nos textos, podemos encontrar, por exemplo, as mezinhas para combater a “Asma”, aconselhando-se “[...] o uso do chá de *Poejos* [...] [ou] um cozimento com seis raminhos de *Funcho* [...], *Hortelã pimenta* [...], um pouco de excremento de pombos, umas colheres de açúcar, em duas chávenas de água [...]”. Encontram-se ainda receitas para problemas da bexiga (por exemplo, a “linhaça”, o “espinheiro”, o “hipericão”, o “agrião”, o “aipo” e o “alho”, usados em chás, infusões ou na sua forma natural); para combater o cancro, curar constipações, tratar diabetes e muitas outras doenças que são indicadas neste seu estudo, mas que a extensão do nosso trabalho não nos permite citar todas. No entanto, salientamos que o Visconde, ao referir a “tuberculose”, responsabiliza os ingleses pela presença desta doença na Madeira, ao procurarem a cura na “amenidade do clima e dos predicados terapêuticos do Sol”.

Observa-se que, para quase todas as enfermidades ou dores, o povo ia buscar à natureza os remédios para conseguir recuperar a saúde, fabricados de forma artesanal, em chás, infusões, perfumes, banhos, ou “gargarejos”. Também se encontram receitas para “emagrecer”; chá para a insónia (feito com “manjerona”, “erva cidreira”, “flores de Laranjeira”, “manjericão”, “pessegueiro inglês” e “alface”) e ainda receitas para purificar o sangue.

Como já referimos, o povo recorria aos cuidados das “mulheres de virtudes”, procuradas especialmente para efetuarem massagens, e também as “curandeiras” e as “bruxas” que eram solicitadas para curar as “impingens”, que murmuravam uma reza, embora na opinião do Visconde, bastava aplicar o remédio para que se curasse.

A sabedoria popular não tinha apenas remédios para tratar as doenças. À natureza também iam buscar plantas para afugentar moscas e mosquitos; obter narcóticos, ópio; remover nódoas; fazer iscas para a pesca; remover piolhos; combater pulgas e obter perfumes para diversos fins. Menciona-se ainda que na Ilha do Porto Santo “emprega[va]m a palha de cereais e de folhas das *Palmeiras de tamara* [...] para fabrico de chapéus iguais aos chamados «Panamás»”. Também se procuravam plantas para usos culinários como para “tornar a carne tenra”, ou para colorir bolos. Aliás, para dar cor a diversos materiais como tecidos e madeiras, indica-se várias plantas através das quais é possível obter diversas cores, como o amarelo, o azul, o vermelho e púrpura. Referem-se ainda alguns venenos presentes em certas plantas e que podiam ter efeitos mortais.

Observamos assim, que o Visconde do Porto da Cruz, através dos seus textos e comunicações, deu a conhecer um aspecto cultural do povo madeirense, que ia procurar na sua Flora as plantas para curar algumas enfermidades e para utilizar em diversas situações do quotidiano, contribuindo para preservar estes saberes populares.

Outro aspecto da cultura madeirense que despertou o seu interesse foi a gastronomia típica, pois escreveu alguns textos onde abordou os principais alimentos consumidos no Arquipélago e a forma como estes eram elaborados²³⁴.

Entre 24 de Abril e 29 de Maio de 1949, o Visconde publicou no suplemento d’*O Jornal*, que se intitulava *Das Artes e da História da Madeira*, seis artigos sob o título “A Culinária madeirense”²³⁵. Mais tarde, inclui estes textos no capítulo VI do livro *Folclore Madeirense* (1955). Em 1963, a revista *Das Artes e da História da Madeira* publicou “A culinária Madeirense”, um artigo póstumo do Visconde do Porto da Cruz, com uma nota a informar que este texto já tinha sido publicado em 1949, no suplemento *Das Artes e da História da Madeira*, como já referimos.

Nestes textos, o Visconde debruça-se sobre os hábitos alimentares madeirenses, destacando, por vezes, os contrastes observados entre a alimentação do campo e da cidade, sendo que, certos alimentos como o “milho” constituíam o principal sustento dos pobres.

²³⁴ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 7.

²³⁵ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 19.

Deste modo, segundo o Visconde, o povo sentia-se “feliz desde que não lhe falt[asse] o «milho»”²³⁶, que era habitualmente consumido em “papa” ou frito. Explica-se, assim, o processo de preparação deste alimento:

Logo que a pápa está devidamente cozida, retiram-na do lume e distribuem-na nos pratos. Fica, em geral, bastante milho cozido que se deixa arrefecer e congelar em travessas e que, no dia seguinte, é cortado em quadrados para frigar em azeite ou com manteiga e que constitui outro «prato» delicioso, muito frequente até nas casas ricas, e que, em regra, vem acompanhando *ovos fritos*.

O “milho”, como se depreende, era muito apreciado pela população madeirense até porque “mesmo na cidade e nas vilas do arquipélago, [era] sempre o «milho» que satisfaz[ia] as classes pobres e muitas vezes até os «remediados»”. Na ilha do Porto Santo, o “milho” fazia igualmente parte dos hábitos alimentares, indicando-se um cozinhado preparado com a farinha de milho, denominado de “escarapiada”.

Entre os cereais apresentados nos textos, além do milho destaca-se o trigo. Nas receitas que têm como base o trigo, indicam-se o “Frangolho”, a “sopa de trigo” e o típico “Bolo do caco”²³⁷. Também apresenta-se o “cúscús”, que era, de acordo com o Visconde, um prato de origem mourisca, que chegou ao Arquipélago da Madeira, por alturas do povoamento, através dos escravos mouros e descreve-se ainda a forma de preparar esta iguaria.

Outros produtos predominavam na alimentação do povo madeirense, como é o caso dos produtos agrícolas, especialmente no meio rural, daí a variedade de sopas apresentadas pelo autor, que tinham na sua base produtos da lavoura madeirense. Assim, confeccionadas à base de leguminosas e hortaliças, o autor descreve as típicas sopas que se serviam à mesa dos madeirenses: de boganga (podia ser substituída por pimpinela ou por papaia verde); de couve, de abóbora-tenra; de abóbora amarela, de feijão; de trigo e a sopa de agrião, cujo ingrediente principal (o agrião), podia ser encontrado em grande quantidade nas levadas e ribeiras da Madeira. O Visconde, que considerava a sopa de agrião “uma das mais deliciosas”, afirmava que esta “sendo das mais saudáveis, [era] das que traz[i]m um cunho

²³⁶ V.P.C. (1963) “A culinária Madeirense”, *Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, Vol. VI, Nº 33, Funchal, p. 42 (itálico no original). Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

²³⁷ *Idem* (1955a), pp. 126-128. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

mais regional”²³⁸. Também se dá a conhecer a típica “açorda”²³⁹ e a sopa de castanhas, o arroz de abóbora, o arroz de boganga e uma forma de cozinhar abóbora tenra, conhecida na madeira por “inocentinha”²⁴⁰. Surge ainda outro prato típico dos campos madeirenses, designado pelo povo como “o cômer”, constituído por batatas, feijão, pimpinelas e maçarocas de milho, que iam a cozer ao mesmo tempo, na mesma panela. Atente-se ao comentário do Visconde sobre este prato característico: “o «comer» constitui, sem dúvida, o «prato» mais típico e mais popular do arquipélago, porque, além de ser de grande uso nos campos, tem, como elementos, os produtos que a terra privilegiada da Madeira produz”.

O peixe surge como um alimento importante, sendo consumido cozido, assado, frito, salgado ou seco. Destaca-se, assim, na gastronomia madeirense, o atum, as cavalas, os chicharros e ainda as “«Lapas» e [os] «Caramujos», que constitu[ia]m um grande «aperitivo» de largo uso no Arquipélago”. Salientamos um prato que era, segundo o Visconde, muito apreciado pelo povo, embora “extremamente indigesto e assaz *enjoativo*”. Este era preparado com “cagarras”, umas aves marinhas que existiam nas Ilhas Desertas, Selvagens, Porto Santo e na Ponta de São Lourenço, na Madeira. As aves eram capturadas em Agosto, por pescadores que se deslocavam às Selvagens para “colher os «borrachos» das cagarras nos seus inúmeros ninhos”. Depois de preparadas, as cagarras serviam de acompanhamento para o “comêr” e para a “papa de milho”.

Para o almoço de Natal era imprescindível a “carne de vinho e alhos” nas mesas madeirenses. O Visconde menciona também a típica “espetada”²⁴¹, que era mais consumida no mês de Agosto. Como “guloseimas” referem-se várias especialidades típicas como “o «Bolo de Mel, as «Queijadas» os, «Fartos de Batatada», os «Fartos de Espectaria», [e] a «Batatada»”. Também são referidos os doces: de uveira, de amoras, de goiaba, de figos, de Gila, de pimpinela, de tomate inglês, “o «Doce de Uva da Serra» [e] o «Doce de Caroço de Marmelo»”. O mel de cana é referido pelas suas propriedades nutritivas, mencionando-se “as «Rapaduras»”, um doce cuja receita, segundo o Visconde “parece que [...] se perdeu”. Nas bodas, no meio rural, era usual o “«Bolo Preto»”, os

²³⁸ *Idem* (1963) “A culinária Madeirense”, *Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, Vol. VI, Nº 33, Funchal, pp. 45.

²³⁹ *Idem* (1955a), p.127.

²⁴⁰ *Idem* (1963) “A culinária Madeirense”, *Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, Vol. VI, Nº 33, Funchal, pp. 44-46. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

²⁴¹ Cf. V.P.C. (1955a), p. 129-130. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

“«Morgados»” e um “Pão de Ló”, que era uma especialidade da Ilha do Porto Santo. Entre os doces tradicionais madeirenses encontram-se “os «Rebuçados de Fruta» - de avenca e de funcho [...] as «Broas», as «Rosquilhas», as «Cavaquinhas» e as «Malaçadas» (*sic*)”.

Nas frutas sobressaem as bananas e as papaias, às quais se juntava açúcar, canela, leite e mel. Destaca-se ainda a referência às bebidas: o sumo de maracujá e a “«Cidra» [...] absolutamente típica e diversa da «Cidra» mundialmente conhecida”, feita com maçãs e peras.

Em suma, pelo que nos é possível verificar nestes textos, o Visconde cedo manifestou curiosidade pelas questões culturais do arquipélago, procurando captar momentos do quotidiano insular, que o levou a participar em conferências e a publicar textos, onde retratou quadros típicos do povo madeirense. A sua actividade na vida pública portuguesa, como orador, escritor e jornalista, possibilitou a um público mais vasto, de fora da ilha, conhecer o modo de vida do povo da sua terra. Destacamos assim, o empenho do Visconde do Porto da Cruz que, ao efectuar estes estudos de teor etnográfico contribuiu também para promover e preservar uma parte da nossa memória cultural de madeirenses.

Capítulo III – Memórias literárias e outras artes

3.1 Literatura e autores madeirenses

O Visconde como homem de Letras, autor de obras literárias, vários estudos de temática diversificada e com uma produção vasta em periódicos da época, contribuiu também para promover escritores madeirenses. Foi essencialmente através dos textos que publicou em jornais e revistas onde colaborava, como jornalista e até, como director, em alguns periódicos, que promoveu personalidades do meio insular que se evidenciavam na época. Deste modo, podemos destacar, entre 1928 e 1929, no semanário *Independência*, a rubrica “Das Letras, das Sciencias e das Artes”, na qual, o Visconde do Porto da Cruz dava conta das novas criações literárias, promovendo e homenageando personalidades da época, ligados às Letras, entre os quais se podem realçar, por exemplo, João Cabral do Nascimento e Alberto Artur Sarmiento, autores diversas vezes mencionados por si, por serem também personalidades com quem conviveu e pertencendo até, ao seu círculo de amigos²⁴².

Com efeito, nos seus artigos, o Visconde promoveu os seus coevos que contribuíram para o engrandecimento da literatura madeirense. Atente-se, por exemplo, às palavras sobre o seu amigo, Cabral do Nascimento²⁴³:

Não é de hoje. Estamos certos, de há muito, que o Dr. João Cabral do Nascimento é um sonetista incomparável, o espirito mais cintilante da nossa geração. Temos um certo desvanecimento em termos sido talvez os primeiros em reconhecer o talento do Poeta²⁴⁴.

O seu apreço pelo poeta repercutiu-se em vários artigos jornalísticos, sempre que surgia uma nova obra literária de Cabral do Nascimento, que era sempre “espera[da] com

²⁴² Veja-se por exemplo, as rubricas “Das Letras, das Sciencias e das Artes” e “Letras, Sciencias & Artes”, no *Independência*, sobre João Cabral do Nascimento (Nº 2, 17-06-1928, p. 2; Nº 4, 01-07-1928, p. 2; Nº 6, 15-07-1928, p. 2; Nº 9, 07-09-1928, p. 2; Nº 25, 22-12-1928, p. 2 e Nº 26, 05-01-1929, p. 3) e sobre Alberto Artur Sarmiento (Nº 4, 01-07-1928, p. 2; Nº 8, 04-08-1928, p. 2 e Nº 22, 24-11-1928, p. 2).

Veja-se ainda notas biográficas no anexo I.

²⁴³ A respeito da amizade entre Alfredo de Freitas Branco e Cabral do Nascimento e sobre o pensamento político deste último, veja-se a comunicação de Paulo Miguel Rodrigues (2010), apresentada no Seminário “República e Republicanos na Madeira – 1880-1926”, decorrido no CEHA, no qual se pode destacar, a propósito da adesão de CN ao Integralismo Lusitano, que teve “Freitas Branco (dez anos mais velho do que ele) como um dos principais interlocutores e introdutor no grupo”.

²⁴⁴ V.P.C., “Letras, Sciencias & Artes”, *Independência*, Nº 25, 22-12-1928, p. 2.

interesse”²⁴⁵. Mas, se por um lado, o Visconde se insurgia pelo facto de os madeirenses não reconhecerem o talento dos seus conterrâneos, por outro exaltava o facto de terem sucesso fora da ilha, como era o caso de Cabral do Nascimento, reconhecido então internacionalmente pela revista *Mercure de France*²⁴⁶. A este propósito atente-se ao seu comentário: “ao Dr. Cabral do Nascimento a justiça que lhe prestam os *estrangeiros* deve bem compensar as invejas e a mesquinhez, de tantos que nada valendo só pensam em deprimir e apoucar os que tem autentico valor [...]”²⁴⁷, o que comprova também, o seu pensamento sobre a sociedade madeirense, que na sua opinião, não valorizava os seus compatriotas, como referimos no capítulo I.

Outros escritores madeirenses também foram promovidos na secção literária do seu jornal, com novas obras publicadas, tais como, Aires de Ornelas (*Viagem do Principe Real*); Octavio de Marialva (*Apoteose Heroica*); Jaime Camara (*Auto dos Vilhões*); Pestana Junior (*Cristovão Colombo ou Simão Palha*)²⁴⁸, entre outros autores, aos quais vai juntar o seu nome, promovendo também as suas próprias criações literárias²⁴⁹.

Mais tarde, na década de 30, com o início da publicação da *Revista Portuguesa* (a partir de 1935), o Visconde inclui na referida revista uma rubrica sob o título de “Livros & Escritores”, na qual divulgava as mais recentes publicações literárias, tecendo também a sua crítica à obra e ao respectivo autor. Veja-se, por exemplo, as suas menções a escritores como Luís Vieira de Castro e Padre Fernando Augusto da Silva²⁵⁰. Revelou assim estar sempre atento ao desenvolvimento da produção literária madeirense e, ao longo das décadas seguintes, nas edições da *Revista Portuguesa*, foi promovendo os seus contemporâneos e conterrâneos que se destacavam no meio cultural, especialmente nas Letras.

Além dos textos que divulgou e promoveu na imprensa, o Visconde publicou os seus estudos sobre escritores madeirenses, numa obra composta de três volumes, sob o título de *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira*, no nosso entender, um dos

²⁴⁵ *Idem*, “Das Letras, das Sciencias e das Artes”, *Independência*, Nº 9, 07-09-1928, p. 2.

²⁴⁶ *Idem*, “[A importante Revista «Mercure de France»]”, *Independência*, Nº 7, 22-07-1928, p. 1 e *Idem*, “Letras, Sciencias & Artes”, *Independência*, Nº 25, 22-12-1928, p. 2.

²⁴⁷ *Idem*, “Letras, Sciencias & Artes”, *Independência*, Nº 25, 22-12-1928, p. 2 (itálico no original).

²⁴⁸ Sobre estes autores, veja-se no *Independência*, a rubrica “Das Letras, das Sciencias e das Artes”: Nº 1, 10-06-1928, p. 2; Nº 2, 17-06-1928, p. 2; Nº 3, 24-06-1928, p. 2 e Nº 5, 08-07-1928, p. 2.

²⁴⁹ Veja-se por exemplo, a divulgação dos seus últimos trabalhos no *Independência: Um Escândalo Elegante* – Nº 3, 24-06-1928, p.2 e *Paixão e morte de Sidónio* – Nº 21, 17-11-1928, p. 3.

²⁵⁰ V.P.C. (1939) “Livros e escritores”, *Revista Portuguesa*, Junho, Ano V, N.º 21 – 2.ª Série. N.º 4, p. 37. Veja-se ainda notas biográficas no anexo I.

grandes legados do autor à cultura madeirense. Nesta obra, o Visconde reúne um vasto conjunto de elementos biográficos e bibliográficos de autores madeirenses, incluindo a sua própria bio-bibliografia, e de outros intelectuais que, não sendo madeirenses, também contribuíram para o engrandecimento cultural da Madeira, os quais, segundo o nosso autor, deveriam figurar na história literária madeirense. Entre estes encontram-se, por exemplo, Gaspar Frutuoso, autor de *Saudades da Terra*, D. Diogo Pinheiro, primeiro Bispo da Diocese do Funchal, o cronista Damião de Góis²⁵¹, Álvaro Rodrigues de Azevedo²⁵², autor das anotações a *Saudades da Terra* e interessado pelo estudo da historiografia insular, o alemão Emil Gesche, que colaborou na propaganda do arquipélago, Jorge Botelho Moniz e José Rafael Basto Machado, que foi Presidente da Delegação de Turismo da Madeira (entre 1947 e 1966), entre outros²⁵³.

O Visconde confessou ter duvidado se deveria aceitar a realização dos estudos da história da literatura madeirense, uma investigação empreendida ao longo de seis anos, por julgar “que podia representar uma nova fonte de mal-querenças”²⁵⁴. Mais uma vez acusava os seus conterrâneos de não valorizarem aqueles que se destacavam no meio madeirense, considerando mesmo que:

E[ra] assim necessária uma decidida coragem para se dispor a enfrentar as invejas, as críticas injustas, os comentários estúpidos e em resumo uma má-fé preconcebida da parte daqueles que não suportam que haja alguém que saia da banalidade, que se distinga ou se imponha por qualquer mérito²⁵⁵.

Além destas dificuldades, o Visconde referiu o cuidado que foi necessário ter, devido à escassez de elementos e documentação confusa. Para concretizar o seu projecto, afirma ter consultado *As Saudades da Terra* (1873), de Gaspar Frutuoso, com Anotações de Álvaro Rodrigues de Azevedo; o *Elucidário Madeirense*; a *Biblioteca Lusitana* e o

²⁵¹ Cf. V.P.C. (1949a), pp. 79-120 (Gaspar Frutuoso, pp.79-81; Diogo Pinheiro e Damião de Góis, p.120).

²⁵² *Idem* (1950b), pp. 72-73.

²⁵³ *Idem* (1953b), pp. 58-212 (Emil Gesche, p. 58; Botelho Moniz, pp. 78-81 e Basto Machado, pp. 211-212). Podemos acrescentar que o V.P.C. considerou importante incluir o oficial Botelho Moniz na obra, pois, no seu entender, este publicou um importante livro sobre os acontecimentos ocorridos, em 1931, aquando da Revolta da Madeira. De salientar ainda, a reprodução de um atestado que foi passado ao V.P.C. pelo coronel Fernando Augusto Borges, comandante das Forças Expedicionárias à Madeira, por ter “prest[ado] relevante serviço” e dado “valiosas indicações” às Forças expedicionárias que haviam desembarcado em Machico e estavam a ter dificuldades em chegar ao Funchal, por terem sido dinamitadas e destruídas algumas pontes.

²⁵⁴ ARM – Espólio do V.P.C., cat. 67, ex. 6/cap.21. – (s.d.) “Escritores Madeirenses” (Apontamentos inseridos na História Literária do Arquipélago da Madeira).

²⁵⁵ *Ibidem*.

Dicionário Bibliográfico, que o orientaram, assim como as informações e documentos facultados pelos seus amigos, Alberto Artur Sarmiento, Cónego António Homem de Gouveia, Padre Eduardo Pereira, Cónego Fernando de Menezes Vaz, Ernesto Gonçalves e José Pedro Machado. As consultas efetuadas na Biblioteca Municipal do Funchal e no Arquivo Distrital, facilitadas por Rui de Ornelas Gonçalves e Álvaro Manso de Souza, respectivamente, foram também indispensáveis para o desenvolvimento do seu estudo²⁵⁶.

Estamos perante um trabalho inédito, chegando mesmo a afirmar, o Visconde, que até então “não apareceu trabalho que apresente um conjunto de escritores madeirenses no movimento literário do Arquipélago”. Tendo em conta esta constatação, podemos salientar o seu desencanto, em 1949, logo no prólogo do primeiro volume, após o atraso verificado na publicação da obra, por parte da vereação da Câmara Municipal do Funchal, que demorou 2 anos a publicar o trabalho:

Em 1947, tendo concluído este trabalho - que primeiramente pensei intitular «Escritores Madeirenses», - após seis anos de bosquejos e de estudos, a Vereação Municipal do Funchal [...] considerando esta obra de investigação e cultura [...] deliberou, em sessão e por unanimidade, mandar editar este trabalho.

[...] Como após dois anos nada se adiantasse no sentido de mandar publicar o livro e tendo aparecido outras edições da Câmara posteriormente ordenadas pelo Presidente efectivo, Ex.mo Sr. Dr. Óscar Baltazar Gonçalves, soube directamente de Sua Excelência que tencionava publicar primeiramente outras obras e só possivelmente mais tarde, quando tivesse disponibilidades, cuidaria deste estudo.

Como se depreende, o autor sentiu-se desiludido com a demora da Câmara. Tomou então a iniciativa de suportar os custos da edição do primeiro volume:

[...] Então como considero que algumas dessas obras em projecto de edição camarária podem de certo modo prejudicar a primazia e originalidade do meu modesto trabalho, resolvi dispensar o compromisso da Ex.ma Vereação, e agradecendo a todos a boa vontade e o amável acolhimento que me dispensaram, proceder desde já, sob minha responsabilidade, à publicação do primeiro volume destas *Notas e Comentários* para a História Literária da Madeira.

Podemos acrescentar que na época surgiu outro trabalho do género, sob o título de *Musa Insular* (1959), de Luís Marino, pseudónimo literário de Luís Gomes da Silva. Esta obra, contudo, trata apenas de poesia madeirense, enquanto os volumes de *Notas e Comentários* do Visconde compreendem diversos escritores e géneros literários.

²⁵⁶ Cf. V.P.C. (1949a), pp. [3]-7. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

Em *Musa Insular* (1959), apresenta-se a biografia do Visconde do Porto da Cruz, incluindo o poema “Criança”, da sua autoria (assinado com a letra V.), que segundo Luís Marino, foi a poesia com a qual o Visconde concorreu aos Jogos Florais da Madeira, em 1941-42, organizados pelo *Eco do Funchal*²⁵⁷. No terceiro volume das suas *Notas e Comentários*, o Visconde referiu-se a Luís Marino e aos prémios conquistados nos Jogos Florais da Madeira, incluindo os três poemas que foram a concurso: “Ser Cristão”, “As meninas dos meus olhos” e “Glosa”, que foram premiados, embora acrescentando que este havia sido o único concorrente²⁵⁸.

Em 1958, publicou *O Movimento Intelectual do Arquipélago da Madeira, 1.º Período – 1420-1820*²⁵⁹, que corresponde a uma parte do texto publicado no primeiro volume de *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira*.

Concentremo-nos agora nos três volumes de *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira* e à contribuição do autor para o conhecimento deste aspecto da cultura e sociedade madeirenses. Os três volumes foram divididos em três períodos diferentes, correspondendo o primeiro volume, publicado em 1949, ao período de 1420 a 1820; o segundo volume, publicado em 1950, de 1820 a 1910; e o terceiro volume, que vem a público em 1953, ao período de 1910 a 1952, época de edição da obra.

No primeiro volume, defende-se que a história literária na ilha, “nos tempos mais recuados”²⁶⁰, era semelhante à do continente, referindo-se os géneros explorados pelos autores, desde os romances inspirados nos grandes feitos dos heróis, como os descobrimentos portugueses, os “Poetas-fidalgos”, com as influências espanholas, do período que se convencionou chamar de “poesia palaciana”, às lendas, que no seu entender, eram tidas como “o germen da prosa histórica” e também aos “estudos nobiliárquicos”, que considerava importantes do ponto de vista histórico.

Entre as preferências literárias na ilha, encontravam-se também as “novelas cavalleirescas”²⁶¹ e o “romance narrativo”. A este respeito, os comentários do Visconde

²⁵⁷ Luís Marino (1959), pp.385-386.

²⁵⁸ Cf. V.P.C. (1953b), pp. 269-272.

²⁵⁹ Note-se que se trata de uma separata da *Revista Portuguesa*, nº 84

²⁶⁰ V.P.C. (1949a), p. 7-10. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

²⁶¹ *Ibidem*, pp. 11-31. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

Atente-se que o V.P.C. refere, a propósito da vida cultural do arquipélago na época, que “os filhos das famílias mais distintas ou mais abastadas, depois de um estágio na Capital iam, em regra, para os mais notáveis, centros de cultura e de progresso do estrangeiro a colher os benefícios de uma instrução esmerada e

permitem uma aproximação a alguns pormenores da vida cultural madeirense da época, levando-o a concluir, por outro lado, que havia uma “grande cultura [...] no Arquipélago nos séculos XV e XVI”, tendo em conta as manifestações literárias que conseguiu registar. Ainda assim, reconheceu que o seu trabalho sobre a História Literária da Madeira, do período mais remoto, apresenta lacunas, as quais entendia que mais tarde poderiam ser colmatadas “por outros investigadores, que encontra[riam] já este campo meio desbravado”.

Também os séculos XVII e XVIII são analisados no primeiro volume, referindo-se à influência francesa, que defende teria sido mais acentuada na Madeira do que no território continental. Num outro âmbito, também faz menção ao surgimento das Academias, a *Assembleia dos Únicos do Funchal* e a *Arcádia Funchalense*²⁶². Neste volume, entre os intelectuais madeirenses que considerou que se haviam distinguido na literatura, podemos encontrar, por exemplo, Francisco Álvares de Nóbrega, conhecido por “Camões Pequeno”²⁶³.

No segundo volume, o Visconde descreve o período que vai de 1820 a 1910, referindo-se à influência da vida política nacional que se refletiu também na literatura madeirense, como os acontecimentos desencadeados pelas revoluções liberais e implementação do liberalismo, e mais tarde com a Monarquia Constitucional. Neste sentido, o Visconde menciona o surgimento da *Sociedade Funchalense dos Amigos das Ciências e Artes*, criticando uma sessão solene para celebração do seu primeiro aniversário e acusando os sócios desta associação de terem sido os responsáveis pela adesão da Madeira, em 1821, à revolta do Porto²⁶⁴. Temos de ter presente que o Visconde diversas vezes se manifestou contra a implementação do liberalismo, que pôs fim ao Absolutismo e instaurou um novo regime político (Monarquia Constitucional) – assim se compreende o seu sentimento negativo em relação a esta Associação madeirense²⁶⁵. O Visconde remete, aliás, para este período o surgimento que denomina de “três novos géneros literários”, à

progressiva” e também a existência de documentos que provam existir na ilha “a ideia fixa de desenvolvimento intelectual no Arquipélago, organizando no Funchal um núcleo educativo”.

²⁶² *Ibidem*, p. 109-111 – Acrescente-se que César A. Pestana (1985) menciona as várias instituições culturais que surgiram na Madeira, no século XIX (p. 21).

²⁶³ V.P.C. (1949a), pp. 113-115.

²⁶⁴ Cf. V.P.C. (1950b), pp. [5] -7. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

²⁶⁵ A propósito das suas ideias sobre o liberalismo, veja-se por exemplo, as obras e os textos publicados em jornais, nos quais o V.P.C. criticou este período da nossa História, como referimos no capítulo I: sobre Integralismo Lusitano (1.1.1) e sobre a sua obra (1.3).

semelhança do que se passava no Continente: “o Jornalismo, os Panfletos Políticos e a Verborrea Parlamentar”. Assim, refere os primeiros periódicos na Madeira, de 1820 a 1829, registando a existência de nove jornais, tendo o *Patriota Funchalense*, em 1821, inaugurado esta fase do intelectualismo madeirense, pela mão de Nicolau Caetano de Bettencourt Pita²⁶⁶. Mais tarde, a exemplo do que se passava na Europa, também na Madeira se acompanhava as novas correntes literárias, nomeadamente o Romantismo, vindo essencialmente dos escritores que tinham estado exilados²⁶⁷.

Entre os intelectuais referidos no segundo volume da *História Literária* encontram-se alguns dos seus familiares, que se distinguiram nas Letras, como o Padre João Manuel de Freitas Branco (tio do avô paterno); Luís de Freitas Branco (tio-avô paterno); João de Freitas Branco (tio paterno e mentor da sua aptidão para as Letras); João de Sant’Ana e de Vasconcelos Moniz de Bettencourt (irmão da avó paterna e pai da Condessa de Almada) e outras individualidades que marcaram de alguma forma a sua vida, como o Padre Manuel Fernandes de Sant’Ana, que o orientou na sua vocação literária, quando foi estudar para o Colégio de Campolide²⁶⁸.

Por fim, o terceiro volume da *História Literária* abarca a época em que viveu o Visconde do Porto da Cruz, compreendendo os autores que se evidenciaram e deram o seu contributo para o engrandecimento da literatura madeirense no período de 1910 a 1952.

Neste volume é feita uma análise à literatura coeva, procurando o Visconde explicar as possíveis influências que marcam as obras que surgiram na sua época, a nível nacional, e que também encontraram eco no arquipélago da Madeira, influenciando escritores e obras literárias.

A este respeito, alguns dos acontecimentos mais marcantes da vida portuguesa do início do século passado, desde o regicídio de 1 de Fevereiro de 1908 à proclamação da República, em 1910, tinham sido, na opinião do Visconde, provocados por uma “*geração de desvario*”²⁶⁹, dominada por um clima de “paixões” e de “ódios” político-partidários que já vinham desde os últimos tempos da “Monarquia-liberal” e da actividade das organizações secretas (Maçonaria e Carbonária). Estas organizações tinham desenvolvido

²⁶⁶ Cf. V.P.C. (1950b), pp. 8-9.

²⁶⁷ *Ibidem*, p. 10.

²⁶⁸ *Ibidem*, pp. 37-95. Note-se que, em relação a João de Freitas Branco, já referimos no capítulo I, a orientação que o V.P.C. afirmou ter recebido do seu tio na sua formação literária.

²⁶⁹ V.P.C. (1953b), p. [5]-10 (itálico no original). Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

na imprensa e nos panfletos uma campanha visando “desmantelar as tradições nacionais, desacreditar as virtudes da Raça, desfigurar e inferiorizar as grandes figuras da História, e arrancar do espírito popular os sentimentos de disciplina, de ordem e de espiritualidade religiosa”. Na sua opinião, o ambiente político nacional da época e também a literatura francesa, influenciaram os artistas em geral e, a literatura, em particular, nos diversos géneros, do romance, à poesia, passando pelo teatro e pelo jornalismo, que “se deixaram arrastar ao sabor dessas correntes perigosas”. Para além disto, o Visconde também considerava que “as traduções más e as adaptações nocivas de peças teatrais, especialmente dos judeus franceses” faziam o (mau) gosto da época. Assim, a maior parte da literatura produzida durante aquele período espelhava o pensamento de uma geração, que se insurgia contra a religião Católica e contra a monarquia, “a par do sentimento contra todos os princípios de ordem, de disciplina e de respeito pelas tradições e pelos legítimos interesses da Nação”, indicando que não tinham “formação nacionalista”. Estas considerações demonstram que os ideais da doutrina do Integralismo Lusitano, que orientaram Freitas Branco na sua juventude, estavam ainda presentes no seu pensamento, à data da publicação do terceiro volume da *História Literária*, três décadas volvidas do período mais intenso do movimento do IL.

De acordo com o Visconde, após a proclamação da República intensificaram-se as paixões e lutas contra a religião, patentes na literatura da época, especialmente na imprensa, mas também nos livros e no teatro. A literatura de então era, a seu ver, caracteristicamente revolucionária, agressiva, parcial e partidária, reveladora de um espírito destrutivo para “aniquilar todos os traços, todas as ligações, toda a vocação ou espírito de continuidade do *passado*, da tradição histórica, do velho sentimento da Grei”. Mais: segundo ele até mesmo as obras dos historiadores deturpavam “a verdade do passado histórico da Nação”, uma verdade que só começara a ser reposta com os trabalhos de homens da sua geração, que chamava de “geração do resgate”: António Sardinha, Alfredo Pimenta e, depois, João do Ameal, regenerando as figuras de heróis e de reis do passado português, que entendia terem sido “desvirtuadas por uma literatura caluniosa de escritores que não hesitaram em subordinar as realidades ao facciosismo e á injustiça das suas conveniências e das suas paixões políticas”.

É neste contexto que recorda a figura de Henrique de Paiva Couceiro, a quem atribuiu o mérito da primeira contestação nacionalista, “a primeira reacção séria e

orientada de católicos e de monárquicos decididos a lutar pelo reatamento da tradição histórica de Portugal”, a qual, na sua opinião, desencadeou o surgimento de uma nova corrente literária. Defende também a importância do movimento do grupo do Integralismo Lusitano, na sua luta contra “o pensamento da demagogia democrática, antinacional e anticatólica”, movimento com que colaborou depois no consulado de Sidónio Pais, conseguindo o que chamou de um “equilíbrio” na vida do intelectualismo português de então. Equilíbrio este que entendeu ter sido abalado após o assassinato de Sidónio e da tentativa fracassada de restauração monárquica, em 1919, sendo restabelecido pelo “28 de Maio” (de 1926). Assim, para Porto da Cruz foi Salazar, que acarinhando as doutrinas defendidas pelo Integralismo Lusitano e incentivando a formação da corrente política do Centro Católico, conseguiu pôr fim a um ciclo de “demagogismo maçónico e ateu” e reatar a tradição histórica.

Recorde-se, aliás, que ainda antes do “28 de Maio”, Salazar se deslocou à Madeira, a convite do Centro Católico, para uma série de conferências no Funchal²⁷⁰. A partir de então, garantia o Visconde, o intelectualismo madeirense ganha um novo fôlego, graças ao ressurgimento de notáveis escritores, que desenvolveram a sua actividade, predominantemente na imprensa. Um dos casos que mais se destacou foi o de Luís Vieira de Castro, fundando *O Jornal*, onde reuniu um conjunto de colaboradores entre os escritores e jornalistas, nos quais se incluiu o próprio Alfredo de Freitas Branco.

É portanto, neste sentido, que o Visconde afirmou que as tendências literárias verificadas a nível nacional, influenciadas também pela conjuntura política internacional, tiveram repercussão nas criações literárias madeirenses e nos escritores da Madeira.

No terceiro volume da *História Literária*, Porto da Cruz refere ainda os grupos de intelectuais que se formaram e se reuniam em tertúlias literárias. Assim, vemos surgir o *Grupo do Centenário*, composto por Alberto Artur Sarmiento, João dos Reis Gomes²⁷¹, Padre Fernando Augusto da Silva e Francisco Bento de Gouveia. Mais tarde, outro núcleo se formou, denominado de *Cenáculo*, uma das mais consagradas tertúlias literárias da Madeira. Era este um grupo muito restrito, chegando mesmo a confessar, o Visconde, que os novos valores literários não eram bem vistos, nem convidados para as tertúlias do grupo, especialmente por Reis Gomes e Fernando da Silva, provavelmente referindo-se até à sua

²⁷⁰ A este propósito veja-se Emanuel Janes (1997a), pp. 73-82.

²⁷¹ Veja-se nota biográfica no anexo I.

própria pessoa, pois afirmou que “até os afastavam fazendo por desiludi-los”²⁷². Ainda a este respeito, salientamos o comentário de PESTANA (1985), a propósito das decisões dos dirigentes do *Cenáculo* acerca do reconhecimento dos talentos regionais: “O próprio Visconde do Porto da Cruz ao tempo com uma obra literária muito promissora já, nunca ultrapassou o «átrio», segundo nos confessou – circunstância que se deve atribuir, em parte, ao seu irrequietismo...”²⁷³.

O Visconde mencionou ainda a formação de duas outras tertúlias (embora não refira os seus nomes) depois do *Cenáculo* – da primeira, igualmente restrita, faziam parte os irmãos Henrique e Francisco Franco²⁷⁴ e o artista Alfredo Miguéis²⁷⁵, ao qual, mais tarde, se juntaram o poeta Jaime Câmara, o naturalista Adolfo de Noronha e o médico João Francisco de Almada; da segunda organização, que surgiu após o estabelecimento do Museu Municipal, que era dirigido por Adolfo de Noronha, faziam parte, além do director do Museu, João Francisco de Almada, Alberto Artur de Sarmiento (que se separava do *Cenáculo*), o Cónego António Homem de Gouveia, Feliciano Soares, Walter Gabham e Gunther Maul.

Também neste terceiro volume são evocados os esforços do Visconde da Ribeira, por ter tomado algumas iniciativas de âmbito cultural, “e esforçou-se por dar ao intelectualismo insular um nível mais elevado”²⁷⁶, criando bolsas de estudo e incitando a publicação de trabalhos literários, geológicos e de investigação histórica. Foi nesta fase que, segundo Porto da Cruz, surgiu por exemplo, o *Elucidário Madeirense*, acusando assim o Padre Fernando Augusto da Silva de “chama[r] a si todas as honras” da obra e afirmando, o Visconde, que este teve simplesmente “a colaboração da parte histórica do Arquipélago e que, por sinal, frequentemente apresenta lapsos muito graves” assegurando, contudo, que esta foi uma “bela obra do grande cientista que foi Carlos Azevedo de Meneses”.

²⁷² V.P.C. (1953b), p.12.

²⁷³ Cf. César A. Pestana (1985), p. 34. – Saliente-se que este autor refere que o grupo do *Cenáculo* era constituído por pessoas que tinham grande prestígio na vida intelectual e social, os quais exerceram uma importante influência no meio cultural e artístico madeirense. As suas reuniões decorriam no hotel «Golden Gate», onde debatiam diversos assuntos da sociedade madeirense. O *Diário da Madeira* era o órgão oficioso da Tertúlia, sob a direcção do Major Reis Gomes. O grupo tinha grande influência no seu meio intelectual, as suas opiniões eram muito valorizadas pela sociedade e os novos valores literários dependiam da sua aprovação para terem o reconhecimento desejado (pp. 30-35).

²⁷⁴ Veja-se nota biográfica no anexo I.

²⁷⁵ Veja-se nota biográfica no anexo I.

²⁷⁶ V.P.C. (1953b), pp.13-14. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

“Os Cinco Artistas Vagabundos” foi outro grupo de escritores que surgiu na época, de acordo com o Visconde, no qual ele próprio se incluiu. Desta associação também faziam parte, João Cabral do Nascimento, Luís Vieira de Castro, Álvaro Manso de Sousa e Rodolfo Ferreira. Todos publicavam no *Diário da Madeira*, e antes também se juntaram, entre outros, Ernesto Gonçalves e António da Cunha de Eça. Contudo, tal como sucedera com outros grupos, também este acabou por se dispersar.

Ainda há o registo de um outro núcleo, de Antonino Pestana, Manuel Pestana Reis e Ramon Correia Rodrigues a que se juntaram outros madeirenses provenientes de outros grupos entretanto dispersos. Uma vez mais, o Visconde afirma que na Madeira apareceram valores notáveis que não tiveram o devido reconhecimento no meio insular, abandonando “o torrão natal” para se destacarem fora da ilha. Como exemplo, aponta o caso de Pedro Pita²⁷⁷ que se fixou em Lisboa, destacando-se na Academia das Ciências e também como escritor, chegando a ocupar uma pasta de Ministro e Deputado da Nação.

Freitas Branco refere ainda outras tentativas para reunir os intelectuais madeirenses, sem grande êxito, como foi o caso da Associação de Jornalistas, em 1929, o “Instituto Cultural da Madeira”²⁷⁸, em relação ao qual foi muito crítico, ridicularizando a iniciativa e afirmando que conduziu ao afastamento dos verdadeiros intelectuais:

[...] pois que, em vez de serem chamados a reunirem-se e organizarem-se os valores positivos mais evidentes, foram buscar os sócios da Sociedade de Geografia de Lisboa e do Instituto de História, os componentes das direcções da Associação Comercial e dos organismos políticos, e só por mero esquecimento não foram buscar o Clube Marítimo, por ser o Campeão das Ilhas, para formação desse grande núcleo cultural.

O que nunca deixou de realçar foi o contributo do jornalismo madeirense, do qual afirmava terem saído “alguns dos mais notáveis literatos”, isto apesar de acusar a imprensa de ter sido “atingid[a] pela crise de valores, pela falta de critério e até pela falta de carácter, falseando a sua verdadeira missão e tornando-se os periódicos apenas órgãos das Empresas ou de interesses comerciais ou industriais, na maioria ao serviço de entidades estrangeiras”. Com estas reflexões e comentários, com um estilo peculiar, que se nota na sua escrita emotiva, muitas vezes parcial, em defesa dos seus ideais, o Visconde reúne neste terceiro volume das suas *Notas e Comentários*, os principais autores que contribuíram para o

²⁷⁷ Veja-se nota biográfica no anexo I.

²⁷⁸ V.P.C. (1953b), pp.15-17. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

movimento intelectual e cultural da história literária da Madeira, do período de 1910 a 1952. Neste, por ser relativo à sua época, vamos encontrar muitos intelectuais da sua “geração”, entre os quais vários amigos seus, companheiros integralistas, outros com quem se relacionava e alguns dos seus familiares. Também é possível encontrar referências a “gerações” mais novas, que se iam evidenciando na imprensa regional e nos periódicos académicos, os quais o Visconde do Porto da Cruz considerou dever mencionar neste terceiro volume, por os considerar talentos promissores e por terem “projecção no movimento literário” madeirense.

Os jovens promissores das Letras madeirenses, estudantes do liceu do Funchal, escreviam em periódicos, como o *Presente*, órgão dos estudantes da Mocidade Portuguesa e no *1.º de Dezembro*, dos estudantes do liceu, publicando trabalhos que o Visconde julgou que “deviam considerar-se como boas esperanças para um enlevamento do nível literário madeirense”. Entre estes jovens escritores menciona, por exemplo, Carlos Lélis Gonçalves “que, apenas com 15 anos, publicou uma poesia que muitos, que se julgam consagrados, desejariam assinar”²⁷⁹, reproduzindo o referido poema, publicado no *Presente*, em 1947.

Quanto a alusões a familiares menciona, por exemplo, o seu próprio filho, Silvano José de Freitas Branco e um estudo feito sobre o Hospício da Princesa D. Maria Amélia, premiado pelo Júri dos trabalhos da Mocidade Portuguesa; a sua mãe, Ana Augusta de Castro Leal de Freitas-Branco; os seus primos – os músicos Luís de Freitas Branco e Pedro de Freitas Branco, assim como o pai destes, seu tio Fidélio de Freitas Branco²⁸⁰. Por aqui se percebe como pertencia a uma família ligada às artes que contribuiu no desenvolvimento cultural madeirense.

Há ainda no terceiro volume informações bio-bibliográficas de outras personalidades notáveis como, por exemplo, Jaime Moniz²⁸¹, cujo nome foi atribuído ao liceu do Funchal; o Visconde da Ribeira Brava (Francisco Correia de Herédia)²⁸² e Jorge de Veloza

²⁷⁹ *Ibidem*, p. 308.

²⁸⁰ *Ibidem*, pp. 42-304 – Sobre a família Freitas Branco veja-se, por exemplo: Silvano, p. 281; Ana Augusta de Castro Leal, p. 51; Luís e Pedro, pp. 303-304 e Fidélio, pp. 42-43. Acrescente-se que em relação à sua mãe, o V.P.C. refere que Ana Augusta Freitas Branco “colaborou na imprensa Católica, com o pseudónimo de XYZ sem que suspeitassem que tantos e tão primorosos artigos fossem da sua autoria. A revista «Esperança» trouxe vasta colaboração assinada por «X Y Z». Tinha estilo sóbrio, elegante e claro, com fluência de expressão, desenvolvendo com espontaneidade os assuntos - quase sempre de carácter cristão e social”.

²⁸¹ *Ibidem*, pp. 21-23.

²⁸² *Ibidem*, pp. 32-33. – Salientamos que, embora o V.P.C. se encontrasse politicamente em lado oposto ao do Visconde da Ribeira Brava (este último participou em movimentos revolucionários contra a Monarquia, teve um papel de destaque no partido progressista e pertenceu, após a implantação da República,

Perestrelo Camacho²⁸³, um capitão que lutou ao lado de Paiva Couceiro, em defesa da Causa Monárquica.

Entre os seus amigos, contemporâneos e personalidades com quem se relacionava, encontramos neste terceiro volume da *História Literária*, as biografias de Ramon Honorato Correia Rodrigues, com quem fundou *O Realista* e que foi o primeiro director deste periódico; Elmano Vieira, seu companheiro do liceu; Carlos M. Santos, que tendo publicado, em 1937, um livro sobre as músicas tradicionais madeirenses, sob o título de *Tocares e Cantares da Ilha*, foi acusado pelo Visconde de não referir outros autores que publicaram sobre o mesmo tema, incluindo ele próprio; Manuel Gregório Pestana (conhecido por Pestana Júnior), seu colega no Colégio de Campolide; Urbano Canuto Soares, que também publicou um estudo sobre as tradições da Madeira; Eduardo Antonino Pestana; Ernesto Gonçalves; João Cabral do Nascimento; Alberto Artur de Sarmiento; Luís Vieira de Castro; Octávio de Marialva; César Pestana (Pausânias); Horácio Bento de Gouveia, entre outros, que não nomeamos, pois a extensão do nosso trabalho não nos permite mencionar a todos²⁸⁴.

De destacar que, em algumas das notas biográficas apresentadas neste terceiro volume, o Visconde inclui comentários sobre o seu próprio percurso de vida, resultando, deste modo, uma obra com uma forte componente biográfica, apesar de também incluir a sua própria biografia²⁸⁵.

Salientamos ainda, neste terceiro volume, a inclusão de uma relação dos periódicos madeirenses, desde 1821 (*O Patriota Funchalense*) a 1953 (*A Voz da Madeira*), à qual deu

à facção partidária de Afonso Costa), não deixou de reconhecer o seu contributo ao desenvolvimento da cultura madeirense, como já referimos no presente capítulo.

²⁸³ *Ibidem*, pp. 39-41 – O Visconde afirma que foi seu ajudante, por alturas das conspirações monárquicas de Paiva Couceiro: “O autor deste estudo desempenhou de 1911 a 1914 o cargo de Ajudante do Capitão Jorge Camacho, acompanhando-o quer nas suas viagens, quer nos seus trabalhos conspiratórios e nos estudos genealógicos e de história militar, organizando e classificando a documentação necessária e copiando muitos estudos”.

²⁸⁴ *Ibidem*, pp. 98-221 (Ramon Rodrigues, pp. 132-134; Elmano Vieira, pp. 164-165; Carlos Santos, pp. 168-169; Pestana Júnior, pp. 117-119; Urbano Soares, pp. 170-171; Eduardo Pestana, pp. 165-166; Ernesto Gonçalves, pp. 176-179; Cabral do Nascimento, pp. 179-183; Alberto Artur de Sarmiento, pp. 98-99; Luís Vieira de Castro, pp. 189-191; Octávio de Marialva, pp. 191-194; César Pestana, pp. 213-220 e Bento de Gouveia pp. 220-221).

Acrescente-se ainda que, em relação a Carlos M. Santos, o V.P.C. garantiu ter sido o primeiro a abordar o tema das músicas e cantigas madeirenses, na Associação dos Arqueólogos Portugueses, em 1925, e que Carlos M. Santos não referiu o assunto, tal como não referiu outros autores madeirenses que trabalharam o mesmo tema, tais como Alberto Artur de Sarmiento, Padre Eduardo Pereira, Antonino Pestana e João Nunes (Diabinho).

²⁸⁵ *Ibidem*, pp. 331-334. Podemos acrescentar que a sua autobiografia, incluída no 3º vol. das *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira*, foi de grande utilidade no nosso trabalho.

o título de “Movimento da Imprensa da Madeira” e uma relação de textos sobre a Madeira, de diversos autores nacionais e estrangeiros, publicados em diferentes línguas e em diferentes localidades, com destaque para Lisboa, Paris, Londres, Berlim, Madrid e Nova Iorque²⁸⁶.

Em suma, verificamos que, o Visconde do Porto da Cruz, além de apresentar dados biográficos dos autores que se evidenciaram na história literária da Madeira, e excertos de trabalhos de alguns desses autores, também inclui múltiplos comentários, onde prevalecem as suas opiniões pessoais, muitas vezes criticando tudo e todos aqueles com os quais não concordava. Salientamos, no entanto, a importância do levantamento e organização dos três volumes da *História Literária da Madeira*, tanto para consulta, como para o conhecimento dos intelectuais madeirenses que mais se projectaram.

3.2 Monumentos e artes visuais

Os monumentos e as estátuas da Madeira suscitaram o interesse do Visconde do Porto da Cruz que também desenvolveu alguns trabalhos sobre o património material do arquipélago e contribuiu para divulgar artistas e a arte regional. Nas suas obras procurou identificar os bens imóveis, entre os quais igrejas, casas de personalidades ilustres (como a Casa de Colombo e outros monumentos), que considerava ser uma herança do passado do povo madeirense²⁸⁷.

Chamamos a atenção assim, para o contributo dado pelo Visconde para o conhecimento da história dos monumentos madeirenses, sem esquecer a atitude crítica, perante as situações de desleixo, e os seus alertas para a necessidade da preservação do património material.

A este respeito, o Visconde apresentou, em 1924, uma comunicação na Associação dos Arqueólogos Portugueses, promovendo esta vertente do património cultural da sua terra, intervenção depois publicada sob o título *Algumas lendas e alguns monumentos do*

²⁸⁶ *Ibidem*, pp. [311]-329. Consulte-se a relação dos periódicos (pp. [311]-313) e a relação de textos sobre a Madeira (pp. 314-329).

²⁸⁷ Sobre este assunto consulte-se a recolha efetuada por Nelson Veríssimo e José de Sainz Trueba (1996), que sistematiza uma parte do património material madeirense, e na qual se podem encontrar referências a elementos culturais mencionados na obra do V.P.C. analisadas no presente capítulo.

*Archipelago da Madeira*²⁸⁸. Neste texto destaca-se a Sé Catedral do Funchal, o Convento das Mercês, a Capela das Almas e o Bronze da Necrópole²⁸⁹.

Também na imprensa, o Visconde publicou alguns artigos sobre os monumentos e as artes visuais, nomeadamente no semanário *Independência*, na revista *Ilustração Madeirense* e na revista *Das Artes e da História da Madeira*.

No *Independência*, além de chamar a atenção para a necessidade de preservação dos monumentos, também procurou promover os artistas e as artes visuais madeirenses, em particular, a pintura, a escultura e o artesanato, aspectos que iremos desenvolver mais adiante.

Na revista *Ilustração Madeirense* destacamos o artigo “Cidade do Funchal”, no qual o Visconde refere edifícios como a Sé Catedral, o Castelo de S. João do Pico, a Igreja de Santa Clara, a Capela de Santa Catarina e a Fortaleza de S. Lourenço considerando que “estas são as que mais prendem o interesse dos visitantes quer pelo seu aspecto histórico, quer pelos motivos artísticos que ainda apresentam”²⁹⁰. Acrescente-se que a publicação da revista em três línguas (Português, Francês e Inglês) permitia abranger um público mais vasto, promovendo e projectando assim a cultura madeirense a nível internacional, pois a revista era essencialmente dedicada ao turismo, como já referimos.

Na revista *Das Artes e da História da Madeira*, foi publicado, em 1951, um texto sob o título “Ligeiras notas sobre os Monumentos do Arquipélago, I – A Sé Manuelina”, no qual se descreve a Sé do Funchal²⁹¹.

Outro registo dos monumentos da Madeira encontra-se no livro *Folclore Madeirense* (1955), no capítulo XIV, onde aponta aqueles que considerou como os principais monumentos do Arquipélago. Nesta obra destacamos as alusões à Sé Catedral e ao Chafariz nas suas proximidades, que abastecia água aos comerciantes e moradores do local; à Capela de Santa Catarina; à Capela de S. Paulo; à Igreja de Santa Clara; à Igreja de Santa Cruz e em frente desta, o Cruzeiro dos Monizes, que se acredita ter sido edificado para assinalar o sítio onde foi ateadado fogo após a Descoberta da Ilha; à Igreja de Machico;

²⁸⁸ Note-se que já nos referimos a esta comunicação e a este texto, no capítulo II.

²⁸⁹ Cf. V.P.C. (1924), pp. 14-20.

²⁹⁰ *Idem* (1930), “Cidade do Funchal”, *Ilustração Madeirense*, Outubro, N.º 2, pp.5-7.

²⁹¹ *Idem* (1951) “Ligeiras notas sobre os Monumentos do Arquipélago, I – A Sé Manuelina”, *Das Artes e da História da Madeira*, pp. 6-7.

à Capela dos Varadouros; ao Monumento a Nossa Senhora da Paz, no Terreiro da Luta e à Estátua do Cristo do Garajau²⁹².

Nas suas referências à Sé do Funchal, o Visconde descreveu a Catedral madeirense, abordando de forma breve a sua história, as dificuldades na sua edificação, iniciada em 1493, e só terminada em 1513. Ao descrever o interior da Igreja, considerou os motivos e os relevos “verdadeiras obras de Arte”²⁹³ e criticou o “mau gosto [...] de cobrirem as soberbas colunas, de negras cantarias cuidadosamente buriladas, com uma pintura a óleo imitando os laivos raiados do mármore...”²⁹⁴. Considerava assim a Sé um “belo monumento”²⁹⁵, embora, na sua perspectiva, o estilo manuelino deste templo religioso, não tivesse o opulência de outros monumentos da época. Ainda assim, a Catedral, situada na baixa do Funchal, era “rica de cantarias e de preciosas madeiras”²⁹⁶. Salientamos as críticas e chamadas de atenção que publicou no *Independência*, apelando que “em nome da Arte, da Estética, do bom gosto e do bom senso”²⁹⁷ fossem ouvidas as reclamações, e que fossem retirados os “*postes telefônicos*”²⁹⁸, antes que acontecesse algum imprevisto e viesse a torre ao chão, durante um temporal. E continuou a protestar, noutro artigo, contra os referidos postes e também contra as roupas a secar, para o lado do mar, afirmando que iria continuar a contestar até “conseguir restitui-la à sua primitiva beleza, livrando-a de todos os parasitas, de todas as incrustações e barbaridades de que tem sido vítima”²⁹⁹.

Também encontramos menção aos monumentos demolidos, como o Convento das Mercês, do qual guardava boas memórias de infância, quando visitava o convento (daí se compreende a sua revolta pela demolição após a Implantação da República)³⁰⁰; o Pilar de Banger cuja destruição critica por nada ter sido feito para preservar a sua história, com as pedras em cantaria que serviram para a construção de uma habitação, nas proximidades do Funchal³⁰¹.

²⁹² *Idem* (1955a), pp. [279]-290. Veja-se também as fotografias incluídas na obra: “A Sé Manoelina (*sic*) – Catedral do Funchal (Monumento Nacional); “Côro – Altar-mór – obra de talha em madeiras regionais – Sé-Catedral do Funchal” e “O Cristo do Garajau” [não paginado].

²⁹³ V.P.C. (1924), p. 15.

²⁹⁴ *Ibidem*.

²⁹⁵ V.P.C. (1955a), p. 282.

²⁹⁶ *Idem* (1930), “Cidade do Funchal”, *Ilustração Madeirense*, Outubro, N.º 2, p.5.

²⁹⁷ *Idem*, “Letras, Sciencias & Artes” *Independência*, N.º 22, 24-11-1928, p. 2.

²⁹⁸ *Ibidem* (itálico no original).

²⁹⁹ *Idem*, “A torre da Sé” *Independência*, N.º 25, 22-12-1928, p. 6.

³⁰⁰ Cf. V.P.C. (1924), pp. 16-18.

³⁰¹ *Idem* (1955a), pp.289-290. O Pilar de Banger, construído em 1789, pelo comerciante John Banger, e demolido em 1939, foi parcialmente reconstruído, em memória do antigo Pilar, após terem sido encontrados

Entre os Palácios e Fortalezas são indicados o Castelo do Pico; a Fortaleza do Ilhéu e o Forte de S. Tiago, construções filipinas; a Fortaleza e Palácio de S. Lourenço, no qual, segundo o autor, residiram os descendentes de Zarco e Capitães-Donatários do Funchal e onde também tinha ficado hospedada a Família Real, em 1901, quando visitaram a Madeira; o Palácio do Município do Funchal, que pertenceu aos Condes de Carvalhal, sendo mais tarde, ampliado e remodelado, sob a presidência de Fernão de Ornelas e o Chafariz do Largo da Fortaleza, mandado construir também pelo mesmo edil³⁰².

Salientamos ainda a Casa de Cristóvão Colombo, no Porto Santo, e a Janela do Solar de Colombo no Funchal, a qual, segundo o Visconde, escapou à demolição da casa de Colombo no Funchal e foi adquirida por Harry Hinton³⁰³; o Busto do madeirense João Fernandes Vieira, “o heroico libertador de Pernambuco”, que inicialmente foi colocado em frente à Sé e depois foi transferido para o Jardim Municipal; o Busto ao Conde de Canavial e a Estátua ao Infante D. Henrique, que o Visconde considerou ser “uma estátua muito infeliz de um arquitecto de mau gosto”, afirmando mesmo que o Infante merecia melhor³⁰⁴.

Quanto às suas alusões a artistas madeirenses, destacamos o escultor Francisco Franco, um dos artistas mais referidos. Tanto nas suas obras como em artigos publicados na imprensa, o Visconde contribuiu para promover aquele seu conterrâneo, sempre enaltecendo o seu trabalho. Assim, em *Folclore Madeirense* (1955), Francisco Franco surge como o escultor do Monumento aos Mortos da *Surprise*, feito em homenagem às vítimas do bombardeamento no porto do Funchal, a 3 de Dezembro de 1916; do Monumento a Rocha Machado, mandado construir pelos seus herdeiros; do Monumento alegórico à primeira travessia aérea Lisboa-Madeira, empreendida por Gago Coutinho e Sacadura Cabral; do Busto a Gonçalves Zarco; da Estátua o Semeador e da Estátua ao Capitão João Gonçalves Zarco³⁰⁵. O Visconde continuou a referir-se a Francisco Franco em diversas situações na sua vida, sempre que se proporcionava uma oportunidade. Quando se encontrava na Alemanha, por exemplo, em serviço naquele país, durante a II

os seus alicerces, na construção da Avenida do Mar. Está situado nas proximidades da sua localização original.

³⁰² *Ibidem*, p.283-289. Veja-se também as fotografias incluídas na obra: “Castelo do Pico – Funchal”; “Torreão do Palácio de S. Lourenço”; “Palácio do Município do Funchal” e “Largo da Fortaleza de S. Lourenço”, [não paginado].

³⁰³ *Ibidem*, pp. 283-289. Note-se que, na publicação sob o título de *A estada de Cristovam Colombo na Madeira* (1936), o Visconde refere também a janela da casa de Colombo, adquirida por Harry Hinton, a quem dedicou este texto. Cf. V.P.C. (1936), p.[6].

³⁰⁴ Cf. V.P.C. (1955a), p.286-288.

³⁰⁵ *Ibidem*, pp. 285-288. A propósito da estátua a Gonçalves Zarco, veja-se o trabalho de Rui Carita (1988).

Guerra Mundial e, em visita a uma exposição em Praga, conversando com um artista local, falou de Francisco Franco, seu amigo e conterrâneo³⁰⁶.

No *Independência* frequentemente elogiou aquele escultor madeirense, informando também sobre os convites dirigidos ao artista pelo Município de Arraiolos para criar um “Padrão” para “glorificar os seus Mortos da Grande Guerra”³⁰⁷; pela Câmara Municipal de Lisboa para criar varias esculturas³⁰⁸ e pela Junta Geral do Funchal “para fazer o orçamento dos quatro baixos-relevos do monumento de Zarco”³⁰⁹. Por tudo isto considerava mesmo Francisco Franco como “um dos mais notáveis talentos”³¹⁰ da sua época.

Também no *Independência* não perdeu a oportunidade de publicitar a presença da estátua de João Gonçalves Zarco, da autoria de Francisco Franco, na Exposição de Sevilha, mas antes lamentava o facto de a mesma não ter sido enviada à Exposição de Sevilha, pois “representava mais expansão do renome do Escultor e da nossa Terra”³¹¹.

Entre outras artes e artistas madeirenses promovidos nas páginas do *Independência* encontram-se também as aguarelas de Alfredo Miguéis, que então estava a ter muito sucesso fora da ilha e que tinha sido elogiado numa publicação francesa, por um pintor que visitou a Madeira (mas não menciona o nome da publicação nem do referido pintor)³¹², ou ainda a “arte popular regional”³¹³, conhecida por “Embutidos”, que promoveu, tanto no *Independência*, como em *Folclore Madeirense*. Esta era uma arte era muito antiga na Madeira e segundo o Visconde do Porto da Cruz, constituía “desde as primeiras horas, uma magnífica fonte da riqueza insular”. A partir de madeiras existentes na ilha, de diferentes tonalidades, os artistas “embeleza[vam] móveis, caixinhas [e] cigarreiras” e depois “passaram a reproduzir quadros, flores, trajos e costumes da região”, trabalhados nas diferentes madeiras, com a ajuda de uma lâmina. Em 1928, sobre esta arte popular, o Visconde chamava a atenção para os “Embutidos” da Madeira, pois na sua opinião estes

³⁰⁶ Cf. V.P.C. (1954f), p. 83.

³⁰⁷ V.P.C., “Das Letras, das Sciencias e das Artes” *Independência*, Nº 1, 10-06-1928, p. 2.

³⁰⁸ *Ibidem*, Nº 4, 01-07-1928, p. 2.

³⁰⁹ *Idem*, “Letras, Sciencias & Artes”, *Independência*, Nº 17, 20-10-1928, p. 2.

³¹⁰ *Ibidem*.

³¹¹ A este propósito, veja-se as notícias publicadas no *Independência*: Nº 8, 04-08-1928, p. 2; Nº 20, 10-11-1928, p. 3; Nº 21, 17-11-1928, p. 3 e Nº 29, 26-01-1929, p. 1.

³¹² *Idem*, “Das Letras, das Sciencias e das Artes”, *Independência*, Nº 3, 24-06-1928, p. 2. Sobre este artista ver também os artigos: *Idem*, “Das Letras, das Sciencias e das Artes”, *Independência*, Nº 8, 04-08-1928, p. 2. e *Idem*, “Letras, Sciencias & Artes”, *Independência*, Nº 22, 24-11-1928, p. 2.

³¹³ V.P.C. (1955a), pp. [267]-269. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

trabalhos passavam despercebidos na sua própria terra, mas eram muito apreciados pelos estrangeiros, elogiando um Cristo Crucificado, de Eduardo Pereira³¹⁴. Em 1929, noutro artigo, reforçava a ideia do interesse que por esta arte manifestavam os estrangeiros e publicitava uma exposição de trabalhos de Manuel dos Passos Aguiar, a realizar em breve, na Escola Industrial do Funchal, na qual aquele artista “consegui[a] nos *Embutidos* verdadeiras maravilhas, autênticas obras de arte”³¹⁵, afirmando que estas obras, noutra terra “teria[m] um lugar de destaque entre as *especialidades* regionais afamadas”. Neste sentido, o Visconde apelou a “todos quantos se interessam pela nossa Terra (*sic*) para que acorram a apreciar e a prestar os devidos louvores, como é de justiça, ao Artista bem nosso de uma Arte nossa que devem ser apreciados e enaltecidos”. Inicialmente, de acordo com Alfredo de Freitas Branco, os trabalhos destes artistas, conhecidos por “Embutidores”³¹⁶, eram simples, mas depois com a devida formação, começaram a aperfeiçoar as suas criações, passando as obras a ter maior procura, sendo exploradas pelo comércio local, quer nas chamadas “«Lojas de Artefactos»”, quer pelos “vendedores ambulantes”, que iam vender aos barcos que chegavam. De salientar, ainda a este respeito, a sua alusão ao jornalista Carlos Santos, que considerava um “artista de estranha sensibilidade e com grande poder de imaginação e realização”³¹⁷.

Mas, nos seus textos, o Visconde, também se indignou com a forma como eram tratadas algumas obras de arte, revelando a sua revolta, como sucedeu em Junho de 1928, ao dar conta da “horrenda e monstruosa realidade”³¹⁸ (de alguém que não especifica e que ele próprio interroga a autoria), de terem pintado a óleo, cor de barro, as *Carrancas* e os umbrais das portas e janelas, em cantaria negra, no edifício da Alfandega, recordando mais uma vez, o (mal) que já tinha sido feito às colunas da Sé, também estas pintadas. Para ele tais comportamentos teriam de acabar, deixando a sugestão de criar uma “comissão de Artistas, de técnicos e de pessoas idóneas” para fiscalizar “sempre que haja necessidade” de realizar intervenções nas obras existentes.

³¹⁴ *Idem*, “Das Letras, das Ciências e das Artes”, *Independência*, Nº 1, 10-06-1928, p. 2.

³¹⁵ *Idem*, “É de toda a justiça”, *Independência*, Nº 37, 16-03-1929, p. 1 (itálico no original). Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

³¹⁶ V.P.C. (1955a), p. 268-269. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

³¹⁷ *Ibidem*. De salientar que apesar de elogiar Carlos M. Santos, noutras circunstâncias, este autor foi criticado pelo Visconde, como referimos no ponto 3.1 do presente capítulo.

³¹⁸ V.P.C., “Das Letras, das Ciências e das Artes”, *Independência*, Nº 3, 24-06-1928, p. 2. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

Uma vez mais, mesmo tendo em conta (ou talvez por isso mesmo) as suas fortes críticas e indignações, deve fazer-se justiça à elevada contribuição que o Visconde deu a esta vertente da cultura madeirense, promovendo os seus artistas e as suas obras de arte, ajudando a preservar a memória cultural da sociedade madeirense, fomentando-se aquilo que hoje se poderia considerar como a promoção de um exercício consciente de cidadania.

Capítulo IV – Promoção e Divulgação da cultura madeirense

4.1 Dos costumes culturais do meio rural à vida cosmopolita da cidade

O Visconde do Porto da Cruz, ao realizar os seus estudos, no âmbito do folclore madeirense manteve um contacto mais estreito com o povo, o que possibilitou a oportunidade de observar de perto como vivia a população e quais eram os seus hábitos culturais.

O Visconde interessou-se especialmente pelas vivências da população rural e esboçou alguns quadros de vida do típico “vilão”, com as suas tradições e demais situações do quotidiano, mas também observou o estilo da vida citadina funchalense, contribuindo para promover diversos eventos culturais realizados na cidade. Deste modo, o Visconde foi registando as vivências do povo madeirense, que depois publicou, em opúsculos e em periódicos da época.

A análise deste legado do autor permite conhecer alguns costumes da população da Madeira, na sua época, e perceber alguns aspectos relacionados com o lazer e com as lides do quotidiano, tanto no meio rural como no espaço urbano, naquela que era para ele “a terra mais linda do mundo”³¹⁹.

Temos assim, descrições dos dias festivos, que tinham nos arraiais o ponto alto, aguardados com entusiasmo pelo povo, e aos quais afluía um grande número de pessoas, oriundas de toda a ilha, pois as festas e romarias típicas proporcionavam momentos de diversão e alegria³²⁰. Como eram importantes para o povo, quando estava próximo da data de um arraial, “em particular nos campos, começa[va] uma azáfama incalculável nos preparativos do fato e do «farnel» para a romaria”³²¹. Na véspera da festa, as famílias seguiam a pé, até o local, por vezes percorrendo grandes distâncias, e quando lá chegavam, cantavam e dançavam, ignorando o cansaço da jornada, e entoavam os típicos despiques, muitas vezes ao som dos instrumentos característicos, parando para comer e beber, num divertimento que durava a noite toda. Há ainda a destacar a vertente religiosa dos arraiais, com as procissões e o cumprir de “promessas”, por exemplo, subir de joelhos as escadas do

³¹⁹ V.P.C. (1954c), p. 26.

³²⁰ O Visconde indica como principais festas da Madeira “a «Senhora d’ Agosto» no Monte, o «Senhor Jesus» em Ponta Delgada, o «Senhor dos Milagres» em Machico, o «Domingo do Senhor» no Caniço, o «Santo Amaro» em Santa Cruz e «São Pedro» na Ribeira Brava”. Cf. V.P.C. (1954g), pp. 17-18.

³²¹ V.P.C. (1954g), p. 18-19. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

Monte. Também não podiam faltar os foguetes, o fogo-de-artifício, o coreto enfeitado com flores e bandeiras e os músicos das bandas filarmónicas, com as “suas fardas vistosas”.

Outra época festiva, também aguardada com expectativa, era a quadra natalícia, designada pelos populares por “a Festa”. O Visconde menciona as tradições da quadra, embora numa abordagem ligeira. Neste sentido, observamos que entre os preparativos para as comemorações do Natal, estava a tradicional matança do porco, à qual o povo dava grande importância: “o porquinho da Festa tem um grande lugar na vida do Povo madeirense. A matança é um grande acontecimento que chama o entusiasmo da família e vizinhos”³²². Também marcavam a época natalícia as “Missas-do-parto” e as tradicionais “lapinhas”, que consistiam em “curiosos e originais presépios que o Povo da Madeira enfeita com flores, alegre-campo, frutas, ceáras, «pastorinhos» de barro e luzes”.

Autores madeirenses, coevos do Visconde, deram maior realce a esta época festiva, por exemplo, o Padre Manuel Juvenal Pita Ferreira – *O Natal na Madeira - Estudo Folclórico* (1956); diversos textos publicados na revista *Das Artes e da História da Madeira*, dos quais se destacam os autores Alberto Artur Sarmiento – “O Natal na Madeira: quando eu era estudante”; Antonino Pestana – “O Natal madeirense”; João Cabral do Nascimento – “O Natal de há trinta anos”; J. de Sousa Coutinho – “O Natal na Madeira” e Vasco de Lucena – “O Simbolismo do Natal”³²³.

Como é possível observar na obra do Visconde, o povo madeirense, religioso, cumpria certos rituais, como o de “ir ao domingo, bem cedo, para a Igreja com a mulher e os filhos”³²⁴. O Visconde descreveu também um típico casamento no meio rural, desde a aparência da noiva, vestida “de branco, com o clássico véu e as flores de laranjeira”, que ia acompanhada pela madrinha até à Igreja, e o noivo, com o padrinho no seu lado direito, junto de uma “comitiva, sempre numerosa e apenas composta de homens”. No caminho para a Igreja iam aos pares e em silêncio, mas no regresso “não falta[vam] os «ditos» festivos e picantes, os gracejos pesados e os «convites» para «um canudinho de vinho» ou um «grogue» em todas as «vendas» do percurso até o casal”, seguindo-se uma festa para os convidados com “bolos, bebidas e pratos de «preceito»”.

³²² *Idem* (1954c), p. 22-24. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

³²³ A este propósito, veja-se na revista *Das Artes e da História da Madeira*, os textos destes autores: Cabral Nascimento (1950), pp. 26-27; Alberto Artur Sarmiento (1951), pp. 1-4; Vasco Lucena (1951), pp. 13-15; Sousa Coutinho (1955), pp. 58-70 e Antonino Pestana (1957), pp. 1-9.

³²⁴ V.P.C. (1954c), pp. 4-6. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

Na cidade, o ambiente cosmopolita, proporcionado pelo desenvolvimento e pela afluência de diversos turistas e personalidades que visitavam a ilha, contrastava com a vivência da população do meio rural. Deste modo, a sociedade funchalense do século XX, especialmente a alta sociedade, tinha outros hábitos culturais, que consistiam especialmente em frequentar teatros e cinemas, participar em conferências, ou mesmo assistir a concertos musicais, como se confirma pelas palavras do Visconde:

[...] Para as classes abastadas e para os Estrangeiros nunca faltam os torneios de ténis, os desafios de «football» (*sic*), as diversões no mar, as mil variantes do sport, além dos bailes, que trazem já fama de deslumbrantes, e das reuniões, onde a sociedade se encontra, já nos Casinos e nos Hotéis já nas vivendas particulares, no Teatro ou nos Cinemas.

Do permanente contágio com os grandes centros de civilização, resultam no Funchal uma elegância, um luxo, uma alma originalmente complexa, uma sociedade muito particular misto de velhas tradições e de novíssimas influências³²⁵.

O Visconde publicou diversos textos, sobre a vida social e cultural do meio urbano madeirense, especialmente em periódicos da época. Destacamos assim, os textos publicados no semanário *Independência*, os quais permitem conhecer as principais actividades de lazer da sociedade funchalense do século XX.

Entre 1928 e 1929, à data de publicação do *Independência*, o Visconde divulgou neste periódico festas e bailes, conferências, várias manifestações artísticas, nomeadamente concertos musicais, teatro e cinema, realizados em espaços culturais, que existiam na Madeira na sua época, nomeadamente o Cine-Jardim, o Teatro-Circo, o Teatro Municipal e o Casino Vitoria.

Segundo o director do *Independência*, tanto no Cine-Jardim, como no Teatro-Circo, e no Teatro Municipal exibiam-se filmes, embora nos dois últimos tivessem na sua agenda outros programas. Normalmente afirmava-se, nas notícias daquele semanário, que os filmes exibidos nestes espaços de entretenimento tinham muito sucesso, com os programas ali apresentados. Quanto a outras manifestações artísticas nestes espaços, referem-se exhibições de cavalos amestrados, ursos, artistas equestres e palhaços. Também se menciona a actividade teatral, musical e as danças, o que nos leva a crer que o Funchal tinha, na

³²⁵ V.P.C. (1930), “Cidade do Funchal”, *Ilustração Madeirense*, Outubro, N.º 2, pp.5-6.

época, um considerável número e uma diversidade de eventos culturais e de entretenimento³²⁶.

Se, por vezes, o Visconde mencionava o agrado do público, por outras, era severo nas suas críticas, perante uma sociedade que, no seu entender, não sabia apreciar música, afirmando que faltava sensibilidade artística aos madeirenses e declarando que “infelizmente o sentimento Artístico (*sic*) ainda está aqui muito em embrião”³²⁷, embora acreditasse que à medida que “os Artistas (*sic*), filhos desta terra” fossem conquistando fama lá fora, acabariam por ser reconhecidos pelos seus conterrâneos que “diante dos seus triunfos nos grandes centros [...] e depois no contacto que venham a ter com as novas gerações é que conseguirão influenciar e beneficiar o espírito artístico, difundir o gosto, escola e originalidade”. Neste sentido, o Visconde contribuiu para promover artistas que surgiam em cena nos espaços culturais da cidade. Entre os vários artistas apresentados, destacamos os seus conterrâneos, muito elogiados por si. É o caso de Lomelino Silva, um tenor que estava a ter sucesso no exterior, e que se preparava para, em breve, dar um espectáculo no Teatro Municipal, conforme notícias publicadas no *Independência*. Na publicação a seguir ao concerto, o Visconde elogiou o artista madeirense, defendendo os valores regionais, aproveitando para criticar aqueles que davam mais valor ao que vinha de fora, vincando assim a sua faceta regionalista, em defesa dos artistas da sua terra³²⁸.

Outros artistas foram mencionados e elogiados nas suas notícias, quando se apresentavam nos palcos da cidade, como a cantora Violante Montanha; a soprano Maria Tereza Carvajal e o tenor Lemos Lisboa; o pianista José Procopio de Freitas e o violoncelista José Ventura³²⁹. Atente-se à sua crítica, relativa ao concerto apresentado no Teatro Municipal, por estes dois últimos artistas:

O concerto dos dois jovens Artistas (*sic*) deu-nos a satisfação de uma noite de Arte que excedeu quanto prevíamos. Para quantos conhecem e compreendem a sublime Arte de Musica o concerto satisfaz plenamente, porém para o banalismo, a

³²⁶ A este propósito, veja-se as notícias publicadas no *Independência*, sobre os espaços lúdicos referidos: Nº 19, 03-11-1928, p. 2; Nº 20, 10-11-1928, p. 1; Nº 29, 26-01-1929, p. 3.

³²⁷ V.P.C., “Letras, Ciências & Artes”, *Independência*, Nº 23, 03-12-1928, p. 3. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

³²⁸ A propósito da divulgação do concerto do tenor Lomelino Silva e seguintes elogios ao artista, veja-se as notícias publicadas no *Independência*: Nº 15, 06-10-1928, p. 4; Nº 16, 13-10-1928, p. 3; Nº 18, 26-10-1928, p. 3; Nº 19, 03-11-1928, p. 3 e Nº 21, 17-11-1928, p. 3.

³²⁹ Sobre estes artistas, veja-se por exemplo, as notícias publicadas no *Independência*: Violante Montanha (Nº 18, 26-10-1928, p. 1 e Nº 19, 03-11-1928, p. 3); Maria Tereza Carvajal e Lemos Lisboa (Nº 27, 12-01-1929, p. 3 e Nº 28, 22-01-1929, p. 3); e José Procópio de Freitas e José Ventura (Nº 21, 17-11-1928, p. 3 e Nº 22, 24-11-1928, p. 2).

imbecilidade que não faltou também por lá abrindo a boca ou sorrindo diante das dificuldades e originalidade de Ravel, foi, como lá dissemos a alguém que era do nosso parecer «pérolas a porcos». Se os artistas tivessem escolhido «fadunchos» tinham conseguido o maior delírio...³³⁰.

Na época, segundo levam a crer as notícias do *Independência*, eram organizadas festas de solidariedade social, onde se reunia a sociedade madeirense da classe social mais favorecida, nas quais eram apresentados diversos espectáculos, com exhibições de trabalhos de artistas que também colaboravam para a causa, juntando os momentos culturais e de lazer à componente de caridade. Apesar de reconhecer as boas intenções destas iniciativas, o Visconde considerava que o “problema da Assistência da Madeira [era] dos mais graves e urgentes a resolver”³³¹ e que os resultados obtidos nas “festas de caridade” eram “como uma gota de água no oceano”, pelo que se declarava contra as festas, pois estas proporcionavam “diversão para acudir ao sofrimento” e isso revoltava-o. Mesmo assim, divulgava no *Independência* as festas que se iam organizando em prol dos mais desfavorecidos.

Assim, podemos referir, por exemplo, as iniciativas organizadas e divulgadas no *Independência*, a favor da Escola de Artes e Ofícios (um concerto de Lomelino Silva, a actuação de uma opereta, no Teatro Municipal e uma festa infantil no Jardim Municipal); a favor do Asilo do Funchal (uma festa no Reid’s Palace Hotel, um baile no Casino Vitória e uma festa no Parque do Hotel do Carmo) e, em benefício da Cruz Vermelha (a Festa da Flor organizada por senhoras da alta sociedade madeirense)³³².

No Casino Vitoria se realizavam diversos bailes, festividades e concertos, frequentados principalmente pela alta sociedade madeirense, como se percebe pelas notícias do *Independência*. A título de exemplo, podemos referir a realização de um concerto e de um festival wagneriano com a orquestra do Casino³³³.

³³⁰ V.P.C., “Letras, Ciências & Artes”, *Independência*, N° 23, 03-12-1928, p. 3.

³³¹ [não assinado], “Nestes últimos tempos”, *Independência*, N° 30, 02-02-1929, p. 2. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

³³² Sobre as festas de solidariedade social, veja-se as notícias publicadas no *Independência*, em benefício das instituições: Escola de Artes e Ofícios (N° 30, 02-02-1929, p. 2 e N° 31, 09-02-1929, p. 3); Asilo do Funchal (N° 2, 17-06-1928, p. 2; N° 26, 05-01-1929, p. 3 e N° 27, 12-01-1929, p. 1); Cruz Vermelha (N° 23, 03-12-1928, p. 2 e N° 24, 10-12-1928, p. 2).

³³³ Sobre os eventos realizados no Casino Vitoria, veja-se as notícias publicadas no *Independência*: N° 16, 13-10-1928, p. 3; N° 25, 22-12-1928, p. 1; N° 29, 26-01-1929, p. 1; N° 30, 02-02-1929, p. 3 e N° 36, 16-03-1929, p. 3.

Outras instituições referidas no *Independência*, onde se realizavam vários eventos, eram o Patronato de S. Pedro, que apresentava peças de teatro; a Banda Distrital e a Banda Municipal do Funchal, que também mostravam ao público as suas peças teatrais³³⁴.

Dos eventos realizados no meio urbano, também divulgados por Porto da Cruz, salientamos ainda os concursos (um de orquestras e outro infantil); as comemorações do 1.º de dezembro; as quermesses, organizadas por estudantes do Liceu; a Exposição Agrícola-Pecuária, na qual o próprio Visconde fazia parte da organização e que analisamos mais adiante; as conferências proferidas por diversas personalidades do intelectualismo insular, nas quais se inclui o Visconde e as homenagens a personalidades ilustres madeirenses, como o escritor J. Reis Gomes³³⁵.

Em suma, foram estes eventos divulgados pelo Visconde, que nos permitem conhecer alguns aspectos da sociedade madeirense da sua época e estabelecer as diferenças então existentes entre a vida no campo e a vida na cidade, assim como perceber as desigualdades sociais, patentes no estilo de vida dos ricos, nos eventos que dispunham para ocuparem os seus tempos de ócio e de lazer, contrastando com a vida dos pobres, que se divertiam a cantar e a dançar, nas ruas e nos típicos arraiais.

4.2 Propostas e projectos de teor cultural

O Visconde do Porto da Cruz mostrou-se disponível para defender os interesses da Madeira e empenhado em propor iniciativas que contribuíssem para o desenvolvimento da ilha, em vários aspectos da vida social e económica, como provam os vários textos que publicou e as conferências nas quais participou, que referimos nesta parte do nosso trabalho.

Neste sentido, destacamos alguns artigos jornalísticos, que publicou no *Independência*, propondo a criação de um Jardim Zoológico e a construção de um Aquário, e que iriam beneficiar a Madeira, segundo a sua opinião. Assim, dando voz a estas ideias, o

³³⁴ Veja-se por exemplo, os seguintes artigos publicadas no *Independência*: (Nº 2, 17-06-1928, p. 2 e Nº 29, 26-01-1929, p. 3).

³³⁵ Sobre estes eventos, veja-se as notícias publicadas no *Independência*: (Nº 2, 17-06-1928, p. 1; Nº 19, 03-11-1928, p. 2; Nº 23, 03-12-1928, p. 2; Nº 24, 10-12-1928, p.3; Nº 28, 22-01-1929, p. 2 e Nº 30, 02-02-1929, p. 1). Sobre as homenagens a J. Reis Gomes, veja-se no *Independência*, as seguintes notícias: (Nº 5, 08-07-1928, p. 2; Nº 6, 15-07-1928, p. 1 e Nº 7, 22-07-1928, p. 3).

Visconde, em Junho de 1928, no *Independência*, defendia a criação de um Jardim Zoológico na Madeira e ainda com a possibilidade de mais tarde este vir a ser um “Entrepasto Zoológico da Europa”³³⁶, onde pudessem estar presentes animais de África, da Ásia e da América. Considerando a fundação de um “Parque Zoológico”, de grande interesse e de desenvolvimento para a Madeira, o Visconde sugeria que as instalações ficassem situadas na zona do Gorgulho, e ainda propunha a construção de um Aquário “onde a nossa fauna marítima pudesse tornar-se conhecida e apreciada”. Assim, o Visconde afirmava que o naturalista Adolfo de Noronha tinha um plano para a edificação de um Aquário e apelava para que “as iniciativas, as boas ideias” fossem consideradas “a serio e com interesse para dentro do possível serem realizadas”. Apesar de ambicioso o projeto que defendia, o Visconde afiançava que “as despesas seriam relativamente pequenas”, bastando para tal “um pouco de boa vontade” e assim o arquipélago madeirense só iria ter benefícios e notoriedade, na sua perspectiva. Três meses depois, noutro artigo, o Visconde assegurava que a ideia, para levar adiante esta iniciativa, já contava com diversos apoiantes, que haviam começado a se organizar, para avançar com o projecto, tendo também despertado o interesse da Junta Geral e da Câmara Municipal do Funchal. Porém, protestava perante a possibilidade de surgir uma fábrica de peixe, no local idealizado para a construção do Aquário (nos terrenos do Gorgulho), pois considerava que tais empresas não deviam se instalar nas zonas do litoral funchalense, representando prejuízo para o turismo, que era, na sua opinião, o futuro da Madeira³³⁷.

O Visconde persistiu na ideia da fundação do Jardim Zoológico, mas, enquanto tal empreendimento não fosse possível concretizar, propunha a instituição de um Aquário “onde os inúmeros visitantes e os Madeirenses pudessem (*sic*) apreciar e estudar a fauna marítima do nosso arquipélago”³³⁸. Segundo o Visconde, a ideia não seria difícil de concretizar, pois além do baixo investimento já referido, podia facilmente ser instalado “em qualquer terreno à beira mar” e avançava com a sugestão da “Entrada da Pontinha” para a sua localização. O Visconde justificava a necessidade de existir na Madeira um Aquário, visto seguirem para Londres “belos exemplares de animais colhidos nas nossas águas”, ficando estes em exibição no Aquário daquela cidade.

³³⁶ V.P.C., “No «Diario de Notícias»”, *Independência*, Nº 3, 24-06-1928, p. 1. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

³³⁷ *Idem*, “A Ideia”, *Independência*, Nº 10, 13-09-1928, p. 2.

³³⁸ *Idem*, “Temos já por varias vezes”, *Independência*, Nº 19, 03-11-1928, p. 3. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

Ainda em Dezembro desse ano, Porto da Cruz reiterava a ideia de fundar um Aquário, lembrando o benefício que poderia trazer em termos comerciais e turísticos, assegurando que “esta ideia devia deitar raízes se não fosse lançada na nossa terra”³³⁹ e lamentava que a mesma não fosse levada a sério. No entanto, no início do ano seguinte, mais entusiasmado, afiançava que o plano para a edificação de um aquário no Funchal tinha grandes “probabilidades de efectivar-se”³⁴⁰ e mostrava a sua convicção de que seria possível vencer as “dificuldades para tudo o que representa benefício para a Terra (*sic*)”.

Mais tarde, em Março de 1929, a propósito da passagem do director do Aquário de Hamburgo (Jakob Johann, Barão von Uexküll)³⁴¹ pelo Funchal, para “estudar a fauna marítima da Madeira”³⁴² o Visconde considerou oportuno relembrar a ideia de criação de um aquário no Funchal. Saliente-se que O *Jornal* noticiou a presença do cientista alemão na Madeira, informando que este pretendia adquirir peixes na ilha, para “serem transportados vivos”³⁴³ para o Aquário de Hamburgo, e que tinha a cooperação do governo português. De acordo com o mesmo periódico, numa entrevista ao Barão e professor universitário, este revelava estar na ilha para indagar a possibilidade de criar um aquário na Madeira³⁴⁴.

Em 1934, em *A fauna marítima da Madeira*, que teve uma 2ª edição em 1940, o Visconde voltou a referir a passagem pela Madeira do Barão von Uexküll, afirmando que este havia confessado “o seu espanto por não existir na Ilha um Aquário onde fosse possível admirar e estudar parte da riquíssima Fauna que existe nesta zona do Atlântico”³⁴⁵. A este propósito, atente-se ao seu desabafo:

É necessário conhecer o espírito de resistência a todas as boas iniciativas – particularmente característica local – para se concluir da impossibilidade de um simples melhoramento. [...] *Um dia* pode ser que o Aquário da Madeira seja um facto, especialmente se for um estranho à terra que insista em levar de vencida tal empreendimento. Até então resta apenas o Museu do Funchal para os visitantes, os

³³⁹ *Idem*, “Não desistimos da ideia”, *Independência*, Nº 23, 03-12-1928, p. 2.

³⁴⁰ *Idem*, “Podemos assegurar”, *Independência*, Nº 26, 05-01-1929, p. 3. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

³⁴¹ Jakob Johann von Uexküll (1864 - 1944) foi um biólogo alemão, que deu um contributo importante no estudo da vida animal e nos seus processos de comunicação.

³⁴² *Idem*, “Encontra-se no Funchal”, *Independência*, Nº 36, 16-03-1929, p. 2.

³⁴³ [não assinado], “No Aquário de Hamburgo”, *O Jornal*, Ano III, Nº 641, 15-03-1929, p. 1.

³⁴⁴ A este propósito, veja-se o seguinte artigo: [não assinado], “A criação dum aquário na Madeira”, *O Jornal*, Nº 642, 16-03-1929, p. 1 e p.3.

³⁴⁵ V.P.C. (1934b), p. 3.

curiosos e os estudiosos avaliarem da riqueza e interesse da Fauna deste Arquipélago, tanto no que diz respeito à da terra como à do mar³⁴⁶.

Como se verifica, o Visconde mostrava a sua frustração, mas ainda assim, confiante perante a possibilidade de ver surgir na Madeira o ambicionado Aquário.

Em 1950, Porto da Cruz, ainda não tinha desistido destes projectos, pois, numa palestra proferida no âmbito da I Conferência da Liga para a Protecção da Natureza, realizada no Funchal, entre 10 e 18 de Abril, sob o título “Parque Zoológico e Aquário no Funchal”, o Visconde defendeu a criação destes dois empreendimentos. Nesta intervenção, sugeriu os animais que, no seu entender, deveriam estar representados no Parque Zoológico, entre os quais, o porco-bravo; o cavalo bravo do Paúl; o coelho bravo do Porto Santo; o gato bravo das serras da Madeira e das Desertas; os lebrões das Desertas; os furões, os ratos; as aves regionais, por exemplo o pombo torcaz e o canário; a lagartixa e ainda alguns insectos. O Visconde referiu também que o Aquário, na sua opinião, ainda não existia na Madeira devido aos “*convenientismos (sic), vaidades e ambições personalistas*”³⁴⁷, pois das tentativas para a sua realização, só havia conseguido Gunther Maul, através do Museu Municipal, mas com animais mortos. O Visconde deixou expressa a sua esperança de que tal empreendimento fosse conseguido através da Liga para a Protecção da Natureza. Porém, podemos acrescentar que tal ambição não se concretizou enquanto viveu, pois só em 2004 (42 anos após a sua morte), foi inaugurado, o Aquário da Madeira, que tanto desejava, embora no Porto Moniz, a norte da ilha.

Tudo leva a crer que o Visconde se interessava pelos animais, chegando até a oferecer, em 1932, conforme uma notícia n’ *O Jornal*, “alguns exemplares de pássaros da Madeira, da família *fringilida* e uma linda ave de arribação Futrica atra, – da família *ralida*”³⁴⁸ ao Jardim Zoológico de Lisboa. Também em 1952, o Visconde ofereceu duas raposas, conforme uma carta que lhe foi endereçada, do Jardim Zoológico de Aclimação em Portugal, a agradecer e a expressar que representava um valioso incentivo a esta instituição³⁴⁹.

³⁴⁶ *Idem* (1940), p. [1].

³⁴⁷ *Idem* (1950), *Parque zoológico e aquário no Funchal* - I Conferência da liga para a protecção da natureza, p. 4 (itálico no original).

³⁴⁸ [não assinado], “Jardim Zoológico de Lisboa”, *O Jornal*, Ano I, Serie II, Nº 166, 25-11-1932, p. 1 (itálico no original).

³⁴⁹ ARM – Espólio do V.P.C., cat. 67, cx. 10 – Correspondência recebida pelo V.P.C.

Entre as diversas actividades e projectos que o Visconde esteve envolvido para promover o arquipélago da Madeira, destacamos a publicação da revista *Ilustração Madeirense*, cujo objectivo principal era o de fazer propaganda da Madeira no estrangeiro e por isso, era publicada em três línguas – Português, Inglês e Francês, como já referimos no primeiro capítulo. A imprensa da época deu algum destaque a esta publicação, com comentários positivos e elogiosos, tanto à qualidade da revista, como à iniciativa do seu director. A este propósito, o *Diário da Madeira*, na sua edição de 3 de Janeiro de 1930, referia a revista como “uma publicação destinada a honrar, lá fora, o nome desta ilha”³⁵⁰ e que, “sob o ponto de vista literário e artístico, pode dizer-se afoitamente que é uma das melhores revistas que se tem publicado no nosso país”³⁵¹, pelo que felicitavam o Visconde do Porto da Cruz pela iniciativa. Também o *Diário de Notícias* e *O Jornal* elogiaram a *Ilustração Madeirense*, nas suas edições³⁵². Uma notícia publicada n’ *O Jornal*, de Janeiro de 1930, dando conta da chegada do primeiro número da revista, além de elogiar também deixava claro a importância atribuída a esta publicação:

A «Ilustração Madeirense» é, na verdade, e sem exageros, uma publicação notável, não só pelo seu lado artístico e literário, mas também pelo aspecto de propaganda, bem orientada, do nosso Arquipélago [...]. Muito particularmente para a nossa Terra tem um altíssimo valor, porque sendo o texto em português, francês e inglês e a sua tiragem enorme, vai fazer uma propaganda intensíssima do nosso Arquipélago, das suas belezas, do seu clima, da sua indústria, em todo o mundo³⁵³.

Como já referimos, a *Ilustração Madeirense* era propriedade da Companhia de Petróleos da Madeira, uma empresa madeirense que comercializava gasolina, petróleo, óleos e derivados e também actuava noutras áreas de negócios, como a comercialização de vinhos e de imóveis³⁵⁴. Tendo como director o Visconde do Porto da Cruz, a *Ilustração Madeirense* contava com um conjunto de colaboradores, dos quais destacamos, Alberto Artur Sarmiento, Padre Eduardo Pereira, Alfredo Miguéis, Luís Vieira de Castro, entre outros intelectuais da época³⁵⁵.

³⁵⁰ [não assinado], “Ilustração Madeirense”, *Diário da Madeira*, Ano XIX, Nº 5519, 03-01-1930, p. 1.

³⁵¹ *Ibidem*.

³⁵² A este propósito, veja-se por exemplo as notícias n’ *O Jornal* (Nº 607, 31-01-1929, p. 1; Nº 614, 10-02-1929, p.1; Nº 639, 13-03-1929, p. 2; Nº 676, 01-05-1929, p. 1; Nº 889, 25-01-1930, p.1) e no *Diário de Notícias* (Nº 16627, 01-01-1930, p. 1).

³⁵³ [não assinado], “Ilustração Madeirense”, *O Jornal*, Ano IV, Nº 870, 01-01-1930, p.1.

³⁵⁴ *Idem*, “Uma importante empresa regional”, *O Jornal*, Ano III, Nº 607, 31-01-1929, p. 1.

³⁵⁵ A este propósito, veja-se por exemplo o artigo: [não assinado], “Ilustração Madeirense”, *Diário de Notícias*, Nº 16627, 01-01-1930, p.1.

O Visconde, como se verifica, foi um homem empenhado em tudo o que representava o progresso da Madeira, quer promovendo eventos culturais, quer propondo ideias inovadoras para o desenvolvimento da ilha e se envolvendo completamente para a concretização das mesmas, com a tenacidade que o caracterizava, para vencer os obstáculos, como afirmaram os seus coevos.

4.3 Envolvimento e participação do autor em diversas iniciativas

Nesta parte do nosso trabalho destacamos o envolvimento do Visconde do Porto da Cruz em diversas iniciativas de carácter cultural, que comprovam a sua participação na vida pública. Na sua intensa actividade, o Visconde proferiu diversas conferências, palestras na rádio, promoveu e organizou exposições, que se destaca a Exposição Agrícola, Pecuária e Industrial do Funchal e foi membro de Associações nas quais colaborava enviando os seus trabalhos e comunicando em palestras.

O Visconde era filiado em diversas Associações culturais, como já referimos no primeiro capítulo, às quais acrescentamos ainda, o seu comprometimento com a Liga de Protecção à Natureza, como Presidente do Núcleo da Liga na Madeira³⁵⁶ e a sua admissão, como sócio efectivo, em 1954, na Sociedade Columbófila da Madeira³⁵⁷. De salientar as várias distinções que recebeu, entre as quais, em 1920, a de Cavaleiro da Union Cavalleiresca³⁵⁸ e em Julho de 1952, distinguido pelo Institut Humaniste de Paris, pelos seus serviços culturais, que o nomeou ao “Grade de Commandem dans l’ Ordre du Devoir. Distinction honorifique créée par l’ Association pour récompenser les vertus civiles et, dans le cas du titulaire, pour Services Culturels”³⁵⁹, comprovando assim, o seu envolvimento no intelectualismo cultural da época.

Antes de analisarmos com outro detalhe, o empenho do autor nas suas múltiplas actividades, destacamos algumas notícias que dão conta do compromisso do Visconde com a sociedade do seu tempo. Atente-se, por exemplo, à notícia publicada n’ *O Jornal*, em 1929, afirmando que o Visconde do Porto da Cruz havia sido contactado por uma empresa

³⁵⁶ [não assinado] “A 1ª Conferência da Liga de Protecção para a Natureza”, *O Jornal*, Nº 5318, 12-04-1950, p.1.

³⁵⁷ ARM – Espólio do V.P.C., cat. 67, cx. 10 – Correspondência recebida pelo V.P.C.

³⁵⁸ V.P.C. (1953b), p. 333.

³⁵⁹ ARM – Espólio do V.P.C., cat. 67, cx. 12/cap.12 – Certificado conferido ao V.P.C. pelo Institut Humaniste.

de aviação “convidando-o a conseguir na Madeira local próprio para um aeroporto”³⁶⁰. Segundo *O Jornal*, o Visconde do Porto da Cruz tinha “defend[ido] o plano de que a Madeira devia ser utilizada como ponto de paragem de aviação, apelando mesmo para o Governo, afim de que fosse estudado com o devido interesse este assunto, de que resultaria necessariamente o desenvolvimento da nossa terra”³⁶¹, o que vem confirmar o interesse do Visconde por todos os assuntos que contribuíssem para o progresso da ilha.

4.3.1 Conferências, congressos e palestras radiofónicas

Conferências e congressos

Como já referimos nos capítulos anteriores, o Visconde do Porto da Cruz participou, como orador, em diversas conferências e apresentou vários trabalhos em congressos realizados no país³⁶². Os temas abordados, muito diversificados, comprovam o seu dinamismo e confirmam que foi um activo participante na vida pública e cultural do país e um profícuo promotor da cultura madeirense. Pela análise das suas conferências, verificamos também que soube aproveitar as oportunidades para promover a Madeira. A este propósito, salientamos as palavras de MAROTE (1960), referindo-se à sua actividade:

[...] Conferencista notável que aproveita todas as ocasiões que se lhe apresentam, para fazer propaganda turística da Madeira, tanto no país como no estrangeiro, pondo sempre em evidência as belezas naturais da «Pérola do Atlântico», seus predicados naturais e seduções paradisíacas, bem como a vida dos seus habitantes, contribuindo, dest’arte, em alto grau, para suscitar o interesse de nacionais e estrangeiros pela Maravilhosa Ilha³⁶³.

De facto, este coevo do Visconde reconhecia na sua personalidade qualidades de um homem lutador e empenhado no desenvolvimento da Madeira, pelo que considerava ser necessário fazer justiça a esta sua faceta. Enaltecendo o seu espírito trabalhador, mesmo

³⁶⁰ [não assinado], “Um Aero-Porto na Madeira?”, *O Jornal*, Ano III, Nº 839, 21-11-1929, p.1.

³⁶¹ *Ibidem*.

³⁶² Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 8. Veja-se ainda as ilustrações 2, 3, 4 e 5, no anexo III.

³⁶³ ARM – Espólio do Visconde do Porto da Cruz, cat. 67, cx. 10/cap.3. (cf. MAROTE, A. F. de Olim, “As danças e as músicas da Madeira - Pelo Visconde do Porto da Cruz”, *Correio das Ilhas*, 15-6-1960, p.1). Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

em fases difíceis da sua vida, quando, por exemplo, mesmo “após duas melindrosas operações de glaucoma em ambos os olhos, coroadas do melhor êxito, ainda mal refeito da convalescença”, era possível ver o Visconde do Porto da Cruz “em dinâmica actividade”, considerando que tal atitude deveria servir de “exemplo a tantos marasmados”.

Em seguida, apresentamos as principais conferências proferidas por Alfredo de Freitas Branco, noticiadas na imprensa da época e também algumas das suas intervenções, publicadas pelas entidades promotoras. Em 1917, podemos destacar uma conferência no Circulo Católico de Lisboa, sob o título “A acção do Estado nas suas relações com a Igreja Católica”³⁶⁴, na qual defendeu os princípios integralistas: o regresso à monarquia tradicional, a família como base dos agregados sociais e a indissolubilidade conjugal, combatendo a lei do divórcio, o restabelecimento do pátrio-poder, o município com a sua autonomia, a descentralização e o respeito dos seus privilégios, reflexões que evidenciavam o seu pensamento integralista, tão em voga na época³⁶⁵. Nesta intervenção, Freitas Branco reafirmava os seus ideais: “Como monárquico que me preso (*sic*) de o ser – e monárquico no puritanismo da palavra e da sua concepção: monárquico que pugna pela monarquia orgânica, tradicionalista e anti-parlamentar [...]”³⁶⁶. Esta conferência foi editada pela Casa Católica, nesse mesmo ano, tendo o autor dedicado à sua avó materna, Anna Ritta de Castro e Almeida de Freitas Leal e ao seu avô paterno, Silvano de Freitas Branco.

Mais tarde, em 1923, agora no Núcleo Regional de Lisboa das Juventudes Monárquicas Conservadoras, o Visconde de Porto da Cruz realizou uma série de conferências, sob o título de “A questão social – Sindicalismo-Morte, Sindicalismo-Vida”³⁶⁷. Num total de 4 conferências, o estudo foi apresentado na seguinte estrutura:

³⁶⁴ ARM – Espólio do Visconde do Porto da Cruz, cat. 67, cx. 4. (“Críticas aos Trabalhos de Alfredo de Freitas Branco (Visconde de Porto da Cruz)”) – A este propósito, veja-se os recortes dos jornais, no seu espólio, sobre as notícias publicadas da imprensa da época: *A Monarquia* (23-4-1917); *O Dia* (27-8-1917); *Progresso* (09-09-1917 e 23-09-1917) e ainda 4 recortes de jornais não identificados. Veja-se também a edição da Casa Católica: (1917) *A Acção do Estado nas suas relações com a Igreja Católica*.

³⁶⁵ A este propósito veja-se, o capítulo I (1.1.1) e também a referida bibliografia sobre o Integralismo Lusitano: António Costa Pinto (1982), Emanuel Janes (1997b), João Carlos Firmino Andrade de Carvalho (2009), José Mattoso (1994a) e Manuel Braga da Cruz (1982).

³⁶⁶ V.P.C. (1917) *A Acção do Estado nas suas relações com a Igreja Católica*, p. 5 – Conferência.

³⁶⁷ ARM – Espólio do Visconde do Porto da Cruz, cat. 67, cx. 4. (“Críticas aos Trabalhos de Alfredo de Freitas Branco (Visconde de Porto da Cruz)”) – A este propósito, veja-se os 16 recortes dos jornais (que não estão identificados), no seu espólio, com notícias publicadas na imprensa da época sobre este ciclo de conferências.

1ª Conferência: 1 – A época que atravessamos; 2 – História e Trabalho; 3 – Correntes Sindicalistas.

2ª Conferência: 1 – O Capital e o Trabalho; 2 – Organização da Classe Trabalhadora.

3ª Conferência: 1 – França: a) A revolução francesa e as suas consequências na vida social; b) Organização sindicalista; c) Sindicalismo Cegetista e sindicalismo Nacionalista; 2 – Itália: a) Desorientação dos governos burgueses, o avanço socialista; b) O fracasso socialista, reacção salvadora e Engrandecimento Nacional pelo Fascismo; 3 – Espanha: a) Esboço de organização sindicalista.

4ª Conferência: Portugal: a) História do Sindicalismo Português; b) Sindicalismo agrário; c) Sindicalismo vermelho e Sindicalismo branco; d) Bases sindicalistas para a futura Monarquia.

No mesmo ano, no Centro Sidónio Pais, o Visconde leva a público uma conferência na qual aborda os mesmos assuntos, com o mesmo título de “A questão social – Sindicalismo-Morte, Sindicalismo-Vida”³⁶⁸.

Em 1924, apresentou na Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP), em Lisboa, a comunicação “Algumas lendas e alguns monumentos do Arquipélago da Madeira” e as “Trovas e Cantigas Madeirenses”, onde abordou o folclore madeirense, contribuindo assim para levar ao conhecimento de um público mais vasto, alguns aspectos da cultura popular da sua terra³⁶⁹.

Em Fevereiro de 1930, no Centro Monárquico da Madeira, tendo escolhido como tema a “Questão Social”, pronunciou um discurso sobre “a acção da revolução francesa na vida social”³⁷⁰ e idealizou “o que poderia ser um novo sistema tradicionalista e anti parlamentar, defendendo e apologando (*sic*) a representação regional e profissional, a remodelação no horário de trabalho, e a conveniência de interessar os operários na

³⁶⁸ *Ibidem* – A este propósito veja-se no seu espólio, os recortes dos jornais sobre as notícias publicadas na imprensa da época: *Correio da Manhã* (05-06-1923 e 09-06-1923); *A Época* (06-06-1923 e 09-06-1923); o *Mundo* (08-06-1923) e *A Pátria* (08-06-1923).

³⁶⁹ *Ibidem* – A propósito das lendas e dos monumentos veja-se no seu espólio, os recortes dos jornais sobre as notícias publicadas na imprensa da época: *Correio da Noite* (11-7-1924 e 19-11-1924); *A Época* (24-12-1924); *Diário de Lisboa* (2-12-1924); *Diário de Notícias da Madeira* (19-12-1924 e 21-12-1924) e *Correio da Madeira* (4-1-1925). Consulte-se também a edição desta conferência, sob o título *Algumas lendas e alguns monumentos do archipelago da Madeira* (1924).

A propósito das Trovas e Cantigas Cf. V.P.C. (1942), “João Nunes (Diabinho), O precursor do «folclore» madeirense”, *Revista Portuguesa*, N.º 23, p. [17].

³⁷⁰ [não assinado] “Centro Monárquico da Madeira - Conferencias”, *Diário da Madeira*, Ano XIX, N.º 5560, 22-02-1930, p. 1. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

produção”, dando como exemplo a Itália fascista, frente ao “desvairamento da Rússia”, a tentativa “nobre” do Marquês de Stela em Espanha e evidenciando também “o patriotismo desassombrado e a abnegação dos homens da Ditadura de Portugal” que o faziam esperar “como todos os bons portugueses” por “melhores dias”³⁷¹.

No mês de Março, o folclore madeirense foi novamente abordado pelo Visconde, na AAP, agora sob o título de “Crendices e superstições e costumes do Arquipélago da Madeira”, intervenção que foi, como já referimos no capítulo II (2.2.1), enaltecida pela imprensa da época³⁷².

Em Abril do mesmo ano, participou como orador numa conferência na Associação Central da Agricultura Portuguesa, com o título de “Aspectos agrícolas e industriais da Madeira”³⁷³, na qual fez uma exposição sobre aquelas que se podem considerar as características específicas do Arquipélago da Madeira, salientando, desde logo, o seu isolamento e distância do continente, facto que parecia não ser tido em consideração pelo Poder Central, aspecto que considerava dever ser alterado. Nesta intervenção, expôs a sua visão sobre a realidade madeirense, numa perspectiva agrícola e industrial, referindo as principais culturas e indústrias e as dificuldades que então atravessavam. Mencionou a indústria de lacticínios, lembrando que esta necessitava de ter uma fiscalização no fabrico dos seus produtos; a cultura da cana-de-açúcar, que precisava de mais apoio do Governo; a necessidade de trigo, para o fabrico do pão, que era insuficiente na Madeira, sendo por isso, necessário recorrer à importação; a necessidade de promover a exportação da banana e dos vinhos, que precisavam de se expandir. Focou ainda as qualidades de trabalho do povo e seu amor à terra, que considerava necessitar de progredir, em particular nos métodos de cultivo utilizados. Recordou depois as exposições agrícolas e pecuárias realizadas na Madeira, onde se apresentavam os produtos produzidos na ilha, e manifestou

³⁷¹ A este propósito, veja-se as seguintes notícias, publicadas na imprensa da época (não assinadas): no *Diário da Madeira* - “A Questão Social”, Nº 5555, 16-02-1930, p. 1; “Centro Monárquico da Madeira - Conferencia”, Nº 5559, 20-02-1930, p. 1; “Centro Monárquico da Madeira - Conferencias”, Nº 5560, 22-02-1930, p. 1 e no *Diário de Notícias* - “Conferencia”, Nº 16668, 21-02-1930, p. 1.

³⁷² ARM – Espólio do Visconde do Porto da Cruz, cat. 67, cx. 4. (“Críticas aos Trabalhos de Alfredo de Freitas Branco (Visconde de Porto da Cruz)”) – A este propósito, veja-se no seu espólio, os recortes dos jornais sobre as notícias publicadas na imprensa da época: *A Voz* (23-3-1930); *Diário da Madeira* (27-3-1930) e *Diário de Notícias de Lisboa* (26-3-1930).

³⁷³ *Ibidem* – A este propósito veja-se no seu espólio, os recortes dos jornais sobre as notícias publicadas na imprensa da época: *O Século* (04-04-1930); *Diário de Notícias de Lisboa* (04-04-1930); *A Voz* (05-04-1930) e *A Gazeta* (04-04-1930). Veja-se ainda a notícia: [não assinado] “Serviço Telegráfico do Diário da Madeira”, *Diário da Madeira*, Nº 5593, 05-04-1930, p. 2 e consulte-se também a edição desta conferência, sob o título *Aspectos agrícolas e industriais da Madeira* (1930).

a vontade de que ali fosse realizado um programa de cursos, para instruir a população do meio rural, com vista ao desenvolvimento da exportação dos produtos da lavoura madeirense. A palestra terminou com a exibição de um filme, relacionado com os aspectos apresentados na conferência tendo sido também exibidas algumas imagens da mais recente Exposição Agrícola e Pecuária realizada no Funchal (naquele mesmo ano de 1930)³⁷⁴.

O turismo foi outro assunto sobre o qual se debruçou o Visconde do Porto da Cruz. Em 1936, apresentou o estudo “O turismo na Madeira”³⁷⁵, no I Congresso Nacional de Turismo, na Sociedade de Geografia de Lisboa, abordando algumas questões que ele julgava ser “do mais alto interesse para o Turismo na Madeira”, esperando que pudessem ser “considerados e atendidos de forma a que de algum modo se possa alguma coisa beneficiar”. Neste sentido, manifestou-se, por exemplo, contra a inexistência de uma Comissão de Iniciativa e de Turismo na Madeira, a exemplo de organismos oficiais semelhantes existentes no Continente e nos Açores. Frisou também a necessidade de se fazer propaganda da ilha, para fomentar o turismo, criticando as entidades competentes, em particular a Junta Geral, por considerar que nada fazia a este respeito³⁷⁶.

Ainda em 1936, participou em outras conferências, em Lisboa, nas quais apresentou diversos aspectos da cultura popular madeirense: as “Danças e Músicas”³⁷⁷, no Liceu Pedro Nunes; as “Trovas e Músicas”³⁷⁸, na Casa da Madeira; “A Madeira nos Luziadas”³⁷⁹, na Casa de Entre-Douro e Minho. A todas elas já fizemos alusão neste trabalho. De salientar, o discurso que pronunciou na noite de 11 de Maio, na festa dos Estudantes Nacionalistas da Universidade de Lisboa, comemorando a vitória romana, sob o título “A vitória latina”³⁸⁰, a que também já nos referimos. A propósito desta última, recordamos que a invasão do Império Etíope (ou Abissínia) por Mussolini, que resultou na conquista e na anexação daquele território à Itália, em Maio de 1936, foi seguida com entusiasmo pelo Visconde, que era grande admirador de Mussolini, daí se compreender que tenha

³⁷⁴ Cf. V.P.C. (1930), *Aspectos agrícolas e industriais da Madeira*, pp. [5]-77.

³⁷⁵ *Idem* (1936), *O turismo na Madeira*, Lisboa, I Congresso Nacional de Turismo (realizado entre 13 e 16 de Janeiro). Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

³⁷⁶ *Ibidem*, pp. 5-6.

³⁷⁷ Cf. V.P.C. (1942), “João Nunes (Diabinho), O precursor do «folclore» madeirense”, *Revista Portuguesa*, N.º 23, p. [18].

³⁷⁸ *Ibidem*, p. [17].

³⁷⁹ ARM – Espólio do V.P.C., cat. 67, Cx. 6/cap.15. – Apontamentos da Conferência proferida pelo V.P.C., no dia de Camões, na Casa de Entre-Douro e Minho, sob o título *A Madeira nos Luziadas*.

³⁸⁰ V.P.C. (1936), *A vitória latina* - Discurso pronunciado na noite de 11 de Maio de 1936, na festa dos Estudantes Nacionalistas da Universidade de Lisboa comemorando a vitória romana.

comemorado a vitória do fascismo italiano. O Visconde, com o seu discurso, marcava assim a sua posição sobre o conflito ítalo-abissíneo, apesar da condenação da Itália na imprensa europeia, devido à utilização de armas químicas e “aos bombardeamentos aéreos contra a população etíope”³⁸¹.

Na década de 40, assinalamos a sua actividade em duas conferências e um congresso: em 1943, no 1º Congresso de Ciências Agronómicas (Lisboa, de 24 a 31 de Outubro), apresentou o estudo sobre “A Flora Madeirense na medicina popular”³⁸²; em 1944, na Casa da Madeira, de Lisboa, abordou as “Danças Madeirenses”³⁸³; em 1949, na Sociedade de Geografia de Lisboa, apresentou “As maravilhosas serras da Madeira”³⁸⁴, na qual fez uma descrição das serras, florestas e paisagens madeirenses, recordando os incêndios que haviam devastado as matas, aproveitando para fazer um apelo à protecção da florestas madeirenses, tendo no final, exibido filmes e fotografias da ilha³⁸⁵.

Em 1950, o Visconde, que era o Presidente do Núcleo da Liga de Protecção à Natureza na Madeira³⁸⁶, intensificou a sua participação em conferências e congressos, entre os quais se pode destacar a I Conferência da Liga de Protecção à Natureza, realizada no Funchal (entre 10 e 18 Abril), assunto que, de acordo com os relatos da imprensa, considerava ser do “máximo interesse para a Madeira”³⁸⁷. Para este evento, deslocaram-se à ilha diversas personalidades, membros da Liga de Lisboa, professores e cientistas, e foi organizado um programa que incluía, para além das sessões de trabalho, diversos passeios pela ilha (ao Cabo Girão, à Encumeada, ao Pico Ruivo, às Queimadas, a Santana, ao Ribeiro Frio, ao Poiso e ao Santo da Serra) e visitas a instituições, como o Grémio dos Bordados e o Museu Municipal, sendo ainda proporcionado aos conferencistas sessões de cinema no Teatro Municipal³⁸⁸. A direcção da Liga para a Protecção da Natureza de Lisboa reconheceu o esforço do Visconde na organização deste evento e, em Maio desse ano,

³⁸¹ A este propósito, veja-se José Barreto (2009), pp. 693-718 e Emanuel Janes (1997b), pp.158-162.

³⁸² Cf. Congresso Nacional de Ciências Agrárias (1943), p.178.

³⁸³ Cf. V.P.C. (1944) “Danças Madeirenses. Conferência do Porto da Cruz na Casa da Madeira”, *Revista Portuguesa*, N.º 44, p. 15.

³⁸⁴ ARM – Espólio do Visconde do Porto da Cruz, cat. 67, cx. 10/cap.3. (cf. recortes de jornais de: *A Voz; Novidades e O Século*).

³⁸⁵ *Ibidem*.

³⁸⁶ Cf. [não assinado], “A 1ª Conferência da Liga de Protecção para a Natureza”, *O Jornal*, N.º 5318, 12-04-1950, p.1.

³⁸⁷ *Idem*, “A 1ª Conferência de Protecção á Natureza”, *O Jornal*, 09-04-1950, N.º 5317, p.5.

³⁸⁸ *Ibidem*.

remeteu uma carta, agradecendo e louvando a sua iniciativa, esperando que os resultados tivessem compensado todo o seu trabalho³⁸⁹.

No primeiro dia de sessão de trabalhos, o Visconde apresentou “A flora madeirense na medicina popular e na indústria”³⁹⁰, sobre os tratamentos e remédios caseiros usados pela população madeirense, defendendo a necessidade de se proteger algumas plantas usadas na medicina popular³⁹¹; no terceiro dia, expôs um plano para a criação de um “Parque Zoológico e Aquário no Funchal”³⁹², tendo ainda apresentado, noutra sessão de trabalhos, “O problema florestal no arquipélago da Madeira”³⁹³. Saliente-se que Alfredo de Freitas Branco assumiu sempre a responsabilidade das suas propostas, deixando claro que não pretendia “implicar qualquer compromisso da parte da Liga”³⁹⁴.

Seis meses depois, em Outubro de 1950, realizaram-se em Guimarães as comemorações do XIV Centenário da Chegada de S. Martinho de Dume à Península Ibérica, num Congresso promovido pela Câmara Municipal de Braga, sob os auspícios da Mitra Bracarense e com a colaboração do Cabido da Sé Primaz³⁹⁵. O programa foi variado incluindo missas, cânticos, bênçãos, um concerto polifónico, exposições, visitas a monumentos e a museus, uma grande procissão, almoços oferecidos aos congressistas, um jantar de gala, uma excursão à Galiza, conferências, sessões plenárias e sessões de trabalho³⁹⁶. Aqui Porto da Cruz apresentou, numa sessão de trabalhos, que decorreu na Escola do Magistério Primário de Braga, um estudo sob o título “Teria sido S. Martinho de Dume o Patrono de Templo de S. Martinho no Funchal?”³⁹⁷, no qual se referiu à

³⁸⁹ ARM – Espólio do V.P.C., cat. 67, cx. 11/cap.3 - Correspondência recebida pelo V.P.C.

³⁹⁰ *Idem*, “1ª Conferência de Protecção á Natureza”, *O Jornal*, Nº 5318, 11-04-1950, p.1. Veja-se também a edição desta conferência, sob o título *A flora madeirense na medicina popular e na indústria* (1950).

³⁹¹ *Idem*, “A 1ª Conferência da Liga de Protecção para a Natureza”, *O Jornal*, Nº 5318, 12-04-1950, p.1.

³⁹² *Ibidem*, p.3. Veja-se também a edição desta conferência, sob o título *Parque zoológico e aquário no Funchal* (1950).

³⁹³ Cf. V.P.C. (1950), *O problema florestal no arquipélago da Madeira* - I Conferência da Liga para a Protecção da Natureza.

³⁹⁴ *Ibidem*, p.10.

³⁹⁵ ARM – Espólio do V.P.C., cat. 67, cx. 12/cap.11 - Guia Oficial e programa do Congresso do XIV Centenário da Chegada de S. Martinho de Dume à Península Ibérica.

³⁹⁶ *Ibidem*.

³⁹⁷ ARM – Espólio do V.P.C., cat. 67, cx. 12/cap.7 (Cf. o jornal existente nesta caixa: [não assinado] “XIV Centenário de S. Martinho de Dume”, *Correio do Minho*, 24-10-1950, p.4).

construção da primeira Capela de São Martinho na Madeira e a uma lenda relacionada com São Martinho de Dume³⁹⁸.

Como se verifica, o Visconde teve uma actividade muito considerável, entre 1910 e 1950, décadas em que participou, como orador, em múltiplas conferências, como demonstra o seguinte gráfico:

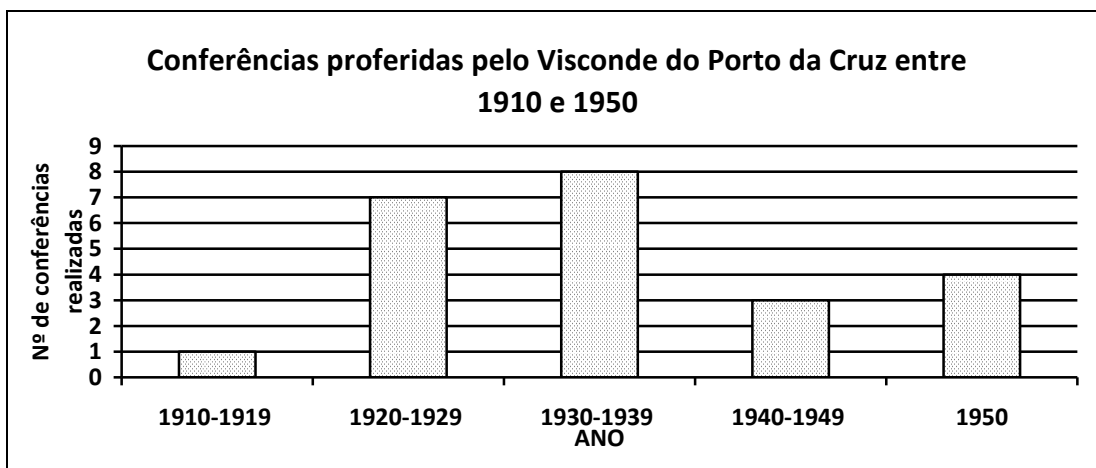


Gráfico 1 – Registo da actividade do Visconde do Porto da Cruz, em Conferências e Congressos, entre 1910 e 1950.

Esteve mais activo na década de 30, durante a qual participou em 8 conferências, depois de na década anterior ter efectuado 7, 4 das quais se referem ao estudo intitulado “A questão social – Sindicalismo-Morte, Sindicalismo-Vida”. Na década de 50, registámos 4 participações em simpósios, destacando-se a I Conferência da Liga de Protecção à Natureza, onde teve 3 intervenções. Nos anos 40, apresentou 3 conferências e apenas 1 entre 1910 e 1919.

Vejamos com outro detalhe, no gráfico abaixo, as suas intervenções, como orador, em diversas conferências realizadas entre 1910 e 1950.

³⁹⁸ ARM – Espólio do V.P.C., cat. 67, cx. 12/cap.7 (Cf. exemplares e recortes do periódico *Correio do Minho*, de 21-10-1950, p.4 e 24-10-1950, p.1 e p.4) e *Idem* cx. 10/cap. 3 (Cf. os exemplares do periódico *Correio do Minho*, de 19 e 20-10-1950).

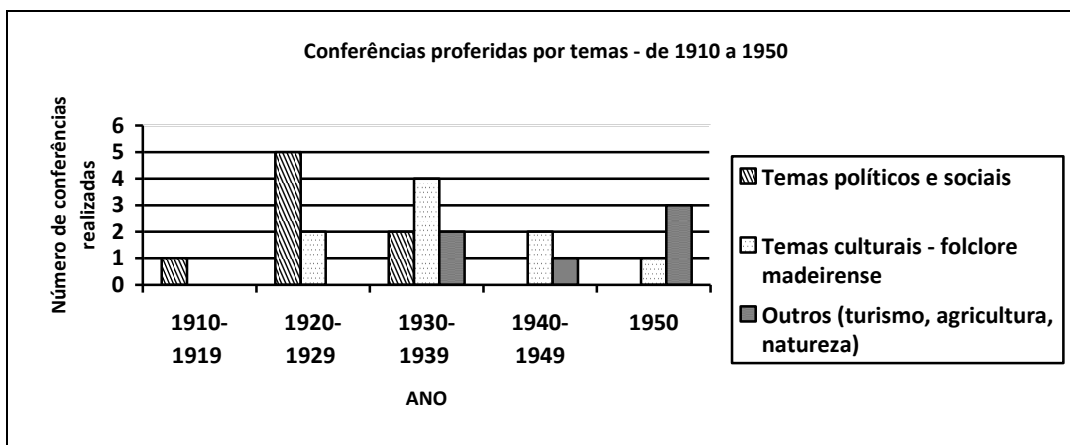


Gráfico 2 – Registo das conferências proferidas pelo Visconde do Porto da Cruz, por temas, entre 1910 e 1950.

Na figura 2, podemos observar o número de comunicações, organizadas por temas. Como se verifica, os assuntos de carácter cultural e especificamente sobre o folclore madeirense, foram abordados desde a década de 20, o que fundamenta as afirmações do próprio Visconde, quanto ao seu interesse por tais matérias, desde muito cedo.

A década de 30 destaca-se como o período de maior participação em conferências, tanto em quantidade como em diversidade, pois das 8 conferências realizadas, 4 foram sobre temas de carácter folclórico, 2 sobre questões políticas e sociais e 2 abordando outros temas, relacionados com a Madeira, como a agricultura, a natureza e o turismo.

Sem surpresa, o período em que apresenta um menor número de comunicações coincide com o tempo da sua juventude, onde temos o registo de apenas 1 comunicação, esta de carácter político. A este respeito, convém ter presente que durante esta época, Alfredo de Freitas Branco esteve exilado, devido ao seu envolvimento nas lutas pela Causa Monárquica, após a implantação da República. Foi também como já referimos, na primeira década do século XX que surgiu o Integralismo Lusitano, movimento ao qual pertenceu e que teve grande influência no seu pensamento, como se verificou nas conferências que realizou nos anos seguintes, até ao início da década de 30, ocupando-se de questões relacionadas com a ideologia integralista. A este propósito, note-se que na década de 20, o Visconde pronunciou 5 conferências de carácter político-social e 2 na década de 30, além da conferência proferida na primeira década do século XX, no esplendor da sua juventude³⁹⁹.

³⁹⁹ A propósito do Integralismo Lusitano, veja-se o capítulo I (1.1.1) do presente trabalho.

Quanto ao folclore madeirense, foram 9 as palestras realizadas, entre 1910 e 1950, das quais 2 na década de 20, 4 na década seguinte, 2 na década de 40 e 1 em 1950.

Não podemos terminar este ponto sem destacar o seu interesse pelo turismo, pela agricultura e pela natureza insular madeirenses. Deste modo, podemos acrescentar que o Visconde realizou, na década de 30, do século XX, 2 conferências sobre estes assuntos, 1 na década de 40 e 3 na década seguinte.

Neste quadro, a análise dos dados não só comprova o reconhecido interesse do Visconde do Porto da Cruz pela promoção do folclore madeirense, mas também confirma o seu envolvimento em diversas áreas que iam muito para além disso, sendo evidente o seu dinamismo e empenho, demonstrados ao longo das 23 conferências, realizadas no período analisado.

Palestras radiofónicas

O Visconde do Porto da Cruz, como se verifica, foi um homem que teve um papel activo na sociedade do seu tempo. O seu dinamismo levou-o a intervir, também, na rádio, onde proferiu algumas palestras aos microfones das rádios *Reichsrundfunk*, na Alemanha, e na extinta Estação Rádio da Madeira, nas quais procurou dar o seu ponto de vista sobre assuntos do seu tempo.

Como já referimos no capítulo I, durante a II Guerra Mundial, Porto da Cruz esteve ao serviço da Alemanha, onde proferiu várias palestras, ao microfone da Emissora de Berlim sob o título “Pontos nos ii”⁴⁰⁰. Estas palestras, segundo afirmou, surgiram da necessidade que a Alemanha teve em “recorrer ao sistema das propagandas intensivas em todos os idiomas, ora em periódicos e panfletos ora nas emissões da Rádio”⁴⁰¹, devido às campanhas adversas que eram feitas “contra o Povo alemão e muito especialmente contra o Governo do III Reich” nas rádios dos “aliados”, daí resultando uma opinião pública na Europa desfavorável àquele país. Por esta razão, as palestras na rádio tinham a intenção de esclarecer aos diversos povos, a “realidade dos factos”. O Visconde assegurou que foi para a Alemanha como convidado e “fora consciente e voluntariamente” a fim de elucidar os

⁴⁰⁰ Consulte-se os títulos das crónicas “Pontos nos ii” no anexo II – quadro 22.

⁴⁰¹ ARM – Espólio do V.P.C., cat. 67, cx. 12/cap.29 - Apontamentos, da autoria do V.P.C. («Memórias da Guerra na Alemanha - As “palestras” na Reichsrundfunk», II vol) – Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

portugueses e os falantes de língua portuguesa espalhados pelo mundo “sobre os perigos dessa guerra”, visto considerar que uma derrota da Alemanha “representava o caminho livre para os bolchevistas russos invadirem e dominarem o ocidente”. O Visconde não se via como um simples locutor, mas antes um “Conferencista-Comentador”, cujas palestras, mesmo sendo da sua responsabilidade, tratava de temas que chegavam do Ministério da Propaganda ou do Ministério de Estrangeiros, segundo garantiu. Nos seus “Pontos nos ii”, o Visconde abordava assuntos relacionados com a política, a economia e a sociedade alemã, mas também mencionava aspectos históricos relativos à aliança de Portugal com a Inglaterra, pois na sua opinião, havia muitos abusos (que não especificou), em especial na Madeira, “onde a influencia dos ingleses chegava a dar a impressão de que era uma colônia britânica”.

Segundo o conferencista, as suas palestras eram sempre esperadas com interesse, pelo nível das mesmas, o que, a seu ver, provocava a inveja de alguns portugueses, seus colegas nos serviços da Rádio alemã. O Visconde, num desabafo, referiu também que a sua ausência na Alemanha e a impossibilidade de se deslocar à Madeira, devido aos condicionalismos da guerra, facilitou a que, no Funchal, começassem a surgir rumores para o prejudicar, devido à sua recusa em focar determinados temas nas palestras, a pedido de alguns madeirenses, cujos nomes não indicou. Por esta razão, garantiu que atribuíam a si as culpas de tudo o que pretendiam dizer, para atingir alguém, como se percebe pelo seu comentário: “o certo é que todas as cousas (*sic*) desagradáveis e todos os escândalos que desejavam divulgar iam sendo repetidos, em surdina, como ouvidos numa determinada emissão das minhas palestras na *Reichsrundfunk*”.

Em suma, nas crónicas “Pontos nos ii”, o Visconde do Porto da Cruz defendeu sempre a Alemanha, dando a sua visão do conflito bélico, resultado das suas observações como “testemunha presencial, neutral e imparcial”⁴⁰², que ia colhendo elementos e formando uma opinião, sendo depois transmitida nas suas intervenções radiofónicas. No seu espólio, no ARM, se encontram manuscritos das palestras proferidas ao microfone da emissora de Berlim, nas quais se verifica as suas considerações sobre a II Guerra Mundial, em especial sobre a intervenção da Alemanha, e também as suas opiniões subjectivas sobre o comportamento do indivíduo e da humanidade em geral⁴⁰³.

⁴⁰² V.P.C. (1954f), p. 51.

⁴⁰³ A este propósito, consulte-se o espólio do V.P.C., no ARM, os seus apontamentos relativos às palestras “Pontos nos ii”: cx. 5/cap.1-8; cx. 6/cap.1-9; cx. 7/cap.13 e cx. 8/cap.19.

Anos mais tarde, a partir de 1951, o Visconde colaborou na extinta Estação Rádio Madeira, num programa semanal, com as crónicas sob o título “Comentários ao acaso...”. Nestas palestras, o Visconde tinha como público-alvo um grupo heterogéneo, constituído por todas as classes sociais, e focava diversos assuntos de interesse público, da sociedade do seu tempo. Segundo afirmou, as suas intenções com estas palestras eram “de facilitar aos governantes a sua acção e aos governados, ao povo, a oportunidade de conhecerem alguma coisa das doutrinas sociais e cristãs”⁴⁰⁴, de modo a que percebessem “a verdade das doutrinas e o que são as mistificações dos que deturpam por razões e para fins diversos”⁴⁰⁵. Entre os assuntos abordados, se encontram, por exemplo, problemas relacionados com os óleos para a navegação no Porto do Funchal; a educação em Portugal e as dificuldades de acesso ao ensino, devido ao custo elevado; as suas críticas aos baixos salários dos professores; diversas considerações sobre as dificuldades do quotidiano, enfrentadas pelos madeirenses; assuntos amorosos; o papel da mulher na sociedade (o dever de manter a paz e prosperidade do lar); o trabalho e a importância de se garantir um bom futuro, a amizade e outros assuntos de carácter social, cujos manuscritos se podem encontrar no seu acervo⁴⁰⁶.

Tudo leva a crer que as suas intervenções radiofónicas eram apreciadas pela generalidade da população madeirense, pelas notícias publicadas na imprensa da época e pelas cartas que lhe enviaram alguns ouvintes.

Neste sentido, destacamos o periódico *Re-nhau-nhau*, trimensário humorístico da época, que em Janeiro de 1952, trazia na primeira página, uma caricatura do Visconde do Porto da Cruz, e referindo as suas palestras na rádio: “Visconde do Porto da Cruz: O locutor da Rádio de S.Martinho, mais loquaz de todos os tempos e que muito tem deliciado os seus numerosos radioouvintes com as suas palestras às quartas-feiras...”⁴⁰⁷.

Também o *Correio das Ilhas*, quinzenário de assuntos e interesses insulares, elogiou esta sua faceta: “[...] uma notável actuação ao microfone da Emissora da Madeira, há anos em prol do bem comum, logrando conquistar simpatias em todas as camadas sociais da

⁴⁰⁴ ARM – Espólio do V.P.C., cat. 67, cx. 6/cap.4 – Apontamentos relativos às palestras proferidas, pelo V.P.C. à *Estação Rádio da Madeira*, no âmbito da rubrica “Comentários ao Acaso...”.

⁴⁰⁵ *Ibidem*.

⁴⁰⁶ A este propósito, consulte-se o espólio do V.P.C., no ARM, os apontamentos relativos às palestras “Comentários ao Acaso...”: cx. 5/cap.1-8; cx. 6/cap.6 e 13 e cx. 8/cap. 9, 10 e 14.

⁴⁰⁷ [Bernardo], “Bem prega S. Mateus...”, *Re-nhau-nhau*, Nº 723, 31-01-1952, p. 1. Veja-se o anexo III - Ilustração 1.

Madeira”⁴⁰⁸ e reconhecia que apesar de não abraçarem o mesmo ideal político, sempre encontraram o Visconde do Porto da Cruz “no bom combate em prol da Madeira”⁴⁰⁹.

Quanto às cartas recebidas, elogiando o seu trabalho na rádio, mas também pedindo a sua intervenção para abordar determinados assuntos, destacamos uma carta de 16 de Julho de 1952, assinada por “O Madeirense X”, a enaltecer o interesse do Visconde pelos assuntos da Madeira. Este ouvinte apontava alguns aspectos, como a falta de uma orquestra sinfónica no Funchal ou os problemas relacionados com companhias de transporte colectivo de passageiros⁴¹⁰. Noutra carta, de 29 de Julho de 1952, que está devidamente assinada, porém o seu autor pediu para não ser identificado, dirigida ao Visconde de forma elogiosa “porque é a única pessoa nesta ilha que fala clara e sinceramente sem recear represálias dos «atingidos»”⁴¹¹ e expondo a situação dos criados de servir, pessoas do campo que iam trabalhar na cidade e ali eram explorados e maltratados pelos patrões e também alertando para as condições de trabalho e horários das classes operárias. Deduzimos pelo teor destas cartas que estes ouvintes pretendiam que os casos reportados fossem abordados pelo Visconde, nas suas palestras da Rádio, mas desconhecemos se os seus pedidos foram atendidos.

Para finalizar, destacamos o desabafo do Visconde, num manuscrito de 14 de Janeiro de 1953, sobre as suas palestras semanais, na Estação Rádio da Madeira: “Se algumas vezes eu sou áspero nos meus comentários não é intenção de “escovar” – como tenho ouvido! – quem quer que seja, mas tão somente para que se corrijam males ou se firmem benefícios necessários e úteis para este Povo”⁴¹². O Visconde afirmou que preferia elogiar do que “fazer referências duras”, e tinha a certeza de que o povo sabia que a sua “ideia fixa [era] de bem servir o interesse colectivo, os interesses e os direitos do Povo”, embora garantisse que havia quem o quisesse silenciar, mas que “um dia ou falando ou escrevendo talvez o diga sem rodeios para que todos os meus presados ouvintes ou os meus presados tutores possam formar um juízo perfeito de tudo...”.

⁴⁰⁸ ARM – Espólio do Visconde do Porto da Cruz, cat. 67, cx. 10/cap.3. (cf. MAROTE, A. F. de Olim, “As danças e as músicas da Madeira - Pelo Visconde do Porto da Cruz”, *Correio das Ilhas*, 15-6-1960, p.1).

⁴⁰⁹ *Ibidem*.

⁴¹⁰ *Ibidem*, cx. 10 - Correspondência recebida pelo V.P.C.

⁴¹¹ *Ibidem*, cx. 11/cap.2 - Correspondência recebida pelo Visconde do Porto da Cruz

⁴¹² *Ibidem*, cx. 6/cap.4 – Apontamentos relativos às palestras proferidas, pelo V.P.C. à *Estação Rádio da Madeira*, no âmbito da rubrica “Comentários ao Acaso...” – Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

4.3.2 Exposições

Neste ponto, destacamos o envolvimento do Visconde do Porto da Cruz em diversas exposições agrícolas e industriais, realizadas no Funchal, entre 1927 e 1930, com o objectivo de impulsionar a economia da Madeira.

Neste sentido, salientamos a realização da Exposição Agrícola-Pecuária e Industrial do Funchal, um evento que teve o Visconde como mentor, segundo o próprio assumiu, numa conferência, em 1930, sobre os aspectos agrícolas e industriais da Madeira: “Conhecendo bem a psicologia daquele povo e vendo a absoluta necessidade de impulsionar a vida agrária da Madeira pensei organizar uma série de exposições para animar e interessar, pelo menos, os *amadores e curiosos*”⁴¹³. Para ele era importante que a “população rural fosse devidamente instruída e dirigida para que cuidasse das terras e das culturas, segundo as normas aconselhadas pela ciência agronómica”. Com uma população rural onde o índice de analfabetismo era muito elevado, para evoluírem, na sua opinião, era fundamental que recebessem uma “exposição bem lúcida, bem clara, demonstrações práticas, com exemplos palpáveis e evidentes”. Assim, resolveu organizar estas exposições, pois na sua opinião, a população só iria aplicar a teoria e superar as expectativas, perante as “evidências”.

Em 1927, juntamente com outras personalidades da sociedade madeirense (Botelho Moniz, Barros e Souza, Maurílio Ferraz e Silva, J. de Nazareth Barboza e Ezequiel Veloza), o Visconde realizou a primeira Exposição Agrícola-Pecuária e Industrial do Funchal, nos jardins do Casino Pavão, ao que chamou de “*esboço* de exposição”. Apesar do objectivo das exposições ser o desenvolvimento da economia e da indústria, bem como a promoção dos produtos madeirenses, salientamos que as exposições contaram com uma vertente de animação que estimularam o evento. O êxito da segunda exposição, realizada em 1928, no Parque do Hotel do Carmo, em parte, se deveu mesmo a esta vertente, como afirma o próprio Visconde: “cerca de uns dois mil visitantes que acorreram ao certâmen – talvez mais atraídos pela filarmónica do que pelo interesse da exposição – devem ter concorrido fortemente para o êxito extraordinário que obtivemos com o certâmen de 1928”.

⁴¹³ (1930), *Aspectos agrícolas e industriais da Madeira*, p.21-24 (itálico no original). Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

A terceira Exposição Agrícola, Pecuária e Industrial, que deveria ter sido realizada em 1929, mas tal não foi possível, por dificuldades na cedência de um espaço “para comportar a afluência de expositores que logo se inscreveram”, foi realizada no ano seguinte, nos jardins do Palácio da Encarnação, da Junta Geral do Distrito. A terceira Exposição teve uma maior projecção do que as anteriores e uma ampla divulgação na imprensa da época.

Para além de expor os produtos regionais (frutas e legumes) e até alguns animais, a terceira Exposição contou, segundo o *Diário de Notícias*, com animação para os visitantes. Bandas de música, sessões de cinema gratuitas e “audições de telefonia sem fios”⁴¹⁴ faziam parte do programa do evento e aliavam a componente económica e financeira à diversão e ao lazer. De destacar um pavilhão típico, com um tear, onde uma tecedeira demonstrava como se faziam os tecidos com produtos da Madeira e que despertou o interesse dos visitantes⁴¹⁵.

Na cerimónia de abertura do certame, no dia 12 de Janeiro de 1930, Porto da Cruz lembrou o objectivo principal da exposição, que era obter o maior desenvolvimento do comércio e da indústria da região⁴¹⁶. Tudo indica que esta terceira mostra regional teve uma grande importância na época e também a animação, promovida pela Comissão Organizadora, foi apreciada pelos visitantes, como leva a crer o destaque dado pela imprensa da época, nomeadamente o *Independência*⁴¹⁷, *O Jornal*⁴¹⁸ e o *Diário de Notícias*⁴¹⁹.

⁴¹⁴ [não assinado], “A III Exposição Agrícola, Pecuária e Industrial do Funchal”, *Diário de Notícias*, Nº 16634, 11-01-1930, p. 1.

⁴¹⁵ A propósito da terceira Exposição Agrícola, Pecuária e Industrial do Funchal, veja-se as notícias publicadas no *Diário de Notícias*: (Nº 16630, 05-01-1930, p. 1; Nº 16632, 09-01-1930, p. 1; Nº 16634, 11-01-1930, p. 1 e Nº 16636, 14-01-1930, p. 3).

⁴¹⁶ [não assinado], “A III Exposição Agrícola da Madeira”, *Idem*, Nº 16636, 14-01-1930, p. 1.

⁴¹⁷ O *Independência*, sob a direcção do Visconde do Porto da Cruz, publicou entre 1928 e 1929, diversos artigos sobre a Exposição Agrícola e Pecuária da Madeira, onde frisava a sua importância para o desenvolvimento industrial e comercial da Madeira. A este propósito veja-se os artigos publicados neste periódico: Nº 6, 15-07-1928, p. 3; Nº 19, 03-11-1928, p. 2; Nº 26, 05-01-1929, p. 2; Nº 27, 12-01-1929, p. 3 e Nº 31, 09-02-1929, p. 3.

⁴¹⁸ A este propósito veja-se os artigos (não assinados) publicados n’*O Jornal*: Nº 616, 12-02-1929, p.1; Nº 826, 06-11-1929, p.1; Nº 828, 08-11-1929, p.1; Nº 872, 04-01-1930, p. 1; Nº 873, 05-01-1930, p. 1; Nº 873, 08-01-1930, p. 1; Nº 875, 10-01-1930, p. 1; Nº 878, 12-01-1930, p. 1; Nº 879, 14-01-1930, p. 1; Nº 879, 14-01-1930, p. 3; Nº 880, 15-01-1930, p. 1; Nº 881, 16-01-1930, p. 1; Nº 881, 16-01-1930, p. 2; Nº 881, 16-01-1930, p. 2; Nº 882, 17-01-1930, p. 1 e Nº 882, 18-01-1930, p. 2.

⁴¹⁹ A este propósito veja-se os artigos (não assinados) publicados no *Diário de Notícias*: Nº 16627, 01-01-1930, p. 1; Nº 16629, 04-01-1930, p. 1; Nº 16630, 05-01-1930, p. 1; Nº 16632, 09-01-1930, p. 1; Nº 16634, 11-01-1930, p. 1; Nº 16635, 12-01-1930, p. 1; e Nº 16636, 14-01-1930, p. 1.

O interesse do Visconde por estes certames manteve-se, como prova o seu envolvimento, por exemplo, em 1932, na Exposição Agrícola Industrial, como delegado da Associação da Agricultura, tendo discursado na sua inauguração, a 26 de Dezembro⁴²⁰ e tendo também cedido alguns exemplares de pombos, que expôs fora do concurso realizado no âmbito daquela iniciativa, atestando assim o seu envolvimento no evento⁴²¹.

Mais tarde, em 1949, nas Festas da Cidade, no âmbito da Exposição de Aves, promovida pela Delegação de Turismo da Madeira, o Visconde do Porto da Cruz foi premiado com a 2.^a classificação, pelo exemplar de uma chocadeira para 180 ovos⁴²², o que revela também a sua participação em diversas iniciativas realizadas na sua terra.

4.3.3 Jornalismo

O Visconde do Porto da Cruz, como se sabe, foi jornalista e como tal, no domínio jornalístico, teve uma intensa actividade, como colaborador, director e fundador de revistas e jornais⁴²³.

Neste ponto pretendemos fazer uma breve incursão pelo seu desempenho, enquanto jornalista, mencionando as temáticas abordadas nos seus textos e o seu contributo ao jornalismo, especialmente ao jornalismo madeirense. Neste sentido, apresentamos também alguns dados quantitativos, salientando no entanto, que mencionamos apenas os textos que assinou nos vários periódicos, como Alfredo de Freitas-Branco; Visconde do Porto da Cruz; Visconde de Porto da Cruz; V.P.C.; V. do Porto da Cruz e V.do P.C. Além destes, e segundo MARINO (1959), Alfredo de Freitas Branco assinou alguns textos jornalísticos com os pseudónimos *Porchá* e *Alfredo Ilhéu*⁴²⁴, no entanto, nas pesquisas realizadas não encontramos qualquer texto com tais assinaturas.

Na sua autobiografia, incluída no terceiro volume de *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira* (1953), o Visconde refere alguns periódicos que fundou e dirigiu, uma informação que foi de grande utilidade para o estabelecimento do percurso aqui apresentado⁴²⁵.

⁴²⁰ [não assinado], “Festas da Cidade”, *O Jornal*, Nº 192, 29-12-1932, p. 1.

⁴²¹ *Idem*, “Exposição Agrícola Industrial da Madeira”, *O Jornal*, Nº 194, 31-12-1932, p. 1.

⁴²² ARM – Espólio do V.P.C., cat. 67, cx. 12/cap.14 – Diploma conferido ao V.P.C.

⁴²³ A respeito da sua actividade jornalística consulte-se o anexo II – quadro 9.

⁴²⁴ Luís Marino (1959), pp.385-386.

⁴²⁵ V.P.C. (1953b), pp. [331]-334. Até referência em contrário, as citações que se seguem no texto, foram extraídas do documento referido.

De salientar que não conseguimos ter acesso a todos os textos que publicou, devido à sua larga colaboração em vários periódicos, pelo que, apresentamos apenas alguns casos, que provam o seu intenso envolvimento no jornalismo. Como o próprio afirmou “além de colaboração na Imprensa de Lisboa, Porto e várias províncias continentais - Coimbra, Vila da Feira, Monte-mor-o-Novo» etc. - e de escrever para jornais brasileiros e alemães, tem colaboração Vasta (*sic*), na imprensa da Madeira e do Continente”, daí termos sentido dificuldade em reunir todos os documentos.

Neste sentido, como já referimos no capítulo I, segundo afirmou, publicou o seu primeiro texto literário, na imprensa de Lisboa, em 1908, no jornal *A Nação*, ao qual não tivemos acesso. Em 1915, Freitas Branco fundou com Ramon Rodrigues *O Realista*, um semanário monárquico funchalense, cujo objectivo principal era a defesa da causa monárquica. *O Realista* iniciou a sua publicação no dia 2 de Maio de 1915 e foi suspenso nesse mesmo mês, devido ao golpe das Espadas de Pimenta de Castro. O semanário reapareceu, com uma segunda série, a 27 de Dezembro de 1917 (n.º 4) e, a partir do primeiro número da segunda série passou a ser o órgão dos Integralistas na Madeira. O semanário teve, assim, duas séries: na primeira série, Ramon Rodrigues era director e editor, passando a direcção d' *O Realista*, a partir da segunda série, para Alfredo de Freitas Branco, que era também redactor principal e editor⁴²⁶. Os textos assinados naquele periódico, entre 02-05-1915 e 21-02-1918, foram quatro (três como Alfredo de Freitas-Branco e um como A. de F.B) e reflectiam os seus ideais monárquicos e integralistas⁴²⁷.

Mais tarde, em 1918, o Visconde partiu para Lisboa e aí colaborou no diário *A Monarquia*⁴²⁸, o órgão do Integralismo Lusitano que, em 12 de Fevereiro de 1917, sucedeu à revista *Nação Portuguesa*. O periódico *A Monarquia* subsistiu até 1922 e foi dirigido por Alberto Monsaraz e depois por Hipólito Raposo⁴²⁹.

⁴²⁶ A 1.ª série do semanário, dirigido e editado por Ramon Rodrigues, tinha como proprietário R. Honorato Rodrigues e administrador Abílio Teodoro Melim. As instalações da redacção localizavam-se na Rua Bela de S. Tiago, 19 e era composto, impresso e administrado na Rua Nova de S. Pedro, 16 e 18. A 2.ª série (n.º 4), a partir de 27 de Dezembro de 1917, tinha o mesmo administrador, Abílio Teodoro Melim, era composto e impresso nas oficinas do jornal *O Progresso*, na Rua de Júlio da Silva Carvalho, n.º 11. A redacção e administração situavam-se na Rua do Conde Carvalhal n.º 10 e era propriedade da Projetada Empresa de Publicações Integralistas. O último número (n.º 12) saiu a 21 de Fevereiro de 1918.

⁴²⁷ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 10.

⁴²⁸ Não tivemos acesso a este periódico, mas uma notícia publicada no diário *A Monarquia* (transcrita depois por *O Realista*) e também, mais tarde, afirmado pelo próprio V.P.C., na sua autobiografia, comprovam a sua colaboração naquele periódico monárquico. Cf. V.P.C. (1953b), p. 333 e *O Realista*, n.º 11, 14-02-1918, p. 1.

⁴²⁹ *A Monarquia* iniciou a sua publicação a 12 de Fevereiro de 1917, tendo como director Alberto de Monsaraz e João do Amaral como redactor-chefe. Na sequência dos incidentes de Monsanto e da Monarquia

Também em 1918, segundo afirmou, Freitas Branco fundou e dirigiu, em Lisboa, uma revista literária e política sob o título *A Tradição*, assim como fundou, em 1920, *O Combate*, um semanário de política económica e social⁴³⁰.

Em 1924, já Visconde, colaborou na revista *Acção Realista*⁴³¹, o órgão do grupo da Acção Realista Portuguesa, publicada em Lisboa e dirigida pelo madeirense Ernesto Gonçalves, que era o redactor principal. A revista *Acção Realista* pretendia ser o veículo transmissor das doutrinas monárquicas, defendidas pelo movimento da ARP, uma facção de monárquicos, que aspirava uma “Monarquia isenta de vícios republicanos”⁴³² como escreviam na apresentação da revista. É neste sentido que o Visconde do Porto da Cruz assina dois artigos expressando as suas opiniões sobre a República e sobre a Restauração Monárquica: “Aos Combatentes da Monarquia Nova” e “Definindo bem”. Assina ainda dois artigos, nos quais se insurge contra os judeus: “O Perigo Judeu I” e “O Perigo Judeu II”, já referidos noutra capítulo⁴³³.

O Visconde também colaborou na imprensa madeirense, onde abordou diversos temas do seu tempo, de cariz político, económico e social, tendo também publicado textos de teor etnográfico, nomeadamente sobre as credices e superstições madeirenses.

Deste modo, destacamos os textos publicados no *Diário de Notícias*⁴³⁴, entre Setembro de 1927 e Dezembro de 1928, período no qual verificámos a existência de alguns textos assinados pelo autor “Visconde do Porto da Cruz”. Assim, publicou no dia 11 de

do Norte, suspendeu a sua publicação, reaparecendo a 18 de Agosto de 1919, tendo como director Hipólito Raposo. Entre 10 de Abril e 12 de Julho de 1920 voltou a interromper a edição, por não aceitar exigências de tipógrafos. A publicação terminaria definitivamente a 6 de Maio de 1922, depois da assinatura do Pacto de Paris, embora viesse ainda a editar números extraordinários: a 15 de Maio de 1922, um suplemento ao último número; a 10 de Dezembro de 1922; a 5 de Abril de 1923 e a 15 de Maio de 1925, um último número extraordinário aquando da morte de António Sardinha. Cf. Manuel Braga da Cruz (1982), p. 141-142.

⁴³⁰ Não tivemos acesso a estes periódicos, mas o V.P.C. afirmou ter sido o seu fundador e director. Cf. V.P.C. (1953b), pp. 333.

⁴³¹ A revista *Acção Realista* iniciou a sua publicação em Lisboa, a 22 de Maio de 1924. As instalações da redacção situavam-se na Rua da Barroca, 59. A revista *Acção Realista*, de publicação mensal, era dirigida por Ernesto Gonçalves, que era igualmente o redactor principal. Deu à estampa 32 números, em 3 séries, de Maio de 1924 a Outubro de 1926.

⁴³² [A *Acção Realista Portuguesa*], “Explicando”, *Acção Realista*, Nº1, 22-05-1924, p. 2.

⁴³³ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 11.

⁴³⁴ O *Diário de Notícias* iniciou a sua publicação a 11 de Outubro de 1876, o primeiro jornal quotidiano do Funchal. Foi fundado pelo cónego Alfredo César de Oliveira e auxiliado na redacção e direcção pelo escritor João de Nóbrega Soares. À data da publicação dos artigos do V.P.C. (1927-1928), era director F. Conceição Rodrigues (até o dia 19 de Setembro 1927), de 20 a 30 de Setembro 1927 surge José da Silva Coelho como secretário da redacção e editor e, a partir de 1 de Outubro de 1927, passou a ser dirigido por Feliciano Soares (até 1931). Era propriedade da empresa *Diário de Notícias*, a redacção, administração e oficinas situavam-se na Rua do «*Diário de Notícias*», nº 8 (actual Rua da Alfândega). Este é o jornal diário mais antigo da Madeira, situando-se actualmente na Rua Dr. Fernão de Ornelas, nº 56, 3º Andar.

Setembro de 1927, sob o título de “Águas Fortes - I”, um texto literário, mas que não encontramos continuidade nos números seguintes. Ainda nesse ano e até o ano seguinte, entre 7 de Outubro de 1927 e 7 de Setembro de 1928, registamos a publicação de vários artigos de teor etnográfico, num total de 42 artigos, numa rubrica que era publicada às sextas-feiras, sob o título de “Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses”, à qual já nos referimos, no capítulo II⁴³⁵.

Destacamos ainda a sua colaboração no periódico madeirense *O Jornal*⁴³⁶, que era dirigido por Luís Vieira de Castro. No período investigado, entre Janeiro de 1928 e Janeiro de 1930, contabilizamos um total de 42 artigos, dos quais assinou como Visconde do Porto da Cruz (36 textos); como V. P.C. (4 textos) e V. do Porto da Cruz (2 textos). Quanto ao conteúdo, estes versavam diversas temáticas, da cultura, à economia, ao turismo e à política. Assim, em 1928, o Visconde publicou 1 texto sobre sindicalismo e 2 onde abordou o fascismo. Em 1929, foram 7 os textos sobre sindicalismo, 2 sobre fascismo; 8 de política; 8 de teor etnográfico e 7 textos abordando a economia, a indústria madeirense o turismo e outros interesses madeirenses. Em 1930, do total de 7 artigos, 1 versava sobre etnografia e 4 sobre a economia e a indústria madeirense⁴³⁷.

O Visconde revelou um espírito regionalista e fundou, no Funchal, em 1928, o semanário *Independência*⁴³⁸, debatendo aí as suas ideias em defesa dos interesses da Madeira. Como já referimos no capítulo I, no *Independência*, o Visconde mostrou-se determinado em defender os interesses do povo madeirense, denunciando problemas que surgiam no arquipélago, em todos os sectores da vida colectiva. Recorde-se que a sua atitude intransigente, nas diversas campanhas empreendidas, a favor da causa regionalista,

⁴³⁵ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 12.

⁴³⁶ *O Jornal* foi fundado a 27 de Março de 1906 pelo Cónego António Manuel Pereira Ribeiro, sendo alvo de mudanças de título e com períodos de edição diferentes: *O Jornal* - de 27/03/1906 a 31/12/1910; *Jornal da Madeira* - de 22/11/1923 a 27/07/1926 (Ano I, nº 1); *O Jornal* (com o subtítulo Diário da Tarde) - de 01/01/1927 a 06/04/1931; *O Jornal* (com o subtítulo Diário Regionalista - de 06/05/1931 a 23/04/1932; *O Jornal* - de 24/04/1932 a 30/04/1932 (até o número 1516); *O Jornal* (com o subtítulo Diário da Manhã) – de 18/05/1932 a 19/05/1950 (inicia a Série II, Ano I, nº 1); *O Jornal* - de 20/05/1950 a 30/04/1952; *Jornal da Madeira* – de 01/05/1952 até a actualidade (manteve a mesma numeração do *Jornal*, passando a Ano XX, Série II, nº 6040).

⁴³⁷ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 13.

⁴³⁸ *O Independência* iniciou a sua publicação, no Funchal, a 10 de Junho de 1928, tendo como editor J. M. Gomes e como director A. de Freitas Branco (Visconde do Porto da Cruz), que passou a ser também o editor a partir do nº 2. A sua sede situava-se na Travessa das Capuchinhas, nº 3, mudando-se depois a redacção e a administração para a Travessa do Nascimento, nº 7, continuando a correspondência na morada anterior. A publicação foi interrompida no nº 37, a 26 de Março de 1929, e reapareceu, com o nº 38, a 1 de Novembro do mesmo ano, com a redacção e a administração na Travessa das Capuchinhas, nº 3, e saindo apenas mais um número a 15 desse mês. *O Independência* iniciou uma 2ª série, a 3 de Julho de 1933, sob a direcção de Octávio Marialva (1898-1990), saindo apenas 4 números.

nem sempre foi apoiada por todos os seus contemporâneos, chegando até a fazer inimigos e afirmando que recebia cartas anónimas, com ameaças, para o silenciar⁴³⁹.

Durante o curto tempo de vida do semanário, sob a sua orientação (de 10-06-1928 a 15-11-1929), Freitas Branco assinou apenas 39 artigos, dos quais 17 assinou “Visconde do Porto da Cruz”, 8 “Visconde de Porto da Cruz”, 11 “V.P.C.” e 3 “V. do P.C.”, no entanto, atribuímos a autoria dos restantes textos publicados, não assinados, ao seu director⁴⁴⁰.

Neste sentido, embora a maior parte dos textos do *Independência* se refiram aos problemas que estavam na ordem do dia, no arquipélago madeirense, também se publicavam textos com temáticas diversificadas, como analisamos em seguida. Assim, veja-se por exemplo, a coluna semanal, sob o título “Letras, Sciencias & Artes”⁴⁴¹ (25 rubricas, das quais apenas 10 estão assinadas pelo Visconde), na qual se divulgavam as recentes obras literárias, incluindo uma breve biografia dos seus autores e apreciações à obra em questão. Além dos novos livros, também nesta secção se referiam grupos musicais; compositores; escultores; pintores e outras artes, como os “embutidos” ou até trabalhos manuais feitos em escolas da Madeira; sessões de cinema e ainda conferências e exposições a realizar. No fundo, naquela rubrica semanal, se fazia a cobertura de diversos eventos culturais da época, embora muitos dos eventos culturais e lúdicos fossem divulgados também noutros artigos.

Deste modo, verificámos que foram publicados, no *Independência*, 41 artigos de diversos assuntos culturais, divulgando também eventos que se realizavam na ilha. Entre estes eventos destacamos os bailes, as festas e actuações da orquestra no Casino Vitória (9 artigos) e um baile no Casino Monumental (1); programação e notícias de diversos espectáculos realizados em teatros e cinemas, divulgando também artistas que se apresentavam ao público nesses locais de entretenimento, com os seus programas (16, dos quais, 1 assinado por si); outras diversões públicas, promovidas por bandas musicais (3), concursos musicais (4) e infantis (1); outras festas e arraiais (2); exposições de escultura e embutidos (4); Exposição Agrícola e Pecuária (5); Animais e Plantas (3) e sobre as credices madeirenses (2 assinados).

⁴³⁹ A este propósito, veja-se o capítulo I (1.1.3).

⁴⁴⁰ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 14.

⁴⁴¹ Nos primeiros 9 números do *Independência*, esta rubrica tinha o título “Das Letras, das Sciencias e das Artes” e no número 38 surge com o título “Jornal das letras”.

O Visconde incluiu também, no *Independência* (até o número 8), dois folhetins (um romance e uma comédia). Havia ainda outra secção, com breves notícias sobre acontecimentos da semana, sob o título “As Notas Semanais” (9), por exemplo, o surgimento de um novo produto – o mel de cana, informação sobre a distribuição de prémios e diplomas da Exposição Agrícola Pecuária e Industrial da Madeira; o afastamento de J. Reis Gomes do Liceu do Funchal, onde lecionava há trinta anos; homenagens a este escritor; a instalação de uma biblioteca pública na sede da Câmara Municipal da Ribeira Brava; informações sobre a realização de conferências; o aumento de custo dos medicamentos e as ligações telefónicas entre o Santo da Serra e o Funchal, entre outros. Salientamos ainda os 8 textos defendendo a ideia de projetar a criação de um Jardim Zoológico e de um Aquário, à qual já nos referimos no presente capítulo (4.2).

Entre os textos nos quais denunciava problemas que surgiam no arquipélago encontramos, por exemplo, as dificuldades em que se encontrava a Escola de Artes e Ofícios e as várias iniciativas para auxílio desta escola, como os espectáculos de solidariedade ou ajudas monetárias de particulares, tanto para esta, como para outras instituições, como o Asilo do Funchal (10 artigos).

No *Independência* foram publicados também diversos textos de assuntos relacionados com os sectores económico e financeiro da Madeira, como a indústria dos bordados, as fábricas de aguardente, os problemas cerealíferos, e a crise que enfrentavam estes sectores; sobre o turismo, denunciando problemas e propondo soluções, como a necessidade de ver a indústria do jogo regulamentada, a necessidade de desenvolver a rede de estradas, ou ainda informações sobre a organização de excursões na ilha, textos que não contabilizamos.

O seu sentimento regionalista levou-o a criticar a atitude dos madeirenses, por não valorizarem os seus conterrâneos ou por não aproveitarem as oportunidades que se apresentavam para progredir, como referimos no capítulo I (1.1.3); atendeu a pedidos de cidadãos que escreveram para o *Independência*, com problemas diversos, alertando as autoridades para essas dificuldades, como as brincadeiras de garotos na Calçada de Santa Clara, o jogar futebol nas ruas ou o movimento de automóveis na Rua do Torreão. Sugeriu melhoramentos que entendia serem necessários, como a mudança do Liceu para outro edifício, o sistema de limpeza de ruas da Câmara Municipal, a construção de cais de desembarque nos diversos portos do arquipélago, mas também felicitou iniciativas várias,

como a aquisição do Palácio de S. Pedro para a instalação da Biblioteca Pública e o Museu Regional da Madeira, ou a iluminação do Jardim Municipal.

Freitas Branco também publicou diversas informações, por exemplo, a aquisição de novos barcos pela Marinha Mercante; a chegada de material para montagem da telegrafia sem fios na Ilha do Porto Santo; o surgimento de novos periódicos, e até referia decretos pelo Governo da Ditadura, como a prisão para todos aqueles que alterassem a ordem pública. No semanário também se publicavam informações sobre personalidades da sociedade, como as partidas e as chegadas, de e para a Madeira; os estados de saúde e os falecimentos.

Eram, portanto, em linhas gerais, estes os assuntos dominantes do periódico sob a sua orientação e de cariz fortemente regionalista, mas que, devido à extensão do nosso trabalho, e também por não ser nosso objectivo analisar o semanário *Independência*, não contabilizamos todos os textos.

Além da sua experiência no *Independência*, o Visconde do Porto da Cruz esteve envolvido na publicação de uma revista, em 1929, a *Ilustração Madeirense*⁴⁴², dirigida por si. A revista tinha como pretensão, promover a Madeira em todo o mundo, de modo a desenvolver o seu turismo, sendo por isso redigida em três línguas (Português, Inglês e Francês), como já referimos no capítulo I e no presente capítulo (4.2). Salientamos a sua componente de ilustrações, com gravuras e fotografias de paisagens e de vários acontecimentos da sociedade, da cultura e da história madeirense⁴⁴³, o que faz também desta revista, um importante instrumento para analisar a sociedade madeirense da época.

Na revista colaboravam várias personalidades do intelectualismo insular, entre os quais se encontrava o próprio Porto da Cruz, como já referimos. Dos 7 números

⁴⁴² A revista *Ilustração Madeirense* tinha uma periodicidade trimensal e deu à estampa sete números, de Dezembro de 1929 a Julho de 1934. A revista era dirigida pelo Visconde do Porto da Cruz e propriedade da Companhia de Petróleos da Madeira, que era também a editora. A partir do número 6, o Visconde passou a ser o seu proprietário, passando a ser também editor no número 7. A sua impressão e composição era feita no Porto, até ao nº 4: Tipografia Porto Medico, Ltd. (nº 1); Tipografia Sociedade de Papelaria, Lda. (nº 2); Litografia Nacional (nº 3 e nº 4). O nº 5 foi composto no Funchal, na Tipografia Esperança e os números 6 e 7 foram compostos e impressos na Imprensa Lucas & C.^a, em Lisboa. A Administração situava-se na Rua do Phelps, nº 22, mudando depois para a Rua dos Murças, 46, 2º.

⁴⁴³ Podemos referir, por exemplo, entre as muitas fotografias incluídas na *Ilustração Madeirense*, várias individualidades de visita à Ilha, como “S.A.R. o «Príncipe de Gales a desembarcar no cais da Pontinha, quando da sua recente visita pela Madeira” (nº 2) ou o Ministro da Marinha (Almirante J. de Magalhães Correa), acompanhado de diversas personalidades entre as quais o V.P.C. (nº 3) e ainda fotografias de interesse histórico e cultural, como “A visita do porta aviões francês «Bearn» à Madeira” (nº 2); “Uma grande largada de Pombos Correios do Funchal para as Canárias (380 milhas de mar)” (nº 4) ou até mesmo fotografias da inauguração da estátua de João Gonçalves Zarco (nº 7).

publicados, o Visconde assinou três textos⁴⁴⁴, sendo o primeiro dedicado às Lendas (nº 1) e os dois seguintes aos Concelhos do Funchal (nº 2) e de Santa Cruz (nº 3). Embora até ao número 6, a revista tenha sido dedicada a outros Concelhos da Madeira (Ribeira Brava, nº 4; São Vicente, nº 5 e Machico, nº 6), cujos textos não foram assinados, atribuímos a autoria ao seu director, nos quais se descreve as referidas localidades, os costumes, as belezas, a economia e o comércio local, focando pontos de interesse para o turista. Apesar de ambicioso, o projecto da revista cessou, segundo o Visconde, devido à “política pessoal de ódios e de conveniências [que] aniquilou esta boa iniciativa”⁴⁴⁵.

Em 1931 começou a publicar-se no Funchal, o boletim *Arquivo Histórico da Madeira*, uma publicação de interesse para a história do arquipélago madeirense, sob a direcção de João Cabral do Nascimento, no qual Alfredo de Freitas Branco colaborou, com a publicação de 3 artigos: “Danças Madeirenses” (1931); “Traje popular da Madeira” (1936) e “A Procissão do voto” (1949)⁴⁴⁶.

Como sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Porto da Cruz publicou, na revista *Arqueologia e História*, o órgão daquela Associação, alguns estudos por si realizados e apresentados em conferências, às quais já nos referimos no capítulo II e no ponto 4.3.1 do presente capítulo. Neste sentido, a AAP publicou, em 1924, no volume III da referida revista, o texto “Lendas e Monumentos do Arquipélago da Madeira”⁴⁴⁷. Em 1930, a AAP publicou, no volume VIII, outro texto do Visconde, sobre as “Crendices e superstições e costumes do Arquipélago da Madeira”, na sequência das comunicações apresentadas em Assembleia Geral de Estudos⁴⁴⁸.

Entre 1934 e 1936, colaborou na *Revista de Arqueologia*⁴⁴⁹, publicando dois textos⁴⁵⁰ sobre a estadia na Madeira de Cristóvão Colombo e de D. Amélia, Imperatriz do Brasil e da sua filha, a Princesa D. Maria Amélia.

⁴⁴⁴ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 15.

⁴⁴⁵ V.P.C. (1936), *O turismo na Madeira*, I Congresso Nacional de Turismo, p. 6.

⁴⁴⁶ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 16.

⁴⁴⁷ A este propósito veja-se a afirmação do V.P.C., sobre a publicação do seu estudo das lendas madeirenses, no *Independência* (“Das Letras, das Ciências e das Artes”, Nº 7, 22-07-1928, p. 2) e na *Revista Portuguesa* (“João Nunes (Diabinho), O precursor do «folclore» madeirense”, N.º 23, 1942, pp. [17-19]).

⁴⁴⁸ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 17.

⁴⁴⁹ A *Revista de Arqueologia* deu à estampa três números (1932, 1936 e 1936). Era composta e impressa na Imprensa Moderna, em Lisboa, sendo dirigida por J. M. Cordeiro de Sousa.

⁴⁵⁰ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 18.

Também a revista *Brotéria*, série de Ciências Naturais, publicou em 1935, segundo afirmou o Visconde, as suas recolhas sobre a flora madeirense na medicina popular, no vol. IV (XXXI) fasc I, II, III e IV, o qual não tivemos acesso⁴⁵¹.

Em 1946, Porto da Cruz fundou e dirigiu, em Lisboa, o semanário *Visor*⁴⁵², iniciando a sua publicação no dia 20 de Novembro de 1946, com o objectivo principal de defender os artistas portugueses e divulgar os espectáculos realizados no país.

O *Visor* trazia o sub-título “Semanário de todos os espectáculos” até o número 8, mas a partir do número 10, passou a apresentar-se com o sub-título “Jornal de todos os espectáculos”. Foi aliás, desde este número que Porto da Cruz passou a ser também o seu proprietário, além de director, pois nos números anteriores, o semanário tinha no cabeçalho a informação de que era propriedade de S.C.O.T. (Studium de Comércio e Organizações Técnicas). Um esclarecimento que foi prestado precisamente num texto, no número 10 do *Visor*, denunciando a S.C.O.T. por ter abusivamente utilizado as “licenças e autorizações legais”⁴⁵³ pertencentes ao seu director.

Em 1948 *O Jornal* publica um suplemento sob o título *Das Artes e da História da Madeira*⁴⁵⁴, que segundo se afirma, no primeiro suplemento, vinha preencher uma lacuna existente no meio cultural insular, no que concerne à divulgação da sua arte e da sua história. Dirigido por Luís Peter Clode, nele colaboraram diversas personalidades do meio madeirense, por exemplo, Alberto Artur Sarmento, Álvaro Manso de Sousa, Ernesto Gonçalves, entre outros, nos quais se encontra também o Visconde do Porto da Cruz. Neste sentido, entre Outubro de 1948 e Abril de 1949, assinados pelo “Visconde do Porto da Cruz” foram publicados naquele suplemento, uma série de textos sobre aspectos culturais madeirenses, nomeadamente, as lendas (15 textos); as crendices e as superstições (6

⁴⁵¹ Cf. V.P.C. (1941), “A Flora Madeirense na medicina popular. Remédios Caseiros”, *Revista Portuguesa*, Janeiro/Fevereiro, Ano VII N.º 28 – 2.ª Série. N.º 11, p. 17.

⁴⁵² O *Visor* publicava-se às quartas-feiras, deu à estampa 15 números, de 20 de Novembro de 1946 a 25 de Fevereiro de 1948 (a publicação foi interrompida no n.º 14, a 26 de Fevereiro de 1947, e reapareceu, com o n.º 15 a 25 de Fevereiro de 1948). Não tem o n.º 9 e tem 2 n.ºs 13 com a mesma data. Tinha como director Porto da Cruz e como redactor principal Santos Mendes. Até o número 8 era propriedade de S.C.O.T. (Studium de Comércio e Organizações Técnicas) e a partir do número 10, Porto da Cruz passou a ser proprietário e director. Os serviços administrativos e de redacção situavam-se na Rua D. Pedro V, 104, 2.º E, Lisboa, mudando-se mais tarde para a Rua da Oliveira do Carmo, 53, 1.º, na mesma cidade.

⁴⁵³ “O seu a seu dono” (22-01-1947), *Visor*, N.º 10, Ano I, Lisboa, p.1.

⁴⁵⁴ O suplemento d’ *O Jornal* (na época dirigido por José Rafael Basto Machado), sob o título *Das Artes e da História da Madeira*, iniciou a sua publicação, no Funchal, a 17 de Outubro de 1948, tendo o seu último número saído no dia 2 de Outubro de 1949. Publicava-se aos Domingos. A Redacção, Administração e Oficinas situavam-se na Rua do Seminário, n.º 22, no Funchal e era propriedade da *Empresa Madeirense Editora, Lda*.

textos); as trovas e as cantigas (3 textos) e a culinária (6 textos), aos quais já nos referimos no capítulo II⁴⁵⁵.

O suplemento terminou um ano após o seu início, devido a problemas financeiros, segundo se afirmou no último suplemento, no entanto, em Junho de 1950, reaparece com um novo modelo, sob a forma de revista e mantendo o título *Das Artes e da História da Madeira*⁴⁵⁶. Movidos pela vontade de “arquivar, com absoluta independência, todas as manifestações de arte e os factos e documentos do passado”⁴⁵⁷ e “evoca[r] o que há de mais característico na nossa Ilha, tanto sob o ponto de vista artístico como sob o aspeto histórico”, os seus colaboradores, entre os quais se encontra, uma vez mais, Alfredo de Freitas Branco, escolhidos entre os “melhores escritores madeirenses”, deram o seu contributo para uma dinâmica da cultura e historiografia madeirenses⁴⁵⁸. Entre 1950 e 1963, foram publicados naquela revista cultural, 7 textos assinados pelo Visconde do Porto da Cruz, sobre aspectos da cultura e do património madeirenses, dos quais 3 foram dedicados à flora madeirense na medicina popular; 1 sobre monumentos do arquipélago; 1 sobre as crendices e as superstições madeirenses, 1 dedicado ao seu tio João de Freitas Branco e outro artigo póstumo sobre a culinária madeirense, textos que já referimos no capítulo II⁴⁵⁹.

Nesta nossa breve incursão pela actividade jornalística do Visconde, é incontornável a referência à *Revista Portuguesa*, propriedade do Visconde do Porto da Cruz, que era também o seu director. A *Revista Portuguesa*⁴⁶⁰ iniciou a sua publicação em 1935 e se destaca pelo seu longo período de existência (3 décadas), se compararmos a outros

⁴⁵⁵ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 19.

⁴⁵⁶ A revista *Das Artes e da História da Madeira* iniciou a sua publicação em Junho de 1950 e o último número (nº41) saiu em 1971. Era propriedade da Sociedade de Concertos da Madeira, dirigida e editada por Luís Peter Clode. A redacção e a administração situavam-se na Avenida Arriaga, nº 13, no Funchal, tendo mudado depois para o número 77, na mesma Avenida, e no último número, para a Rua da Carreira, nº 56.

⁴⁵⁷ [não assinado] (1950), “Uma palavra de introdução”, *Das Artes e da História da Madeira*, Vol. I, Nº 1, p. 1.

⁴⁵⁸ A este propósito, veja-se Alberto Vieira (1995), pp. 67-68.

⁴⁵⁹ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 20.

⁴⁶⁰ “A *Revista Portuguesa* (1936-1958) Revista de Propaganda e Turismo tinha por director e proprietário o Visconde do Porto da Cruz, o Editor era Diamantino Simões de Freitas. A Redacção e Administração situavam-se na Rua do Diário de Notícias, 61 Lisboa. Era uma revista trimestral e a sua saída coincidia com uma estação do ano, o no 1 saiu no Inverno de 1934-35, composto e impresso na Imprensa Lucas e C^a, Rua do Diário de Nº59 Lisboa.a. A sua sede. A composição e impressão mudaram diversas vezes sendo no entanto sempre no continente português. O primeiro editorial desta revista é assinado por João Ameal e intitula-se “Renascimento Intelectual”, A revista inclui muitas gravuras de paisagens portuguesas em especial da Madeira. O último nº é o 88 que corresponde a Fevereiro de 1961”. Cf. Emanuel Janes (1997b), p.169.

periódicos sob a sua orientação, tendo saído o último número em Fevereiro 1961, precisamente 1 ano antes da sua morte.

Porto da Cruz também colaborou na *Revista Portuguesa*, com textos da sua autoria, de temas muito diversificados. No período por nós analisado (1939 e entre 1941 a 1944), contabilizámos um total de 79 textos (assinados por “Visconde do Porto da Cruz”), aos quais atribuímos a seguinte classificação, conforme os temas tratados: Cultura e folclore madeirense (22 textos, dos quais 3 sobre lendas; 10 sobre medicina popular; 1 sobre o traje; 1 sobre o (suposto) precursor do folclore; 6 sobre credices e superstições e 1 sobre as danças); Literatura e autores (28 textos); Política (7 textos); História e personalidades (7 textos); Actualidade (15 textos)⁴⁶¹.

Em suma, procuramos demonstrar neste ponto, o envolvimento do Visconde do Porto da Cruz na vida pública portuguesa, em especial na sociedade madeirense, através dos seus textos jornalísticos, nos quais, em diferentes fases da sua vida, foi revelando o seu pensamento e os seus ideais políticos, mas também os seus interesses por diferentes áreas da vida da comunidade, dos quais destacamos os textos sobre o folclore e a cultura madeirenses.

O total de textos jornalísticos que nos foi possível contabilizar chegou ao número 256, o que consideramos ser um número significativo, revelador da sua activa e profícua participação no jornalismo português.

⁴⁶¹ Consulte-se a relação destes textos no anexo II – quadro 21.

4.4 Contributos para a divulgação da obra do Visconde do Porto da Cruz

Como demonstramos neste trabalho, o Visconde deu um importante contributo ao estudo e à promoção da cultura madeirense, no seu património material e imaterial, escrevendo as suas recolhas, resultantes do contacto directo com o povo e investigações empreendidas por si, em arquivos e bibliotecas, para que pudessem chegar às “gerações vindoiras”⁴⁶².

Deste modo, os múltiplos elementos culturais abordados na sua obra permitem pensarmos um projecto, no âmbito da *Gestão Cultural*, de forma a darmos a conhecer à comunidade, o legado do autor madeirense aos seus conterrâneos, sendo também uma forma de homenagearmos o Visconde, pelo seu empenho em perpetuar registos da nossa memória cultural, e que nos conduzem a uma identidade colectiva insular.

Neste sentido, apresentamos nesta parte da nossa dissertação, algumas estratégias que visam dar a conhecer ao público em geral, a obra do Visconde do Porto da Cruz, na sua vertente cultural.

4.4.1 Roteiro cultural: património material do Funchal

Este roteiro pretende dar a conhecer os elementos do património cultural material madeirense, existentes no centro da cidade do Funchal, nomeadamente, estátuas, chafarizes, igrejas, capelas, fortalezas e outros edifícios, inventariados e promovidos na obra do Visconde do Porto da Cruz.

Assim, propomos um passeio pedestre, passando pelos elementos culturais, no centro do Funchal, referidos pelo Visconde, no livro *Folclore Madeirense* (1955)⁴⁶³. Para a elaboração do itinerário que propomos, optámos por excluir a visita à Igreja de Santa Clara; à Capela de São Paulo; à Fortaleza do Ilhéu, na Pontinha; ao Castelo do Pico; à Janela do Solar de Colombo, actualmente na Quinta Palmeira e ao Busto do Conde de

⁴⁶² V.P.C. (1954e), p. 8.

⁴⁶³ *Idem* (1955a), pp.[267]-269. Também é possível elaborar roteiros culturais, com visitas ao património material madeirense, a partir de outros textos do V.P.C., nomeadamente, os textos publicados no semanário *Independência*, na revista *Ilustração Madeirense*, na revista *Das Artes e da História da Madeira* e na comunicação *Algumas lendas e alguns monumentos do Archipelago da Madeira*, já referidos no capítulo III (3.2).

Canavial, para facilitar o percurso. No entanto, estes podem ser desenvolvidos noutra roteiro.

Deste modo, definimos um roteiro⁴⁶⁴, com início junto ao Chafariz, no Largo do Município (em frente à Câmara Municipal do Funchal), seguindo depois uma visita guiada aos elementos culturais abaixo indicados:

- 1 – Palácio da Câmara Municipal do Funchal;
- 2 – Estátua o Semeador (no jardim da Câmara Municipal do Funchal, na Rua Padre Gonçalves da Câmara);
- 3 – Chafariz (no Largo do Chafariz);
- 4 – Sé Catedral;
- 5 – Estátua a João Gonçalves Zarco (no cruzamento das avenidas Zarco e Arriaga);
- 6 – Chafariz (no Largo da Restauração);
- 7 – Palácio de São Lourenço;
- 8 – Busto do madeirense João Fernandes Vieira (no Jardim Municipal);
- 9 – Estátua ao Infante D. Henrique;
- 10 – Capela de Santa Catarina;
- 11 – Aviadores (Monumento alegórico à primeira travessia aérea Lisboa-Madeira, empreendida por Gago Coutinho e Sacadura Cabral);
- 12 – Memória do antigo Pilar de Banger;
- 13 – Fortaleza de S. Tiago.

Salientamos ainda a possibilidade de elaborar outro roteiro, nos arredores do Funchal, com elementos também referidos na obra do Visconde, nomeadamente, o Monumento a Nossa Senhora da Paz e o Busto a Gonçalves Zarco, no Terreiro da Luta; o Monumento aos Mortos na Manhã de 3 de Dezembro de 1916 e o Monumento a Rocha Machado, no Cemitério da Nossa Senhora das Angústias, em São Martinho.

⁴⁶⁴ Consulte-se o mapa do roteiro no anexo III - Ilustração 6.

4.4.2 Mostra de tradições madeirenses

No desenvolvimento da nossa dissertação observámos que o Visconde deu um valioso contributo à promoção de múltiplos aspectos da cultura da Madeira, estudando as tradições populares da sua terra e procurando preservar estas memórias.

Com o intuito de dar a conhecer esta vertente da sua obra, a um maior número de pessoas, propomos a realização de uma mostra de tradições madeirenses, registadas e promovidas pelo autor, nos seus textos e conferências.

O projecto consiste na organização de um conjunto de actividades, tentando recriar alguns aspectos culturais estudados pelo Visconde, com o encadeamento de várias acções, de animação musical; danças; teatro⁴⁶⁵; desfile de trajes; sessões de leitura e gastronomia, com os elementos que já referimos no capítulo II, tomando por base as obras também mencionadas: *Trovas e cantigas madeirenses* (1934); *A flora madeirense na medicina popular* (1935); *Crendices e Superstições do Arquipélago da Madeira* (1954); *Danças e músicas do arquipélago da Madeira* (1954); *Lendas do Arquipélago da Madeira* (1954); *Trovas e cantigas do arquipélago da Madeira* (1954); *Folclore Madeirense* (1955) e *O Trajo do Arquipélago da Madeira* (1955).

O local escolhido para o projecto de intervenção cultural, foi o Jardim Municipal⁴⁶⁶, localizado no coração da cidade do Funchal, um local de passagem diário de dezenas de pessoas, de várias nacionalidades e diferentes características, por apresentar condições adequadas para a realização da mostra cultural.

Definimos uma pequena área do Jardim Municipal, no local onde se encontra o palco e que tem servido para a realização de diversos eventos. Deste modo, o palco será utilizado para as actuações de um grupo de folclore, com a recriação das *Trovas e cantigas* e das *Danças e músicas do arquipélago da Madeira*; a apresentação dos tradicionais “despiques” que ainda hoje encontramos nos arraiais e a exibição de um grupo de teatro com a representação das peças de teatro do autor. Além destas actividades, pensámos também em sessões de leitura, dando a possibilidade ao público de ouvir as *Lendas do arquipélago*

⁴⁶⁵ Em relação ao teatro, consideramos propor a um grupo de teatro madeirense a encenação das peças teatrais editadas pelo Visconde, já referidas no capítulo I (1.3): *Madrinha de guerra: comédia em um acto* (1919); *Auto da Primavera* (1919, 1950) e *A canção de Solveig: peça em 3 actos* (1922).

⁴⁶⁶ O projecto que se propõe pode facilmente transitar para outro local, por exemplo, para uma das Casas da Cultura existentes na Madeira.

madeirense, da tradição oral, e ainda um desfile com os trajes típicos, descritos na sua obra.

Em frente ao palco, no local onde se realizam diversas feiras ao longo do ano, serão instaladas barracas de apoio, para degustação da culinária e doçaria madeirense e para demonstração de plantas da Madeira e seus usos na medicina popular.

No final do evento, com duração prevista para um fim-de-semana (sábado e domingo), propomos que seja efetuada uma largada de pombos, pois, como se sabe, o Visconde do Porto da Cruz era criador deste tipo de aves e era sócio da Sociedade Columbófila da Madeira.

De acordo com RIBEIRO (2000), ao propor um determinado programa, o gestor cultural tem em mente chegar a públicos que “se predisponham a uma ‘elevação’ na sua condição de espectadores e não a uma mera satisfação de consumidores”⁴⁶⁷, pelo que, esperamos assim contribuir para elevar o conhecimento cultural do público, relativamente ao Visconde do Porto da Cruz, que consideramos ter sido também, um gestor cultural, no seu tempo, pela promoção da cultura popular madeirense.

4.4.3 Divulgação na Internet

Actualmente, com as transformações tecnológicas, o processo de globalização representa uma grande mudança nos valores e tradições das sociedades. A Internet constitui assim, uma importante ferramenta, nas formas de aquisição do saber, sendo uma forma fácil de consulta de múltiplos temas, em todas as áreas da vida social.

Tendo em conta os hábitos culturais e modelos de consumo das sociedades do século XXI, terem sofrido algumas mudanças, com o avanço da tecnologia, propomos a gestão de uma base de dados dedicada à vida e à obra do Visconde do Porto da Cruz, sendo esta mais uma estratégia para dar a conhecer o autor madeirense a um maior número de pessoas.

Ao efetuarmos uma pesquisa num motor de busca na internet, verificamos que a informação relativa ao Visconde do Porto da Cruz está dispersa, escassa e existe muitas lacunas⁴⁶⁸. Neste sentido, a nossa proposta seria criar um *site* dedicado a Alfredo de Freitas Branco.

⁴⁶⁷ António Pinto Ribeiro (2000), p. 76.

⁴⁶⁸ A este propósito, consulte-se os documentos electrónicos, *Websites* e *Blogues*, que mencionam Alfredo de Freitas Branco (V.P.C.), indicados nas fontes e bibliografia (1.3 – 1.3.2).

O projecto pressupõe a criação de uma base de dados, com diversos conteúdos, que incluem diversas informações relacionadas com a vida e obra do Visconde do Porto da Cruz. O projecto assenta no desenvolvimento das seguintes acções:

- Definições dos conteúdos do *site* – Os conteúdos correspondem às seguintes áreas: Início; Síntese Biográfica; Cronologia; Família; Amigos; Bibliografia; Conferências; Palestras Radiofónicas; Publicações periódicas; Galeria de Imagens. Consideramos ainda a possibilidade de incluir um *link* para um *blogue*, no qual se publicariam diversas informações sobre o autor e alguns artigos de opinião, de investigadores, da comunidade científica e estudiosos que manifestassem interesse em colaborar no projecto.
- Construção do *site* – O *site* será construído de forma progressiva e estruturada, com o devido acompanhamento do administrador.
- Acesso – Os dados podem ser consultados por qualquer utilizador da internet, quer através de um motor de busca, quer por entrada directa no domínio criado para o efeito.

Creemos que este projecto tem condições de exequibilidade, apesar de ser um processo moroso, que exige um trabalho rigoroso e de investigação, mas que os resultados são compensatórios e cumprem os nossos objectivos, uma vez que a internet é um recurso cada vez mais utilizado, por milhões de pessoas em todo o mundo, podendo chegar mais facilmente à comunidade emigrante madeirense e seus descendentes, para melhor conhecerem o seu conterrâneo.

4.4.4 Mostra documental

O Arquivo Regional da Madeira (ARM) tem promovido várias iniciativas de dinamização da sua Sala de Leitura, com mostras documentais, dedicada a fundos à sua guarda.

Entre as mostras documentais já realizadas no ARM, podemos referir, por exemplo, em 2010, a exposição dedicada ao arquivo da Estação Agrária da Madeira; em 2011, dedicada ao Abrigo Infantil de Nossa Senhora da Conceição e ao arquivo da Câmara Municipal de São Vicente; em 2012 dedicada ao conjunto documental da Direcção Regional dos Assuntos Europeus e da Cooperação Externa e, mais recentemente, no

corrente ano de 2013, decorreu uma mostra documental dedicada ao acervo da Alfândega do Funchal e outra ao acervo privado de José de Sainz-Trueva.

Estas acções promovem os conjuntos documentais incorporados no ARM e expõem documentos de interesse histórico, que posteriormente podem ser consultados pelos leitores do Arquivo.

Neste sentido, julgamos que realizar uma mostra documental dedicada ao Visconde do Porto da Cruz, será uma forma de despertar o interesse da comunidade, para o estudo da sua vida e obra, a qual permanece ainda desconhecida para a maioria dos madeirenses.

Em 1934, Alfredo de Freitas Branco, ofereceu ao Arquivo Distrital do Funchal uma série de documentos e, após a sua morte (1962), o seu filho Silvano de Freitas Branco (2.º Visconde do Porto da Cruz), doou mais documentação, totalizando 88 documentos. Mais tarde, em 2003 e em 2004, Silvano de Freitas Branco, legou ao ARM mais um conjunto de documentos, que constituem actualmente o acervo documental do Visconde do Porto da Cruz (Alfredo de Freitas Branco), à guarda do Arquivo Regional⁴⁶⁹.

O seu acervo compreende um vasto número de documentos, nomeadamente, apontamentos, originais de obras editadas e a editar, manuscritos das palestras radiofónicas, exemplares bibliográficos da sua autoria e também de outros autores, documentos pessoais de Alfredo de Freitas Branco (diplomas académicos, atestados abonatórios, documentação financeira); correspondência particular (cartas, ofícios, telegramas; cartões de visita; bilhetes postais); recortes de imprensa; exemplares de revistas e outros boletins periódicos (entre os quais se encontram exemplares da *Revista Portuguesa*); panfletos; fotografias e outro material iconográfico e ainda documentos dos seus antepassados (apontamentos, requerimentos, certidões e outros).

Assim, no âmbito do Mestrado em *Gestão Cultural* e, por considerarmos que o contributo do Visconde à promoção e divulgação da cultura madeirense merece uma atenção dedicada, propomos a realização da exposição documental na Sala de Leitura do ARM, pois cremos que esta é, porventura, uma estratégia exequível e célere de promoção da sua obra, além de potenciar uma oportunidade de contacto à comunidade, com a variedade de peças documentais existentes no seu espólio, de grande valor histórico e cultural.

⁴⁶⁹ Consulte-se os catálogos do arquivo do Visconde do Porto da Cruz (n.ºs 67 e 67-A) elaborados por Maria Fátima Araújo de Barros Ferreira (1998) e José Vieira Gomes (2004).

4.4.5 (Re) Edição da obra

Alfredo de Freitas Branco foi autor de uma vasta obra, na qual se encontram textos de diferentes temáticas e de estilos literários diversos, como referimos no capítulo I (1.3) do nosso trabalho. No entanto, a sua bibliografia não se encontra à venda, sendo possível encontrar apenas em bibliotecas ou arquivos. Sendo rara, na Madeira, apenas encontramos exemplares dos seus livros na Biblioteca Pública Regional da Madeira, na Biblioteca Municipal do Funchal e os seus originais à guarda do ARM. Encontramos ainda, no Continente, pelas pesquisas efetuadas nas bases de dados das bibliotecas, na internet, alguns exemplares das suas obras na Biblioteca Nacional de Portugal; na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian; na Biblioteca Municipal de Belém; na Biblioteca-Museu República e Resistência; na Biblioteca Municipal Central - Palácio Galveias e na Biblioteca Municipal de Aveiro.

Sendo nosso propósito aproximar os madeirenses ao seu conterrâneo propomos, como forma de divulgar e perpetuar a sua obra, a (re) edição dos seus livros, conferências, opúsculos e também textos inéditos presentes no seu acervo documental no ARM. Entre os textos inéditos, nomeamos, por exemplo, as suas palestras aos microfones da Emissora de Berlim, “Pontos nos ii” e a rubrica “Comentários ao acaso”, na Estação Rádio da Madeira, ou ainda, os seus apontamentos sob o título de “Dezasseis anos de luctas (1910-1926) – Memórias Políticas”, reunidas em 11 cadernos.

Creemos que esta nossa proposta, para além de significar uma pequena homenagem a um escritor da nossa terra, seria também um contributo ao estudo da história e da cultura local.

CONCLUSÃO

Algumas conclusões foram apresentadas ao longo do estudo que agora se aproxima do termo. No entanto, julgamos fundamental apresentar uma panorâmica global, de modo a sintetizar alguns aspectos que consideramos essenciais, para reconhecer a importância do Visconde do Porto da Cruz, no seu tempo e espaço, especialmente no que diz respeito ao seu envolvimento na sociedade madeirense e empenho em promover a cultura do arquipélago da Madeira.

Assim, procuramos primeiro compreender a realidade histórica nacional, de modo a perceber como se moveu o Visconde, no espaço insular, inserido na conjuntura histórica da época. A este respeito, importa referir o período agitado do primeiro quartel do século XX, em Portugal, com grandes transformações em todos os sectores, marcado por lutas políticas e ideológicas significativas, especialmente nos confrontos entre monárquicos e republicanos. Dois momentos viriam unir os monárquicos em torno de uma Causa, para tentarem repor a Bandeira Azul e Branca: o assassinato do rei D. Carlos em 1908 e a proclamação da República em 1910, mas que acabou por levar muitos ao exílio.

Após o insucesso das incursões de Couceiro, uma nova ameaça à República, importada de Paris – o movimento da *Action Française*, vinha dar um novo alento aos monárquicos portugueses, que não desistiam de lutar pela restauração do anterior regime. O movimento em Portugal recebeu o nome de Integralismo Lusitano, que começou por ser ideológico, mas depois expandiu-se e passou a ser também político.

Foi neste ambiente que, Alfredo de Freitas Branco, de regresso do exílio em Paris, onde então imperava a ideologia da *AF*, na imprensa francesa, aderiu ao movimento do IL e colaborou na imprensa e em conferências, defendendo a doutrina integralista.

Assim se explica, em termos gerais, as influências nos primeiros livros do jovem escritor, nos quais criticou os novos costumes da sociedade liberal do país, procurando no tradicionalismo a identidade da alma portuguesa, a par da vontade de defender a doutrina integralista, nesta primeira fase ideológica do movimento. Numa segunda fase, após o consulado de Sidónio Pais, e com a organização da Acção Realista Portuguesa, o IL reforça a sua acção doutrinária, focalizado essencialmente no sindicalismo e no nacionalismo. É neste quadro que, em 1923, Freitas Branco desenvolve e apresenta as conferências sobre “A questão social – Sindicalismo-Morte, Sindicalismo-Vida”, um estudo que não publicou.

Ainda no mesmo período, mas na sua fase nacionalista, entendemos que o seu interesse pelo folclore, pela cultura das tradições e dos costumes do país, tenha assentado no nacionalismo defendido pelos integralistas, embora a noção de patriotismo não tenha sido exclusiva nem deste grupo, nem desta época, pois vinha já desde finais do século XIX.

Recorde-se, no início do século XX, a valorização das tradições, da história e dos costumes pelos vários movimentos nacionalistas (organizações comerciais, políticas, integralistas, classe média), o desenvolvimento da ideia de cultura, o interesse destes grupos pelo passado do povo português, a defesa do seu património e a procura de um conjunto de manifestações e de objectos, como pertença e identificação de um povo. No espírito da época, as tradições eram encaradas como uma moda e procuravam um estilo nacional, até nas construções e decorações das casas portuguesas. Esta moda passava também por outras áreas, como a literatura, o teatro, as artes visuais e a música. No fundo, aquilo que se estava a fazer, no sentido de “reaportuguesar” o país, era também o que estava a se passar na Europa, e que os intelectuais portugueses, que tiveram contacto com outros países europeus, procuraram implementar em Portugal, valorizando as suas raízes culturais⁴⁷⁰.

Desta forma, julgamos que a resposta às questões que interesse tinha o Visconde do Porto da Cruz por temáticas de cultura popular e quais as suas motivações para estudar estes assuntos, teria sido a sua adesão à ideologia integralista e também por este ambiente de modas e de exaltação nacional, que o levou a iniciar a investigação do folclore do arquipélago da Madeira, das suas origens, do seu “berço”, comprovando que cedo manifestou curiosidade e interesse pelas questões culturais do arquipélago.

Ao longo do nosso estudo, procuramos em linhas gerais apresentar o percurso político e ideológico de Freitas Branco, de modo a compreendermos o seu pensamento, as lutas em que se envolveu, as doutrinas ideológicas que seguiu, os sucessivos credos políticos que abraçou e o compromisso com a sociedade do seu tempo. Porém, também procuramos seguir a sua actividade, como escritor, jornalista, fundador de revistas e jornais, conferencista e membro de várias Associações culturais, sempre empenhado em dar a conhecer o modo de vida do povo da sua terra, a um público mais vasto, fora da ilha, nomeadamente no território continental. Neste sentido, à parte os seus ideais e até, se quisermos, fanatismos políticos, julgamos que após passado pouco mais de meio século da

⁴⁷⁰ Cf. José Mattoso (1994a), pp. 565-581

sua morte, urge fazer justiça ao seu contributo ao estudo e à promoção da cultura madeirense. Até mesmo porque o objectivo fundamental deste trabalho foi investigar a vertente cultural da sua obra, embora de forma breve, permitindo estudos mais aprofundados, dado à pluralidade de assuntos a que se dedicou.

Assim, pela análise do percurso de vida de Alfredo de Freitas Branco, verificámos que foi um homem interessado em tudo o que representava o progresso da Madeira, quer propondo ideias inovadoras, como a criação de um Jardim Zoológico e de um Aquário; quer promovendo eventos culturais, como a Exposição Agrícola, Pecuária e Industrial do Funchal para o progresso da ilha, em sectores como a economia, a indústria e o turismo e se envolvendo completamente para a concretização das mesmas, apesar de reclamar que nem sempre foi compreendido por muitos dos seus coevos, mas que, mesmo com todas as contrariedades e desentendimentos, sempre lutou pelas causas que o moviam.

Neste sentido, sublinhamos a sua faceta regionalista, que o levou a fundar, em 1928, no Funchal, o semanário *Independência*, no qual travou lutas públicas em defesa dos interesses da Madeira, quer criticando, quer denunciando dificuldades, ou ainda reclamando autonomia para o arquipélago.

Nas suas intervenções em conferências e congressos, realizados no país, apresentou temáticas diversificadas, passando pelo turismo, pela agricultura, pela natureza e pela cultura insular madeirenses, e soube aproveitar as oportunidades para promover a Madeira.

Assim, como considerava o turismo um sector importante para a prosperidade da Madeira, chegou a publicar, em 1929, a revista *Ilustração Madeirense*, com o objectivo de promover a Madeira no estrangeiro e também, em 1936, numa conferência, apresentou algumas propostas para o desenvolvimento do turismo da ilha. Neste sentido, destacamos a actualidade das suas preocupações, relativamente ao sector do turismo que ainda hoje contribui de forma significativa para a vida madeirense, a todos os níveis.

Pelas suas iniciativas, consideramos que o Visconde foi um Gestor Cultural, no seu tempo, inserido na conjuntura da época e procurando por diversos meios, envolver a sociedade, participando activamente na vida pública da colectividade.

Como homem de Letras, importa referir que, na sua obra se podem estabelecer articulações entre a sua escrita e o seu pensamento sobre os problemas que afectavam a sociedade do seu tempo, pondo em evidência as suas crenças políticas, sociais e morais. Neste sentido, vários aspectos merecem ser destacados: a vertente de crítica social,

resultado da sua análise da sociedade, que retratava nos seus romances, contos e novelas, que nos permitem observar alguns aspectos sociais da vida portuguesa do início do século XX; as suas memórias políticas; os estudos literários realizados; as biografias de diversas personalidades que contribuíram no panorama intelectual e cultural da Madeira, em três volumes que, no nosso entender, representam importantes documentos para a cultura madeirense e para o estudo da sua história literária; estudos sobre a natureza, a economia e o turismo, relacionados com o arquipélago e as suas recolhas etnográficas madeirenses que fez junto do povo madeirense, especialmente do meio rural. Assim, a obra de Alfredo de Freitas Branco cruza múltiplas fases da sua vida, revelando várias preocupações que se prendem com diferentes vivências, sendo, no entanto, frequente a cumplicidade que o ligava às suas raízes, resultando uma escrita fortemente biográfica.

Apesar de se ter interessado especialmente pelas vivências da população rural, não podemos nos esquecer dos seus textos jornalísticos, reveladores de vivências do meio citadino e cosmopolita funchalense, do século XX, cujos hábitos culturais, influenciados pelo desenvolvimento e pela afluência de diversos turistas e personalidades que visitavam a ilha, contrastavam com os quadros de vida que esboçou do típico “vilão” madeirense.

De relevar ainda as dificuldades que teve, segundo confessou, para realizar alguns estudos. Neste sentido, podem ser destacados três aspectos: em primeiro lugar, a nível de recolhas etnográficas, junto do povo, que se revelava desconfiado; em segundo, em termos temporais, pois algumas das suas recolhas e investigações levaram muito tempo a ser organizadas, como exemplo, os seis anos que levou a reunir elementos para os três volumes da história da literatura madeirense; em terceiro, o problema financeiro, que se revelou no custo de edição de algumas das suas obras, suportados pelo próprio Visconde, não tendo recebido qualquer apoio de outras entidades para financiar os seus estudos e trabalhos literários, como afirmou.

Quanto à vertente etnográfica na sua obra, o ponto central do nosso trabalho, observamos que através dos seus estudos sobre a cultura popular da Madeira, desde as diversas manifestações culturais do povo, nos seus usos e costumes, das danças, às músicas, ao traje, à alimentação, à medicina popular, às suas crenças e superstições, até mesmo ao aspecto linguístico, ao tentar representar os falares da ilha, o Visconde do Porto da Cruz deu um importante contributo no estudo, promoção e preservação da nossa memória cultural de madeirenses.

Salientamos ainda a promoção do nosso património cultural material, com os seus estudos dos monumentos, entre os quais, igrejas, capelas, conventos e outros edifícios, das artes visuais e da promoção dos artistas madeirenses que se evidenciaram na época, ou ainda as suas fortes críticas em defesa da preservação do património material da Madeira, muitas vezes resultantes do seu feitio inconformista.

Embora as questões sociais e políticas estivessem sempre presentes no seu pensamento, como provam as conferências, livros editados e textos publicados na imprensa, podemos afirmar que a década de 30, do século XX, foi aquela em que teve uma maior intervenção em conferências de teor etnográfico madeirense e textos publicados em periódicos. A este propósito, salientamos o surgimento, em 1933, do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), que procurou despertar no espírito dos portugueses, o interesse para os assuntos relacionados com a cultura popular, procurando mostrar o Portugal das regiões e promovendo eventos de cariz etnográfico, pelo que, assim se explica também, o envolvimento do Visconde, no estudo, divulgação e promoção da cultura popular da sua terra.

Julgamos assim responder ainda a outra questão, pois como se procurou demonstrar, este interesse não foi exclusivo do Visconde, tanto a nível nacional, como a nível regional. Como ele, outros autores madeirenses, seus coevos, se interessaram por estas temáticas, como o próprio Visconde referiu, Eduardo Antonino Pestana, Alberto Artur Sarmiento, Padre Eduardo Pereira e Adolfo de Noronha, embora também possamos acrescentar outros intelectuais na ilha desse século, que desenvolveram alguns trabalhos sobre as tradições madeirenses, por exemplo, Carlos M. Santos, Padre Manuel Juvenal Pita Ferreira, Padre Alfredo Vieira de Freitas, Cabral do Nascimento, César Pestana, cujos trabalhos indicamos na bibliografia.

Na década de 40, em termos de produtividade, os assuntos de âmbito etnográfico diminuíram em número, porém, não podemos nos esquecer que o Visconde esteve ausente na Alemanha, durante a II Guerra Mundial, colaborando na Emissora de Berlim, com as suas palestras radiofónicas “Pontos nos ii”, e onde ficou a admirar ainda mais o povo alemão como revela nos seus textos de memórias daquele período. Foi, no entanto, na década de 50, a fase em que o Visconde teve um maior número de obras publicadas, de diferentes temáticas, das quais se destacam, os textos sobre as tradições populares madeirenses que foi publicando na imprensa, em anos anteriores, depois reunidos e

publicados em opúsculos, na sua maioria, nesta derradeira década. Nesta fase da sua vida, o Visconde, já desencantado da política, pelo rumo seguido pelo Estado Novo, dedicou-se mais a intervenções de carácter social. É neste sentido, que entendemos a sua colaboração, com os “Comentários ao acaso”, aos microfones da extinta Estação Rádio Madeira, tecendo diversas considerações sobre as dificuldades do quotidiano, enfrentadas pelos madeirenses.

Por tudo isto, devemos, pois, louvar o seu considerável contributo para o engrandecimento da produção literária e cultura do arquipélago, e consideramos até, que é nosso dever de madeirenses valorizar o empenho que teve, em perpetuar registos que nos conduzem a uma identidade colectiva insular, os quais podem ser consultados na obra que nos legou, quer em textos, quer em elementos iconográficos incluídos nas obras.

Em síntese, se quiséssemos qualificar o Visconde do Porto da Cruz em apenas uma palavra escolheríamos ‘multifacetado’, pela imensa actividade na vida pública do seu tempo, como escritor, jornalista, folclorista, etnógrafo, conferencista, mas também, e talvez devido ao seu feitio inconformista, abraçou ao longo da sua vida vários credos e ideologias, sendo por isso, um político, monárquico, integralista, regionalista, nacionalista e fascista. Contudo, é de relevar o seu contributo à cultura madeirense e ao progresso do arquipélago.

Sendo nosso propósito aproximar os madeirenses ao seu conterrâneo, tentámos propor uma leitura popular da sua obra, embora esta permita outras abordagens. Esperamos que a nossa dissertação, seja um contributo, para despertar o interesse no estudo do Visconde do Porto da Cruz, e para o conhecimento de uma parte da sua obra, que ainda é ignorada por muitos, destacando a sua importância, face à promoção cultural e à preservação da nossa memória colectiva.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

1. Textos do Visconde do Porto da Cruz (Alfredo de Freitas Branco)

1.1 Documentos Avulsos: ARM – Espólio do Visconde do Porto da Cruz (cat.67)

Cx. 4

[1915-1935] “Críticas aos Trabalhos de Alfredo de Freitas Branco (Visconde do Porto da Cruz)” (livro contendo recortes de jornais).

(1913) Caderneta de certificado de inscrição, de Alfredo de Castro e Almeida Leal de Freitas Branco, no Consulado Geral da República Portuguesa em Paris.

Cx. 5

[s.d.] Apontamentos relativos às palestras “Pontos nos ii” e “Comentários ao Acaso...” proferidas pelo V.P.C. na *Emissora de Berlim* e na *Estação Rádio da Madeira*. (cap.1-8)

Cx. 6

Apontamentos (manuscritos):

(1936), Conferência: “A Madeira nos Luziadas” (cap. 15)

(1953), *Folclore madeirense – A Culinária* (cap. 18)

(s.d.), A Sé (cap. 25)

(s.d.) *Escritores Madeirenses* (inseridos na História Literária do Arquipélago da Madeira). (cap.21)

[s.d.] Palestras “Pontos nos ii” e “Comentários ao Acaso...” proferidas pelo V.P.C. na *Emissora de Berlim* e na *Estação Rádio da Madeira*. (cap.1-9 e 13)

Cx. 7

Apontamentos (manuscritos):

(1919), Guião de uma peça teatral, *Madrinha de Guerra*. (cap. 1)

- (1950), *Contos vividos na Guerra*. (cap.2)
- (1950), *O Mistério de João Cristóvão*. (cap. 11)
- (1953), *A Política Social na Lição da História*. (cap. 10)
- (s.d.), 11 Sebentas de Apontamentos, *Dezasseis anos de luctas (1910-1926)*. *Memórias Políticas* (Vols. II-XII). (cap. 14)
- (s.d.), *A posição portuguesa na evolução social*. (cap. 12)
- (s.d.), *Ibsen e a sua obra*. (cap. 9)
- (s.d.), *O Arquipélago da Madeira*. (cap. 5)
- (s.d.), *O problema florestal no Arquipélago da Madeira*. (cap. 6)
- (s.d.), *O Traje Regional Madeirense*. (cap. 3)
- [s.d.] Palestras “Pontos nos ii” proferidas pelo V.P.C. na *Emissora de Berlim*. (cap.13)
- (s.d.), *Versos e Trovas da Madeira*. (cap. 7)

Cx. 8

Apontamentos (manuscritos):

- (1919), Guião de uma peça teatral, *A Confidência*. (cap. 6)
- (s.d.), Guião de uma peça teatral, *Auto da Primavera*. (cap. 8)
- (s.d.), Guião de uma peça teatral, *Manhã de Primavera*. (cap. 6)
- (s.d.), Guião de uma peça teatral, *Quinta da Camélia*. (cap. 18)
- [s.d.] Palestras “Pontos nos ii” e “Comentários ao Acaso...” proferidas pelo V.P.C. na *Emissora de Berlim* e na *Estação Rádio da Madeira*. (cap.9, 10, 14 e 19)
- (s.d.), Sebenta de Apontamentos, *Dezasseis anos de luctas (1910-1926)*. *Memórias Políticas* (Vol. I). (cap. 27)

Cx. 10

- [1914-1960] Correspondência recebida pelo V.P.C.
- [1872-1972] Recortes e números de jornais (entre os quais o *Correio das Ilhas* e o *Correio do Minho*). (cap.3)

Cx. 11

- [1950] Correspondência diversa recebida pelo V.P.C. (cap.3)

Cx. 12

[1932-1965] Recortes e números de jornais (entre os quais o *Correio do Minho*). (cap. 7)

[1932-1995] Prospetos, brochuras e panfletos, relativos a informações úteis e publicitárias.
(cap. 11)

(1949), Diploma premiando o V.P.C. com a 2.^a classificação, pelo exemplar de uma chocadeira para 180 ovos, no âmbito da Exposição de Avicultura, promovida pela Delegação de Turismo da Madeira e inserida nas Festas da Cidade de 1949. (cap. 14)

(1951), Estatutos da Academia Brasileira de Ciências Sociais e Políticas. (cap. 21)

(1952), Certificado conferido ao V.P.C. pelo Institut Humaniste. (cap. 12)

(1952), Certificado atribuindo ao V.P.C. o título de Membro Correspondente da Academia Brasileira de Ciências Sociais e Políticas. (cap. 13)

(s.d.), *I Congresso Nacional de Turismo. Programa, horário e indicações úteis*. (cap. 9)

Apontamentos (manuscritos):

(1949.), Conferência: *As Maravilhosas Serras Madeirenses*. (cap. 27)

(s.d.), *Folclore do Arquipélago da Madeira. I – As Lendas* (cap. 27)

(s.d.), *Memórias da Guerra na Alemanha - As «palestras» na Reichsrundfunk, II vol.*
(cap. 29)

(s.d.), *Olhando o Passado...e Considerando o Futuro*. (cap. 4)

Cx. 13

(s.d.), Relação numérica (de 1-72) da «Ordem das Palestras» (“Pontos nos ii”), proferidas pelo V.P.C. (cap. 15)

1.2 Editados

1.2.1 Livros/ Monografias

(1915), *O destino: romance histórico*, Lisboa, Livraria Aillaud & Bertrand.

(1916), *Ana Clara*, Lisboa, Tipografia de H. Pereira e Ct.^a.

(1917a), *Charcos*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes.

- (1917b), *No Exílio – scenas da vida dos conspiradores monarchicos*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes.
- (1919a) *Auto da Primavera*, 1ª ed., [Lisboa], [Tip. Maurício]
- (1919b) *Madrinha de guerra: comédia em um acto*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes.
- (1922) *A canção de Solveig: peça em 3 actos*, Lisboa, Pap. e Tip. Casa Portuguesa.
- (1926) *Esboços*, Lisboa, s.n.
- (1928a) *Paixão e morte de Sidónio*, Funchal, Tip. Esperança
- (1928b) *Um escândalo "elegante": novela satírica*, s.l., s.n.
- (1934a), *A viagem aventureosa de Suvenine Boliface a Zelztrufs*, Lisboa, Imp. Lucas.
- (1934b), *Fauna marítima do arquipélago da Madeira*, 1ª ed., Lisboa, Imprensa Lucas.
- (1934c), *Trovas e cantigas madeirenses*, Lisboa, Sociedade Industrial de Tipografia.
- (1935a), *A flora madeirense na medicina popular*, Lisboa, Sep. da Revista *Brotéria*, Série de Ciências Naturais, vol. IV, (XXXI), fascs. I, II, III e IV.
- (1935b), *Os primos Teixeiras: fantasia humorística*, s.l., s.n.
- (1936), *A estada de Cristovam Colombo na Madeira*, Lisboa, Separata da *Revista de Arqueologia*, Tomo II.
- (1937a), *A fauna terrestre do Arquipélago da Madeira*, Lisboa, Sep. da Revista *Brotéria*, Série de Ciências Naturais, Vol. VI (XXXIII), fasc. IV.
- (1937b), *A revolução literária de Ibsen*, Lisboa, Imp. Lucas & C.^a
- (1940), *A fauna marítima da Madeira*, 2ª ed., Lisboa, s.n.
- (1943), *O romance de Ana Clara*, Funchal, Eco do Funchal.
- (1946a), *Como vi o fim da guerra na Alemanha*, Lisboa, Editorial do Povo.
- (1946b), *Danças madeirenses*, Lisboa, Studium de Comércio e Organizações Técnicas.
- (1949a), *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira, I Volume 1º. Período, 1420-1820*, Funchal, Eco do Funchal.
- (1949b), *Olhando o passado... considerando o futuro* [Funchal], ed. do autor.
- (1950a, 1919) *Auto da Primavera*, 2ª ed., Aveiro, Gráfica Aveirense.
- (1950b), *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira. II Volume 2º. Período: 1820-1910*. [Funchal], Câmara Municipal do Funchal.
- (1950c), *O mistério de João Cristóvão*, Aveiro, A Lusitania
- (1951a), *Fantoches*, Aveiro, A Lusitania
- (1951b), *No mundo dos bichos*, Aveiro, s.n.

- (1952), *Fantoches*, 2ª ed., Aveiro, A Lusitania
- (1953a), *A política social na lição de história*, Aveiro, ed. do autor.
- (1953b), *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira. III Volume 3º Período: 1910-1952*, [Funchal], Câmara Municipal do Funchal.
- (1954a), *A revolta: romance*, Braga, s.n.
- (1954b), *Contos vividos na guerra*, [s.l.], ed. do autor, (imp. A Lusitânia – Aveiro).
- (1954c), *Crendices e Superstições do Arquipélago da Madeira*, s.l., ed. do autor.
- (1954d), *Danças e músicas do arquipélago da Madeira*, s.l., ed. do autor.
- (1954e), *Lendas do Arquipélago da Madeira*, s.l., ed. do autor.
- (1954f), *Memórias da Guerra na Alemanha*, s.l., ed. do autor, (imp. A Lusitânia – Aveiro).
- (1954g), *Trovas e cantigas do arquipélago da Madeira*, s.l., ed. do autor.
- (1955a), *Folclore Madeirense*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal.
- (1955b), *O Trajo do Arquipélago da Madeira*, s.l., ed. do autor.
- (1958) *O Movimento Intelectual do Arquipélago da Madeira, 1.º Período – 1420-1820*, Separata do n.º 84 da *Revista Portuguesa*, Aveiro, A Lusitânia.

1.2.2 Conferências/Congressos

- (1917) *A Acção do Estado nas suas relações com a Igreja Catholica*, Lisboa, Casa Catholica.
- (1924) *Algumas lendas e alguns monumentos do archipelago da Madeira*, Lisboa, Tip. do Comercio.
- (1930), *Aspectos agrícolas e industriais da Madeira*, Funchal, Tipografia Diário da Madeira.
- (1936), *A vitória latina*, “Discurso pronunciado na noite de 11 de Maio de 1936, na festa dos Estudantes Nacionalistas da Universidade de Lisboa comemorando a vitória romana”, Lisboa, Imprensa Lucas. [Edição privada].
- (1936), *O turismo na Madeira*, Lisboa, I Congresso Nacional de Turismo.
- (1950), *A flora madeirense na medicina popular e na indústria - I Conferência da liga para a protecção da natureza*, Lisboa, Sep. das Publicações da Liga para a Protecção da Natureza, IV.

(1950), *O problema florestal no arquipélago da Madeira - I Conferência da liga para a protecção da natureza*, Lisboa, Sep. das Publicações da Liga para a Protecção da Natureza, IV.

(1950), *Parque zoológico e aquário no Funchal - I Conferência da liga para a protecção da natureza*. - Lisboa, Sep. das Publicações da Liga para a Protecção da Natureza, IV.

(1958), *Teria sido S. Martinho de Dume o patrono dos templos de S. Martinho do Funchal*, Braga, s.n.

1.2.3 Periódicos

Revista *Acção Realista* (10-06-1924 a 20-09-1924) *

Revista *Ilustração Madeirense* (1929-1934) **

Revista *Arquivo Histórico da Madeira* (1931-1949) *

Revista *Arqueologia e História* (1924 e 1930) *

Revista *de Arqueologia* (1932-1936) **

Revista *Das Artes e da História da Madeira* (1950-1963) *

Revista *Portuguesa* (1939 e entre 1941 a 1944) **

Semanário *O Realista* (02-05-1915 a 21-02-1918) *

Semanário *Independência* (10-06-1928 a 15-11-1929) *

Semanário *Visor* (1946-1947) **

Suplemento de *O Jornal-Das Artes e da História da Madeira* (17-10-1948 a 02-10-1949) *

Diário da Madeira (16-02-1930 a 27-03-1930) **

Diário de Notícias (21-12-1924 a 21-02-1930) **

O Jornal (12-01-1928 a 31-12-1932) **

Re-nhau-nhau (31-01-1952) **

* As datas correspondem aos períodos de colaboração do V.P.C. nos referidos periódicos, com textos assinados)

** As datas correspondem aos períodos consultados

1.3 Documentos electrónicos, *Websites* e *Blogues* que mencionam o Visconde do Porto da Cruz (Alfredo de Freitas Branco)

1.3.1 Documentos electrónicos

CRUZ, Manuel Braga da (1982), “O integralismo lusitano nas origens do salazarismo”, *Análise Social* vol. XVIII, Nº.70 - 1.º, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, p. 144. [Consultado a 04-01-2012]. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223399539G6uXJ0ze0Sv59SR4.pdf>

PINTO, António Costa (1989), “O fascismo e a crise da Primeira República: os Nacionalistas Lusitanos (1923-23)”, *Penélope. Fazer e Desfazer a História*, Jun., Nº 3, C.E.H.C.P. do I.S.C.T.E. e Departamento de História do Instituto Universitário Europeu, Florença, p. 60 [Consultado a 04-01-2012]. Disponível em http://www.penelope.ics.ul.pt/indices/penelope_03/03_06_APinto.pdf

SILVA, Armando B. Malheiro da (2000), “Sidónio e sidonismo entre a História e a Literatura” (*Revista de História das Ideias, História e Literatura*, Vol. 21, Instituto de História e Teoria das Ideias, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 314 e p. 328. [Consultado a 04-01-2012]. Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/39331/2/amalheirosidonio000112450.pdf>

LE GRAND, Gérald (1983), *Ornithological bibliography of Madeira, Porto Santo and Desertas Islands*. "Arquipélago, Série Ciências da Natureza", 4, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, p. 66. [Consultado a 04-01-2012]. Disponível em <http://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/798/1/Ornithological%20bibliography%20of%20Madeira,%20Porto%20Santo%20and%20Desertas%20Islands.pdf>

Arquivo Distrital da Guarda (2005), *Inventariação da documentação referente ao General João de Almeida*, Guarda, p. 34. [Consultado a 04-01-2012]. Disponível em http://www.adguarda.pt/loja/fotos/prod_412.PDF

1.3.2 Websites

SER - Secretaria Regional da Educação e Recursos Humanos. [Consultado a 04-01-2012].

Disponível em

<http://www.madeiraedu.pt/LinkClick.aspx?fileticket=ZIOk0aJdizU%3D&tabid=1790&language=en-US>

Empresa Diário de Notícias. [Consultado a 04-01-2012]. Disponível em

<http://www.dnoticias.pt/actualidade/5-sentidos/292645-lendas-das-ilhas-da-madeira-e-do-porto-santo-lancado-terca-feira>

Arquivo Regional da Madeira. [Consultado a 04-01-2012]. Disponível em

http://www.arquivo-madeira.org/item2_detail.php?lang=0&id_channel=23&id_page=200&id=35

1.3.3 Blogues

Blogue da Biblioteca Municipal do Funchal. [Consultado a 04-01-2012]. Disponível em

http://escritoresdamadeira.no.sapo.pt/Visconde_Porto_da_Cruz/index.html

Blogue da Biblioteca Municipal do Funchal. [Consultado a 04-01-2012]. Disponível em

<http://bmfunchal.blogs.sapo.pt/22886.html>

Blogue Botânica das Ilhas. [Consultado a 10-03-2013]. Disponível em

<http://botanicailhas.blogspot.pt/2007/11/visconde-do-porto-da-cruz.html>

Blogue Alcyone. [Consultado a 15-05-2013]. Disponível em

<http://skocky-alcyone.blogspot.pt/2008/11/revolta-romance-visconde-de-porto-da.html>

Blogue Miguel Ângelo Boto – Heráldica. [Consultado a 15-05-2013]. Disponível em

<http://miguelboto.blogspot.pt/2010/07/porto-da-cruz-visconde.html>

BIBLIOGRAFIA

1. Teoria e Método

CEIA, Carlos (2006, 1995), *Normas para Apresentação de Trabalhos Científicos*, 6ª ed., Lisboa, Presença.

D'OLIVEIRA, Teresa (2007), *Teses e Dissertações, Recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos*, 2ª ed., Lisboa, Editora RH.

ECO, Umberto (2007, 1980), *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas*, 13ª ed., Lisboa, Presença.

2. Roteiros de Fontes, Inventários e recolhas bibliográficas

BARROS, Fátima (Coord.), SILVA, Angélica, GONÇALVES, Paula (2007-2011), *Catálogo da Coleção de Jornais do Arquivo Regional da Madeira, Instrumentos Descritivos*, Funchal, Arquivo Regional da Madeira.

Congresso Nacional de Ciências Agrárias (1943), *Sumário das comunicações ao I Congresso Nacional de Ciências Agrárias*, Lisboa, s.n.

CLODE, Luís Peter (1983), *Registo Bio-bibliográfico de Madeirenses: Séculos XIX e XX*, Funchal, Caixa Económica do Funchal.

FERREIRA, Maria Fátima Araújo de Barros (1998), *Catálogo do Arquivo do Visconde do Porto da Cruz*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Direcção Regional dos assuntos Culturais, Arquivo Regional da Madeira.

GOMES, José Vieira (2004), *Visconde do Porto da Cruz - Relação documental das espécies bibliográficas e de arquivo legadas ao Arquivo Regional da Madeira em 2003 e 2004*, Funchal, Arquivo Regional da Madeira.

VIEIRA, Alberto (1995), *Guia para a História e Investigação das Ilhas Atlânticas*, Funchal, CEHA.

3. Geral

BARRETO, José (2009), “Fernando Pessoa e a invasão da Abissínia pela Itália fascista”, *Análise Social* vol. XLIV, Nº.193 - 4.º, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp. 693-718.

CARVALHO, João Carlos Firmino Andrade de (2009), “Cultura, literatura, identidade e a construção de ideais nacionais”, *Carnets, Cultures littéraires: nouvelles performances et développement*, nº spécial, automne / hiver, Algarve, Universidade do Algarve, pp. 81-90.

CRUZ, Manuel Braga da (1982), “O integralismo lusitano nas origens do salazarismo”, *Análise Social* vol. XVIII, Nº.70 - 1.º, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp. 137-182.

FRAZÃO, Fernanda (s.d.), *Lendas Portuguesas*, vol. 1, Lisboa, Amigos do Livro.

FRUTUOSO, Gaspar (2008), *As Saudades da Terra (Fac-Símile). História das Ilhas do Porto Santo, Madeira, Desertas e Selvagens*, Anotado por Álvaro Rodrigues de Azevedo, Funchal, Funchal500Anos.

MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes (2007), “O Pensamento Autoritário no Estado Novo português: algumas interpretações”, *Locus – Revista de História*, vol. 13, Nº.2, Juiz de Fora, pp. 9-30.

MATTOSO, José (Dir.), RAMOS, Rui (Coord.) (1994a), *História de Portugal, A Segunda Fundação (1890-1926)*, Vol. 6, Lisboa, Círculo de Leitores.

----- (1994b), *História de Portugal, O Estado Novo (1926-1974)*, Vol. 7, Lisboa, Círculo de Leitores.

PESSOA, Fernando (1940), *À memória do Presidente-Rei Sidónio Paes*, Lisboa, Império.

PINTO, António Costa (1982), “A formação do integralismo lusitano (1907-17)”, *Análise Social*, vol. XVIII (72-73-74), 3.º-4.º-5.º, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp. 1409-1419.

----- (1989), “O fascismo e a crise da Primeira República: os Nacionalistas Lusitanos (1923-23)”, *Penélope. Fazer e Desfazer a História*, Jun., Nº 3, Lisboa, Quetzal Editores, pp. 41-62.

RIBEIRO, António Pinto (2000), *Ser feliz é imoral? Ensaios sobre cultura, cidades e distribuição*, Lisboa, Cotovia.

ROSAS, Fernando, BRITO, J.M. Brandão de (1996a), *Dicionário de História do Estado Novo*, Vol. I, Venda Nova, Bertrand Editora.

----- (1996b), *Dicionário de História do Estado Novo*, Vol. II, Venda Nova, Bertrand Editora.

SILVA, Armando B. Malheiro da, “Sidónio e sidonismo entre a História e a Literatura” (2000), *Revista de História das Ideias, História e Literatura*, Vol. 21, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 307-388.

VALENTE, Vasco Pulido (2006), *Um Herói Português - Henrique de Paiva Couceiro (1861-1944) – Biografia*, Lisboa, Alêtheia Editores.

4. História e Cultura da Madeira

BRAGA, Isabel Drumond (2005), “Historiografia universitária sobre temáticas regionais insulares: (1974-2000)”, *Isleña*, Nº 34, Funchal, DRAC, pp. 4-20.

BRANCO, Jorge Freitas (1989), "Entre a imagem e a realidade: reflexões sobre a Madeira como experiência antropológica", *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Vol. 1, Funchal, Governo Regional da Madeira, pp. 270-306.

- CARITA, Rui (1988), “O grande monumento a Zarco de Francisco Franco”, *Islenha*, Nº 3, Funchal, DRAC, pp. 91-96.
- FRANCO, José Eduardo (2005), “Antijesuitismo pedagógico e científico e o nascimento da *Brotéria*”, *Islenha*, Nº 35, Funchal, DRAC, pp. 34-52.
- GRANITO, Helena (1989), “Colombo e a Madeira: referências bibliográficas”, *Islenha*, Nº 5, Funchal, DRAC, pp. 119-123.
- JANES, Emanuel (1996), “O integralista Ernesto Gonçalves e o Estado Novo”, *Islenha*, Nº 18, Funchal, DRAC, pp. 154-158.
- (1997a), “As conferências de Salazar e Mário de Figueiredo na Madeira”, *Islenha*, Nº 20, Funchal, DRAC, pp. 73-82.
- (1997b), *Nacionalismo e Nacionalistas na Madeira nos anos trinta (1928-1926)*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Centro de Estudos de História do Atlântico.
- NEPOMUCENO, Rui (2010), “A Primeira República na Madeira”, *Islenha*, Nº 47, Funchal, DRAC, pp. 45-68.
- PITA, Gabriel de Jesus (1997), “A propaganda da ideologia salazarista na imprensa madeirense. Análise de dois casos”, *Islenha*, Nº 20, Funchal, DRAC, pp. 83-92.
- RODRIGUES, Paulo Miguel (2010), “Cabral do Nascimento - pensador político (1915-1933)”, *República e Republicanos na Madeira - 1880-1926*, Seminário, Funchal, CEHA, pp. 237-262 [CR-ROM].
- SAINZ-TRUEVA, José de, VERÍSSIMO, Nelson (1996), *Esculturas da Região Autónoma da Madeira - Inventário*, Funchal, DRAC.

SANTOS, Thierry Proença dos (2008), “Literatura «Popular» e Tradição em Alguns Escritores da Madeira: Inesgotável Fonte de Inspiração?”, *Isleña*, Nº 42, Funchal, DRAC, pp. 132-144.

SILVA, Padre Fernando Augusto da, MENESES, Carlos Azevedo de (1978, 1921), *Elucidário Madeirense*, 4ª ed., I vol. (A-E), Funchal, Funchal, Secretaria Regional da Educação e Cultura.

----- (1978, 1921), *Elucidário Madeirense*, 4ª ed., II vol. (F-N), Funchal, Secretaria Regional da Educação e Cultura.

----- (1978, 1921), *Elucidário Madeirense*, 4ª ed., III vol. (O-Z), Funchal, Funchal, Secretaria Regional da Educação e Cultura.

VERÍSSIMO, Nelson (1991), “Ernesto Gonçalves e o Integralismo Lusitano”, *Isleña*, Nº 8, Funchal, DRAC, pp. 23-30.

5. Coeva

AGUIAR, Fernando de (1952) “Dos Livros e dos Autores”, *Gil Vicente – Revista de Portugalidade*, Março e Abril, Vol. III, 2.ª Série, N.ºs 3 e 4, Vila Nova de Famalicão, Tipografia “Minerva”, pp. 57-60.

COUTINHO, J. de Sousa (1955) “O Natal na Madeira”, *Das Artes e da História da Madeira*, Vol. IV, nº 19 e 20, Funchal, pp. 58-70.

LUCENA, Vasco de (1951) “O Simbolismo do Natal”, *Das Artes e da História da Madeira*, Vol. II, nº 9, Funchal, p. 13-15.

MARINO, Luís (pseud.), (1959), *Musa Insular*, Funchal, Editorial Eco do Funchal.

NASCIMENTO, Cabral do (1950), “O Natal de há trinta anos”, *Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, Vol. I, Nº 4, pp. 26-27.

PESTANA, Antonino (1957), “O Natal madeirense”, *Das Artes e da História da Madeira*, Vol. V, Nº 27, Funchal, pp. 1-9.

PESTANA, César A. (Pausânias), (1985), *A Madeira – Cultura e Paisagem*, [Funchal], Secretaria Regional de Turismo e Cultura, DRAC.

SANTOS, Carlos M. (1937), *Tocares e cantares da ilha. Estudo do folclore da Madeira*, Funchal, ed. Autor.

----- (1942), *Trovas e Bailados da ilha. Estudo do folclore musical da Madeira*, Funchal, Delegação do Turismo da Madeira.

----- (1952), “Da etnografia e do folclore: A Mourisca”, *Das Artes e da História da Madeira*, Vol. II, Nº 11, Funchal, pp. 23-25.

----- (1952), “Da etnografia e do folclore: gestos e costumes”, *Das Artes e da História da Madeira*, Vol. III, Nº 13, Funchal, pp. 27-28.

----- (1953), “Da etnografia e do folclore: e o baile da cortesia”, *Das Artes e da História da Madeira*, Vol. III, Nº 11, Funchal, pp. 13-14.

SARMENTO, Alberto Artur (1951), “O Natal na Madeira: quando eu era estudante”, *Das Artes e da História da Madeira*, Vol. II, Nº 9, Funchal, pp. 1-4.

VASCONCELOS, João de Carvalho de (1949), *Plantas medicinais e aromáticas*, Lisboa, Direcção Geral dos Serviços Agrícolas.

ANEXOS

I – Notas biográficas

II – Quadros

III – Ilustrações

ANEXO I – Notas biográficas

Índice

AMARAL, João Mendes da Costa	166
AZEVEDO, Álvaro Rodrigues de	166
BEIRÃO, Caetano Maria de Abreu	166
BRAGA, Joaquim Teófilo Fernandes	166
BRAGA, Luís Carlos de Lima de Almeida	166
BRANCO, João de Freitas.....	166
BRANCO, Luís de Freitas.....	167
CAMACHO, Jorge Perestrelo Velosa	167
CASTRO, Luís Vieira de	167
COUCEIRO, Henrique Mitchell de Paiva.....	167
FERREIRA, Padre Manuel Juvenal Pita	167
FERRO, António Joaquim Tavares	168
FRANCO, Francisco	168
GOMES, João Reis.....	168
GONÇALVES, Ernesto Marçal Martins	168
LUISIER, Padre Alphonse	168
MELO, José Leite de Vasconcelos Cardoso Pereira de	168
MIGUÉIS, Alfredo Vital	169
MONSARAZ, Alberto	169
NASCIMENTO, João Cabral do	169
NORONHA, Adolfo César de	169
PEREIRA, Padre Eduardo Clemente Nunes	169
PESTANA, Eduardo Antonino	170
PIMENTA, Alfredo Augusto Lopes.....	170
PITA, Pedro Góis	170
PRETO, Francisco de Barcelos Rolão.....	170
RAPOSO, José Hipólito Vaz.....	170
SANTOS, Carlos Maria dos	171
SARDINHA, António Maria de Sousa.....	171
SARMENTO, Alberto Artur	171
SILVA, Padre Fernando Augusto da.....	171
VASCONCELOS, Padre Amadeu de.....	171

ANEXO I - Notas Biográficas

A

AMARAL, João Mendes da Costa (1893-1981) – Foi um dos fundadores do Integralismo Lusitano, pertencendo à sua Junta Central. Antigo republicano, publicou uma revista panfletária sob o título *Aqui d'El Rei*, sistematizando a doutrina integralista. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, colaborou na imprensa da época como no semanário integralista, *Pátria Nova*, que dirigiu, no jornal *Restauração*, no diário *A Monarquia* e no *Diário de Notícias*, tendo ainda fundado o diário monárquico, a *Ideia Nacional*.

AZEVEDO, Álvaro Rodrigues de (1825-1898) - Nasceu em Vila Franca de Xira, e formou-se em Direito, em Coimbra, e em 1956, partiu para a Madeira, onde leccionou a cadeira de oratória, poética e literatura no Liceu do Funchal, que regeu durante vinte e seis anos. Colaborou em periódicos da época e publicou obras como *Curso Elementar de Recitação* (1869) ou *Romanceiro do Arquipélago da Madeira* (1880). A sua maior contribuição para a literatura foi, no entanto, as anotações que fez à obra *Saudades da Terra* (1872), de Gaspar Frutuoso.

B

BEIRÃO, Caetano Maria de Abreu (1892-1968) - Escritor, jornalista e historiador, formou-se em Direito na Universidade de Coimbra. Monárquico e integralista, fez parte do movimento Integralismo Lusitano, foi diretor da Juventude Monárquica de Lisboa e um dos fundadores da Ação Realista Portuguesa. Foi ainda sócio fundador do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia e sócio titular da Academia Portuguesa da História. Colaborou em diversos periódicos como *A Nação*, *A Monarquia*, *Ação Realista*, *Diário de Notícias*, *A Voz*, *A Época* e nas revistas *Integralismo Lusitano* e *Nação Portuguesa*, entre outras. Publicou diversas obras, entre as quais, *Elogio Histórico do Dr. Adriano Xavier Cordeiro* (1920), *Quem São os Responsáveis Pela Desorganização da Causa Monárquica* (1931), *O Problema da Sucessão do Rei D.João VI* (1932) ou *Cartas da Rainha D. Mariana-Vitória* (1936).

BRAGA, Joaquim Teófilo Fernandes (1843-1924) - Nasceu na ilha de São Miguel, nos Açores e foi político, escritor e ensaísta. Estudou Direito na Faculdade de Coimbra. Como político, exerceu o cargo de Presidente da República, em substituição de Manuel de Arriaga, entre 29 de Maio e 4 de Agosto de 1915. Estreou-se na literatura com *Folhas Verdes* (1859). Foi professor de literatura no Curso Superior de Letras, na Faculdade de Letras de Lisboa. A sua obra literária é imensa e abrange diversas áreas e estilos, que vão desde a poesia, a história, o teatro, as novelas, a etnografia, os folhetos de polémica literária e política e ensaios biográficos, tendo também colaborado na imprensa da época. Como investigador das origens dos povos, recolheu e analisou vários elementos, desde os mitos, os costumes, os contos de tradição oral, escrevendo obras como *Os Contos Tradicionais do Povo Português* (1883) e *O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições* (1885).

BRAGA, Luís Carlos de Lima de Almeida (1886-1970) - Advogado e político, foi um dos fundadores do Integralismo Lusitano, sendo membro da sua Junta Central. Participou nas incursões monárquicas de 1911, sob o comando de Paiva Couceiro, interrompendo os estudos de Direito em Coimbra, concluídos em 1916. Exilado em Gand, na Bélgica, foi um dos fundadores da revista *Alma Portuguesa* (1913), onde surge pela primeira vez, em subtítulo, a expressão “integralismo lusitano”. Dirigiu o semanário monárquico *Pátria Nova*, colaborou nas revistas *Atlântida* (1915-1920) e *Contemporânea* (1915-1926) e em 1932 fundou e dirigiu com Hipólito Raposo, a revista *Integralismo Lusitano*, apoiando o movimento Nacional-Sindicalista liderado por Rolão Preto. Publicou as obras *A Questão Ibérica - A lição dos Factos* (1916); *O Culto da Tradição* (1916); *Mar Tenebroso* (1918); *Sob o Pendão Real* (1942); *A Revolta da Inteligência* (1944), entre outras.

BRANCO, João de Freitas (1854-1910) – Nasceu no Funchal e era filho do conselheiro Silvano de Freitas Branco e de D. Maria Cândida de Sant'Ana de Freitas Branco. Concluído o curso no liceu do Funchal, matriculou-se na Universidade de Coimbra, acabando por completar os seus estudos no estrangeiro. Na Inglaterra, na França e na Áustria adquiriu conhecimento de outras línguas, sendo reconhecido como um importante poliglota. Realizou estudos literários e elaborou trabalhos de crítica literária a autores como Ibsen,

Rudyard, Kipling, Maeterlink e Bijorson, traduzindo para português algumas das suas obras. Morreu em Lisboa, aos 56 anos.

BRANCO, Luís de Freitas (1890-1955) – Compositor, músico e professor, era primo do Visconde do Porto da Cruz (Alfredo de Freitas Branco) e irmão do maestro Pedro de Freitas Branco. Começou a aprender música desde cedo, compondo, aos 14 anos, *Aquela Moça*, a sua primeira peça musical. Obteve prémios nacionais e internacionais em concursos de música. Estudou música em Berlim, e de regresso a Portugal foi, em 1915, membro do Conselho de Arte Musical, cargo que ocupou até à sua extinção em 1930 e foi também professor de música no Conservatório Nacional de Lisboa. Em 1915 participou nas Conferências da Liga Naval sobre a "Questão Ibérica", promovidas pelo Integralismo Lusitano, com o tema "Música e instrumentos". Entre 1925 e 1927, foi diretor artístico do Teatro de S. Carlos, em 1930, foi designado membro do Conselho Disciplinar do Ministério da Instrução Pública, vogal do Instituto para a Alta Cultura e docente de Composição no Conservatório. Como compositor deixou uma vasta obra musical. Fundou a revista *Arte Musical* e de dirigiu a *Gazeta Musical*, publicando ainda algumas obras como *Elementos de Ciências Musicais* (1929), *Acústica e História da Música* (1929), *Tratado de Harmonia* (1930), *História Popular da Música* (1942) e *A Personalidade de Beethoven* (1947).

C

CAMACHO, Jorge Perestrelo Velosa (1870-1919) – Monárquico, nasceu no Funchal e morreu em Lisboa, assassinado por um popular republicano. Foi oficial do Exército, tomando parte activa nas campanhas de ocupação colonial em África, nas quais se destacou como militar. Foi Chefe do Estado-maior de Paiva Couceiro nas lutas monárquicas.

CASTRO, Luís Vieira de (1898-1954) - Nasceu na freguesia de São Pedro, no Funchal, vindo a falecer em Lisboa em 1954. Fez o curso liceal no Funchal, após o qual matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, passando depois para Lisboa, onde concluiu o curso. Ainda estudante, em defesa da Causa Monárquica, participou em várias manifestações políticas e literárias. Iniciou a sua carreira nas letras desde cedo, dirigindo, em Coimbra, os jornais académicos integralistas *Pátria Nova* e *Restauração* e a revista literária *Nova Fénix Renascida*. Em 1923 iniciou a publicação do periódico *O Jornal da Madeira* (mais tarde alterou o nome para *O Jornal*), que era também o órgão onde defendia as suas ideias políticas, como director da Causa Monárquica na Madeira. Colaborou ainda em vários periódicos nacionais e regionais, como no *Diário de Notícias*, no *Jornal do Comércio*, n' *O Século*, no *Diário da Manhã*, no *Novidades*, n' *A Voz*, e na revista *Brotéria*. Como escritor, fazem parte da sua obra, entre outras, *Nebulosos* (1916), *A Hora Internacional e a Nacionalidade Portuguesa* (1919), *D. Carlos I* (1936), *A Formação de Portugal* (1938) e *Rumo à Vitoria* (1943). Foi sócio da Academia Portuguesa da História e do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia e da Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

COUCEIRO, Henrique Mitchell de Paiva (1861-1944) - Oficial do Exército português que se notabilizou nas campanhas de ocupação colonial em África (Angola e Moçambique). Entre 1907 e 1909 exerceu funções como governador-geral de Angola. Depois da implantação da República, lutou pela restauração da Monarquia, sendo um dos seus principais defensores. Comandou as incursões monárquicas contra a Primeira República Portuguesa em 1911 e 1912, desde a Galiza, onde se encontrava exilado. Em 1919 presidiu ao governo da chamada "Monarquia do Norte". Mais tarde, em pleno Estado Novo, foi obrigado a se exilar novamente em Espanha, perseguido pelo salazarismo.

F

FERREIRA, Padre Manuel Juvenal Pita (1912-1963) - Natural da freguesia de Câmara de Lobos, seguiu a vida clerical, tendo sido ordenado padre em 1935. Exerceu funções eclesíásticas em várias freguesias na Madeira e no Porto Santo. Exerceu também o cargo de membro da Comissão Conservadora do Museu de Arte Sacra da Diocese do Funchal e empenhado pela conservação do património artístico madeirense, colaborando nas exposições de Ourivesaria Sacra e Esculturas Religiosas que se realizaram no Funchal em 1951 e 1954. Publicou um conjunto de obras sobre o arquipélago da Madeira, das quais fazem parte, por exemplo, *Notas para a história da Ilha da Madeira* (1957); *A santa missa* (1961); *A Relação de Francisco*

Alcoforado (1962); *A Sé do Funchal* (1963), entre outras, além de artigos publicados na revista *Das Artes e da História da Madeira*.

FERRO, António Joaquim Tavares (1895-1956) - Uma das personalidades mais influentes da política cultural do Estado Novo, foi director do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN). Era também jornalista, poeta e ensaísta. Ligado a correntes futuristas e modernistas e admirador do fascismo desde a década de 1920, António Ferro conseguiu um projecto cultural que uniu recursos estéticos modernos à tradição.

FRANCO, Francisco (1885-1955) – Escultor, irmão do pintor Henrique Franco, nasceu no Funchal a 9 de Outubro de 1885 e faleceu em Lisboa a 14 de Fevereiro de 1955. Em 1902 ingressou na Escola de Belas-Artes de Lisboa onde depois iniciou a sua formação em escultura. Completou a sua formação em Paris e ainda na Bélgica e na Holanda. Realizou várias exposições nacionais e internacionais e foi autor de numerosos bustos, baixos-relevos e monumentos, entre os quais o monumento a João Gonçalves Zarco, a estátua O Semeador, a Estátua do Infante D. Henrique e o Friso da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, entre outros.

G

GOMES, João Reis (1869-1950) - Oficial do exército, engenheiro, professor e escritor, nasceu na freguesia de São Pedro, no Funchal, a 5 de Janeiro de 1869 e faleceu na mesma cidade a 21 de Janeiro de 1950. Frequentou o Liceu do Funchal e concluiu os cursos das Escolas Politécnica e do Exército. Foi professor do Liceu e director da Escola Industrial e Comercial do Funchal, onde também leccionou. Dirigiu o *Heraldo da Madeira* (1905-1915) e o *Diário da Madeira* (1916-1940). Colaborou em diversos periódicos da sua época, como *O Dia* e *O Século*. A sua obra é vasta e dela fazem parte, entre outras, *Histórias simples* (1907); *A filha da Tristão das Damas* (1909); *A música e o teatro: esboço filosófico* (1919); *Natais: Contos e Narrativas* (1935). Foi sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, sócio de honra da Federação das Academias de Letras do Brasil e sócio correspondente da Sociedade de História de Portugal.

GONÇALVES, Ernesto Marçal Martins (1898-1982) - Nasceu a 30 de Junho de 1898, na freguesia do Monte, Funchal e faleceu na mesma cidade, a 5 de Dezembro de 1982. Frequentou o Liceu do Funchal, seguindo depois para a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, vindo a concluir o curso na Faculdade de Direito de Lisboa. Em Coimbra foi director da revista *Ícaro* juntamente com Cabral do Nascimento e relacionou-se com jovens monárquicos integralistas, que o influenciaram no seu percurso político, como António Sardinha, Hipólito Raposo, Pequito Rebelo, Alfredo Pimenta e Caetano Beirão. Colaborou ainda no jornal *Restauração*, vindo a ser o seu director. Em Lisboa dirigiu a revista *Ação Realista*. De regresso à Madeira exerceu advocacia e leccionou no Liceu Jaime Moniz. Dirigiu o diário *A Informação*, de cariz nacionalista e colaborou em várias publicações periódicas, como n' *O Jornal*, no *Arquivo histórico da Madeira*, na revista *Das artes e da história da Madeira* e na *Revista Portuguesa*.

L

LUISIER, Padre Alphonse (1872-1957) – Nasceu na Suíça, foi um sacerdote católico, membro da Companhia de Jesus e professor no Colégio de Campolide, em Lisboa. Foi ainda um botânico, interessado no estudo de plantas da Madeira, tendo publicado trabalhos sobre plantas do arquipélago madeirense.

M

MELO, José Leite de Vasconcelos Cardoso Pereira de (1858-1941) - Filólogo e um dos pioneiros investigadores da etnologia portuguesa. Formado em medicina pela Faculdade do Porto em 1886, exerceu funções de subdelegado de saúde e de médico municipal. Acabou por abandonar a carreira médica para se dedicar ao estudo da Linguística, da Arqueologia e da Etnologia. Em 1889, prossegue os seus estudos em Paris, tirando um curso de Filologia Românica. Em 1893, criou e dirigiu o Museu Etnográfico e no ano seguinte lançou as revistas *O Arqueólogo Português* (1884) e *Revista Lusitana* (1887). Contribuiu para o desenvolvimento da Etnologia em Portugal, tendo publicação vasta nesta área, de que se destaca o seu estudo *Etnografia Portuguesa*, cujo primeiro volume foi publicado em 1933.

MIGUÉIS, Alfredo Vital (1883-1943) - Pintor, nasceu no Funchal a 28 de Abril de 1883, onde viria a falecer a 9 de Julho de 1943. Frequentou a Escola Industrial do Funchal e a Academia Real de Belas-Artes, onde completou o curso de Pintura Histórica. Foi professor das Escolas Industriais de Setúbal e do Funchal. Participou em várias exposições, em Portugal e no estrangeiro. Entre as suas obras encontram-se os quadros *Jardim do Luxemburgo* (1915), *A Taça de Leite* (1916) e a *Torre de Jesus em Setúbal*. A sua obra está representada no Museu de Arte Contemporânea, na Câmara Municipal de Lisboa e no Museu Grão Vasco.

MONSARAZ, Alberto (1889-1959) – Monárquico, 2.º conde de Monsaraz, político, jornalista e poeta, formou-se em Direito na Universidade de Coimbra. Foi um dos fundadores do Integralismo Lusitano, sendo membro da sua Junta Central. Exilou-se em Paris na sequência da sua participação nas incursões monárquicas de 1911, onde contactou com o ideário da *Action Française*. Dirigiu o diário integralista *A Monarquia* e colaborou em periódicos como *A Nação Portuguesa*, *a Ideia Nacional*, *Pátria Nova* e na revista *A Sátira*. Após a morte de Sidónio Pais, combateu na revolta de Monsanto, sendo novamente exilado. Foi secretário-geral do movimento Nacional-Sindicalista, liderado por Rolão Preto, acabando por ser preso e expulso do país quando, em 1934, o movimento foi proibido pelo regime salazarista. Entre as suas obras publicadas encontram-se, entre outras, *Romper de Alva* (1909); *Sol Criador* (1911); *Cartilha Monárquica* (1919), *Respiração Mental: O Problema da Censura* (1946) e *No Centenário de Lourdes* (1958).

N

NASCIMENTO, João Cabral do (1897 - 1978) - Nasceu na freguesia da Sé, Funchal, a 22 de Março de 1897, vindo a falecer em Lisboa a 2 de Março de 1978. No Funchal tirou o curso do Liceu, seguindo depois para a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, onde se formou. Conviveu com jovens integralistas, vindo a fazer parte do grupo do integralismo lusitano. Foi professor, tradutor, historiador, poeta, jornalista. Como professor, leccionou na Escola Industrial e Comercial do Funchal, regeu aulas no curso de férias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e também nesta cidade ensinou nas escolas Ferreira Borges e Veiga Beirão. Traduziu para português várias obras de escritores estrangeiros, entre outros, Truman Capote, François Mauriac, Henrique Troyat, George Eliot. Foi o primeiro director Arquivo Distrital do Funchal (entre 1931 e 1955) e fundou o boletim *Arquivo Histórico da Madeira*, do qual publicou nove volumes sob a sua direcção. Como jornalista, fundou em Coimbra, ainda estudante a revista *Ícaro* e dirigiu o jornal *Restauração*; além de ter colaborado em diversos periódicos, como *Diário da Madeira*, *Diário de Notícias*, *Das Artes e da História da Madeira*, *Presença*, *Revista de Portugal*, *Ocidente*, *Atlântico*, *Diário Popular*, entre outros. Em Lisboa conviveu com alguns poetas da geração do Orfeu, publicando em 1916 o seu primeiro livro de versos, *As Três Princesas mortas num Palácio em Ruínas*, sendo elogiado por Fernando Pessoa, na revista *Exílio*. É autor de uma vasta obra em verso e em prosa, na qual se destacam os poemas *Descaminhos* (1926); *Poesias Escolhidas* (1936); *Cancioneiro* (1943); e em prosa *Estampas Antigas da Madeira* (1935); *Lugares Selectos de Autores Portugueses Que Escreveram Sobre o Arquipélago da Madeira* (1949); *Apontamentos de História Insular* (1927), entre outras. Pertencia à Academia Portuguesa de História e ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia.

NORONHA, Adolfo César de (1873-1963) - Naturalista madeirense que se dedicou à investigação, no campo das ciências naturais, realizando estudos da Ictiologia, da Ornitologia, da Malacologia e da Carcinologia do Arquipélago da Madeira. Bibliotecário, desde 1914, foi nomeado director da Biblioteca Municipal do Funchal, em 1928. Foi fundador e o primeiro director do Museu de Ciências Naturais da Madeira, inaugurado oficialmente a 5 de Outubro de 1933. Colaborou na imprensa madeirense, com artigos da sua especialidade e ainda na obra *Elucidário Madeirense*, do Padre Fernando Augusto da Silva e de Carlos Azevedo de Menezes. Publicou diversos estudos como *Um Peixe da Madeira* (1925); *Os peixes dos mares da Madeira* (1934) e vários artigos em revistas internacionais.

P

PEREIRA, Padre Eduardo Clemente Nunes (1887-1976) – Nasceu na freguesia de Câmara de Lobos e faleceu no Funchal, local onde frequentou o Liceu e concluiu no seminário o curso de teologia. Foi ordenado padre no Colégio dos Inglesinhos, em Lisboa, em 1913. Foi professor no Liceu de Jaime Moniz e no Colégio do Bom Jesus; de 1939 a 1968 foi professor e director do Colégio Lisbonense. Foi também jornalista e escritor, iniciando-se na revista *Esperança*, órgão dos alunos do Seminário. Colaborou na revista *Das Artes e*

da *História*, no *Almanaque de Lembranças*, no *Diário da Madeira*, no *Diário de Notícias*, n' *O Jornal* e no *Correio da Madeira*. Nas suas obras publicadas se destacam *Delenda Cartago* (1913); *Golpes* (1914); *Lenda Histórica* (1926); entre outras.

PESTANA, Eduardo Antonino (1891-1963) – Nasceu na freguesia de Câmara de Lobos e faleceu em Lisboa. Formou-se em Direito e em Letras na Universidade de Lisboa, tendo exercido as funções de advogado e de professor do liceu nas disciplinas de Português e Latim. Foi também jornalista e escritor, colaborando em vários periódicos, especialmente na Madeira e em Lisboa. É autor de uma obra de temática diversificada, da qual se destaca os seus estudos sobre o folclore madeirense, como *Ilha da Madeira I - Folclore Madeirense* (1965) e *Ilha da Madeira II - Estudos Madeirenses* (1970), de edição póstuma.

PIMENTA, Alfredo Augusto Lopes (1882-1950) - Foi historiador, poeta e político, licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra. Dirigiu o Arquivo Municipal de Guimarães, em 1931, e o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, de 1949 a 1951. Foi sócio fundador do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, em 1953 e da Academia Portuguesa da História, em 1937. No seu percurso político começou por ser anarquista, passa para o republicanismo e após a instauração da República, aderiu ao Partido Republicano Evolucionista, acabando por se converter à monarquia, em 1915. Colaborou na revista *Nação Portuguesa* e no periódico *A Voz*. Em 1923 fundou a Acção Realista Portuguesa, rompendo ideologicamente com o Integralismo Lusitano. Assumiu-se como salazarista, e elogiou o fascismo e o nazismo. Autor de uma vasta obra, na qual se destaca a sua investigação, nos domínios da história política, religiosa e cultural de Portugal, sendo também uma obra controversa, onde por vezes atacou os dirigentes integralistas e por vezes afirmou a sua identificação com aquele ideário. Nas suas publicações se destacam, entre outras, as obras *Mentira Monárquica* (1906); *As Igrejas e o Estado* (1913); *Cartas monárquicas* (1923); *História de Portugal* (1934) e *Estudos Históricos* (1937-1948) - série de 25 pequenos ensaios.

PITA, Pedro Góis (1891-1974) - Nasceu na Ponta do Sol e formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra. Exerceu a advocacia na Ponta do Sol e no Funchal, onde foi também notário, sendo mais tarde conservador do registo predial de uma das comarcas de Lisboa. Colaborou em diversos jornais e foi um dos fundadores, no Funchal, da *Revista de Direito*. Foi ainda autor de diversos trabalhos jurídicos e literários, por exemplo, *Estudos de Direito*, *Gente que Passa*, entre outros. Representou a Madeira no Parlamento, como deputado, nas legislaturas de 1919-1921 e eleito novamente em 1922. Em 1923, foi Ministro do Comércio e Comunicações e interino do Trabalho.

PRETO, Francisco de Barcelos Rolão (1893-1977) – Participou nas incursões monárquicas, nas hostes de Paiva Couceiro, em 1911-1912. Exilado na Bélgica, colaborou na revista *Alma Portuguesa*. Licenciou-se em Ciências Sociais, na Bélgica, e em Direito, em França. Fez parte da Junta Central do Integralismo Lusitano e colaborou em vários periódicos, como a *Nação Portuguesa*, *A Monarquia*, *Revolução Nacional*, *Revolução* entre outros. Em 1933 fundou o movimento Nacional-Sindicalista, conhecido pelos *camisas azuis*. Devido à oposição do movimento ao regime salazarista, em 1934 foi detido e se exilou em Espanha, sendo o nacional-sindicalismo proibido através de uma nota oficiosa de Salazar. Mais tarde, regressado a Portugal, apoiou a candidatura de Quintão Meireles nas eleições para a presidência da República de 1951 e, em 1958 apoiou Humberto Delgado.

R

RAPOSO, José Hipólito Vaz (1885-1953) - Monárquico, foi advogado, escritor, historiador e político. Foi um dos fundadores do Integralismo Lusitano, sendo membro da sua Junta Central. Fez o curso de Direito na Universidade de Coimbra e ainda estudante publicou os volumes *Coimbra Doutora* (1910) e *Boa Gente* (1911). Fundou a revista *Nação Portuguesa*, órgão do movimento integralista, foi director do periódico *A Monarquia* e colaborou no *Diário de Notícias*. Foi forçado ao exílio, nos Açores, devido à sua oposição ao regime do Estado Novo e ao publicar a obra *Amar e Servir*, em 1940, na qual atacou António de Oliveira Salazar. Em 1950 foi um dos subscritores de *Portugal restaurado pela Monarquia*, um manifesto dos sobreviventes do Integralismo Lusitano. Da sua obra diversificada se destacam *Sentido do Humanismo* (1914); *Dois nacionalismos* (1925); *Aula Régia* (1936); *Descobrimdo Ilhas Descobertas* (1942), entre outras.

S

SANTOS, Carlos Maria dos (1893-1955) – Nasceu no Funchal, onde fez o curso comercial e industrial, e trabalhou na indústria dos bordados. Foi um estudioso de diversos temas ligados à música, um autodidacta que aprendeu a tocar braguinha e bandolim. Fundou e dirigiu um grupo de bandolinistas, realizando concertos no arquipélago madeirense. Dirigiu o grupo artístico “6 de Janeiro”, que mudou o nome para “Círculo Bandolinista da Madeira”. Organizou um grupo folclórico e dirigiu o grupo folclórico da Camacha a partir de 1949, participando em vários festivais de folclore no país e no estrangeiro. Como jornalista colaborou n' *O Jornal*, no *Jornal da Madeira*, nas revistas *Das Artes e da História da Madeira*, *Revista Portuguesa* e *Pérola do Oceano*. Escreveu e publicou vários estudos sobre o folclore madeirense, como *Tocares e Cantares da Ilha* (1937); *Trovas e Bailados da Ilha* (1942) e *Traje Regional da Madeira* (s.d.), entre outros.

SARDINHA, António Maria de Sousa (1887-1925) - Antigo republicano que, em 1912, se converteu à monarquia e ao catolicismo, foi político, historiador, poeta e um dos fundadores do Integralismo Lusitano, sendo um dos mais destacados defensores de uma monarquia orgânica, tradicionalista e antiparlamentar. Foi eleito deputado durante o breve consulado de Sidónio Pais, e viveu exilado em Espanha, após a sua participação na fracassada tentativa restauracionista de Monsanto e da “Monarquia do Norte”. Foi um dos fundadores da revista *Nação Portuguesa* e publicou várias obras, entre as quais, *O Valor da Raça* (1915), *A Questão Ibérica* (1916) e *Ao Princípio era o Verbo* (1924).

SARMENTO, Alberto Artur (1878 - 1953) – Escritor, folclorista, cientista e investigador histórico, nasceu no Funchal, onde frequentou o Liceu, complementando os seus estudos com o curso de Infantaria, na Escola do Exército. Em 1900 foi promovido a alferes e em 1922 já era tenente-coronel. Foi professor do Liceu e duas vezes governador militar da Madeira. Escreveu letras de músicas, realizou diversos estudos sobre a flora da Madeira e fez ainda algumas traduções das línguas inglesa, francesa e alemã, de alguns artigos científicos para o jornal *Heraldo da Madeira*. Colaborou em vários periódicos regionais e nacionais, como o *Diário de Notícias*, *O Jornal* e a *Revista Portuguesa*. Colaborou ainda na obra *Elucidário Madeirense* e fez parte do grupo do Cenáculo. A sua bibliografia é vasta, com temáticas abrangendo diversas áreas que vão desde a botânica, passando pela numismática, ornitologia, história militar e história do Arquipélago da Madeira.

SILVA, Padre Fernando Augusto da (1863-1949) - Nasceu na freguesia da Santa Maria Maior, no Funchal e faleceu na mesma cidade. Frequentou o Liceu do Funchal e o seminário, sendo ordenado padre em 1888. Exerceu funções eclesiásticas em várias freguesias, antes de ser colocado como pároco na freguesia de Santo António. Foi professor na Escola Industrial e Comercial António Augusto de Aguiar, exerceu o cargo de Procurador da Junta Geral, sendo por duas vezes eleito Presidente da Câmara Municipal do Funchal e foi ainda Presidente da Comissão da Santa Casa da Misericórdia. Colaborou em periódicos como o *Diário de Notícias* e o *Heraldo da Madeira*. A sua obra mais importante foi o *Elucidário Madeirense*, que escreveu em colaboração com Carlos Azevedo de Meneses.

V

VASCONCELOS, Padre Amadeu de (1879-1952) – Republicano que se converteu à monarquia, exilado em Paris, lançou *Os Meus Cadernos*, em 1913, com o pseudónimo de Mariotte, textos que reflectiam a doutrina de Charles Maurras e que iria influenciar o movimento do Integralismo Lusitano.

ANEXO II – Quadros

Índice

Quadro 1: Lendas Madeirenses – Relação de conferências e textos publicados	173
Quadro 2: Crendices e Superstições – Relação de conferências e textos publicados	174
Quadro 3: Danças Madeirenses – Relação de conferências e textos publicados	175
Quadro 4: Músicas Tradicionais – Relação de conferências e textos publicados.....	175
Quadro 5: Traje Madeirense – Relação de textos publicados.....	176
Quadro 6: Medicina Popular – Relação de conferências e textos publicados	176
Quadro 7: Gastronomia – Relação de textos publicados	177
Quadro 8: Conferências e congressos realizados por Alfredo de Freitas Branco (Visconde do Porto da Cruz).....	178
Quadro 9: Actividade jornalística do Visconde do Porto da Cruz.....	179
Quadro 10: Textos publicados no semanário <i>O Realista</i> (assinados) entre 02-05-1915 e 21-02-1918	179
Quadro 11: Textos publicados na revista <i>Acção Realista</i> (assinados) entre 10-06-1924 e 20-09-1924	179
Quadro 12: Textos publicados no <i>Diário de Notícias</i> (assinados) entre 07-10-1927 e 07-09-1928	180
Quadro 13: Textos publicados n.º <i>O Jornal</i> (assinados) entre 12-01-1928 e 24-01-1930	181
Quadro 14: Textos publicados no semanário <i>Independência</i> (assinados) entre 10-06-1928 e 15-11-1929	182
Quadro 15: Textos publicados na revista <i>Ilustração Madeirense</i> (assinados) entre 1929 e 1931.....	183
Quadro 16: Textos publicados na revista <i>Arquivo Histórico da Madeira</i> (assinados) entre 1931 e 1949.....	183
Quadro 17: Textos publicados na revista <i>Arqueologia e História</i> (assinados) – 1930.....	183
Quadro 18: Textos publicados na <i>Revista de Arqueologia</i> (assinados) – entre 1934 e 1936	183
Quadro 19: Textos publicados no Suplemento de <i>O Jornal - Das Artes e da História da Madeira</i> (assinados) – entre 17-10-1948 a 02-10-1949.....	184
Quadro 20: Textos publicados na revista <i>Das Artes e da História da Madeira</i> (assinados) entre 1950 e 1963.....	185
Quadro 21: Textos publicados na <i>Revista Portuguesa</i> (assinados) – entre 1939 e 1944.....	185
Quadro 22: Títulos das palestras “Pontos nos ii”	187

ANEXO II – Quadros

QUADRO 1

LENDAS MADEIRENSES				
Relação de conferências e textos publicados				
CONFERÊNCIAS				
Data	Título		Local	Observações
1924 (10 de Julho)	“Algumas Lendas e alguns monumentos do Arquipélago da Madeira”		Lisboa	Associação dos Arqueólogos Portugueses
PUBLICAÇÕES / TEXTOS				
Data	Nº de textos	Título (s)	Tipo de publicação	Referências/ Observações
1924	1	<i>Algumas lendas e alguns monumentos do archipelago da Madeira</i>	Conferência	
1924	1	“Algumas lendas e alguns monumentos do Archipelago da Madeira”	Revista <i>Arqueologia e História</i>	Vol. III, pp. 150-165
1929	1	“Algumas lendas e alguns Monumentos do Arquipélago da Madeira”	Revista <i>Ilustração Madeirense</i>	Nº 1 (Dezembro), pp. 14-16
1934	1	“A estada de Cristovam Colombo na Madeira”	<i>Revista de Arqueologia</i>	Tomo II, pp. 283-288
1936	1	<i>A estada de Cristovam Colombo na Madeira</i>	Separata da <i>Revista de Arqueologia</i>	Tomo II, p.1
1939 (entre Março e Maio)	3	“Letras, Ciências & Artes. O Folclore de Portugal”	<i>Revista Portuguesa</i>	Nº 18 – 2.ª Série. N.º 1 (Março), p. 17 Nº 19 – 2.ª Série. N.º 2 (Abril), p. 31 Nº 20 – 2.ª Série. N.º 3 (Maio), pp. 20-21
1948/1949 (entre Outubro de 1948 e Abril de 1949)	15	“Lendas Madeirenses” “Lenda da Espada de Dom Sebastião” “A Lenda de Colombo” “A Lenda de Arguim” “Lenda da Cidade Encantada” “A Lenda do Cavalum” “A Lenda das Almas” “A Lenda do Convento das Mercês” “Duas Lendas: a do Santo Servo e a do Cedro do Diabo” “A Lenda do Senhor dos Milagres” “Duas Lendas: A da Capela das Almas e a da Furna do Negro” “A Lenda do Cristo do Convento de São Francisco” “A Lenda do «Bicho Cidrão»” “A Lenda de Nossa Senhora do Monte” “Lenda da Ribeira das Cales”	<i>Revista Das Artes e da História da Madeira</i> (suplemento de <i>O Jornal</i>)	Nº 4883 (17-10), pp.7-8 Nº 4889 (24-10), p.15 Nº 4895 (31-10), p.20 Nº 4900 (07-11), p.26 Nº 4923 (05-12), p.47 Nº 4944 (01-01), p.67 Nº 4955 (16-01), p.88 Nº 4961 (23-01), pp.89-90 Nº 4967 (30-01), p.103 Nº 4978 (13-02), p.118 Nº 4995 (06-03), p.134 Nº 5001 (13-03), pp.142-143 Nº 5006 (19-03), p.150 Nº 5012 (27-03), pp.158-159 Nº 5017 (03-04), pp.166-167
1949	1	<i>Notas e Comentários para a História Literária da Madeira, I Volume 1.º Período, 1420-1820</i>	Livro	pp. 29-34
1954	1	<i>Lendas do Arquipélago da Madeira</i>	Opúsculo	
1955	1	<i>Folclore Madeirense</i> , “Lendas”	Livro	Cap. I, pp. [5]-35
1958	1	<i>O Movimento Intelectual do Arquipélago da Madeira, 1.º Período – 1420-1820</i>	Separata do nº 84 da <i>Revista Portuguesa</i>	pp. 11-15

QUADRO 2

CRENDICES E SUPERSTIÇÕES				
Relação de conferências e textos publicados				
CONFERÊNCIAS				
Data	Título		Local	Observações
1930 Março	“Crendices e superstições e costumes do Arquipélago da Madeira”		Lisboa	Associação dos Arqueólogos Portugueses
PUBLICAÇÕES / TEXTOS				
Data	Nº de textos	Título (s)	Tipo de publicação	Referências/ Observações
1927/1928 (entre Outubro de 1927 a Setembro de 1928)	42	“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses” *	<i>Diário de Notícias da Madeira</i>	*
1928	3	“Crendices Madeirenses” “Letras, Ciências & Artes – Crendices Madeirenses”	<i>Semanário Independência</i>	Nº 19 (03-11), p. 2. Nº 20 (10-11), p. 3. Nº 22 (24-11), p. 2.
1929/1930 (entre Outubro de 1929 e Janeiro de 1930)	9	“Crendices Madeirenses”	<i>O Jornal</i>	Nº [817], 25-10-1929, p.1 Nº 824, 03-11-1929, p.1 Nº 828, 08-11-1929, p.1 Nº 836, 17-11-1929, p.1 Nº 840, 22-11-1929, p.1 Nº 846, 29-11-1929, p.1 Nº 852, 06-12-1929, p.1 Nº 857, 13-12-1929, p.1 Nº 870, 01-01-1930, p.1
1930	1	“Crendices, superstições e costumes do Arquipélago da Madeira”	<i>Revista Arqueologia e História</i>	Vol. VIII, pp. 83-129
1943/1944 (entre Dezembro de 1943 e Maio de 1944)	6	“Folclore do Arquipélago da Madeira, Crendices e Superstições” “Letras, Ciências & Artes, Crendices e Superstições da Madeira” “Crendices e Superstições da Madeira”	<i>Revista Portuguesa</i>	Nº 39 (Dez.), pp. 12-14. Nº 40 (Janeiro), pp. 19-21. Nº 41 (Fev.), pp. 15-16. Nº 42 (Março), pp. 24. Nº 43 (Abril), pp. 22-23. Nº 44 (Maio), pp. 13.
1949 (entre Junho e Agosto)	6	“Crendices e Superstições madeirenses”	<i>Revista Das Artes e da História da Madeira</i> (suplemento de <i>O Jornal</i>)	Nº 5069 (05-06), pp. 235-236 Nº 5079 (18-06), pp. 246-247 Nº 5084 (26-06), pp. 252-253 Nº 5088 (03-07), pp. 262-264 Nº 5124 (14-08), pp. 309-310 Nº 5129 (21-08), pp. 315-317
1954	1	<i>Crendices e Superstições do Arquipélago da Madeira</i>	Opúsculo	
1955	1	<i>Folclore Madeirense, “Crendices e superstições”</i>	Livro	Cap. II, pp. [37]-63.
1962	1	“Crendices e superstições madeirenses”	<i>Revista Das Artes e da História da Madeira:</i>	Vol. VI, Nº 32, pp. 32-34

* Consulte-se a relação destes textos no quadro 11

QUADRO 3

DANÇAS MADEIRENSES
Relação de conferências e textos publicados

CONFERÊNCIAS			
Data	Título	Local	Observações
1936	“Danças e Músicas”	Lisboa	Liceu Pedro Nunes
1944	“Danças Madeirenses”	Lisboa	Casa da Madeira

PUBLICAÇÕES / TEXTOS				
Data	Nº de textos	Título (s)	Tipo de publicação	Referências/ Observações
1931	1	“Danças Madeirenses”	Revista <i>Arquivo Histórico da Madeira</i>	Vol. 1, nº 3-4, pp. 153-163
1944	1	“Danças Madeirenses”	Revista <i>Portuguesa</i>	Nº46 (Jul/Ago/Set), pp. 26-31
1946	1	<i>Danças madeirenses</i>	Opúsculo	
1954	1	<i>Danças e músicas do arquipélago da Madeira</i>	Opúsculo	
1955	1	<i>Folclore Madeirense</i> , “Danças e Músicas”	Livro	Cap. IV, pp. [93]-108

QUADRO 4

MÚSICAS TRADICIONAIS
Relação de conferências e textos publicados

CONFERÊNCIAS			
Data	Título	Local	Observações
1924	“Trovas e Cantigas Madeirenses”	Lisboa	Associação dos Arqueólogos Portugueses
1936	“Trovas e Músicas”	Lisboa	Casa da Madeira

PUBLICAÇÕES / TEXTOS				
Data	Nº de textos	Título (s)	Tipo de publicação	Referências/ Observações
1934	1	<i>Trovas e cantigas madeirenses</i>	Opúsculo	
1949	3	“Trovas e Cantigas Madeirenses”	Revista <i>Das Artes e da História da Madeira</i> (suplemento de <i>O Jornal</i>)	Nº 5141 (04-09), pp. 329-331 Nº 5147 (10-09), pp. 341-342 Nº 5153 (18-09), pp. 347-348
1954	1	<i>Trovas e cantigas do arquipélago da Madeira</i>	Opúsculo	
1955	1	<i>Folclore Madeirense</i> , “Trovas e Cantigas”	Livro	Cap. III, pp. [65]-91

QUADRO 5

TRAJE MADEIRENSE Relação de textos publicados				
PUBLICAÇÕES / TEXTOS				
Data	Nº de textos	Título (s)	Tipo de publicação	Referências/ Observações
1941	1	“O Traje Regional madeirense”	<i>Revista Portuguesa</i>	N.º 36 – 2.ª Série. N.º 18 (Novembro), pp. 3-7
1955	1	<i>O Trajo do Arquipélago da Madeira</i>	Opúsculo	
1955	1	<i>Folclore Madeirense</i> , “O Trajo”	Livro	Cap. V, pp. [109]-120.

QUADRO 6

MEDICINA POPULAR Relação de conferências e textos publicados				
CONFERÊNCIAS				
Data	Título	Local	Observações	
1943 (24 a 31 de Outubro)	“A Flora Madeirense na medicina popular”	Lisboa	1º Congresso de Ciências Agronómicas	
1950 (10 a 18 Abril)	“A flora madeirense na medicina popular e na indústria”	Funchal	I Conferência da Liga de Protecção à Natureza	
PUBLICAÇÕES / TEXTOS				
Data	Nº de textos	Título (s)	Tipo de publicação	Referências/ Observações
1935	1	<i>A flora madeirense na medicina popular</i>	Separata da Revista <i>Brotéria</i> , Série de Ciências Naturais	Vol. IV, (XXXI), fascs. I, II, III e IV.
1941/1942 (entre Janeiro de 1941 e Junho de 1942)	10	“A Flora Madeirense na medicina popular. Remédios Caseiros”	<i>Revista Portuguesa</i>	1941: Nº 28 – 2.ª Série. N.º 11 (Jan/Fev), p. 17 Nº 29 – 2.ª Série. N.º 11 (Março), pp. [8-9] Nº 30 – 2.ª Série. N.º 13 (Abril), pp. [22] Nº 32 – 2.ª Série. N.º 15 (Julho), pp. 19-20 s.n. (Set), pp. [21]-22 Nº 36 – 2.ª Série. N.º 18 (Nov), pp. 16-19 1942: Nº XX – 2.ª Série (Jan), pp. 15-16 Nº XXI – 2.ª Série (Fev), p. 25 Nº 24 (Maio), pp. [13-14] Nº 25 (Junho), pp [28-29]
1950	1	<i>A flora madeirense na medicina popular e na indústria</i>	Conferência	
1951	3	“A flora madeirense na medicina popular”	<i>Revista Das Artes e da História da Madeira</i>	Nº 7, Vol. II, pp. 29-32 Nº 8, Vol. II, pp. 30-33 Nº 9, Vol. III, pp. 38-40
1955	1	<i>Folclore Madeirense</i> , “A Medicina Popular e a Flora”	Livro	Cap. VII, pp. 133-171

QUADRO 7

GASTRONOMIA MADEIRENSE				
Relação de textos publicados				
PUBLICAÇÕES / TEXTOS				
Data	Nº de textos	Título (s)	Tipo de publicação	Referências/ Observações
1949	6	“A Culinária madeirense”	<i>Revista Das Artes e da História da Madeira</i> (suplemento de <i>O Jornal</i>)	Nº5034 (24-04), p.191 Nº5040 (01-05), pp.197-198 Nº5046 (08-05), pp. 206-207 Nº5052 (15-05), pp. 214-215 Nº5058 (22-05), pp. 222-223 Nº5063 (29-05), p. 231
1955	1	<i>Folclore Madeirense</i> , “Culinária e Doçarias”	Livro	Cap. VI, pp. 123-131
1963	1	“A culinária Madeirense”	<i>Revista Das Artes e da História da Madeira</i>	Nº 33, Vol. VI, pp. 42-48 (póstumo)

QUADRO 8

Conferências e congressos realizados por Alfredo de Freitas Branco (Visconde do Porto da Cruz)

Data	Título	Local	Observações
1917 (22 de Abril)	“A acção do Estado nas suas relações com a Igreja Católica”	Lisboa	Círculo Católico
1923 (22 de Março a 12 de Abril)	“Sindicalismo-Morte, Sindicalismo-Vida” (Tema apresentado em 4 conferências)	Lisboa	Juventudes Monarchicas Conservadoras (Núcleo Regional de Lisboa)
1923 (7 de Junho)	“A questão social – Sindicalismo-Morte, Sindicalismo-Vida”	Lisboa	Centro Sidónio Pais
1924 (10 de Julho)	“Algumas Lendas e alguns monumentos do Arquipélago da Madeira”	Lisboa	Associação dos Arqueólogos Portugueses
1924	“Trovas e Cantigas Madeirenses”	Lisboa	Associação dos Arqueólogos Portugueses
1930 (20 de Fev.)	“Questão Social”	Funchal	Centro Monárquico da Madeira
1930 (20 de Março)	“Crendices e superstições e costumes do Arquipélago da Madeira”	Lisboa	Associação dos Arqueólogos Portugueses
1930 (03 de Abril)	“Aspectos agrícolas e industriais da Madeira”	Lisboa	Associação Central da Agricultura Portuguesa
1936	“Danças e Músicas”	Lisboa	Liceu Pedro Nunes
1936	“Trovas e Músicas”	Lisboa	Casa da Madeira
1936	“A Madeira nos Lusíadas”	Lisboa	Casa de Entre-Douro e Minho
1936 (13 a 16 Janeiro)	“O turismo na Madeira”	Lisboa	I Congresso Nacional de Turismo - Sociedade de Geografia de Lisboa
1936 (11 de Maio)	“A vitória latina”	Lisboa	Discurso pronunciado na festa dos Estudantes Nacionalistas da Universidade de Lisboa
1943 (24 a 31 de Outubro)	“A Flora Madeirense na medicina popular”	Lisboa	1º Congresso de Ciências Agronómicas
1944	“Danças Madeirenses”	Lisboa	Casa da Madeira
1949 (05 de Dez.)	"As maravilhosas serras da Madeira"	Lisboa	Sociedade de Geografia de Lisboa
1950 (10 a 18 Abril)	“A flora madeirense na medicina popular e na indústria”	Funchal	I Conferência da Liga de Protecção à Natureza
1950 (10 a 18 Abril)	“Parque zoológico e aquário no Funchal”	Funchal	I Conferência da Liga de Protecção à Natureza
1950 (10 a 18 Abril)	“O problema florestal no arquipélago da Madeira”	Funchal	I Conferência da Liga de Protecção à Natureza
1950 (21 de Outubro)	“Teria sido S. Martinho de Dume o Patrono de Templo de S. Martinho no Funchal?”	Guimarães	Congresso no âmbito das comemorações do XIV Centenário da Chegada de S. Martinho de Dume à Península Ibérica

QUADRO 9
Actividade jornalística do Visconde do Porto da Cruz

Data	Periódico	Observações
1915	<i>O Realista</i> - semanário	Director/ fundador/ colaborador
1918	<i>A Monarquia</i> - diário	Colaborador
1918	<i>A Tradição</i> - revista	Director/ fundador
1920	<i>O Combate</i> - semanário	Fundador
1924	<i>Acção Realista</i> - revista	Colaborador
1927-1928	<i>Diário de Notícias</i> - diário	Colaborador
1928-1930	<i>O Jornal</i> - diário	Colaborador
1928-1929	<i>Independência</i> - semanário	Director/ fundador/ colaborador
1929-1934	<i>Ilustração Madeirense</i> - revista	Director/ fundador/ colaborador
1930	<i>Arqueologia e História</i> - revista	Colaborador
1931	<i>Arquivo Histórico da Madeira</i> – revista/boletim	Colaborador
1934-1936	<i>Revista de Arqueologia</i>	Colaborador
1935	<i>Brotéria</i> - revista	Colaborador
1935-1961	<i>Revista Portuguesa</i> - revista	Director/ fundador/ colaborador
1946-1947	<i>Visor</i> - semanário	Director/ fundador/ colaborador
1948-1949	<i>Das Artes e da História da Madeira</i> , Suplemento de <i>O Jornal</i>	Colaborador
1950-1963	<i>Das Artes e da História da Madeira</i> - revista	Colaborador

QUADRO 10

Textos publicados no semanário *O Realista* (assinados) – entre 02-05-1915 e 21-02-1918

Autor: Alfredo de Freitas-Branco			
Título do texto	Data Publicação	Número	Página(s)
“Pela Monarchia”	02-05-1915	1	3-4
“Salvemos a Patria”	16-05-1915	3	3-4
“Definindo Atitudes”	27-12-1917	4	1
“Literatura - «Outro Mundo»”	17-01-1918	7	[2]

QUADRO 11

Textos publicados na revista *Acção Realista* (assinados) – entre 10-06-1924 e 20-09-1924

Autor: Visconde do Porto da Cruz			
Título do texto	Data Publicação	Número	Página(s)
“Aos Combatentes da Monarquia Nova”	10-06-1924	2	30
“O Perigo Judeu I”	01-07-1924	3	53-55
“O Perigo Judeu II”	01-08-1924	4	96-98
“Definindo bem”	20-09-1924	8	153-156

QUADRO 12

Textos publicados no *Diário de Notícias* (assinados) – entre 07-10-1927 e 07-09-1928

Autor: Visconde do Porto da Cruz			
Título do texto	Data Publicação	Número	Página(s)
“Águas Fortes - I”	11-09-1927	15961	4
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - I”	07-10-1927	15980	2
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - II”	14-10-1927	15986	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - III”	21-10-1927	15992	1-2
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - IV”	28-10-1927	15998	1-2
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - V”	04-11-1927	16003	2
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses – VI e VII”	11-11-1927	16009	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses – VII e IX”	18-11-1927	16015	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses – X e XI”	25-11-1927	16021	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses – XII”	16-12-1927	16037	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses – XIII”	23-12-1927	16043	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - XV”	30-12-1927	16047	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses – XVI”	06-01-1928	16053	1-2
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses – XVII”	13-01-1928	16058	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses – XVIII”	20-01-1928	16064	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses – XIX”	27-01-1928	16070	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses – XX”	10-02-1928	16080	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses – XXI”	17-02-1928	16086	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses – XXII”	24-02-1928	16091	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses – XXIII”	02-03-1928	16097	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses – XXIV”	09-03-1928	16103	2
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses – XXV”	16-03-1928	16109	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses – XXVI”	26-03-1928	16114	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses – XXVII”	30-03-1928	16120	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses – XXVIII”	06-04-1928	16126	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses – XXIX”	13-04-1928	16130	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - XXX”	20-04-1928	16136	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - XXXI”	27-04-1928	16142	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - XXXII”	11-05-1928	16152	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - XXXIII”	25-05-1928	16163	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - XXXIV”	01-06-1928	16168	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - XXXV”	15-06-1928	16178	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - XXXVI”	22-06-1928	16183	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - XXXVII”	29-06-1928	16189	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - XXXVIII”	06-07-1928	16194	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - XXXIX”	13-07-1928	16200	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - XL”	20-07-1928	16206	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - XLI”	27-07-1928	16212	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - XLII”	03-08-1928	16218	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - XLIII”	10-08-1928	16224	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - XLIV”	24-08-1928	16235	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - XLV”	31-08-1928	16241	1
“Á sexta-feira...Dia aziago - Crendices Madeirenses - XLVI”	07-09-1928	16247	1

QUADRO 13

Textos publicados n' *O Jornal* (assinados) – entre 12-01-1928 e 24-01-1930

Autor: Visconde do Porto da Cruz			
Título do texto	Data Publicação	Número	Página(s)
“Sindicalismo”	12-01-1928	300	1
“A Divisão Naval italiana”	23-08-1928	477	1
“Antecedentes do Fascismo”	07-12-1928	565	1
“Sindicalismo Fascista”	19-01-1929	597	1
“A grande obra fascista”	24-01-1929	601	1
“A ressurreição romana pelo fascismo”	30-01-1929	606	1
“Sindicalismo”	23-02-1929	624	1
“A Ditadura Espanhola”	03-03-1929	631	1
“O Sindicalismo em Portugal”	10-03-1929	637	1
“O Sindicalismo em Portugal”	16-03-1929	642	1
“Em Portugal – os Sindicatos Agrícolas”	28-03-1929	650	1
“Em Portugal – o Espírito Associativo”	31-03-1929	652	1
“O Sindicalismo português”	09-04-1929	658	1
“Os Operários e a Democracia”	19-04-1929	666	1
“Ordem e Anarquia”	21-04-1929	668	1
“No Regimen dos Partidos”	27-04-1929	673	1
“A Reorganização Nacional”	08-05-1929	680	1
“O Perigo Vermelho”	25-05-1929	693	1
“O Museu Regional”	20-10-1929	902 [813]	1
“Crendices Madeirenses – I”	25-10-1929	906 [817]	1
“Uma grande empresa regional”	27-10-1929	908 [819]	2
“Crendices Madeirenses – II”	03-11-1929	824	1
“Crendices Madeirenses – III”	08-11-1929	828	1
“A História deve ser a verdade”	16-11-1929	835	1
“Crendices Madeirenses – IV”	17-11-1929	836	1
“Crendices Madeirenses – Bruxas...”	22-11-1929	840	1
“Crendices Madeirenses”	29-11-1929	846	1
“Turismo”	01-12-1929	848	1
“Crendices Madeirenses”	06-12-1929	852	1
“Interesses regionais – o problema da Instrução”	12-12-1929	856	1
“Crendices Madeirenses”	13-12-1929	857	1
“Industrias regionais”	19-12-1929	862	2
“Crendices Madeirenses”	01-01-1930	870	1
“O valor das exposições agrícolas” (Conclusão da 1ª página)”	05-01-1930	873	2
“A Exposição Agrícola”	24-01-1930	888	2
Autor: V. P.C.			
“A Reorganização Nacional”	16-05-1929	686	1
“Jayme Caldeira”	30-08-1929	770	2
“A Expansão da Marinha Mercante Portuguesa”	23-10-1929	904 [815]	1
“Vida intelectual – uma nova livraria”	11-01-1930	877	1
Autor: V. do Porto da Cruz			
“Um novo debate...”	15-01-1930	880	1
“O novo debate...”(Conclusão da primeira página)	15-01-1930	880	3

QUADRO 14

Textos publicados no semanário *Independência* (assinados) – entre 10-06-1928 e 15-11-1929

Autor: Visconde de Porto da Cruz			
Título do texto	Data Publicação	Número	Página(s)
"(1) Folhetim da Independência - <i>Manhã de Primavera</i> - Comedia em 1 acto"	10-06-1928	1	3
"(2) Folhetim da Independência - <i>Manhã de Primavera</i> - Comedia em 1 acto"	17-06-1928	2	3
"(3) Folhetim da Independência - <i>Manhã de Primavera</i> - Comedia em 1 acto"	24-06-1928	3	2
"(4) Folhetim da Independência - <i>Manhã de Primavera</i> - Comedia em 1 acto"	01-07-1928	4	3
"(1) Folhetim da Independência – O Ciclone - Romance Regional"	08-07-1928	5	3
"(2) Folhetim da Independência – O Ciclone - Romance Regional"	15-07-1928	6	3
"(3) Folhetim da Independência – O Ciclone - Romance Regional"	22-07-1928	7	3
"(4) Folhetim da Independência – O Ciclone - Romance Regional"	04-08-1928	8	3
Autor: Visconde do Porto da Cruz			
"O nome de <i>Independência</i> "	10-06-1928	1	1
"O 28 de Maio"	17-06-1928	2	1
"Melhoramentos que se impõem..."	24-06-1928	3	1
"O Congresso do Minho"	01-07-1928	4	1
"A Companhia de Turismo na Madeira"	08-07-1928	5	1
"A Crise Económica"	15-07-1928	6	1
"Acaba de iniciar-se na Madeira"	22-07-1928	7	1
"O movimento revolucionário"	04-08-1928	8	1
"Em quinze de Julho"	07-09-1928	9	1
"O Governo da Ditadura Nacional"	20-10-1928	17	1
"O Governo da Ditadura Nacional"	20-10-1928	17	2
"Por notícias [recentes-chegadas de Lisboa]"	03-11-1928	19	1
"Crendices Madeirenses"	03-11-1928	19	2
"Letras, Ciências & Artes"	10-11-1928	20	3
"Crendices Madeirenses"	24-11-1928	22	2
"Letras, Ciências & Artes"	22-12-1928	25	2
"É incrível!"	01-11-1929	38	1
Autor: V.P.C.			
"Os Idolos de Pés de Barro"	10-06-1928	1	2
"Os Idolos de Pés de Barro"	24-06-1928	3	2
"Das Letras, das Ciências e das Artes"	01-07-1928	4	2
"Das Letras, das Ciências e das Artes"	08-07-1928	5	2
"Das Letras, das Ciências e das Artes"	15-07-1928	6	2
"Das Letras, das Ciências e das Artes"	04-08-1928	8	2
"Letras, Ciências & Artes"	13-09-1928	10	3
"O Tenor Lomelino"	26-10-1928	18	3
"Letras, Ciências & Artes"	03-12-1928	23	3
"Letras, Ciências & Artes"	03-12-1928	23	4
"Jornal das letras"	01-11-1929	38	1
Autor: V.do P.C.			
"Mais um ano rolou"	22-12-1928	25	1
"Letras, Ciências & Artes"	26-01-1929	29	2
"Letras, Ciências & Artes"	09-02-1929	31	2

QUADRO 15

Textos publicados na revista *Ilustração Madeirense* (assinados) – entre 1929 e 1931

Autor: Visconde do Porto da Cruz			
Título do texto	Data Publicação	Número	Página(s)
“Algumas lendas e alguns Monumentos do Arquipélago da Madeira”	Dezembro, 1929	1	14-16
“Cidade do Funchal”	Outubro, 1930	2	5-7
“O Concelho de Santa Cruz”	Setembro, 1931	3	8-18

QUADRO 16

Textos publicados na revista *Arquivo Histórico da Madeira* (assinados) – entre 1931 e 1949

Autor: Visconde do Porto da Cruz			
Título do texto	Data Publicação	Número	Página(s)
“Danças Madeirenses”	1931	Vol. I - nº3-4	158-163
“Traje popular da Madeira”	1936	Vol. IV - nº 3	178-183
“A Procissão do voto”	1949	VII - nº 3	139-146

QUADRO 17

Textos publicados na revista *Arqueologia e História* (assinados) - 1930

Autor: Visconde do Porto da Cruz			
Título do texto	Data Publicação	Número	Página
“Lendas e Monumentos do Arquipélago da Madeira”	1924	Vol. III	150-165
“Crendices, superstições e costumes do Arquipélago da Madeira”	1930	Vol. VIII	83-129

QUADRO 18

Textos publicados na *Revista de Arqueologia* (assinados) – entre 1934 e 1936

Autor: Visconde do Porto da Cruz			
Título do texto	Data Publicação	Número	Página(s)
“A estada de Cristovam Colombo na Madeira”	1934	Tomo II, Vol. II	283-288
“A estada da Imperatriz do Brasil e da Princesa Imperial na Madeira”	1936	Tomo III, Vol. III	278-283

QUADRO 19

**Textos publicados no Suplemento de *O Jornal - Das Artes e da História da Madeira* (assinados)
– entre 17-10-1948 a 02-10-1949**

Autor: Visconde do Porto da Cruz			
Título do texto	Data Publicação	Número (Supl.)	Página(s)
“Lendas Madeirenses”	17-10-1948	4883	7-8
“Lenda da Espada de Dom Sebastião”	24-10-1948	4889	15
“A Lenda de Colombo”	31-10-1948	4895	20
“A Lenda de Arguim”	07-11-1948	4900	26
“Lenda da Cidade Encantada”	05-12-1948	4923	47
“A Lenda do Cavalum”	01-01-1949	4944	67
“A Lenda das Almas”	16-01-1949	4955	88
“A Lenda do Convento das Mercês”	23-01-1949	4961	89-90
“Duas Lendas: a do Santo Servo e a do Cedro do Diabo”	30-01-1949	4967	103
“A Lenda do Senhor dos Milagres”	13-02-1949	4978	118
“Duas Lendas: A da Capela das Almas e a da Furna do Negro”	06-03-1949	4995	134
“A Lenda do Cristo do Convento de São Francisco”	13-03-1949	5001	142-143
“A Lenda do «Bicho Cidrão»”		5006	150
“A Lenda de Nossa Senhora do Monte”	27-03-1949	5012	158-159
“Lenda da Ribeira das Cales”	03-04-1949	5017	166-167
“A Culinária madeirense”	24-04-1949	5034	191
“A Culinária madeirense”	01-05-1949	5040	97-198
“A Culinária madeirense”	08-05-1949	5046	206-207
“A Culinária madeirense”	15-05-1949	5052	214-215
“A Culinária madeirense”	22-05-1949	5058	222-223
“A Culinária madeirense”	29-05-1949	5063	231
“Crendices e Superstições madeirenses”	05-06-1949	5069	235-236
“Crendices e Superstições madeirenses”	18-06-1949	5079	246-247
“Crendices e Superstições madeirenses”	26-06-1949	5084	252-253
“Crendices e Superstições madeirenses”	03-07-1949	5088	262-264
“Crendices e Superstições madeirenses”	14-08-1949	5124	309-310
“Crendices e Superstições madeirenses”	21-08-1949	5129	315-317
“Trovas e Cantigas Madeirenses”	04-09-1949	5141	329-331
“Trovas e Cantigas Madeirenses”	10-09-1949	5147	341-342
“Trovas e Cantigas Madeirenses”	18-09-1949	5153	347-348

QUADRO 20

Textos publicados na revista *Das Artes e da História da Madeira* (assinados) – entre 1950 e 1963

Autor: Visconde do Porto da Cruz			
Título do texto	Data Publicação	Número	Página(s)
“Dr. João de Freitas Branco”	1950	Vol. I, Nº 4	40
“Ligeiras notas sobre os Monumentos do Arquipélago, I – A Sé Manuelina”	1951	Vol. I, Nº 5	6-7
“A flora madeirense na medicina popular”	1951	Vol. II, Nº 7	29-32
“A flora madeirense na medicina popular”	1951	Vol. II, Nº 8	30-33
“A flora madeirense na medicina popular”	1951	Vol. III, Nº 9	38-40
“Crendices e superstições madeirenses”	1962	Vol. VI, Nº 32	32-34
“A culinária Madeirense”	1963	Vol. VI, Nº 33	42-48

QUADRO 21

Textos publicados na *Revista Portuguesa* (assinados) – entre 1939 e 1944

Autor: Visconde do Porto da Cruz			
Título do texto	Data Publicação	Número	Página(s)
1939			
“Letras, Ciências & Artes. O Folclore de Portugal”	Março	N.º 18 – 2.ª Série. N.º 1	17
“Letras, Ciências & Artes. O Folclore de Portugal, I – Arquipélago da Madeira. Lendas”	Abril	N.º 19 – 2.ª Série. N.º 2	31
“Livros & Escritores”	Abril	N.º 19 – 2.ª Série. N.º 2	39
“O telefone, o grande invento”	Abril	N.º 19 – 2.ª Série. N.º 2	42-43
“Letras, Ciências & Artes, Folclore de Portugal, I – Arquipélago da Madeira, Lendas”	Maio	N.º 20 – 2.ª Série. N.º 3	20-21
“Livros e Escritores”	Maio	N.º 20 – 2.ª Série. N.º 3	24
“O telefone, o grande invento”	Maio	N.º 20 – 2.ª Série. N.º 3	41-42
“Livros e escritores”	Junho	N.º 21 – 2.ª Série. N.º 4	37
“Livros e Escritores”	Julho	N.º 22 – 2.ª Série. N.º 5	34-35
“A Revolução Literária de IBSEN”	Julho	N.º 22 – 2.ª Série. N.º 5	11-23
“A Reconstrução Nacional”	Julho	N.º 22 – 2.ª Série. N.º 5	36
“A Revolução Literária de IBSEN”	Set./Out.	N.º 24 – 2.ª Série. N.º 7	35-38
“A Revolução Literária de IBSEN”	Novembro	N.º 25 – 2.ª Série. N.º 8	37-40
1941			
“A Flora Madeirense na medicina popular. Remédios Caseiros”	Jan./Fev.	N.º 28 – 2.ª Série. N.º 11	17
“Livros e Escritores”	Jan./Fev.	N.º 28 – 2.ª Série. N.º 11	29
“A Flora Madeirense na medicina popular. Remédios Caseiros”	Março	N.º 29 – 2.ª Série. N.º 11	[8-9]
“Livros e Escritores”	Março	N.º 29 – 2.ª Série. N.º 11	
“A Flora Madeirense na medicina popular. Remédios Caseiros”	Abril	N.º 30 – 2.ª Série. N.º 13	[22]
“Livros e Escritores”	Abril	N.º 30 – 2.ª Série. N.º 13	[24-25]
“O Funchal moderno”	Julho	N.º 32 – 2.ª Série. N.º 15	3-13
“A Flora Madeirense na medicina popular. Remédios Caseiros”	Julho	N.º 32 – 2.ª Série. N.º 15	19-20
“A Flora Madeirense na medicina popular. Remédios Caseiros”	Setembro	s.n.	[21]-22
“O Traje Regional madeirense”	Novembro	36 – 2.ª Série. N.º 18	3-7
“A Flora Madeirense na medicina popular. Remédios Caseiros”	Novembro	36 – 2.ª Série. N.º 18	16-19

Textos publicados na Revista Portuguesa (assinados) – entre 1939 e 1944

Autor: Visconde do Porto da Cruz			
Título do texto	Data Publicação	Número	Página(s)
1942			
“A Flora Madeirense na medicina popular. Remédios Caseiros”	Janeiro	n.º XX – 2.ª Série	15-16
“Livros e Escritores”	Janeiro	n.º XX – 2.ª Série	17-19
“A Flora Madeirense na medicina popular. Remédios Caseiros”	Fevereiro	N.º XXI – 2.ª Série	25
“Livros e Escritores”	Fevereiro	N.º XXI – 2.ª Série	26
“Livros e Escritores”	Março	N.º XXII – 2.ª Série	38-41
“Situações claras!”	Março	N.º XXII – 2.ª Série	16-19
“O Lavrador e a vida agrícola”	Março	N.º XXII – 2.ª Série	21-27
“Actualidades gráficas”	Abril	N.º 23	
“Livros e Escritores”	Abril	N.º 23	[10]
“João Nunes (Diabinho), O precursor do «folclore» madeirense”	Abril	N.º 23	[17-19]
“A Flora Madeirense na medicina popular”	Maió	N.º 24	[13-14]
“Livros e Escritores”	Maió	N.º 24	[17]
“Como pode a Alemanha enfrentar a guerra?”	Junho	N.º 25	
“Contra o Comunismo”	Junho	N.º 25	
“A Flora Madeirense na medicina popular”	Junho	N.º 25	[28-29].
“Livros e Escritores”	Junho	N.º 25	[36]
“Um golpe Audacioso”	Julho	N.º 26	
“A Luta contra o Comunismo”	Julho	N.º 26	
“Livros e Escritores”	Agosto	N.º 27	
“Factos da História Contemporânea”	Setembro	N.º 28	
“A Luta contra o Comunismo”	Setembro	N.º 28	
“Livros & Escritores”	Outubro	N.º 29	
“Os carburantes autárquicos na Itália”	Outubro	N.º 29	
“Comentários independentes”	Outubro	N.º 29	
“Livros & Escritores”	Novembro	N.º 30	
1943			
“O Arquipélago da Madeira no testamento do Infante”	Janeiro	N.º 31	12-15
“Momento”	Janeiro	N.º 31	30
“Perfis, Ideias e Factos”	Março	N.º 33	22-23
“Evocação do «18 de Abril» de 1925”	Abril, 1943	N.º 34	16-18
“Livros & Escritores”	Julho	N.º 37	31
“Folclore do Arquipélago da Madeira, Crendices e Superstições”	Dezembro	N.º 39	12-14
“Livros & Escritores”	Dezembro	N.º 39	14
“O Engenheiro Duarte Pacheco, Ministro das Obras Públicas e Comunicações”	Dezembro	N.º 39	3-4
“A Homenagem a António Ferro”	Dezembro	N.º 39	9
1944			
“Letras, Ciências & Artes, Crendices e Superstições da Madeira”	Janeiro	N.º 40	19-21
“Livros & Escritores, Antologia de Contos Romenos”	Janeiro	N.º 40	27
“Livros & Escritores”	Fevereiro	N.º 41	8-10
“O Comandante Henrique de Paiva Couceiro”	Fevereiro	N.º 41	3-4
“Crendices e Superstições da Madeira”	Fevereiro	N.º 41	15-16
“Livros & Escritores”	Março	N.º 42	7
“Crendices e Superstições da Madeira”	Março	N.º 42	24
“Livros & Escritores”	Abril	N.º 43	14
“Crendices e Superstições da Madeira”	Abril	N.º 43	22-23
“Factos que falam claro...”	Maió	N.º 44	7 e 10
“Crendices e Superstições da Madeira”	Maió	N.º 44	13
“Danças Madeirenses. Conferência do Visconde do Porto da Cruz na Casa da Madeira”	Maió	N.º 44	15
“Mocidade Portuguesa”	Maió	N.º 44	14
“Livros & Escritores”	Maió	N.º 44	20-22
“Livros & Escritores”	Junho	N.º 45	20-21
“A Revolução continua...”	Jul./Ago./Set.	N.º 46	3
“Livros & Escritores”	Jul./Ago./Set.	N.º 46	11-12
“Uma Exposição de arte glorificando o trabalho”	Jul./Ago./Set.	N.º 46	15
“Danças Madeirenses”	Jul./Ago./Set.	N.º 46	26-31
“O equilíbrio social”	Out./Nov.	N.º 47	3
“Coisas desaperecebidas que devem ser percepidas”	Out./Nov.	N.º 47	18

QUADRO 22

Títulos das palestras “Pontos nos ii” (por ordem, de acordo com a organização do autor)⁴⁷¹

Nº de ordem	Título da palestra	Nº de ordem	Título da palestra
1	“O valor da reflexão e da meditação”	37	“O descanso e o equilíbrio no Trabalho”
2	“Reflectir e meditar”	38	“O sentimento e o sentimentalismo”
3	“O equilíbrio social - I”	39	“Nunca e sempre...”
4	“O Equilíbrio Social - II”	40	“Concebível e Inconcebível”
5	“O valor do sacrifício”	41	“Não só de pão vive o homem”
6	“Proceder bem e deixar falar...”	42	“Infernizar a vida”
7	“Realizações sem sofismas”	43	“A actuação de venenos”
8	“A teoria da mediocridade”	44	“Rugido de leão ou miar de gato?”
9	“A carta anónima”	45	“A imundice material e espiritual”
10	“A inteligência perante o perigo”	46	“O valor da cultura corresponde à delicadeza dos desejos”
11	“Ateísmo, Cristianismo e Catolicismo”	47	“Ano Novo! Mais um ano vivido, menos um ano a viver!”
12	“Nem tudo o que luz é ouro...”	48	“Os «sentimentos humanitários» dos «aliados»”
13	“As três características dos Escritores”	49	“Exitações”
14	“Biografias”	50	“A mulher na libertação”
15	“O descanso e o Equilíbrio no trabalho”	51	“Aguardando?”
16	“Snobismos”	52	“A propaganda e a leitura”
17	“Entes superiores”	53	“As superstições”
18	“A grandeza e a verdade são relativas”	54	“A Alemanha viverá, viverá sempre”
19	“Os desportos e a disciplina na Era Nova”	55	“A adulação – a Sinceridade e o Medo”
20	“A velhice hedionda”	56	“A alegria de viver”
21	“Paradoxos sociais”	57	“O Sorriso”
22	“A inépcia e a habilidade”	58	“Aceitando o inevitável alcança-se o êxito”
23	“A filosofia da chuva”	59	“Egoísmo e altruísmo”
24	“As armas secretas”	60	“Felizes e infelizes”
25	“O problema da simplicidade”	61	“Não fazer aos outros o que não queremos que nos façam”
26	“O tambor”	62	“A arte de conversar”
27	“O trabalho e os trabalhadores”	63	“O Génio e a Vulgaridade”
28	“Destruir para construir”	64	“Intimidade – Cortezia e atritos na vida”
29	“Creaturas e Creadores”	65	“A lição do simbolismo da Pascoa”
30	“Viver e saber viver”	66	“Unidade e Coletividade”
31	“O problema da felicidade”	67	“Vantagens da síntese”
32	“O bem e o mal”	68	“O melhor e o pior”
33	“O conforto da amizade”	69	“Orgulho perigoso e inteligência prudente”
34	“Reação contra as auto-infecções”	70	“Os Indivíduos Práticos e os Idealistas”
35	“O melhor...”	71	“Colaboração, lealdade e comunidade”
36	“Intenções reservadas e Boas intenções”	72	“O Fogo”

⁴⁷¹ A.R.M. – Espólio do V.P.C., cat. 67, cx. 13/cap.15 – Relação numérica (de 1-72) da “Ordem das Palestras”

ANEXO III - Ilustrações

Índice


Ilustração 1: <i>Re-nhau-nhau</i> , Nº 723, 31-01-1952, p. 1	189
Ilustração 2: <i>O Realista</i> , Nº 4, 27-12-1917, p. 1	190
Ilustração 3: <i>Independência</i> , Nº 1, 10-06-1928, p. 1	190
Ilustração 4: <i>Ilustração Madeirense</i> , Nº 1, Dezembro, 1929	190
Ilustração 5: <i>Visor</i> , Nº 1, 20-11-1946, p. 1	190
Ilustração 6: Mapa do Roteiro cultural: Património Material do Funchal	191

ANEXO III - Ilustrações

Visconde do Porto da Cruz - O locutor da Rádio visto pelo *Re-nhau-nhau*

Ano
XXIII

Preço 1.50



RE-NHAU-NHAU N.º 723


Trimestrário Humorístico

Editor e Proprietário:—**JOÃO MIGUEL**

FUNCHAL, 31 DE JANEIRO DE 1952

Red. Adm. e Ofic.—
Rua 31 de Janeiro, 10
TELEF. 752

Bem prega S. Mateus...



Visconde do Porto da Cruz:
O locutor da Rádio de S. Martinho, mais loquáz de todos os tempos e que muito tem deliciado os seus numerosos radiouvintes com as suas palestras às quartas-feiras...

Alexandre, o Grande, bota palavra

O convite do Heróico, para que o Club Sport Marítimo se deslocasse a Lisboa a fim de realizar um desafio no Estádio Nacional, tem sido o grande acontecimento da semana, depois do pedido de demissão do Sr. Delgado dos Santos e da renúncia dos membros da Direcção da Associação de Futebol de Funchal.

Por isso, uma entrevista de interesse palpitante sobre tão momentoso assunto,

foram necessários e imperiosos para falar de cidade, jogadores, melhor de que Alexandre, o Grande, o Imenso, o Eterno, o Maior de todos os Alexandre do mundo.

O nosso entrevistado, quando entrou no seu armário estava aborçado e uma enorme peça de pano absolutamente era,

que não conseguia impingir "com doces factos a um cliente.

Um salto de contrariedade vinçavale a todo, dentro do qual Alexandre, coumas armacens meia dúzia de lobes teminosas, que aproveitou para as grandes ocasiões.

Alexandre ao ver-se entrar fitou-nos com um olhar muito desconfortado e disse-nos muito convencido

Concluímos na 4.ª página

Ilustração 1: *Re-nhau-nhau*, N.º 723, 31-01-1952, p. 1.

189

Alguns periódicos fundados e dirigidos pelo Visconde do Porto da Cruz (Alfredo de Freitas Branco)



Ilustração 2:
O Realista, N.º 4, 27-12-1917, p. 1



Ilustração 3:
Independência, N.º 1, 10-06-1928, p. 1

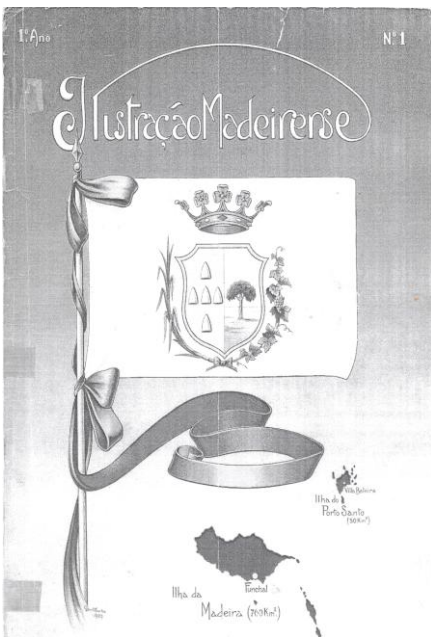


Ilustração 4:
Ilustração Madeirense, N.º 1, Dez., 1929



Ilustração 5:
Visor, N.º 1, 20-11-1946, p. 1

